

JOHN LE CARRÉ

O CANTO DA MISSÃO





Ficha Técnica

Título original: The Mission Song

Título: O Canto da Missão

Autor: John le Carré

Design: Atelier Henrique Cayatte com Rita Múrias

Revisão: Eulália Pyrrait

Tradução: José Luís Luna

ISBN: 9789722052979

Publicações Dom Quixote

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2006, David Cornwell

© Publicações Dom Quixote, 2007

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

A conquista da terra, e isto quase sempre significa roubá-la aos de cor diferente ou nariz mais achatado, não é coisa bonita de se ver quando a examinamos de perto. Marlow.

Coração das Trevas, Joseph Conrad

1

O meu nome é Bruno Salvador. Os amigos tratam-me por Salvo, os inimigos também. Ao contrário do que possam dizer-lhes, sou cidadão do Reino Unido e da Irlanda do Norte, tenho boa reputação e, profissionalmente, sou intérprete de primeira classe de suaíli e de outras línguas menos conhecidas, mas extensamente faladas no Congo Oriental, outrora sob domínio belga, e daí a minha fluência em francês, mais uma flecha para o meu arco profissional. Sou uma cara conhecida nos tribunais londrinos, civis e criminais, e solicitam-me regularmente para conferências sobre assuntos do Terceiro Mundo, como se pode ver pelas entusiásticas referências das mais reputadas companhias do nosso país à minha pessoa. Dada esta minha competência particular, também tenho sido chamado para cumprir o meu dever patriótico, em sigilo, por um departamento do governo cuja existência é regularmente negada. Nunca estive metido em sarilhos, pago os impostos a tempo e horas, tenho um bom *plafond* e uma conta bancária bem gerida. Estes são os factos irrefutáveis que nenhuma manipulação burocrática altera, por mais que tente.

Ao longo de seis anos de trabalho honesto no mundo do comércio, tenho aplicado os meus serviços – quer através de conversas telefónicas feitas de frases prudentes, quer em encontros discretos em cidades neutras do continente europeu – ao ajustamento criativo do preço do petróleo, do ouro, de diamantes, minerais e de outros produtos, isto para não mencionar o desvio de muitos milhões de dólares dos olhos curiosos dos accionistas para fundos remotos no Panamá, em Budapeste e em Singapura, que são destinados ao pagamento de subornos. Perguntem-me se, por facilitar essas transacções, me sinto obrigado a consultar a minha consciência. A minha enfática resposta é «Não». O código deste vosso excelente intérprete é sacrossanto. Não sou pessoa contratada para ceder a escrúpulos. Sou um intérprete que está vinculado ao cliente como um

soldado à bandeira. No entanto, por deferência para com os desgraçados deste mundo, também costume, no interesse do bem comum, propor os meus serviços aos hospitais e às prisões de Londres, assim como às autoridades que lidam com a imigração, apesar de o pagamento, nestes casos, ser ridículo.

Estou recenseado na lista de eleitores como habitando no número 17 de Norfolk Mansions, Prince of Wales Drive, Battersea, South London, um invejável condomínio do qual sou co-proprietário minoritário, juntamente com a minha mulher legítima, Penelope – *nunca* a tratem por Penny –, jornalista topo de gama de Oxbridge, quatro anos mais velha do que eu, e que, aos trinta e dois anos de idade, é uma estrela em ascensão no firmamento de um tablóide britânico capaz de influenciar milhões de leitores. O pai de Penelope é sócio majoritário de uma firma de advogados bem estabelecida na *City*, e a mãe é uma militante destacada do partido conservador local. Casámo-nos há cinco anos em virtude de uma atracção física recíproca, e na condição de ela engravidar logo que a sua carreira o permitisse, pois desejo criar uma família estável, com a mãe a desempenhar o papel adequado às convenções britânicas. Contudo, o momento propício ainda não se proporcionou, devido à sua rápida ascensão no jornal e a outros factores.

A nossa união não foi, em todos os aspectos, ortodoxa. Penelope era a filha mais velha de uma família branca de Surrey com excelente reputação profissional, enquanto Bruno Salvador, aliás, Salvo, era o filho bastardo de um missionário católico irlandês e de uma aldeã congoleza cujo nome desaparecera para sempre, levado pela devastação da guerra e do tempo. Nasci, para ser exacto, por detrás das portas trancadas de um convento carmelita na cidade de Kisangani, ou Stanleyville, como era então chamada, sendo assistido por freiras que tinham feito voto de manter a boca fechada, o que para toda a gente, menos eu, parece engraçado, surrealista ou pura invenção. Mas, para mim, é uma realidade biológica, como teria sido para vocês se, aos dez anos de idade, se tivessem sentado à cabeceira do vosso santo pai numa Missão localizada nas luxuriantes terras altas do Sul do Kivu, no Congo Oriental, a ouvi-lo desabafar meio em francês da Normandia, meio em inglês do Ulster, com a chuva equatorial a martelar como patadas de elefante no telhado de zinco, e as lágrimas a escorrerem-lhe ao longo das faces cavadas pela febre, de forma

tão violenta que se julgaria que toda a Natureza tinha entrado lá dentro para se juntar à festa. Perguntem a um ocidental onde fica Kivu, e ele abana a cabeça de ignorância e sorri. Perguntem a um africano, e ele responde «Paraíso», porque assim é: uma terra na África Central com lagos envoltos em neblina e montanhas vulcânicas, pastos cor de esmeralda, bosques de frutos suculentos e coisas semelhantes.

No seu septuagésimo e último ano de vida, a principal preocupação do meu pai era saber se escravizara mais almas do que aquelas que salvara. Na sua opinião, os missionários africanos do Vaticano encontravam-se num perpétuo impasse entre o que deviam à vida e o que deviam a Roma, e eu fazia parte do que ele devia à vida, por muito que isso pudesse contrariar os seus irmãos espirituais. Enterrámo-lo em suaíli, como ele tinha pedido, mas quando me coube ler «O Senhor é o meu Pastor» junto da sua sepultura, recitei a minha própria versão em xi, a sua língua preferida de todas as que se falam no Congo Oriental pelo seu vigor e flexibilidade.

Os genros ilegítimos de raça mestiça não se misturam, naturalmente, no tecido social do abastado Surrey, e os pais de Penelope não eram excepção a este truísmo consagrado pelo uso. A uma luz favorável, costumava dizer a mim mesmo enquanto crescia, eu parecia mais um irlandês bronzeado pelo sol do que um africano mulato, e, além do mais, o meu cabelo é liso e não encarapinhado, o que facilita muito as coisas quando uma pessoa está a tentar integrar-se. Mas isso nunca enganou a mãe de Penelope nem as suas amigas do clube de golfe. O seu pior pesadelo era que a filha desse à luz um neto preto, o que pode ter explicado a relutância de Penelope em correr o risco, embora, de facto, isso não me convença, visto que em parte casou comigo para chocar a mãe e eclipsar a irmã mais nova.

*

Colocar aqui umas palavras sobre a luta pela vida do meu querido e defunto pai não irá parecer deslocado. A sua entrada no mundo, confessou-me, não fora mais harmoniosa do que a minha. Nascido em 1917 de um pai sargento nos Fuzileiros Reais de Ulster e de uma camponesa normanda de catorze anos que, por acaso, andava por ali, passou a infância num entroncamento de caminhos-de-ferro, entre uma aldeola nas montanhas

Sperrin e outra no Norte de França, até que, apoiando-se nos estudos e nas suas duas línguas herdadas, arranhou lugar num seminário da região deserta de Donegal e, assim, pousou, irreflectidamente, os seus pés de rapaz no caminho de Deus.

Enviado para França com o objectivo de aperfeiçoar a sua fé, enfrentou sem se queixar anos intermináveis de extenuantes estudos de teologia católica, mas, assim que rebentou a Segunda Guerra Mundial, agarrou numa bicicleta que estava à mão, e que, assegurou-me, com espírito bem irlandês, pertencia a um ímpio protestante, e atravessou os Pirenéus, pedalando desenfreadamente até Lisboa. Embarcando clandestinamente num cargueiro com destino a Leopoldville, esquivou-se à atenção de um governo colonial que via com maus olhos os missionários brancos errantes, e juntou-se a uma remota comunidade de frades obstinados em levar a Única e Verdadeira Fé às cerca de duzentas tribos do Congo Oriental, o que, em qualquer época, constituiria um ambicioso programa. Aqueles que, de vez em quando, me acusam de ser impulsivo só têm de pôr os olhos no meu querido defunto pai, na sua bicicleta de herege.

Ajudado pelos nativos convertidos de cujos idiomas este homem, um linguista inato, rapidamente se apropriou, cozeu tijolos e adubou-os com a lama vermelha pisada pelos seus próprios pés, cavou valas nas encostas e instalou latrinas no meio de plantações de bananas. A seguir, veio a construção: primeiro a igreja, depois a escola com um campanário igual, depois a clínica da Virgem Maria, viveiros de peixes, pomares de frutos e plantações de legumes para os alimentar, pois essa era a sua verdadeira vocação de camponês numa região generosamente dotada pela Natureza: mandioca, papaia, milho, soja, quinino ou morangos silvestres do Kivu, que, sem comparação, são os melhores do mundo. Depois, foi a própria casa da Missão, e, por detrás desta, de um dormitório baixo de tijolo, com pequenas janelas para os serventes.

Em nome de Deus percorreu centenas de quilómetros até distantes povoações e minas, não esmorecendo quando surgia a oportunidade de acrescentar mais um idioma à sua colecção em crescimento, e isto até ao dia em que, ao regressar à Missão, viu que os outros padres tinham fugido, e que as vacas, as galinhas e os carneiros tinham sido roubados, e a escola e a casa da Missão arrasadas, e o hospital saqueado; que as enfermeiras tinham sido violadas e massacradas, e que ele próprio era prisioneiro dos

últimos dos temíveis simba, uma canalha assassina de revolucionários tresmalhados cujo único objectivo, até serem oficialmente extintos uns anos antes, fora matar e chacinar todos os agentes do colonialismo, que podiam ser ou quem eles quisessem ou aqueles que eram apontados pelo espírito dos seus antepassados guerreiros há muito tempo mortos.

Claro que, em geral, era raro os simba fazerem mal aos padres brancos. Receavam infringir a *dativa* que os tornava imunes às balas. Mas, quando foi o meu querido e defunto pai, os seus captores depressa prescindiram desses escrúpulos, argumentando que, se ele falava a língua tão bem como eles, era com certeza um diabo preto disfarçado. Muitos episódios inspiradores foram mais tarde contados sobre a sua coragem no cativeiro. Múltiplas vezes chicoteado para que ficasse exposta a verdadeira cor da sua pele de diabo, torturado, obrigado a assistir à tortura de outros, proclamou o Evangelho e suplicou o perdão de Deus para os seus torcionários. Sempre que conseguia, administrava os sacramentos aos seus companheiros de infortúnio. No entanto, nem a Santa Igreja em toda a sua sabedoria estava preparada para o efeito cumulativo das privações por ele sofridas. Ensinam-nos que a mortificação da carne propicia o triunfo do espírito, mas não foi o caso do meu querido defunto pai, que, poucos meses depois de ser libertado, demonstrou a falha desta conveniente teoria, e não só com a minha querida falecida mãe.

Se existe uma intenção divina na tua concepção, meu filho – confessou-me no seu leito de morte, recorrendo ao seu encantador sotaque irlandês, não fossem os outros padres ouvi-lo através do soalho –, está naquela prisão fedorenta e no poste onde me chicoteavam. A ideia de morrer sem conhecer a consolação de um corpo feminino foi a única tortura que não consegui suportar.

*

A recompensa dela por me ter feito existir foi tão cruel como injusta. Por insistência do meu pai, a minha mãe partiu para a sua aldeia a fim de que eu nascesse no seio do seu clã e da sua tribo. Mas o Congo, ou Zaire, como o general Mobutu fazia questão de lhe chamar, vivia tempos tumultuosos. Em nome da *Autenticidade*, os padres estrangeiros tinham sido expulsos pelo crime de baptizarem bebés com nomes ocidentais, as

escolas foram proibidas de ensinar a vida de Jesus e o Natal passou a ser um dia de trabalho normal. Não constituiu, portanto, surpresa que os anciãos da aldeia de minha mãe hesitassem com a perspectiva de criar o fruto dos amores de um missionário branco cuja presença entre eles poderia suscitar punição imediata e, por conseguinte, recambiaram o problema para onde tinha vindo.

Mas os padres da Missão mostraram-se tão relutantes como os anciãos da aldeia em nos receber e enviaram a minha mãe para um distante convento, onde ela chegou apenas umas horas antes do meu nascimento. Três meses do amor implacável das carmelitas bastaram-lhe. Achando que as freiras dispunham de melhores condições do que ela para me proporcionarem um bom futuro, a minha mãe abandonou-me ali e fugiu pela calada da noite através do telhado da casa de banho, voltando para a sua aldeia e família, que, umas semanas mais tarde, foi completamente massacrada por uma tribo aberrante, até ao meu último avô, tio, primo, tia e meio irmão ou irmã.

Era filha de um chefe de aldeia, meu filho, sussurrou o meu pai lavado em lágrimas quando lhe pedi pormenores que pudessem ajudar-me a formar uma imagem mental dela para me dar alento mais tarde. *Abriguei-me em casa dele. Ela preparava a nossa comida e trazia-me água para eu me lavar. Foi a sua generosidade que me levou.* Por essa altura, ele já deixara o púlpito e não lhe apetecia fazer pirotecnias verbais. No entanto, as recordações atearam a chama retórica do irlandês: *Alta como tu hás-de ser um dia, meu filho! E bela como a Criação! Como podem, em nome de Deus, dizer-me que foste concebido no pecado? Nascestes do amor, meu filho! Não existe pecado, o que existe é ódio!*

O castigo atribuído ao meu pai pela Santa Igreja foi menos draconiano do que o da minha mãe, mas severo. Um ano numa prisão de reabilitação jesuíta nos arredores de Madrid, dois anos mais como padre-operário num bairro da lata de Marselha e só depois voltou ao Congo, que tão levianamente amara. Não sei como ele o conseguiu e, provavelmente, Deus também não, mas, algures ao longo do seu árduo caminho, convenceu o orfanato católico onde eu estava a entregarem-me a ele. A partir daí, Salvo, o bastardo mestiço, seguiu-o por toda a parte, ao cuidado de criadas escolhidas a dedo pela sua idade e fealdade, passando, primeiro, por filho de um tio falecido e, mais tarde, por acólito e criado, até à noite

fatídica do meu décimo aniversário em que, consciente tanto da sua mortalidade como da minha maturidade, abriu o seu muito humano coração tal como descrevi, o que considere, e ainda considero, a maior homenagem que um pai pode prestar a um filho accidental.

*

Os anos que se seguiram à morte do meu querido e defunto pai não foram fáceis para o órfão Salvo, visto os missionários brancos encararem a minha presença entre eles como uma purulenta afronta, o que me valeu a alcunha em suaíli de *mtoto wa siri*, a criança secreta. Os africanos dizem que o nosso espírito provém do pai e o sangue da mãe, e é esse, numa só palavra, o meu problema. Se o meu querido defunto pai fosse preto, eu talvez tivesse sido tolerado, como um excesso de bagagem. Mas, independentemente do que os simbas possam ter pensado, era mesmo branco, ainda por cima, irlandês, e, como é do conhecimento geral, os missionários brancos não fazem bebés nos seus tempos livres. A criança secreta podia servir os padres à mesa e no altar, e frequentar as suas escolas, mas, logo que aparecia um dignitário eclesiástico de outra cor qualquer, despachavam essa criança para os alojamentos dos serventes da Missão até a ameaça passar, e não era, de forma alguma, para questionar os elevados princípios dos Irmãos nem para os censurar pela ternura ocasionalmente excessiva do seu olhar. Ao contrário do meu querido e defunto pai, quanto se tratava de questões carnaís, limitavam-se ao seu próprio género: eram exemplos vivos disso o *père* André, o grande orador da Missão, que me dedicava uma atenção que era excessiva ao ponto de me embaraçar, e o *père* François, que gostava de pensar em André como o seu amigo especial e se melindrava com aquela afeição a desabrochar. Entretanto, na escola da Missão, eu não tinha nem a deferência manifestada ao pequeno grupo de crianças brancas, nem a camaradagem dos meus pares nativos. Não admira, portanto, que gravitasse à volta da construção baixa, de tijolo, dos serventes da Missão, que, sem os padres saberem, era o verdadeiro centro da nossa comunidade, o santuário natural de qualquer viajante de passagem e o ponto de troca de informações orais por muitos quilómetros em redor.

E era ali, todo enrolado sem que reparassem em mim, numa enxerga ao

lado da chaminé de tijolo, que eu escutava, fascinado, as histórias de caçadores furtivos, feiticeiros, vendedores de amuletos, guerreiros e anciões, quase não ousando proferir palavra com medo de ser mandado para a cama. Foi também ali que minha crescente paixão pelas inúmeras línguas e dialectos do Congo Oriental nasceu. Guardando-as como preciosa herança do meu querido defunto pai, brunia-as, praticando às escondidas, memorizando-as para as proteger de sei lá de que perigos, importunando tanto os nativos como os missionários por uma pepita vernácula ou pela construção de uma frase. Na privacidade da minha minúscula cela, compunha dicionários infantis à luz da vela e, em breve, essas peças mágicas de *puzzle* tornaram-se a minha identidade e o meu refúgio, o mundo privado que ninguém podia tirar-me e onde raras pessoas entravam.

Perguntei-me muitas vezes, como me pergunto agora, qual seria o rumo que a vida da criança secreta seguiria, se me tivessem permitido seguir este ambivalente e solitário caminho: se a força do sangue da minha mãe poderia ser mais forte do que a força do espírito do meu pai. Mas a pergunta é acadêmica, porque os antigos companheiros do meu pai conspiravam energicamente para se verem livres de mim. A cor da pele denunciava-me, e além disso o meu talento para falar línguas, o meu atrevimento irlandês e, pior do que tudo, a beleza que, na opinião dos serventes da Missão, vinha da minha mãe eram um memorando diário dos pecados do meu pai.

Depois de muitas intrigas, e contra toda a verosimilhança, veio a saber-se que o meu nascimento fora registado no consulado britânico em Kampala, e que Bruno-Outros-Nomes-Desconhecidos era uma criança encontrada e adoptada pela Santa Sé. O seu pai putativo, um marinheiro, depusera o recém-nascido nos braços da madre superiora das carmelitas, pedindo que eu fosse criado na verdadeira fé, e depois desapareceu sem deixar morada. Ou, pelo menos, era o que constava no implausível relato escrito à mão pelo bondoso cônsul, um filho leal de Roma. O apelido *Salvador*, explicou ele ainda, tinha sido escolhido pela própria madre superiora, visto esta ser de origem espanhola.

Para quê discutir? Eu era um ponto oficial no mapa da população mundial, eternamente grato ao longo braço esquerdo de Roma por vir em meu auxílio.

*

Enviado pelo mesmo braço comprido para a minha Inglaterra não nativa, fui colocado sob a protecção do Santuário do Sagrado Coração, um eterno internato para ambíguos órfãos católicos do sexo masculino localizado nas ondulantes colinas de Sussex. A chegada aos seus portões de prisão numa tarde ártica de fins de Novembro despertou em mim um espírito de revolta para o qual nem eu nem os meus anfitriões estavam preparados. No espaço de duas semanas, peguei fogo aos lençóis, rasguei a capa do meu primeiro livro de latim, abandonei a missa sem autorização e fui apanhado a tentar fugir na parte traseira de uma carrinha da lavandaria. Os simba tinham chicoteado o meu querido e defunto pai para provar que ele era preto, mas a energia do Superior parecia estar orientada para a demonstração de que eu era branco. Ele, sendo irlandês, sentia-se particularmente provocado. Os selvagens, trovejava enquanto me dava uma sova, são por natureza impetuosos. Não têm velocidade média. A velocidade média do homem é a autodisciplina, e, batendo-me enquanto rezava ao mesmo tempo por mim, tinha esperanças de compensar a minha deficiência. O que ele desconhecia, contudo, era que essa salvação estava ali disponível, na pessoa de um grisalho, mas enérgico, frade que tinha virado as costas ao estatuto social e à riqueza.

O irmão Michael, o meu novo protector e confessor nomeado, era descendente de boas famílias católicas inglesas. As suas constantes andanças tinham-no levado aos mais remotos confins da terra. Quando me habituei às suas carícias, passámos a ser amigos íntimos e aliados, e as atenções do Superior declinaram proporcionalmente, embora eu não saiba, nem me interesse, se isso foi consequência da mudança do meu comportamento ou, como agora suspeito, de um pacto entre eles. Uma tarde, no decorrer de um vigoroso passeio debaixo de chuva através dos Downs, interrompido por demonstrações de afecto, o irmão Michael convenceu-me de que a minha mestiçagem, longe de ser uma mancha a expurgar, era um precioso dom que Deus me dera, opinião com a qual, agradecido, concordei. Do que ele mais gostava em mim era da capacidade, que eu temerariamente lhe mostrei, de passar sem hesitações de uma língua a outra. Na casa da Missão, paguei cara a demonstração dos meus talentos, mas, sob o olhar embevecido do irmão Michael, estes

adquiriam um estatuto quase seráfico:

– Que maior bênção te poderia ser dada, meu querido Salvo – exclamou ele enquanto um punho ossudo saía disparado do seu hábito e esmurrava o ar, e o outro apalpava pecaminosamente a minha roupa –, do que ser a ponte, o elo, entre as almas perdidas de Deus? Juntar os Seus filhos em mútua e harmoniosa compreensão?

Contei-lhe, durante as nossas excursões, o que Michael ainda não sabia da história da minha vida. Falei-lhe das noites mágicas à lareira do dormitório dos serventes, e descrevi-lhe como, nos seus últimos anos de vida, o meu pai e eu nos deslocávamos a uma aldeia isolada e, enquanto ele conferenciava com os anciãos, eu acompanhava as outras crianças até à margem do rio, trocando palavras e idiomas, a minha constante preocupação. Os outros brincavam às guerras, procuravam animais selvagens e plantas, aprendiam danças nativas, mas Salvo, a criança secreta, preferia a melodiosa intimidade da voz africana nas suas inumeráveis *nuances* e variações.

E, enquanto eu recordava estas e semelhantes aventuras, o irmão Michael teve a sua epifania da estrada de Damasco.

– Assim como tem sido do agrado do Senhor semear em ti, Salvo, vamos agora *colher* juntos! – exclamou.

E colhemos à grande. Dando provas de um espírito de estratégia mais adequado a um militar do que a um monge, Michael consultou prospectos, comparou honorários, arranjou-me entrevistas, vetou eventuais tutores, de ambos os sexos, e vigiou-me enquanto eu preparava os meus exames. Os seus objectivos, exaltados pela adoração, eram tão implacáveis como a sua fé. Eu iria ser solidamente instruído em todas as minhas línguas e redescobrir aquelas que, no decorrer da minha infância vagabunda, tinham caído à beira do caminho.

Como é que tudo isto seria pago? Por um certo anjo que nos apareceu sob a forma da rica irmã de Michael, Imelda, cuja casa de colunas de pedra cor de mel, aninhada numa das pregas do Somerset, se tornou o meu santuário longe do Santuário do Sagrado Coração. Em Willowbrook, onde póneis salvos da labuta nas minas pastavam atrás de cercas, cada cão tinha a sua própria cadeira, viviam três calorosas irmãs. A mais velha era Imelda. Tínhamos uma capela privada e um sino para tocar o *angelus*, um pequeno vale, um depósito para guardar gelo, um campo para jogar

criquete e árvores de tília que se curvavam sob as tempestades. Ocupávamos o quarto do tio Henry porque Imelda era viúva de um herói de guerra chamado Henry, que, sozinho, tornara a Inglaterra segura para nós. E ali estava ele, desde o seu primeiro urso de peluche em cima da almofada à sua Última Carta da frente de batalha num estojo dourado. Mas não havia nenhuma fotografia, obrigado. A tia Imelda, que era tão doce de coração como áspera de maneiras, lembrava-se *perfeitamente* de Henry *por fora* e era assim que o guardava para si mesma.

*

Mas o irmão Michael também conhecia os meus pontos fracos. Sabia que as crianças-prodígio – era assim que me via – deviam ser simultaneamente refreadas e estimuladas. Sabia que eu era diligente, mas precipitado: demasiado ansioso para me entregar a quem fosse amável comigo, com medo de ser rejeitado, ignorado ou, pior ainda, objecto de troça, demasiado disposto a aceitar o que me oferecessem por receio de não ter outra oportunidade. Dava tanto valor como eu ao meu ouvido de *minah* e à minha memória de gralha, mas insistia que eu me exercitasse tão regularmente como um músico pratica o seu instrumento, ou um padre a sua fé. Sabia que todas as línguas me eram preciosas, não apenas as de primeira grandeza, mas as menos importantes, que estavam condenadas a desaparecer por falta de documentos escritos; que o filho de missionário precisava de correr atrás dessas ovelhas tresmalhadas para as fazer voltar ao rebanho; e que nelas eu ouvia lendas, fábulas e poesia, além da voz da minha mãe imaginada a regalar-me com histórias de espíritos. Sabia que um jovem com os ouvidos abertos a todas as variantes e inflexões dos humanos é o mais sugestionável, o mais maleável, o mais inocente e facilmente desencaminhado de todos. Salvo, dizia-me, toma cuidado. Há gente por esse mundo fora que só Deus pode amar.

Foi também Michael quem, obrigando-me a seguir o árduo caminho da disciplina, transformou o meu invulgar talento numa máquina versátil. Nada, no seu Salvo, seria desperdiçado, insistia, nada poderia enferrujar por falta de uso. Todos os músculos e fibras do meu divino dom tinham de se exercitar diariamente no ginásio da mente, primeiro através de tutores privados e, depois, na Escola de Estudos Orientais e Africanos em

Londres, onde me licenciiei em Língua e Cultura Africana com distinção e louvor, especializando-me em suaíli, com francês como opção. E, finalmente, em Edimburgo, onde cheguei à glória suprema do mestrado como tradutor e intérprete de conferências.

Assim, ao concluir os estudos, podia gabar-me de mais diplomas e funções como intérprete do que metade das agências de tradução infestadas de moscas que ofereciam os seus miseráveis serviços na Chancery Lane.

A morrer na sua cama de ferro, o irmão Michael agarrou-me nas mãos e assegurou-me que eu era a sua criação mais perfeita. Como reconhecimento disso, insistiu comigo para que aceitasse um relógio de ouro, um presente que lhe oferecera Imelda, Deus a proteja, rogando-me para que o mantivesse sempre a funcionar como símbolo da nossa afeição para além do túmulo.

*

Nunca confundam, por favor, um mero tradutor com um intérprete de primeira classe. É verdade que um intérprete é um tradutor, mas o contrário não é verdade. Tradutor pode ser um qualquer com alguma competência linguística, um dicionário e uma secretária para se sentar enquanto trabalha ao longo da noite: oficiais da cavalaria polaca reformados, estudantes ultramarinos mal pagos, motoristas de táxi, empregados de mesa em *part-time*, professores eventuais e quem quer que esteja preparado para vender a alma por setenta libras por cada mil palavras. Isto não tem nada em comum com o intérprete simultâneo a suar ao longo de seis horas de negociações complicadas. O intérprete de primeira classe tem de pensar tão depressa como um corretor a comprar futuros financeiros. Por vezes, até é melhor que não pense, regule as engrenagens que tem dos dois lados da cabeça, para que encaixem, e depois se recoste e espere para ver o que lhe sai da boca.

Às vezes, as pessoas vêm ter comigo durante conferências, normalmente no irritante fim do dia entre a hora de encerrar os negócios e o frenesim dos *cocktails*. «Olá, Salvo, resolve-nos aqui esta questão, está bem? Qual é a tua língua materna?» Se acho que estão a armar em superiores, e habitualmente estão, porque se convenceram de que são a gente mais

importante do planeta, dou a volta à pergunta. «Isso depende de quem era a minha mãe», respondo eu com este sorriso enigmático que tenho. A seguir a isto deixam-me em paz com o meu livro.

Mas gosto que eles se interroguem. Prova que a minha voz está correcta. A minha voz inglesa, quero eu dizer. Não é da classe alta, média ou de tutor. Não é faux royale nem pronúncia-padrão do Sudeste de Inglaterra, ridicularizada pela esquerda britânica. É, caso seja alguma coisa, agressivamente neutra, tem a tonalidade de um centro extremo da sociedade anglófona. Não é o tipo de inglês em que as pessoas dizem: «Ah, foi lá que o desencantaram, é quem ele está a tentar ser, é de onde são os pais dele, pobre diabo, e onde andou na escola.» Não é como o meu francês; por mais que me esforce, nunca hei-de livrá-lo do fardo africano que trai as minhas origens mestiças. Não é regional, não é a pronúncia mal articulada e sem classe de quem quer ser outro, como Blair, nem é o *cockney* coalhado dos *Tories*, nem a melodia das Caraíbas. E não tem vestígios das vogais fugidias da algarviada irlandesa do meu querido e defunto pai. Adorava a voz dele, e ainda a amo, mas era a dele, nunca foi a minha.

Não. O meu inglês falado é inexpressivo, limpo a esfregão e sem marcas, excepto por um ocasional toque de beleza: uma deliberada cadência subsariana, a que eu chamo, desportivamente, o meu pingó de leite no café. Eu gosto e os clientes também. Dá-lhes a impressão de eu me sentir bem comigo mesmo. Não estou no campo deles, mas também não estou no campo dos outros. Estou enfiado no meio do oceano a ser o que o irmão Michael sempre disse que eu deveria ser: a ponte, o elo indispensável entre as almas tresmalhadas de Deus. Todos os homens têm a sua vaidade e a minha é ser a única pessoa na sala sem a qual ninguém consegue fazer nada.

É essa a pessoa que eu queria ser para a minha encantadora mulher, Penelope, quando quase me matei a subir dois lances de degraus de pedra num desesperado esforço para não chegar tarde à festa dada em sua honra nas salas do andar de cima de um bar de vinhos em moda em Canary Wharf, capital da nossa grande indústria britânica de jornais, isto antes do jantar formal, para algumas pessoas seleccionadas, na requintada casa de Kensington do novo proprietário bilionário do jornal dela.

*

Apenas doze minutos atrasado segundo o relógio de ouro da tia Imelda, podem dizer, e com um ar fresco, o que em Londres, com o medo das bombas e metade das estações de metro sem funcionar, é uma proeza, mas para Salvo, o marido hiperconsciencioso, poderiam ter sido doze horas. A grande noite de Penelope, a maior da sua meteórica carreira até à data, e eu, o seu marido, a chegar depois de todos os convidados terem vindo a pé dos escritórios do jornal do outro lado da rua. Do hospital de North London, onde eu ficara inevitavelmente detido desde a noite anterior por circunstâncias alheias à minha vontade, gastei uma fortuna num táxi que me levou directamente a casa, em Battersea, e pedi-lhe que esperasse enquanto eu mudava de roupa, vestindo à pressa o meu *smoking* novinho em folha, traje de rigor em casa do magnata, sem ter tempo de me barbear, tomar um duche ou lavar os dentes. Ao chegar ao meu destino vestido de uma maneira adequada, estava a suar, mas tinha conseguido e cá estava eu; e *eles*, uma centena ou mais de variados colegas de Penelope, os mais importantes de *smoking* e vestidos compridos, os outros elegantes mas descontraídos, todos eles apinhados numa sala de reunião do primeiro andar de vigas baixas e imitações em plástico de armaduras nas paredes, a beber vinho branco morno com os cotovelos espetados, e eu, o retardatário, sem poder mexer-me a um canto com os criados, a maior parte negros.

Para começar, não a via. Julguei que ela tinha saído sem licença, como o marido. A seguir, pensei que ela decidira encenar uma entrada tardia, mas, nessa altura, avistei-a entalada na ponta da sala em animada conversa com as mais altas patentes do jornal, vestida à última moda com umas calças de cetim esvoaçantes, que devia ter oferecido a si mesma e mudado no seu gabinete ou onde quer que tivesse estado da última vez. Por que é que – gritou parte da minha cabeça – não lhe comprei eu aquilo? Por que é que não lhe disse, a semana passado ao pequeno-almoço, ou na cama, assumindo que ela lá estivesse para ouvir: Penelope, minha querida, tenho uma grande ideia. Vamos a Knightsbridge juntos escolher roupa nova para a tua grande noite, quem paga tudo sou eu. Fazer compras é o que ela mais adora. Podia ter feito disso uma grande ocasião, armar em fã dela, levá-la a jantar no seu restaurante preferido; pouco importa que ela ganhe o dobro

do que eu ganho, mais umas ajudas de custo que nem dá para acreditar.

Por outro lado, e por motivos que serão abordados num momento mais repousante, havia outro lado da minha cabeça que estava muito satisfeito por eu não ter feito tal proposta, o que não tem nada a ver com o dinheiro, mas diz muito sobre as correntes contrárias da mente humana sob pressão.

Uma mão desconhecida beliscou-me o rabo. Virei-me e deparei com o beatífico olhar de Jellicoe, aliás, Jelly, o mais recente jovem branco promissor do jornal, que acabava de ser roubado a um jornal da concorrência. Magro, bêbedo e caprichoso como de costume, segurava um cigarro enrolado à mão entre o indicador e o polegar.

– Sou eu, Penelope, consegui chegar! – gritei, ignorando-o. – Passei um mau bocado no hospital. Uma história horrível!

Lamentar porquê? O mau bocado? Um par de cabeças virou-se. *Oh, e ele. Salvo. O lanceiro de Penelope.* Tentei novamente em voz mais alta, a fazer-me de espirituoso. «Hei, Penelope! Lembras-te de mim? Sou eu, o teu defunto marido», e preparei-me para me lançar numa história acerca de um dos hospitais onde trabalhava – sem mencionar qual, por precaução – que me chamara à cabeceira de um ruandês envolvido num crime, que estava às portas da morte e perdia e recuperava a consciência, para eu servir de intérprete não só às enfermeiras como a dois agentes da Scotland Yard, esperando que fosse o género de situação difícil que ela levasse a sério: pobre Salvo. Vi um sorriso doce aparecer-lhe no rosto e pensei que a tinha impressionado, mas, depois, dei-me conta de que o sorriso era dirigido a um tipo de pescoço grosso e *smoking* que estava de pé em cima de uma cadeira aos berros. *Calem-se, porra! Calem-me essas bocas!*, com sotaque escocês.

A sua indisciplinada audiência emudeceu imediatamente, rodeando-o com obediência canina. Pois este homem não era outro senão o poderoso chefe de redacção Fergus Thorne, conhecido nos círculos da imprensa por Thorne Clarim, a anunciar que ia fazer um discurso divertido sobre a minha mulher. Saltitei até lá e fiz o possível para que o olhar dela se cruzasse com o meu, mas o rosto do qual eu solicitava a absolvição estava voltado para o patrão como uma flor para os raios vitais do sol.

– Todos nós *conhecemos* Penelope – dizia Thorne Clarim, perante uma algazarra de risos bajuladores que me irritou. – E todos nós *amamos* Penelope... – pausa significativa – das nossas maneiras respectivas.

Tentei abrir caminho até ela, mas as fileiras tinham-se cerrado e Penelope estava a ser empurrada para a frente como uma noiva corada até ficar obedientemente aos pés do Sr. Thorne, proporcionando-lhe, a propósito, uma vista a pique do decote altamente revelador. E eu estava a começar a pensar que ela talvez não tivesse notado a minha ausência, quanto mais a minha presença, quando a minha atenção foi atraída pelo que eu diagnostiquei como sendo o julgamento divino sob a forma de um ataque cardíaco de força doze. O meu coração tremia, senti um entorpecimento a espalhar-se em ondas rítmicas a partir do meu mamilo esquerdo e pensei que a minha vez tinha chegado, o que eu, aliás, bem merecia. Só quando levei a mão à área afligida é que percebi que o meu telemóvel estava a vibrar, modo em que o tinha posto antes de sair do hospital há uma hora e trinta e cinco minutos.

A minha exclusão do grupo favoreceu-me e, enquanto o Sr. Thorne continuava a fazer observações com duplo sentido acerca da minha mulher, afastei-me reconhecidamente em bicos dos pés para a porta marcada WC. Olhei mais uma vez para trás e vi a cabeça de Penelope, saída recentemente do cabeleireiro, erguer-se para o padrão de lábios entreabertos em agradável surpresa e os seios a transbordar do seu traje demasiado justo. Deixei o telemóvel continuar a tremer até descer três degraus para um sossegado corredor, carreguei no botão verde e sustive a respiração. Mas, em vez da voz que temia e ansiava ouvir acima de todas as outras, levei com o avuncular rotacismo do norte do Sr. Anderson, do Ministério da Defesa, que queria saber se eu estava livre para aceitar, sem aviso prévio, um serviço de intérprete vital ao meu país. Ele, sinceramente, esperava que eu estivesse.

Que o Sr. Anderson telefonasse pessoalmente a um mero intérprete a meio tempo como eu indicava a magnitude da crise entre mãos. O meu contacto normal era Barney, o seu espantoso assistente. Nos últimos dez dias, Barney tinha-me posto de plantão para o que ele dizia ser um trabalho importante, mas, depois, desistira.

– *Agora*, Sr. Anderson?

– Neste minuto. De preferência ainda mais cedo, se puder. Desculpe interromper o seu *cocktail* e tudo o mais, mas precisamos de si o mais depressa possível – prosseguiu. Suponho que devia ficar surpreendido por ele estar a par da festa de Penelope, mas não fiquei. O Sr. Anderson era um

homem que se encarregava de saber coisas que estavam vedadas aos mortais mais humildes. – Trata-se do seu território, Salvo. Da sua região.

– Mas, Sr. Anderson...

– O que é, meu rapaz?

– Não é apenas a festa da minha mulher. Há depois um jantar em casa do novo proprietário do jornal. Em traje de cerimónia – acrescentei, para o impressionar. – Nunca aconteceu. Pelo menos com o *proprietário*, quero eu dizer. Com o chefe de redacção, já. Mas é com o proprietário. – Chamem-lhe complexo de culpa ou sentimentos, mas devia a Penelope opor alguma resistência.

Seguiu-se um silêncio, como se eu o tivesse apanhado desprevenido, mas ninguém faz isso ao Sr. Anderson, ele é a pedra sobre a qual a sua própria igreja foi construída.

– É assim que você está vestido, meu rapaz? De *smoking*?

– É, sim, Sr. Anderson.

– Agora? Enquanto estamos a falar? Tem o *smoking* vestido?

– Tenho, sim, senhor. – O que é que ele julgava? Que eu estava metido nalgum bacanal? – E mesmo assim, quanto tempo é que isso demora? – perguntei, no silêncio mais profundo que se seguiu. Suspeitei até que ele tivesse tapado o bocal com a sua mão maciça.

– Quanto tempo o quê, meu rapaz? – como se tivesse perdido o fio à meada.

– O serviço, Sr. Anderson. O trabalho urgente para o qual necessita de mim. Quanto tempo demora?

– Dois dias. Digamos três, por segurança. Pagam bem. Cinco mil dólares não seria considerado excessivo. – E, depois de ter feito umas consultas em aparte, com um alívio evidente: – Pode-se arranjar outra roupa, Salvo. Disseram-me que a roupa não é problema.

Alarmado pela sua utilização da forma passiva, apetecia-me perguntar quem eram as pessoas que me ofereciam este bónus inédito, em vez do modesto pagamento da tabela mais as horas extraordinárias, que é, normalmente, o que eu ganho com honra de proteger o país, mas uma deferência natural impediu-me, como acontecia habitualmente com o Sr. Anderson.

– Tenho de estar no Supremo Tribunal na segunda-feira, Sr. Anderson. É um caso importante – supliquei. – E fazendo o meu papel de marido

exemplar pela terceira e última vez: – E o que é que digo à minha mulher?

– Já encontrámos quem o substitua, Salvo, e o Supremo Tribunal não se importa. – Fez uma pausa, e, quando o Sr. Anderson faz uma pausa, também fazemos. – Em relação à sua mulher, pode dizer-lhe que um antigo cliente seu, uma companhia importante, requer urgentemente os seus serviços e que você não se pode dar ao luxo de recusar.

– Muito bem, Sr. Anderson. – Entendido.

– Dar mais explicações vai complicar-lhe a vida, por isso nem tente. Tem a farpela toda vestida, não é? Sapatos de pelica, camisa, tudo?

Através da neblina da minha perplexidade, admiti que, de facto, era a farpela toda.

– Por que é que não estou a ouvir aquelas conversas inanes das festas ao fundo?

Expliquei-lhe que me tinha retirado para um corredor a fim de atender a chamada.

– Há mais alguma saída à mão?

Um as escadas abriam-se a meus pés e, no meio da minha confusão, devo ter-lhe dito.

– Então, não volte para a festa. E, quando chegar à rua, olha para a esquerda e vê um Mondeo azul estacionado à porta de uma agência de apostas. As últimas três letras da matrícula são LTU e o motorista é branco e chama-se Fred. Que número é que calça?

Nenhum homem deste planeta se esquece do número dos sapatos, mas eu tive de rebuscar a memória para me lembrar. Quarenta.

– Largo ou estreito?

Largo, respondi. Podia ter acrescentado que o irmão Michael costumava dizer que eu tinha pés africanos, mas não tinha. Não estava a pensar no irmão Michael nem nos meus pés, africanos ou não. Nem na missão de importância vital do Sr. Anderson, embora estivesse entusiasmado, como sempre, por servir a rainha e o meu país. O que eu pensava era que, de repente, me ofereciam a possibilidade de escapar, uma câmara de descompressão de que eu necessitava bastante, e que ainda me proporcionava dois dias de trabalho bem remunerado e duas noites de meditação solitária num hotel de luxo enquanto eu reconstituía o meu desordenado universo. Quando tirei o telemóvel do bolso interior do *smoking* para o levar ao ouvido, respirei o odor corporal requentado de

uma enfermeira negra do hospital chamada Hannah com quem estivera a fazer amor desenfreadamente desde pouco depois das onze da noite – hora de Verão britânica da véspera – até à minha partida, uma hora e trinta e cinco minutos antes, o que, na minha pressa de chegar à festa de Penelope a tempo, não me dera oportunidade de tomar banho.

Não sou pessoa que acredite em magias, augúrios, fetiches nem magia branca, ou negra, embora possam apostar o vosso último cêntimo que isso está presente algures no sangue de minha mãe. A verdade é que, se eu tivesse tido olhos para ver, e não tive, via que todo o meu trajecto até Hannah estava assinalado com bandeiras.

O primeiro sinal foi na noite de segunda-feira antes da fatal sexta-feira em questão, no Trattoria Bella Vista, em Battersea Park, a nossa tasca de bairro, onde eu não estava propriamente a saborear a minha solitária refeição de *cannelloni* reciclados acompanhada do bélico *Chianti* de Giancarlo. Para me cultivar, trazia o livro em edição de bolso de Antonia Fraser, *Cromwell, Our Chief of Men*, visto que a História inglesa é o meu ponto fraco, e eu esforçava-me por remediar isso sob a amável orientação do Sr. Anderson, um estudioso entusiasta da história da nossa ilha. À parte duas outras mesas, o restaurante estava vazio: a grande, junto à janela, estava ocupada por um grupo ruidoso de gente suburbana, e uma pequena, reservada a corações solitários, estava esta noite ocupada por um garboso cavaleiro, talvez reformado, e baixo. Reparei que os seus sapatos reluziam de graxa. Desde os meus tempos no Santuário que me interesse por sapatos engraxados.

Não tencionara comer *cannelloni* reciclados. Como era o dia do quinto aniversário do meu casamento com Penelope, regressara cedo a casa para lhe preparar o seu prato preferido, um *coq au vin* acompanhado por uma garrafa do melhor vinho de Borgonha e por um *Brie* bem cremoso, cortado para mim na charcutaria do bairro. Por esta altura, eu já deveria ter-me habituado às fantasias do mundo jornalístico, mas quando ela me telefonou em *flagrante* – e quem estava em *flagrante* era eu, acabava de (*lamber* as coxas do frango – para me informar que havia uma crise na vida privada de uma estrela de futebol e que não estaria em casa antes da meia-noite, comportei-me de uma maneira que, depois, me chocou.

Não gritei, não sou do género de gritar. Sou um britânico calmo, assimilado e meio castanho. Sou reservado, frequentemente mais do que aqueles com quem me assimilei. Desliguei delicadamente o telefone e, a seguir, sem pensar mais no assunto nem premeditação, deitei o frango, o *Brie* e as batatas descascadas na máquina de destruir o lixo e liguei-a, mantendo o dedo no botão sei lá quanto tempo, mas bastante mais tempo do que o que era tecnicamente necessário, visto tratar-se de uma galinha jovem que oferecia pouca resistência. Despertei novamente, por assim dizer, e dei comigo a caminhar a grandes passadas em direcção a Prince of Wales Drive com o *Cromwell* metido no bolso.

Havia seis clientes na mesa oval do Bella Vista, três homens corpulentos de *blazer* e as respectivas esposas igualmente pesadas, todos, via-se, habituados às boas coisas da vida. Eram de Rickmansworth, como depressa eu viria a saber, quer quisesse ou não, e chamavam-lhe Ricky. Tinham estado a assistir a um espectáculo ao ar livre de *O Mikado* em Battersea Park. A voz dominante de uma das mulheres não aprovava a produção. Sempre se estivera nas tintas para os japoneses – ah, sim, minha querida? – e, na sua opinião, dar-lhes canções para cantar não os tornava mais simpáticos. O monólogo dela não diferenciava os tópicos, ia-os desenvolvendo ao mesmo nível. Por vezes, detendo-se para fazer crer que ia pensando, hesitava antes de continuar, mas não precisava de se dar a esse trabalho porque ninguém tinha a temeridade de a interromper. Depois de *O Mikado*, passou, sem recuperar fôlego nem mudar de registo, à sua recente operação cirúrgica. O ginecologista falhara completamente, mas pouco importava, era um amigo pessoal e decidira não o processar. A seguir, pôs-se a falar sem nexos do insatisfatório marido da filha, que era artista, um preguiçoso como nunca se vira. Tinha outras opiniões, todas elas sólidas e que me soavam particularmente familiares, e exprimia-as a todo o volume quando o minúsculo cavalheiro de sapatos engraxados deu um murro ao seu *Daily Telegraph* para o alisar, e, depois de o dobrar no sentido longitudinal, bateu com ele em cima da mesa: truz, catrapus, truz e mais um catrapus para dar sorte.

– Tenho uma palavra a dizer – anunciou, provocador. – Devo isso a mim mesmo e, por conseguinte, falarei... – tratava-se de uma declaração de princípios pessoais dirigida a si mesmo, a mais ninguém.

Avançou depois para o maior dos três homens corpulentos. Sendo um

restaurante italiano, o Bella Vista tem um chão ladrilhado, polido, e não tem cortinas. O tecto de gesso é baixo e curvo. Se eles não tinham ouvido as suas intenções, deviam ter pelo menos ouvido o barulho dos seus sapatos engraxados a vibrar enquanto ele avançava, mas a mulher dominadora estava a dar-nos as suas opiniões sobre escultura moderna, que não eram lá muito caridosas. O diminuto cavalheiro teve de soltar vários *sirs* em voz alta para que a sua presença fosse notada.

– *Sir* – repetiu, dirigindo-se, por questões de protocolo, estritamente ao homem que estava sentado à cabeceira da mesa. – Vim aqui para desfrutar a minha refeição e ler o jornal – erguendo o que restava do jornal, que parecia mastigado por um cão, como prova. – Mas, em vez disso, sou submetido a um autêntico dilúvio verbal, e há uma voz *tão* alta, *tão* vulgar, *tão* estridente, que estou... *sim* – o *sim* também era para reconhecer que tinha obtido a atenção da mesa –, há *uma* voz, *sir*, uma voz acima de todas as outras... Como sou um homem delicado, não vou dizer qual é... Mas peço-lhe que a contenha, *sir*.

Após ter assim falado, o cavalheiro baixinho não se retirou e manteve-se firme diante deles, de peito para fora, com os sapatos engraxados juntos e segurando o jornal amassado ao seu lado, como um bravo combatente da liberdade frente a um pelotão de fuzilamento, enquanto os três homens corpulentos o fitavam embasbacados e a mulher ofendida olhava para o marido.

– *Meu querido* – murmurou ela –, *faz qualquer coisa*.

Fazer o quê? E o que é que eu faço se eles fizerem? Era evidente que aqueles gajos enormes de Ricky eram todos ex-atletas. Os brasões dos *blazers* emanavam um lustro heráldico. Não era difícil de supor que tinham pertencido a uma equipa de *rugby* da polícia. Se decidissem reduzir o homenzinho a polpa, o que é que um inocente espectador mulato podia fazer além de ser reduzido a uma polpa ainda mais informe e preso, ainda por cima, ao abrigo das leis antiterrorismo?

Por acaso, não fizeram nada e, em vez de o transformarem em polpa e atirarem os restos para a rua, e a mim com ele, puseram-se a examinar as manámulas musculosas e a concordarem entre eles, com uns apartes em voz alta, que o pobre tipo precisava obviamente de ser tratado. Era maluco e podia tornar-se um perigo público. Ou até um perigo para si mesmo. Era melhor chamar uma ambulância.

Quanto ao cavalheiro baixinho, voltou para o seu lugar, pousou uma nota de vinte libras em cima da mesa e, com um digno «Desejo-lhe uma boa-noite, *sir*» dirigido para os lados da janela e nada para mim, saiu para a rua como um colosso em miniatura, deixando-me a tirar conclusões entre um homem que diz «Sim, minha querida, compreendo perfeitamente» e deita o *coq au vin* para o lixo e o homem que afronta o covil de leões enquanto eu permaneço sentado a fingir que estou a ler *Cromivell, Our Chief of Men*.

*

O segundo sinal registado foi-me transmitido no dia seguinte, terça-feira. Ao voltar a Battersea depois de uma sessão de quatro horas na Sala de Conversa para proteger a nossa grande nação, surpreendi-me a mim mesmo saltando do autocarro em andamento três paragens antes e desatando a correr, não através do parque em direcção a Prince of Wales Drive, o que seria a direcção lógica, mas ao longo da ponte rumo a Chelsea, de onde eu tinha acabado de vir.

Porquê? Está bem, sou impulsivo. Mas o que é que me impelia? A hora de ponta estava no auge. Detesto, em qualquer altura, caminhar ao lado de tráfego lento, em particular hoje em dia. Não gosto que as pessoas nos carros me lancem olhares. Mas correr – a toda a velocidade nos meus melhores sapatos com solas de cabedal, saltos e protectores de borracha –, correr, quando se tem a minha cor, constituição física e uma pasta na mão, correr à disparada em Londres, que é uma cidade em estado de choque por causa das bombas, a olhar maniacamente em frente, sem pedir ajuda a ninguém e, na pressa, indo de encontro às pessoas, esse género de corrida, a qualquer altura do dia, é francamente insensato e, à hora de ponta, demente.

Precisava eu de fazer exercício? Não. Penelope tem um *personal trainer* e eu tenho o meu *jogging* matinal à volta do parque. A única coisa no mundo que explicava esta atitude a mim mesmo enquanto me precipitava pelo passeio apinhado de gente e ao longo da ponte era o miúdo bloqueado que eu tinha visto do alto do autocarro. Tinha seis ou sete anos de idade e mantinha-se imóvel em cima do muro de granito que separava a estrada do rio, com os braços esticados e a cabeça de lado, porque estava demasiado

assustado para olhar para cima ou para baixo. Os carros passavam velozmente aos seus pés e, em cima, havia um exíguo parapeito que poderia ter sido concebido para rapazes exibicionistas mais velhos e, agora, havia justamente dois deles a vaiá-lo, às cabriolas e a assobiar-lhe, desafiando-o para subir até lá. Mas ele não conseguia, por estar ainda mais assustado com a altura do que com o tráfego, e por saber que, do outro lado do parapeito, se alguma vez lá chegasse, estava um desnível de vinte metros à espera dele. O miúdo tem vertigens e não sabe nadar, e é por isso que eu corro como um desalmado.

No entanto, ao chegar, ofegante e a escorrer de suor, o que é que vejo? Nenhuma criança, nem bloqueada nem desbloqueada. E a topografia mudou completamente. Não há nenhum muro de granito. Nenhuma passagem vertiginosa com tráfego a passar de um lado e o Tamisa a correr no outro. E, no meio, uma mulher-polícia benfazeja a dirigir o trânsito.

- Não pode falar comigo, querido - diz ela enquanto faz sinais com os braços.

- Viu três miúdos que estavam a brincar aqui agora mesmo? Podiam ter morrido.

- Aqui não, querido.

- Eu cá vi-os, juro que os vi! Havia um encostado ao muro.

- Daqui a nada vou ter de o multar, querido. Ponha-se a andar.

Foi o que fiz. Voltei para trás ao longo da ponte que, em primeiro lugar, não tinha nada de ter atravessado, e toda a noite, enquanto esperava que Penelope voltasse para casa, pensei naquela criança bloqueada no seu inferno de fantasia. E, de manhã, quando fui à casa de banho em bicos dos pés para não acordar, o miúdo que não estava ali ainda me importunava. E, durante todo o dia, enquanto traduzia para um consórcio holandês de diamantes, guardei-o trancado na cabeça onde, sem meu conhecimento, se passavam tantas coisas. E, na noite seguinte, quando me apresentei às 7:45 no pavilhão de doenças tropicais, a pedido urgente do hospital de North London para servir de intérprete a um africano moribundo de idade incerta que recusava dizer uma palavra em qualquer outra língua conhecida que não fosse o seu dialecto queniano-ruandês, o miúdo lá continuava, de braços esticados, com os nós dos dedos comprimidos contra o muro de granito.

*

Luzes azuis nocturnas indicavam-me o caminho ao longo de corredores infindáveis. Sinais decorativos diziam-me onde virar. Certas camas tinham as cortinas corridas, designando os casos mais críticos. Uma cama dessas é a nossa. Salvo agacha-se a um dos lados e, no outro, com apenas os joelhos de um moribundo entre nós, uma *enfermeira diplomada*. E esta enfermeira diplomada, que eu deduzo ser da África Central, tem responsabilidades e conhecimentos que excedem os da maior parte dos médicos. Não dá essa impressão com o seu andar ágil e imponente, o improvável nome próprio de HANNAH do lado esquerdo do peito e uma cruz dourada à volta do pescoço, isto para não mencionar o seu corpo esbelto, austeramente abotoado numa farda azul e branca; mas já não é assim quando se levanta e percorre o pavilhão, flexível como uma bailarina, de cabelo impecavelmente entrançado a partir da testa, em sulcos, para poder crescer naturalmente, apesar de estar cortado curto por ser mais prático.

E tudo o que estamos a fazer, esta enfermeira diplomada e eu, é captar o olhar um do outro por períodos de tempo exponencialmente longos enquanto ela faz perguntas ao paciente com o que eu sinto ser uma severidade protectora, e eu traduzo-as devidamente em queniano-ruandês e ambos esperamos – às vezes minutos a fio, segundo me parece – pelas respostas do pobre homem balbuciadas em sotaques da infância africana, que ele decidiu que seria a sua última recordação da vida.

Mas isto não toma em conta outros gestos de compaixão que a enfermeira diplomada Hannah tem por ele com a assistência de uma segunda enfermeira, Grace, que sei que é jamaicana pela cadência das suas frases, e que está à cabeceira da cama a limpar o vómito do doente, a verificar as fezes e ainda pior. Grace também é uma boa mulher e, pela interacção entre elas e pelos olhares que trocam, vê-se que é amiga de Hannah.

Fiquem a saber que sou um homem que detesta, realmente detesta, hospitais, e que é fervorosamente alérgico à indústria médica. Basta-me estar em presença de sangue, agulhas, arrastadeiras, carrinhos com tesouras em cima, odores cirúrgicos, gente doente, cães mortos e texugos atropelados à beira da estrada para perder a cabeça, o que não é mais do que seria de esperar de um homem normal a quem tiraram as amígdalas, o

apêndice e o prepúcio numa série de insalubres clínicas africanas.

Já tinha encontrado esta enfermeira diplomada antes. Uma vez. No entanto, apercebo-me agora que, nestas últimas três semanas, ela tem sido uma marca inconsciente na minha memória, e não apenas o anjo que preside a este lugar infeliz. Falei com ela, mas Hannah provavelmente não se lembra. Na minha primeira visita aqui, pedi-lhe para assinar o documento atestando que eu tinha cumprido satisfatoriamente as funções para que fora contratado. Ela sorriu e pôs a cabeça de lado, como que a deliberar se podia com toda a franqueza admitir estar satisfeita, e, a seguir, tirou com desenvoltura uma caneta de ponta de feltro de detrás da orelha. O gesto, embora da sua parte sem dúvida inocente, tinha-me afectado. Na minha imaginação excessivamente fértil, ela a seguir despiu-se.

Mas esta noite não me passam pela cabeça fantasias tão impróprias. Esta noite é toda trabalho e estamos sentados à beira da cama, de um moribundo. E Hannah, a profissional de saúde que, tanto quanto eu sei, faz isto três vezes por dia antes do almoço, adopta uma expressão alheia a todos esses sentimentos e eu, por conseguinte, imito-a.

– Pergunte-lhe, por favor, como é que ele se chama – pede-me num inglês perfumado de francês.

O seu nome, informa-nos ele após reflexão prolongada, é Jean-Pierre. E, para se certificar de que é suficiente, acrescenta, com a truculência que consegue arranjar naquelas circunstâncias, que pertence à etnia tutsi com muito orgulho, informação gratuita que tanto Hannah como eu ignoramos tacitamente, não só porque, apesar dos tubos, Jean-Pierre tem a aparência clássica de um tutsi, maçãs do rosto salientes, queixo proeminente e uma nuca alongada, exactamente como os tutsis devem ser na imaginação popular africana, embora uma data deles não seja assim.

– Jean-Pierre quê? – pergunta ela com a mesma severidade e eu traduzo novamente.

Não conseguirá Jean-Pierre ouvir-me ou prefere não ter apelido? A demora, enquanto a enfermeira diplomada Hannah e eu esperamos pela sua resposta, dá azo ao primeiro longo olhar que trocamos, ou longo no sentido que era mais longo do que um olhar precisa de ser se estamos simplesmente a verificar que a pessoa para quem estamos a traduzir está a ouvir o que dizemos, pois nenhum de nós, nem Jean-Pierre, está a dizer alguma coisa.

- Pergunte-lhe onde ele vive, por favor, diz ela delicadamente, clareando a garganta por causa de uma obstrução semelhante à minha, excepto que, desta vez e para minha surpresa e deleite, dirige-se a mim em suaíli, como a um compatriota africano. E, como se isso não bastasse, fala *com o sotaque de uma congolesa oriental!*¹

Mas estou aqui para trabalhar. A enfermeira diplomada fez outra pergunta ao paciente e, portanto, tenho de traduzi-la. Faço-o. De suaíli para queniano-ruandês e, depois, traduzo a resposta de Jean-Pierre directamente para os profundos olhos castanhos dela enquanto repito, quase imitando exactamente, o seu delicioso sotaque tão familiar.

- Vivo em Heath - informo-a, traduzindo as palavras de Jean-Pierre como se fossem nossas. - Por debaixo de um arbusto. E é para lá que irei quando sair deste - pausa - lugar - omitindo, por decência, o epíteto que ele utiliza para o descrever. - Hannah - continuo, falando em inglês, talvez para aliviar ligeiramente a pressão. - Por amor de Deus! Quem é você? De onde é que vem?

Ao que ela declara, sem a mais pequena hesitação, a sua nacionalidade:

- Sou da região de Goma no Norte do Kivu, da tribo dos nande - murmura. - E este pobre ruandês é inimigo do meu povo.

E digo-vos, por ser a pura das verdades, que a sua respiração meio ofegante, o tamanho dos seus olhos e o seu apelo urgente à minha compreensão ao dizer isto revelou-me num só instante a situação crítica do seu adorado Congo, como ela a entendia: os cadáveres emaciados dos parentes e entes queridos, os campos por semear, o gado morto e as comunidades incendiadas que tinham sido a sua pátria até os ruandeses atravessarem a fronteira e, designando o Congo Oriental como o campo de batalha da sua guerra civil, acrescentaram horrores indescritíveis a uma terra já por si a morrer de negligência.

Ao princípio, os invasores queriam apenas apanhar os *génocidaires* que tinham morto com as suas próprias mãos um milhão dos seus cidadãos em cem dias. Mas o que começou como perseguição aguerrida transformou-se no saque dos recursos minerais do Kivu e o país, à beira da anarquia, desmoronou-se completamente. Foi isto que me esforcei por explicar a Penelope, que, corno conscienciosa jornalista britânica, preferia que as suas informações fossem iguais às de toda a gente. Minha querida, disse-lhe, ouve-me. Sei que estás ocupada e que o teu jornal gosta de se cingir a

notícias dirigidas às famílias, mas, por favor, peço-te de joelhos, publica, só desta vez, algo que diga ao mundo o que está a acontecer no Congo Oriental. Quatro milhões de mortos, disse-lhe. Só nos últimos cinco anos. As pessoas chamam-lhe a primeira guerra mundial de África e vocês não lhe chamam nada. Não se trata de uma guerra com tiros, garanto-te. Não são balas, catanas e granadas de mão que estão a matar gente. É a cólera, a malária, a diarreia e a velha epidemia da fome, e a maior parte dos mortos tem menos de cinco anos de idade. E, neste preciso momento, enquanto estamos aqui a falar, ainda estão a morrer aos milhares. Tem de haver certamente um artigo por aí. E havia. Na página vinte e nove, ao lado das palavras cruzadas.

Onde é que eu tinha arranjado essa incómoda informação? Estendido de noite na cama à espera que ela regressasse a casa. A ouvir a emissão internacional da BBC e remotas estações de rádio africanas enquanto ela redigia as notícias de última hora. Sentado sozinho em cafés Internet enquanto ela levava as suas fontes a jantar. Em jornais africanos comprados às escondidas. No meio de manifestações ao ar livre, vestido com um volumoso anoraque e de gorro de lã enfiado na cabeça, enquanto ela seguia um curso ao fim-de-semana sobre uma matéria qualquer que tinha de actualizar.

Mas a lânguida Grace, reprimindo um bocejo de fim de turno, nada sabe disto, e por que é que haveria de saber? Não fez as palavras cruzadas. Não sabe que Hannah e eu estamos a participar num simbólico acto de reconciliação humana. Um ruandês que diz chamar-se Jean-Pierre jaz diante de nós. Sentada à sua cabeceira está uma jovem congolesa chamada Hannah que foi criada para considerar Jean-Pierre e outros iguais a ele como os únicos culpados da miséria do seu país. No entanto, não lhe vira as costas. Não chama um colega, nem o entrega aos cuidados da bocejante Grace. Não. Chama-lhe *este pobre ruandês* e segura-lhe a mão.

– Pergunte-lhe onde é que ele *costumava* viver, por favor – ordena-me em tom afectado no seu inglês francófono.

E espero novamente, quer dizer, Hannah e eu fitamo-nos com estupefacta e evanescente incredulidade, como duas pessoas a partilhar uma visão celeste que mais ninguém vê porque ninguém tem olhos para isso. Mas Grace viu. Grace acompanha o desenvolvimento da nossa relação com atenção indulgente.

- Jean-Pierre, onde é que vivia antes de se mudar para Hampstead Heath? - pergunto numa voz tão resolutamente fria como a de Hannah.

- Na prisão.

- E antes da prisão?

Ele demora séculos a dar-me uma morada e um número de telefone em Londres, mas acaba por o fazer, e eu traduzo para Hannah, que, mais uma vez, procura a caneta com ponta de feltro atrás da orelha para escrever no seu bloco-notas. Arranca a página e passa-a a Grace, que atravessa o pavilhão para telefonar - relutante, porque, por esta altura, não quer perder nada. E é nesse momento que o nosso paciente, como se despertasse de um pesadelo, se senta muito direito com os tubos todos à volta e pergunta, no modo grosseiro e gráfico do seu queniano-ruandês materno, *foda-se, o que é que se passa comigo* e por que é que a polícia o arrastou até aqui contra sua vontade? - e é quando Hannah, num inglês debilitado pela emoção, me pede para traduzir *precisamente* as palavras que me vai dizer sem acrescentar nem subtrair nada. Por favor, Salvo, por muito que deseje fazê-lo por consideração para com o nosso paciente - por esta altura, *o nosso paciente é* um conceito supremo para ambos. E eu, em voz igualmente fraca, asseguro-lhe que nunca me permitiria embelezar nada que ela dissesse, por mais penoso que isso pudesse ser para mim.

- Chamámos o director hospitalar e ele virá o mais depressa que puder.

- Hannah pronuncia deliberadamente estas palavras, fazendo pausas mais inteligentes do que muitos dos meus clientes para me dar tempo de traduzi-las. - Tenho de o informar, Jean-Pierre, que você sofre de uma grave doença sanguínea, que, na minha opinião, está demasiado adiantada para nós a tratarmos. Lamento imenso, mas nada podemos fazer.

No entanto, enquanto ela fala, os seus olhos reflectem esperança, uma clara e alegre expressão redentora. Se Hannah consegue lidar com más notícias desta maneira, então Jean-Pierre também deve ser capaz de lidar com elas, e eu também. Depois de traduzir a mensagem o melhor que posso - *precisamente é*, de certo modo, uma ilusão laica, pois poucos ruandeses com o estatuto social deste pobre homem entendem conceitos como grave doença sanguínea -, Hannah faz com que ele repita através de mim o que ela acabou de dizer para se certificar de que ele sabe, e ele também fica a saber que sabe, e eu sei que ambos sabem e que não há quaisquer confusões.

E quando Jean-Pierre repete rudemente a mensagem e eu a traduzo outra vez, ela pergunta-me: Jean-Pierre, tem algum pedido a fazer enquanto espera que os seus familiares cheguem? – O que é um código que ambos conhecemos para lhe dizer que ele vai muito provavelmente morrer antes de eles chegarem. O que ela não pergunta e, por isso, eu também não é por que é que ele tem andado a dormir desconfortavelmente em Heath e não em casa com a mulher e os filhos. Sinto que, assim como eu, ela considera essas perguntas pessoais uma intromissão na privacidade dele. Pois por que outra razão quererá um ruandês ir morrer a Hampstead Heath senão por privacidade?

Noto, então, que ela não só segura a mão do nosso paciente como também a minha. Grace repara igualmente e isso impressiona-a, mas sem pruridos porque sabe, como eu sei, que a sua amiga Hannah não costuma dar a mão a qualquer intérprete. Contudo, ali estão, a minha mão castanho-clara, meio congoleza, e a genuína versão toda preta de Hannah com a sua palma branca rosada, ambas entrelaçadas na cama de um inimigo ruandês. E não tem a ver com sexo – como é que poderia ser com Jean-Pierre a morrer entre nós? –, tem a ver com parentesco descoberto, e consolarmonos um ao outro enquanto estamos a dar o nosso melhor ao doente que partilhamos. É por ela estar profundamente comovida e eu também. Comove-se porque o pobre homem está a morrer, embora veja homens assim todo o dia e todos os dias da semana. Está comovida por estarmos a cuidar de quem consideramos inimigo, a gostar dele como manda o Evangelho em que ela foi criada, como posso ver pela sua cruz de ouro. Está comovida pela minha voz. Sempre que traduzo do suaíli para queniano-ruandês e vice-versa, ela baixa os olhos como se rezasse. Está comovida porque, como tento dizer-lhe com os olhos se ela quiser ouvir-me, somos as pessoas de quem temos andado à procura durante toda a nossa vida.

*

Não direi que, a partir de então, demos as mãos porque não demos, mas mantivemos o nosso olhar interior um no outro. Ela podia estar com as suas longas costas viradas para mim, ou debruçada sobre Jean-Pierre, levantando-o, acariciando-lhe o rosto ou verificando as máquinas que

Grace tinha instalado. Mas, sempre que se virava para olhar para mim, eu estava ali para ela e sabia que ela estava ali para mim. E tudo o que aconteceu depois, eu à espera, ao lado do portão iluminado a néon, que ela terminasse o seu turno, e ela vindo ter comigo de olhos baixos, e os dois abraçando-nos na nossa timidez de crianças da Missão, subindo de mão dada, como estudantes sérios, a colina para o dormitório, atravessando uma passagem estreita que cheirava a comida oriental, até uma porta fechada a cadeado da qual ela tinha a chave, tudo isso vinha dos olhares que tínhamos trocado na presença do nosso paciente ruandês moribundo e da responsabilidade que sentíamos um pelo outro, enquanto uma vida humana que partilhávamos estava a escapar por entre os nossos dedos.

E era por isso que, entre embates sexuais apaixonados, tínhamos uma conversa de um género que eu desconhecia desde a morte do irmão Michael, pois nunca um confidente natural aparecera até agora na minha vida com a excepção do Sr. Anderson, e ainda menos sob a forma de uma bela, risonha e desejável africana cuja única vocação é apaziguar quem sofre neste mundo e que nada pede, em nenhuma língua, que não se queira dar-lhe. Para falar de nós, falávamos em inglês. Quando fazíamos amor, francês. E, nos nossos sonhos de África, como poderíamos não voltar ao suaíli com sabor congolês da nossa infância, com a sua mistura brincalhona de brejeirice e insinuações? No espaço de vinte horas sem dormir, Hannah tornou-se a irmã, a amante e a amiga especial cuja concretização falhara consistentemente ao longo da minha peripatética infância.

Sentíamo-nos culpados, nós, duas piedosas crianças cristãs, educadas no temor a Deus, agora, mega-adúlteros de cinco estrelas? Não. Destruímos o meu casamento e eu declarei-o morto, como sabia certamente que estava. Enganámos o filho de Hannah, Noah, deixado ao cuidado de uma tia no Uganda, e, juntos, tivemos saudades dele. Fizemos promessas solenes, discutimos política, trocámos recordações e bebemos sumo de groselha com água gaseificada, e comemos *pizza* e fizemos amor até ao momento em que ela, relutante, vestia novamente a farda, e, resistindo à minha insistência para darmos um último beijo, descia a colina rumo ao hospital para uma aula sobre anestésicos que frequentava antes de começar o turno da noite com os seus pacientes moribundos. Eu saía à procura de táxi porque, por causa das bombas, o metro, no melhor dos casos, só

funcionava em parte, o autocarro levava muito tempo e, Santo Deus!, vejam como é tarde. As suas palavras de despedida, ditas em suaíli, ressoavam, contudo, nos meus ouvidos. Segurando o meu rosto entre as mãos, abanou docemente a cabeça, numa alegria maravilhada.

– Salvo – disse –, quando os teus pais te fizeram, deviam amar-se muito.

¹ República Democrática do Congo. (*N. do T.*)

3

— Não se importa que abra a janela? – perguntei a Fred, o meu motorista branco.

Confortavelmente instalado no banco de trás do Mondeo enquanto este serpenteava habilmente através do denso tráfego do fim de tarde de sexta-feira, gozava um sentimento de libertação próximo da euforia.

– Como queira, amigo – respondeu ele em voz jovial, mas, por baixo daquela expressão familiar, o meu ouvido aguçado detectou logo vestígios do sotaque de um colégio inglês. Fred tinha a minha idade e guiava com segurança. Já gostava dele. Baixei a janela e deixei o ar quente da noite inundar-me.

– Tem alguma ideia aonde vamos, Fred?

– Para o fundo da Rua South Audley. – E supondo que a minha preocupação era motivada pela velocidade da sua condução, o que não era verdade: – Não se aflija, há-de chegar lá inteiro.

Não estava preocupado, mas espantou-me. Até agora, os meus encontros com o Sr. Anderson tinham lugar na sede do ministério em Whitehall, numa masmorra sumptuosamente alcatifada ao fundo de um labirinto de corredores e tijolo pintados de verde guardados por guardas pálidos com *walkie-talkies*. Nas paredes estavam penduradas as fotografias coloridas da mulher, das filhas e dos cães *spaniel* do Sr. Anderson, intercaladas por diplomas em molduras douradas concedidos à sua outra paixão, a Sociedade Coral de Sevenoaks. E foi nesta masmorra, depois de ter sido convocado por uma carta confidencial para uma série de «testes-entrevistas» superficialmente conduzidos por um enigmático comité que se intitulava de Apuramento Linguístico, que o Sr. Anderson me revelou toda a majestade da Lei de Segredos Oficiais mais as suas múltiplas e ameaçadoras punições, lendo-me primeiro uma homilia que ele já devia ter transmitido centenas de vezes e, depois, entregando-me um impresso com o meu nome, a data e o local do meu nascimento, e dirigindo-se a

mim por cima dos seus óculos para ler enquanto eu assinava.

– Agora, não se ponha com grandes ideias, está bem, meu rapaz? – disse num tom de voz que lembrava irresistivelmente o do irmão Michael. – Você é um rapaz esperto e, se tudo o que me contaram a seu respeito é verdade, é o lápis mais bem afiado da caixa. Tem uma quantidade de línguas esquisitas em carteira e uma excelente reputação profissional, que nenhum departamento como o nosso pode ignorar.

Não sabia ao certo a que departamento ele aludia, mas já me tinha informado, sabia que ele era funcionário superior da coroa e, para mim, isso chegava. Nem lhe perguntei qual das minhas línguas ele considerava esquisita, embora pudesse tê-lo feito se não tivesse a cabeça nas nuvens. Às vezes, o meu respeito pelas pessoas foge, a seu bel-prazer, pela janela.

– No entanto, isto não faz de si o centro do universo e, por isso, não julgue que sim – prosseguiu, ainda a propósito das minhas qualificações.

– Vai ser um ATP, um assistente a tempo parcial, e não é o cargo mais baixo que há. É secreto, mas é marginal e assim há-de permanecer a não ser que lhe ofereçam outro posto. Não estou a dizer que alguns dos melhores não são marginais, porque o são, por exemplo, na opinião da minha mulher, Mary, as melhores peças de teatro e os melhores actores². Percebe o que estou a dizer-lhe, Salvo?

– Julgo que sim, *sir*.

Tal como dizia muito *Mzee* em miúdo, também utilizo *sir* de mais. Mas, no Santuário, todos os que não eram Irmão eram *sir*.

– Então repita o que acabei de lhe dizer, por favor, para ambos ficarmos esclarecidos – sugeriu, empregando uma técnica mais tarde usada por Hannah para dar as más notícias a Jean-Pierre.

– Que eu não devo entusiasmar-me. Não devo ficar demasiado... – ia dizer «excitado», mas detive-me a tempo. – Exaltado.

– Previno-o que deveria desembaraçar-se desse brilho nos olhos, meu rapaz. Agora e daqui para a frente. Porque se voltar a vê-lo, vou preocupar-me consigo. Somos crentes, mas não fanáticos. À parte o seu talento pouco comum, o que nós propomos aqui é um trabalho ingrato, o pão nosso de cada dia, o mesmo que faz para qualquer cliente em qualquer tarde de chuva. A diferença é que aqui será a rainha e o país em mente, o que é o que tanto você como eu gostamos.

Assegurei-lhe – embora tivesse o cuidado de não parecer entusiasmado

de mais – que o amor pelo meu país ocupava posição de destaque na minha lista pessoal de preferências.

– Admito que há umas quantas diferenças – prosseguiu ele, contrariando uma objecção que eu não tinha feito. – Uma delas é que não lhe daremos muita coisa em termos de instruções de fundo antes de você colocar os auscultadores. Não saberá quem está a falar com quem nem onde, nem do que é que estão a falar, ou como obtemos essa informação. Por nós, não vai saber nada, porque não é seguro. E se você chegar a quaisquer conclusões por si só, aconselho-o a guardá-las. É para isso que foi contratado, Salvo, é o que «secreto» quer dizer, e se o apanharmos a violar estas regras, será despedido com uma nota preta. E as nossas notas pretas não saem com água como as outras – acrescentou com satisfação, e não pude deixar de pensar se ele não estava inconscientemente a fazer alusão à cor da minha pele. – Quer rasgar a folha de papel que assinou e esquecer-se de que veio aqui?... É a sua última oportunidade.

Engoli em seco e disse «Não, *sir*. Aceito», com toda a calma que consegui arranjar, e ele apertou-me a mão e deu-me as boas-vindas ao grupo a que gostava de chamar a honrosa companhia de ladrões íntegros.

*

Apresso-me a dizer que os esforços do Sr. Anderson para abater o meu fervor foram fúteis. Agachado num cubículo à prova de som, um entre quarenta, num seguro *bunker* subterrâneo conhecido pelo nome Sala de Conversa – com o delicado Barney, o nosso supervisor, com um dos seus coletes coloridos a observar-nos de uma plataforma –, e ele ainda chama a isto o pão nosso de cada dia? Raparigas de *jeans* que nos trazem e levam *cassettes* e transcrições, e, contrariamente às conhecidas regras da correcção política no local de trabalho, igualmente chávenas de chá, enquanto, em dado minuto, estou a escutar um importante membro do Exército de Resistência do Senhor, no Uganda, a planear, em língua acholi, por telefone via satélite, instalar uma base do outro lado da fronteira no Congo Oriental e, a seguir, a suar nas docas de Dar-es-Salam para tentar ouvir, através dos barulhos dos barcos ao fundo, dos pregões dos vendedores ambulantes e do zunido intermitente de uma ventoinha avariada que mantém as moscas afastadas, um bando assassino de

simpatizantes islamistas a conspirar para importar um arsenal de mísseis antiaéreos fazendo-o passar por maquinaria pesada? E, nessa mesma tarde, sou a única testemunha de um trio de oficiais ruandeses corruptos a regatear a venda de minerais congolese roubados com uma delegação chinesa? Ou aos solavancos através do ruidoso tráfego de Nairobi, na limusina de um político queniano a quem um construtor indiano suborna, pagando-lhe uma enorme maquia para ele permitir que uma nova estrada de cento e sessenta quilómetros seja coberta com uma única camada de alcatrão da espessura de uma folha de papel com a garantia de durar, pelo menos, as próximas duas épocas de chuvas? Isto não é o pão nosso de cada dia, Sr. Anderson. Isto é o Sacrossanto!

Mas não deixava que ninguém visse o brilho nos meus olhos, nem mesmo Penelope. Se ela soubesse! Sempre que ela me insultava diante da sua amiga íntima, Paula, ou partia para uma das suas conferências de fim-de-semana às quais mais ninguém parecia ir senão ela e voltava calada e satisfeita por tudo o que tinha conferenciado, eu pensava cá para comigo: «Se ao menos soubesses que o engatató do teu marido em cio está ao serviço da espionagem britânica!»

Mas nunca caí nessa. Nada de autocomplacência. Estava a cumprir o meu dever para com Inglaterra.

*

O nosso Ford Mondeo tinha contornado Berkeley Square e entrado na Rua Curzon. Depois de passar o cinema, Fred parou ao lado do passeio e virou-se no assento para falar comigo, de espião para espião.

– Fica ali ao fundo, amigo, murmurou, inclinando a cabeça sem apontar para o caso de estarmos a ser observados. – Número 22B, é a porta verde a cem metros à esquerda. A campainha de cima que tem marcado o nome de HARLOW, como a cidade. Quando responderem, diga que tem uma encomenda para o Harry.

– O Barney está lá? – perguntei, momentaneamente enervado pela perspectiva de confrontar, sozinho, o Sr. Anderson num ambiente desconhecido.

– Barney? Quem é o Barney?

Censurando-me por fazer perguntas desnecessárias, saí do carro. Uma

vaga de calor subiu por mim e um ciclista deu uma guinada, praguejou e quase me atirou ao chão. Fred arrancou, deixando-me a pensar que preferia ter a sua companhia. Atravessei a rua e entrei na Rua South Audley. O número 22B é uma das mansões de tijolo vermelho com degraus íngremes até à porta principal. Havia seis campainhas mal iluminadas. A de cima dizia HARLOW, como a cidade, a tinta desbotada. Quando ia tocar, fui assaltado por duas imagens conflituosas. Uma era da cabeça de Penelope a quinze centímetros da braguilha de Thorne Clarim, enquanto ela o olhava embevecida com os seios a espreitar do seu novo conjunto de alta costura. E a outra era de Hannah, de olhos arregalados sem ousar pestanejar e a boca aberta a cantar a sua alegria enquanto me espremia as últimas gotas de vida no sofá-cama da sua cela de freira.

– Encomenda para Harry – entoei, e a porta mágica abriu-se.

*

À parte ter comentado a parecença do Sr. Anderson com o irmão Michael, ainda não descrevi a sua aparência. Como Michael, é um homem completo, alto e com o porte de um urso, de feições impassíveis como lava, e qualquer gesto que faça é um acontecimento. Como Michael, é um pai para os seus homens. Supõe-se que tenha uns cinquenta e muitos anos, mas não se tem a impressão de que, ontem, era um rapaz atraente, nem que, amanhã, será posto na prateleira. É a rectidão personificada, imponente, um carvalho de Inglaterra. Só a atravessar uma sala, carrega a justificação moral das suas acções com ele. Pode-se esperar uma eternidade para que ele sorria, mas, quando o faz, ficamos mais perto de Deus.

No entanto, para mim, o homem autêntico é, como sempre, a voz: o ritmo atento do cantor, as pausas sincronizadas para fazer efeito, as cadências do norte ao lado da lareira. Contou-me mais do que uma vez que, na Sociedade Coral de Sevenoaks, é primeiro barítono. Em jovem, foi tenor-contralto e pensou seguir a carreira profissional, mas gostava mais dos Serviços Secretos. E foi a voz do Sr. Anderson que dominou uma vez mais todas as outras impressões no instante em que me aventurei através da porta. Tive vagamente consciência de outros sons e de outros corpos no local. Vi uma janela de guilhotina aberta e cortinas transparentes

enfunadas, e, por conseguinte, soprava obviamente uma brisa, o que não acontecia ao nível da rua. Mas o foco do meu interesse foi a silhueta direita do Sr. Anderson contra a janela e a sua acolhedora tonalidade nortenha enquanto continuava a falar ao telemóvel.

- Ele vai chegar daqui a pouco, Jack - ouvi-o dizer, aparentemente alheio ao facto de eu estar a dois metros dele. - Vamos dar-lhe a volta o mais depressa que pudermos, Jack... mas não depressa de mais. - Pausa. - Tens razão, *Sinclair*. - Mas Sinclair não era o nome da pessoa com quem ele estava a falar. Confirmava apenas que Sinclair era o chefe. - Ele está plenamente ciente disso, Jack. E farei com que ele fique ainda mais ciente quando chegar. - Agora olhava directamente para mim, mas ainda não admitia a minha presença. - Não, não é um novo nisto. Já trabalhou para nós e acredita que é a pessoa indicada para o trabalho. Todas as línguas que podes comer, extremamente capaz e muito leal.

Referia-se realmente a *mim - extremamente capaz... e muito leal*? Mas contive-me e controlei o entusiasmado brilho no meu olhar.

- E lembra-te que o seguro dele é por vossa conta, não nossa, Jack. Contra todos os riscos, por favor, mais doença e repatriação pelos meios disponíveis mais rápidos. Nada vem parar ao limiar desta porta. Estamos cá se precisares de nós, Jack. Mas lembra-te de que, sempre que telefonares, abrandas o processo. Acho que ele está agora a subir as escadas. Não está, Salvo? - Desligara. - Agora, presta muita atenção, meu rapaz. Temos muito que aprender em pouco tempo. A jovem Bridget aqui presente vai dar-lhe outra roupa. O *smoking* que traz vestido é de excelente qualidade. É uma pena ter de o despir. Desde os meus tempos que os *smokings* mudaram imenso. Eram pretos ou pretos no Baile Anual dos Cantores. Vermelho-escuros, como o seu, só os chefes de orquestra. Com que então contou tudo à sua mulher, não contou? Um trabalho ultra-secreto, de importância nacional, que foi pelos ares de um dia para o outro...

- Nem uma só palavra - retorqui com firmeza. - Disse-me para não o fazer e, portanto, eu não disse nada. Comprei o *smoking* especialmente para a noite dela - acrescentei porque, com Hannah ou sem Hannah, necessitava de preservar a fé dele na minha fidelidade conjugal até chegar a altura de o prevenir acerca de quaisquer alterações na minha vida pessoal.

A mulher a quem ele tinha chamado Bridget tinha-se colocado à minha frente e examinava-me com a ponta de uma unha envernizada nos lábios. Usava brincos de pérolas, *jeans* de *designer* muito acima do seu ordenado, e balançava as ancas ao ritmo das suas cogitações.

– Qual é a medida da sua cintura, Salvo? Calculamos que seja trinta e dois.

– Na verdade, é trinta. – Hannah tinha dito que eu estava demasiado magro.

– Sabe a altura do gancho?

– Da última vez que olhei, era trinta e dois – ripostei, pondo-me à altura do seu estilo jocoso.

– Colarinho?

– Quinze.

Desapareceu por um corredor, surpreendendo-me, porque, de súbito, desejava-a ardentemente, mas percebi depois que se tratava de uma mera irrupção do meu desejo por Hannah.

– Temos um pouco de acção ao vivo para si, meu rapaz – anunciou o Sr. Anderson como um presságio enquanto voltava a guardar o telemóvel no bolso do lenço. – Não vai mais sentar-se num simpático e confortável cubículo a ouvir o mundo a uma distância segura. Irá conhecer em breve alguns desses rufias em carne e osso, e aproveitar-se dessas circunstâncias para prestar um serviço ao seu país. Assumo que não se importa de mudar de identidade? Dizem que, a dada altura da vida, todas as pessoas desejam ser alguém diferente.

– Não me importo nada, Sr. Anderson. Sobretudo se me disser que é necessário. Estou ao seu inteiro dispor. – Já tinha mudado de identidade uma vez nas últimas vinte e quatro horas e, assim, duas vezes não iria fazer uma grande diferença. – De quem estamos a salvar o mundo desta vez? – inquiri, tendo o cuidado de ocultar a minha excitação sob uma atitude desenvolta. Mas, para minha surpresa, o Sr. Anderson levou a minha pergunta a sério, reflectindo antes de responder.

– Salvo?

– Sim, Sr. Anderson?

– Até que ponto lhe repugna sujar as mãos por uma causa justa?

– Julgava que já estava a fazer isso... quer dizer, de certo modo – apressei-me a corrigir.

Demasiado tarde. A testa do Sr. Anderson enrugou-se. Dava grande valor à integridade moral da Sala de Conversa e não gostava que fosse refutada, principalmente por mim.

– Até agora, Salvo, tem desempenhado um papel inteiramente essencial, mas *defensivo*, pela nossa nação sitiada. A partir desta noite, contudo, irá levar a batalha ao campo inimigo. Deixa de ser *defensivo* e torna-se... – procurava a palavra justa – *pró-activo*. É verdade que sinto uma certa relutância da sua parte em ir um pouco mais longe?

– Absolutamente nenhuma, Sr. Anderson. Não, se for para uma causa justa, como o senhor me garante. Com todo o gosto. Desde que seja apenas por dois dias – acrescentei, pensando na decisão que tinha tomado acerca de Hannah, e que eu estava ansioso por implementar rapidamente. – Ou três, no máximo.

– Devo, contudo, avisá-lo de que, assim que sair deste edifício, não poderá mais contar com a protecção do governo de sua majestade. Se por qualquer motivo for descoberto... ou *detonado*, como nós dizemos... será abandonado sem escrúpulos à sua sorte. Estamos entendidos, meu rapaz? – Ficou um bocado pálido, se assim posso dizer.

Com dedos esguios de unhas bem cuidadas, Bridget estava a tirar-me o casaco sem se dar conta de que, só à distância de um crânio dela, Hannah e eu quase caíamos do sofá-cama enquanto arrancávamos a roupa um do outro e fazíamos amor uma segunda vez.

– Içado a bordo e aceite, Sr. Anderson – ironizei, embora depois de um tempo de espera. – De que línguas é que eles precisam? Estamos a falar de algum vocabulário especializado? Se calhar devia voltar a Battersea enquanto a costa está livre para ir buscar uns livros de referência.

A minha proposta não pareceu agradar-lhe, pois crispou os lábios.

– Isso será uma questão para os seus patrões temporários decidirem, Salvo. Não estamos ao corrente dos seus planos em pormenor, nem queremos.

Bridget conduziu-me a um quarto esqualido, mas não entrou. Sobre uma cama por fazer estavam dois pares de calças de flanela usadas, três camisas em segunda mão, uma selecção de roupa interior destinada aos presos, peúgas e um cinto de cabedal com o cromado da fivela a cair. E, no chão, três pares de sapatos meio gastos. Na porta, um casaco desportivo coçado pendia de um cabide de arame. Ao despir o meu traje de noite, fui

novamente recompensado por uma baforada do odor corporal de Hannah. O pequeno quarto dela não tinha lavatório e as casas de banho no corredor estavam ocupadas por enfermeiras que se preparavam para ir trabalhar.

Os sapatos menos ofensivos eram os que pior me serviam, mas, numa equívoca vitória da vaidade sobre o bom senso, escolhi-os. O casaco tinha a rigidez industrial do *Harris Tweed* e sovacos de ferro: quando movia os ombros para a frente, a gola serrava-me o pescoço e, para trás, tolhia-me os movimentos. Uma gravata verde-azeitona de *nylon* tricotado completava este conjunto lúgubre.

E, então, embora apenas por um minuto, o meu ânimo esmoreceu, pois o meu amor por roupa de boa qualidade, o meu gosto por cores e ostentação, deve, sem dúvida, vir directamente dos genes da minha mãe congoleza. Espreite-se para dentro da minha pasta em qualquer dia da semana e o que é que lá se encontra entre depoimentos escritos, instruções, currículos e ordens de deportação? Comprometedoras revistas em papel brilhante da roupa de homem mais cara do mundo, artigos que nem que eu vivesse meia dúzia de vidas poderia dar-me ao luxo de comprar. E, agora, vejam a minha figura.

Ao voltar à sala de estar, deparei com Bridget a fazer um inventário do meu espólio num bloco-notas: um fino telemóvel do último modelo, de aço, com máquina fotográfica incorporada, um molhe de chaves, uma carta de condução, um passaporte britânico, que, por orgulho ou insegurança, trazia sempre comigo, e uma elegante carteira de pele genuína contendo quarenta e cinco libras mais cartões de crédito. Obedecendo ao meu sentido do dever, entreguei-lhe os últimos vestígios da minha glória passada: as calças do meu *smoking* ainda não assentes, o laço *Turnbull & Asser* a condizer, a camisa plissada do melhor tecido de algodão, os botões de colarinho e de punho em ónix, as meias de seda e os sapatos de verniz. Ainda estava a passar por esta lamentável prova quando o Sr. Anderson voltou a animar-se.

– Conhece, por acaso, um certo *Brian Sinclair*, Salvo? – perguntou acusadoramente. – Pense bem, por favor. *Sinclair? Brian?* Sim ou não?

Assegurei-lhe que, exceptuando o facto de o ter ouvido há pouco mencionar esse nome ao telemóvel, não conhecia.

– Muito bem. A partir de agora e nos dois dias e noites que se seguem *Brian Sinclair* é você. Note, por favor, a feliz coincidência das iniciais...

B. S. Em questões de falsa identidade, a regra de ouro é manter o agente tão próximo da realidade quanto as exigências operacionais o permitam. Já não é Bruno Salvador, mas sim Brian Sinclair, intérprete independente criado na África Central, filho de um engenheiro de minas, temporariamente contratado por um sindicato internacional registado nas ilhas do canal da Mancha e dedicado a levar as últimas técnicas agrícolas ao Terceiro e Quarto Mundos. Diga-me, por favor, se tem algum problema com isso, seja lá qual for.

O coração não me caiu aos pés, mas também não se elevou. A ansiedade dele estava a contagiar-me e eu começava a perguntar-me se não deveria sentir-me igualmente ansioso.

– E eu conheço-os, Sr. Anderson?

– Conhece quem, meu rapaz?

– Esse sindicato agrícola. Se me chamo Sinclair, quem são eles? Talvez já tenha trabalhado para eles...

Foi-me difícil ver a expressão do Sr. Anderson porque ele estava de costas contra a luz.

– Estamos a falar de um *sindicato anónimo*, Salvo, e, por conseguinte, não seria lógico que tivesse um nome.

– Mas os seus directores têm nomes, não têm?

– Assim como o sindicato, o seu patrão temporário propriamente dito também não tem nome – admoestou-me o Sr. Anderson. A seguir, pareceu acalmar-se. – No entanto... e desconfio que estou a ser indiscreto... ficará sob a responsabilidade de um tal *Maxie*. Futuramente, por favor não admita em nenhum caso que ouviu esse nome da minha boca.

– O *Sr. Maxie*? – repeti. – *Maxie Alguém*? Já que vou entrar no covil do lobo, Sr. Anderson...

– *Maxie* é suficiente, Salvo. Em todas as questões de comando e controlo, prestará contas a esse *Maxie* em tudo o que diz respeito a esta missão excepcional, a não ser que lhe digam outra coisa.

– Devo confiar nele, Sr. Anderson?

Ergueu, agressivo, o queixo e tenho a certeza de que a sua primeira reacção foi que qualquer pessoa nomeada por ele era, por definição, digna de confiança. Mas, ao ver-me, tornou a acalmar.

– Pelas informações que tenho, deveria realmente confiar em *Maxie*. Disseram-me que é um génio na sua especialidade. Como você, Salvo.

Como você...

– Obrigado, Sr. Anderson. – Mas o ladrão de sons que existia em mim captou uma ponta de reserva na sua voz e foi por isso que insisti. – E a quem é que Maxie presta contas? No que se refere a esta missão excepcional? A não ser que lhe digam outra coisa? – Intimidado pela severidade do seu olhar, apressei-me a modificar a pergunta de modo mais aceitável. – Quer dizer, todos nós prestamos contas a alguém, não é assim, Sr. Anderson? Até mesmo o senhor.

Quando não suporta mais qualquer coisa, o Sr. Anderson tem o hábito de resfolar e baixar a cabeça como um quadrúpede pronto a atacar.

– Creio que existe um *Philip*, concedeu com relutância.

– Ou, *quando* lhe dá jeito – fungadela –, *Philippe*, à maneira francesa. – Apesar da sua vocação poliglota, o Sr. Anderson sempre achou que o inglês era suficiente para toda a gente. – Assim como você está nas mãos do Maxie, o Maxie está nas de Philip. Isto satisfaz a sua curiosidade?

– Esse Philip tem um posto, Sr. Anderson?

Dada a sua anterior hesitação, a resposta saiu-lhe rápida e firme.

– Não, não tem. Philip é consultor. Não tem posto nem é membro de nenhum serviço oficial. Bridget, por favor, os cartões de visita do Sr. Sinclair, ainda estão quentes da tipografia.

Com um pulo cómico, Bridget entregou-me uma bolsa de plástico. Abri-a e tirei um cartão fino a apresentar Brian S. Sinclair, intérprete acreditado, residente numa caixa postal em Brixton. Os números de telefone, *fax* e *e-mail* eram-me desconhecidos, e não havia referência a nenhum dos meus diplomas.

– O que é que esta inicial S representa?

– O que quiser, replicou magnanimemente o Sr. Anderson.

– Só tem de escolher um nome e mantê-lo.

– O que é que acontece se alguém tentar telefonar-me? – perguntei, pensando em Hannah.

– Uma mensagem gravada avisa, com amabilidade, que você volta dentro de uns dias. No caso de alguém decidir enviar-lhe um *e-mail*, o que nós consideramos improvável, o recado será tratado de forma apropriada.

– Mas, de outro modo, sou a mesma pessoa?

A minha persistência estava a pressionar a pouca paciência que restava ao Sr. Anderson.

- É a mesma pessoa, Salvo, moldada em circunstâncias paralelas às suas. Se é casado, permaneça casado. Se tem uma avó de quem muito gosta em Bournemouth, pode mantê-la com a nossa bênção. Será impossível encontrar o próprio Sr. Sinclair e, quando esta operação findar, ele nunca terá existido. Não posso ser mais explícito do que isto, pois não?

- E em tom emoliente: - É um tipo de situação muito normal no universo em que vai entrar, meu rapaz. O único problema é que você não tem experiência.

- E o meu dinheiro? Por que é que têm de guardar o meu dinheiro?

- As minhas instruções são...

Deteve-se. Ao enfrentar o seu olhar, percebi que ele não estava a examinar Salvo, o sofisticado frequentador de festas, mas um rapaz mulato da Missão num casaco do Exército de Salvação, calças largas e sapatos cada vez mais apertados. Esta visão tocou-lhe numa corda sensível.

- Salvo.

- Sim, Sr. Anderson.

- Vai ter de endurecer, meu rapaz. Vai viver uma mentira lá fora.

- Já me explicou isso e não me importo. Estou preparado. Só tenho de telefonar à minha mulher. - Por mulher, entenda-se Hannah, mas não disse isso.

- Vai misturar-se com outros que também estão a viver mentiras. Compreende isso, não compreende? Essa gente não é como nós. A verdade, para eles, não é absoluta. Não é a verdade bíblica em que você e eu fomos criados, por muito que desejássemos que fosse.

Nunca identifiquei, até à data, as filiações religiosas do Sr. Anderson, mas suspeito que eram em grande parte maçónicas. Contudo, ele nunca deixou de me lembrar que, independentemente das religiões respectivas, éramos camaradas. Depois de me passar o telemóvel para uma última chamada, Bridget retirou-se para o quarto a não mais de dois metros de onde eu me encontrava. O Sr. Anderson estava ancorado na sala de estar e ouvia tudo o que se dizia. Curvado no pequeno vestíbulo, fui sujeito a um curso intensivo de infidelidade conjugal. O meu único desejo era declarar a Hannah o meu amor eterno e avisá-la de que, contrariamente às minhas promessas, ia ser-me impossível falar com ela durante dois dias. Mas, separado apenas por uma frágil porta da minha audiência, não tive outro

remédio senão telefonar à minha mulher legítima e ouvir o seu atendedor de chamadas.

Fala Penelope Randall. Não estou disponível neste momento. Se quiser deixar recado, espere pelo sinal sonoro. Para falar com a minha assistente, ligue para o 2124 e pergunte pela Emma.

Respirei fundo. – Olá, minha querida. Sou eu. Lamento *imenso*, mas fui chamado para outro trabalho importante. Um dos meus mais antigos e melhores clientes. Disseram-me que se trata de uma questão de vida ou de morte e que pode demorar uns dois ou três dias. Tento telefonar outra vez, mas vai ser difícil.

Quem é que eu parecia? Ninguém que tivesse encontrado. Ninguém que tivesse ouvido. Ninguém que quisesse encontrar de novo. Tentei ser mais convincente:

– Olha, telefone assim que eles me derem espaço para respirar. Tenho realmente muita pena, minha querida. Oh, a tua festa pareceu-me *magnífica*. Repito, *magnífica*. O teu fato era fabuloso. Toda a gente falava dele. Lamento *tanto* ter sido obrigado a deixar-vos. Temos uma data de coisas para resolver quando eu voltar, OK? Até breve, minha querida. Adeus.

Bridget recuperou o meu telemóvel, entregou-me uma mala e observou-me enquanto eu verificava o que estava lá dentro: peúgas, lenços, camisas, cuecas, uma bolsa de plástico com artigos de *toilette*, uma camisola cinzenta com gola em V.

– Andamos a tomar algum remédio? – murmurou sugestivamente. – E lentes de contacto? Lubrificantes, preservativos? Abanei a cabeça.

– Bem, então vão-se lá ambos embora – declarou o Sr. Anderson, e, se ele tivesse erguido a mão e nos tivesse dado uma das vagas bênçãos do irmão Michael, não me teria surpreendido nada.

2 Trocadilho com a palavra *finje*, agora aplicada às produções teatrais. (*N. do T.*)

Para mim, a esta distância, é francamente um enigma verificar que, descendo as escadas com Bridget e pisando de novo o passeio da Rua South Audley, vestido como um professor de escola secundária chegado da província e com nada que me vinculasse ao mundo a não ser uns cartões de visita falsos e a convicção de estar prestes a enfrentar perigos desconhecidos, eu me considerei o tipo mais feliz de Londres, senão de toda a Inglaterra, o agente secreto mais patriota e intrépido. Mas foi o caso.

Fram é o nome do barco concebido pelo famoso explorador norueguês Nansen, figura importante do panteão de homens de acção do irmão Michael. *Fram*, em norueguês, significa «em frente» e foi o que inspirou o meu querido e defunto pai a cavalgar a sua bicicleta de herege através dos Pirenéus. E, a bem ou a mal, *Fram* tinha sido a minha disposição desde que recebera aquilo a que, num contexto diferente, o irmão Michael designara como a Grande Vocação. «Em frente» enquanto eu arranjava coragem para a decisão que se estendia diante de mim. «Em frente» enquanto ganhava asas na silenciosa guerra do meu país contra bandidos em carne e osso. «Em frente» e longe de Penelope, que há muito era uma estranha. «Em frente» enquanto eu traçava o meu caminho luminoso de volta à vida com Hannah. E, por fim, «Em frente» rumo ao meu novo e misterioso amo, Maxie, e ao ainda mais misterioso consultor, Philip.

Dada a extrema urgência da missão e a sua importância, esperava encontrar Fred, o nosso motorista branco, acelerando impacientemente o motor do Mondeo à beira do passeio, mas, por causa de um cordão da polícia em Marble Arch e dos engarrafamentos, Bridget assegurou-me que era mais rápido ir a pé.

– Não se importa, pois não, Salvo? – perguntou-me, agarrando-me firmemente no braço, ou porque pensava que eu pudesse fugir, o que estava bem longe dos meus pensamentos, ou porque era uma dessas da

brigada excessivamente demonstrativa que nos fazem festas na face e nos passam a mão pelas costas e nunca se sabe ou, pelo menos, eu nunca sei, se é pura bondade humana ou se é um convite para ir para a cama.

– Importar? – ecoei. – Com este glorioso fim de tarde! Posso usar o seu telefone por um minuto? A Penelope talvez não repare no recado que lhe deixei.

– Desculpe, querido. É contra os regulamentos.

Sabia eu para onde íamos? E perguntei? Não. A vida de um agente secreto não é outra coisa senão uma viagem no desconhecido, em nada inferior à vida de um amante secreto. Continuámos a andar com Bridget a regular a marcha e eu com os meus sapatos em segunda mão a magoar-me os tornozelos. À luz do sol poente, o meu espírito elevou-se ainda mais assistido, talvez inconscientemente, por Bridget, que levantou o meu antebraço direito tão alto, encostado a ela, que fiquei aninhado por baixo do seu seio esquerdo, e, em contacto com a sua curva inferior, senti que era um seio que se auto-sustentava. Como Hannah acendeu o meu ardor, é natural que eu veja assim as outras mulheres.

– Você ama-a realmente – maravilhou-se Bridget enquanto me guiava por entre um bando de folgões de sexta-feira à noite. – Conheço tantas pessoas casadas que passam o tempo a insultar-se. Irritam-me. Mas você e a Penelope não são assim, pois não? Deve ser formidável.

A orelha dela estava a quinze centímetros da minha boca e cheirava a um perfume chamado *Je Reviens*, arma predilecta da irmã mais nova de Penelope, Gail. Gail, a menina dos olhos do pai, tinha-se casado com o dono de um *stand* de automóveis dos ramos mais baixos da aristocracia. E, para se vingar, Penelope casara-se comigo. No entanto, e ainda hoje, seria necessário um comité de jesuítas argutos para explicar o que eu fiz a seguir.

Pois por que é que, então, um adúltero recentemente consagrado, que ainda há poucas horas se abandonara de corpo, alma e origens a outra mulher pela primeira vez em cinco anos de casamento, sentia a irresistível vontade de colocar a mulher enganada num pedestal? Estava a tentar recriar a imagem de quem conspurcara? Ou recriar a sua própria imagem, antes de ter sucumbido? Estaria a minha sempre presente culpabilidade católica a importunar-me no meio da minha euforia? Era pôr Penelope nas nuvens o melhor que eu podia fazer para exaltar Hannah sem ser

descoberto?

A minha firme intenção era sacar informações de Bridget acerca dos meus novos patrões, e, através de perguntas ardilosas, saber mais sobre o sindicato anónimo e a sua relação com os múltiplos órgãos secretos do Estado Britânico que, longe da vista do comum dos mortais, trabalham noite e dia para nos proteger. No entanto, enquanto nos insinuávamos por entre o tráfego quase parado, lancei-me numa lengalenga em que proclamava Penelope a mais atraente, excitante, sofisticada e fiel companheira que um intérprete de primeira classe e agente secreto da coroa podia desejar, além de uma brilhante jornalista que combinava o sentido da realidade com o da compaixão, e uma excelente cozinheira – basta ver como alguém cozinha, sabe-se se está perto da criatividade. Nem tudo o que eu disse era completamente positivo, nem podia ser. Se, à hora de ponta, falamos acerca da nossa mulher com outra, não podemos deixar de mencionar alguns aspectos negativos, caso contrário, não temos audiência.

– Mas como é que raio o Sr. Homem Ideal e a Sra. Mulher Ideal se encontraram? É isso que *eu* quero saber – protestou Bridget no desolado tom de voz de quem tinha seguido as instruções da embalagem sem sucesso.

– Bridget – respondeu uma voz dentro de mim que eu desconhecia. – Foi assim.

*

São oito da noite no miserável estúdio mobilado de solteiro de Salvo em Ealing, contei-lhe enquanto esperávamos de braço dado que a luz do semáforo mudasse. O Sr. Amadeus Osman, da Agência de Traduções Legais e Internacionais, chama-me do seu malcheiroso escritório em Tottenham Court Road. Tenho de me deslocar directamente a Canary Wharf onde um grande jornal nacional paga uma fortuna pelos meus serviços. Ainda são tempos difíceis e o Sr. Osman é dono de metade de mim.

Uma hora depois estou sentado nos luxuosos escritórios do jornal com o chefe de redacção de um lado e a sua bem torneada melhor repórter – adivinhem quem? – do outro. Diante de nós, agachado, o informante dela,

um marinheiro afro-muçulmano barbudo que, pelo preço do que eu ganho num ano, está disposto a denunciar uma rede de fiscais aduaneiros e polícias corruptos que operam nas docas de Liverpool. Fala mal inglês e a sua língua materna é um suaíli clássico com sotaque da Tanzânia. A nossa às dos repórteres e o chefe de redacção encontram-se no impasse proverbial da lavagem de roupa suja: ou verificam a proveniência da informação com as autoridades e comprometem o furo jornalístico; ou confiam no informador e deixam que os advogados, especialistas em casos de difamação, levem, depois, aquela roupa suja para a lavandaria.

Com o consentimento de Penelope, assumo o comando do interrogatório. À medida que a conversa avança, o denunciante altera e refina a história, acrescenta novos elementos e contradiz os antigos. Obrigo o velhaco a repetir-se e assinalo as suas inúmeras discrepâncias até, sob a minha persistente acareação, ele acabar por confessar tudo. É um vigarista, um efabulador. Por cinquenta libras, ir-se-á embora. A gratidão do chefe de redacção é esfuziante. De um só golpe, poupei-lhes a vergonha e a conta bancária. Recompondo-se da sua humilhação, Penelope declara que me deve uma superbebida.

– As pessoas esperam que os intérpretes sejam baixos, estudiosos e usem óculos – expliquei modestamente a Bridget, rindo-me do enlevo de Penelope e, em retrospectiva, do seu flagrante interesse em mim desde o início. – Suponho que não correspondi às expectativas.

– Ou então ela perdeu completamente a cabeça – sugeriu Bridget, apertando-me com mais força a mão.

Também articulei o resto da história a Bridget, nomeando-a, na ausência de Hannah, minha confessora substituta? Sim, e cheguei a revelar-lhe que, até conhecer Penelope, eu era um rapaz tímido de vinte e três anos, virgem, um janota em aparência exterior, mas que, por baixo da minha fachada cuidadosamente construída, tinha complexos que chegavam para uma casa de família? As atenções do irmão Michael, e do *père* André antes dele, me tinham deixado numa semiobscuridade sexual da qual receava emergir? O sentimento de culpa do meu querido e defunto pai em relação à explosão dos seus sentidos passara, por junto e sem descontos, para o filho? E que dada a minha timidez no que dizia respeito ao sexo feminino, enquanto o táxi se dirigia a toda a velocidade para o apartamento de Penelope eu temia o momento em que a minha

incompetência seria, literalmente, exposta? E que, graças à sua técnica e gestão estratégica, tudo terminou bem? *Extremamente* bem – melhor do que ela podia sequer ter imaginado, assegurou-me, e Salvo passou a ser o seu garanhão de sonho –, o melhor do seu estábulo, podia ter acrescentado – o seu Macho Alfa Mais de cinco estrelas. Ou, como Penelope mais tarde disse à sua amiga Paula quando julgavam que eu não estava a ouvir, o seu *soldadinho de chocolate* sempre em sentido? E que, uma semana mais tarde, quando ele se encontrava no quarto dela, inchado sob todos os aspectos pela sua insaciável proeza novinha em folha, e tão cheio de gratidão, e pronto a confundir o talento sexual com o grande amor, Salvo, com a sua habitual impulsividade e ingenuidade, lhe propôs casamento, proposta essa que foi logo ali aceite? Não, não contei. Por sorte, consegui pelo menos conter-me. Nem cheguei a dizer a Bridget o preço que tinha pago desde então, ano após ano, por esta terapia tão necessária, mas só porque, nessa altura, já tínhamos passado pelo Hotel Connaught e virado no alto de Berkeley Square.

*

Na minha expansão sentimental, assumia, por nenhum outro motivo para além das expectativas que depositamos na gravidade, que o nosso caminho nos levaria para baixo, em direcção a Picadilly. Mas, de repente, a pressão de Bridget no meu braço aumentou e fez-me subir uns degraus até um portão com um número que eu não tive tempo de ver. O portão fechou-se atrás de nós e ali ficámos, numa sala de entrada com reposteiros de veludo ocupada por dois rapazes louros idênticos vestidos de *blazer*. Não me lembro de ela tocar a uma campainha ou bater, por isso deviam estar a vigiar-nos num ecrã de circuito fechado. Lembro-me de que ambos usavam calças iguais às minhas e que os três botões dos seus *blazers* estavam abotoados. E lembro-me de perguntar a mim mesmo se, no universo em que viviam, era esse o regulamento, e se eu também devia abotoar o meu *Harris Tweed*.

– O chefe está atrasado – disse o rapaz sentado sem tirar os olhos da imagem a branco e preto do portão pelo qual tínhamos acabado de entrar.
– Vem a caminho, certo? Demora uns dez a quinze minutos. Queres deixá-lo aqui connosco ou esperar?

- Espero - respondeu Bridget.

O rapaz estendeu a mão para a minha mala. A um aceno da cabeça de Bridget, entreguei-lha.

A sala em que estávamos tinha por tecto uma cúpula pintada com ninfas brancas e bebês brancos a tocar cometas e uma majestosa escadaria que, a meio, se dividia em duas outras escadas que faziam uma curva até a um mezanino com uma série de portas, todas fechadas. Em baixo da escadaria, havia duas outras portas imponentes, uma de cada lado, com águias douradas de asas abertas em cima. A porta à direita estava barrada por um cordão vermelho de seda. Nunca vi ninguém entrar ou sair. Na porta à esquerda, um sinal vermelho iluminado dizia CONFERÊNCIA A DECORRER SILÊNCIO sem qualquer pontuação. Reparo sempre na pontuação e, assim, se quisermos ser pedantes, podemos interpretar isto como querendo dizer que havia uma conferência sobre o silêncio: o que apenas prova como o meu estado de espírito alternava entre frívolo pós-coito, fora dele e superexcitado. Nunca tomei drogas, mas, se tivesse tomado, é assim que imagino que me sentiria e é por isso que necessitava de definir tudo à minha volta antes que se transformasse noutra coisa.

A guardar a imponente porta estava um porteiro grisalho que podia ser árabe e devia ser mais velho do que os dois rapazes louros juntos, mas que, de nariz achatado, ombros descaídos e as mãos em concha por cima dos tomates, ainda tinha físico de pugilista. Não me lembro de ter subido a escadaria. Se Bridget, nos seus *jeans* justos, tivesse ido à minha frente, lembrar-me-ia e, por isso, devemos ter subido lado a lado. E Bridget já estivera nesta casa. Conhecia a topografia e os rapazes. E também o árabe, pois sorriu-lhe e ele retribuiu o sorriso com adoração e meiguice antes de reassumir o seu ar agressivo de pugilista. Ela sabia, sem que lhe dissessem, onde esperar, uma sala localizada a meio da escada antes de esta bifurcar, coisa que ninguém poderia ter adivinhado do andar de baixo.

Havia duas poltronas, um sofá de cabedal sem braços e revistas de luxo que ofereciam ilhas privadas nas Caraíbas e iates de aluguer com tripulação completa e helicóptero, preço sob consulta. Bridget pegou numa e folheou-a, convidando-me a fazer o mesmo. No entanto, mesmo enquanto fantasiava que *Fram* Hannah e eu partiríamos, sintonizava os ouvidos da mente nas vozes tonitruantes que vinham da sala de conferências porque, por natureza, sou um ouvinte bem treinado e não

apenas só Sala de Conversa. Por mais confuso que esteja, a minha ocupação é escutar e lembrar-me. Além do facto de as crianças secretas nas vastas casas da Missão aprenderem a arrebatar as orelhas para saber o que vai provavelmente cair-lhes em cima a seguir.

Enquanto escutava, detectei o zunido oscilante de máquinas de *fax* a fazer horas extraordinárias nas salas por cima de nós, o trinado de telefones apressadamente abafados e os tensos silêncios quando nada acontecia, mas toda a casa retinha a respiração. De dois em dois minutos, ou menos, uma jovem assistente passava por nós a correr e descia as escadas para remeter um recado ao porteiro, que entreabria a porta e o entregava a alguém no interior antes de tornar a fechá-la e voltar a colocar as mãos por cima dos tomates.

Entretanto, as vozes vindas da sala de conferências ainda me chegavam aos ouvidos. Eram vozes masculinas e cada uma delas era *importante* no sentido em que era uma reunião de homens, todos com o seu próprio peso, em oposição a um líder a falar com subalternos. Notei igualmente que, embora o *som* das palavras fosse inglês, as vozes que falavam eram de várias nacionalidades e possuíam diferentes cadências, ora do subcontinente indiano, ora euro-americano ou colonial-africano branco, muito no estilo das conferências de alto nível nas quais tenho ocasionalmente o privilégio de participar e onde os discursos são em inglês, mas as discussões nos bastidores são conduzidas nas línguas dos delegados individuais com os intérpretes a desempenhar o papel essencial de elos de ligação entre essas almas de Deus que se debatem.

Havia uma voz, contudo, que parecia dirigir-se a mim pessoalmente. Era inglesa nativa, da classe aristocrática, e a sua entoação de altos e baixos era irresistível. As minhas antenas eram tão bem afinadas que, poucos minutos depois, o que eu chamo o meu terceiro ouvido convenceu-me de que se tratava da voz de um cavalheiro que eu conhecia e respeitava, embora não percebesse nem uma única palavra do que ele dizia. Ainda rebuscava na minha memória quem era o orador, quando a minha atenção foi atraída por um estrondo quando a porta do vestíbulo se abriu de par em par para permitir a entrada da cadavérica e ofegante figura do Sr. Julius Bogarde, aliás, Bogey, meu antigo professor de matemática e astro do infelizmente Clube Pronto a Largar do Santuário. O facto de Bogey ter morrido há dez anos quando conduzia um grupo de alunos aterrorizados

pela encosta errada de uma montanha em Cairngorms só serviu para aumentar a minha surpresa perante a sua reencarnação.

– *Maxie* – ouvi Bridget arquejar com reprovadora reverência, pondo-se de pé num pulo. – Seu velhaco. Quem foi a felizarda desta vez?

Mas, na realidade, não era Bogey.

E duvido que as namoradas de Bogey, se tinha alguma, se considerassem felizardas e não o oposto. Mas este tipo tinha os pulsos finos, as passadas maníacas e o ar temerariamente determinado de Bogey, as mesmas guedelhas de cabelo ruivo e desgrenhado, soprado para o lado pelo vento dominante, e maçãs do rosto rosadas. E a sacola de lona cor de caqui descorada pelo sol de Bogey, como as das máscaras de gás do tempo da guerra dos filmes antigos, a balançar do ombro. Os óculos, iguais aos de Bogey, dobravam a circunferência dos seus olhos azuis distantes, faiscando por baixo do lustre quando ele avançou em nossa direcção. E se Bogey tivesse alguma vez vindo a Londres, o que era contrário aos seus princípios, este vestuário era certamente o que escolheria: um decrépito fato tropical de cor ruça para todas as ocasiões e que ele mesmo lavava, camisola sem mangas de Fair Isle e sapatos de camurça coçados. E se, alguma vez, Bogey tivesse de tomar de assalto a majestosa escadaria até chegar onde nos encontrávamos, era exactamente assim que o faria: em três saltos ligeiros, com a sacola da máscara de gás a bater-lhe no flanco.

– O raio da minha bicicleta – queixou-se furiosamente, dando a Bridget um beijo negligente que pareceu ter mais significado para ela do que para ele. – Teve um furo no meio de Hyde Park. O pneu de trás estourou. Duas galdérias apanharam uma barrigada de riso. O das línguas é você?

Virara-se subitamente para mim. Não estou habituado a palavras dessas por parte dos clientes nem a repeti-las diante de senhoras, mas apresso-me a dizer que o homem descrito pelo Sr. Anderson como meu genial companheiro no terreno não era igual a nenhum cliente que eu tivesse conhecido, e fiquei a saber antes, mesmo, de ele me fitar, com o olhar vago de Bogey.

– É o Brian, querido – atalhou rapidamente Bridget, receando que eu pudesse dizer qualquer coisa diferente. – Brian *Sinclair*. O Jack sabe tudo sobre ele.

Uma voz de homem estava a gritar para nós e era a mesma voz que me parecera familiar.

- Maxie! Como é que estás, pá? É tudo ao molhe e fé em Deus!

Maxie não ligou e, quando olhei lá para baixo, ele tinha desaparecido outra vez.

- Sabe com o que é que esta operação tem a ver, *Sinclair*?

- Ainda não, *sir*.

- Aquele cabrão do Anderson não lhe explicou?

- *Querido* - protestou Bridget.

- Disse-me que também não estava ao corrente, *sir*. - E é francês, lingala e suaíli de excelente qualidade, certo?

- Exactamente, *sir*.

- Bembe?

- Não é problema, *sir*.

- *Xi*?

- Também sei xi.

- Queniano-ruandês?

- Pergunta-lhe antes o que é que ele não fala, querido - aconselhou-o Bridget. - É mais fácil.

- Ainda ontem à noite estive a traduzir queniano-ruandês, *sir* - comentei, enviando mensagens de amor a Hannah.

- Que maravilha, murmurou ele em tom pensativo e continuando a observar-me como se eu fosse uma espécie rara.

- Onde é que aprendeu isso tudo?

- O meu pai foi missionário em África - expliquei, lembrando-me demasiado tarde que o Sr. Anderson me tinha dito que eu era filho de um engenheiro de minas. Tinha a palavra *católico* na ponta da língua para, assim, Maxie ficar a saber toda a história, mas Bridget fuzilava-me com os olhos e eu decidi guardar o que ia dizer para mais tarde.

- E o seu francês é cem por cento, não é verdade? Sentindo-me lisonjeado com a natureza positiva do interrogatório, hesitei.

- Nunca pretendi que fosse cem por cento, *sir*. Esforço-me por alcançar a perfeição, mas há sempre espaço para melhorar... é o que digo a todos os clientes, dos mais importantes aos mais humildes - mas, ao dizê-lo a Maxie, soou-me ainda melhor.

- Bem, o meu francês é de nível O, ripostou ele. - O seu olhar flutuante não deixara o meu nem sequer por um instante.

- Sente-se capaz, certo? Está disposto a dar o litro?

- Se for para o bem do país, *sir* - retorqui, ecoando a minha resposta ao Sr. Anderson.

- É bom para o país, bom para o Congo e bom para África - assegurou-me.

E foi-se embora, mas não antes de eu ter notado outros pontos de interesse no meu novo patrão. Usava um relógio de mergulho no pulso esquerdo e, no outro, uma pulseira de ouro. A julgar pela textura, tinha a mão direita à prova de bala. Uns lábios de mulher roçaram-me a testa, e, por momentos, convenci-me de que eram de Hannah, mas, afinal, era Bridget a dar-me um beijo de despedida. Depois, não sei quanto tempo mais esperei. Ou o que é que eu desencantei como tema de reflexão para mais de dois segundos. Claro que reflecti sobre o novo líder recentemente encontrado e tudo o que se tinha passado entre nós no decorrer da nossa breve troca de palavras. *Bembe*, repeti uma data de vezes. Bembe sempre me fizera sorrir. Era o que nós, os miúdos da Missão, gritávamos uns aos outros no campo de lama vermelha quando jogávamos à bola debaixo de chuva torrencial.

Também me lembro de ficar irritado por Maxie e Bridget terem desertado ao mesmo tempo, e houve um momento deprimente quando desejei estar de novo na festa de Penelope, o que fez com que me levantasse de um salto, decidido a telefonar a Hannah do vestíbulo, por mais disparatado que fosse. Já descia a escadaria - o corrimão de cobre estava impecavelmente polido e senti-me culpado por lá colocar a palma suada da minha mão - e estava a ganhar coragem para atravessar a sala sob o olhar do corpulento porteiro quando as portas da sala de conferência se abriram em câmara lenta e os seus ocupantes saíram aos dois e três até se reunirem cá fora.

*

Neste ponto, tenho de me mostrar prudente. Quando se entra no meio de um grupo grande e animado com rostos em parte públicos, temos de lhe tirar os retratos mentais e começar a dar-lhes nomes adequados. Mas serão os nomes certos? Dos dez, ou onze, brancos, consigo identificar dois importantes presidentes corporativos da *City*, um ex-porta-voz de Downing Street, actualmente consultor independente, um septuagenário feito

cavaleiro especialista em OPAs para se apoderar de companhias, e uma eterna estrela de *pop* e íntimo dos jovens príncipes que, recentemente, tem sido objecto de alegações no jornal de Penelope sobre o seu envolvimento em drogas e sexo. Os rostos destes cinco indivíduos estão gravados na minha memória para sempre. Reconheço-os assim que os vejo. Permaneciam em grupo e falavam em grupo a menos de três metros de onde eu me encontrava de pé. Ouvia fragmentos das suas conversas.

Não conhecia nenhum dos dois indianos, embora, desde então, tenha identificado o mais ruidoso como sendo o fundador de um império de roupas no valor de muitos bilhões de libras com sede em Manchester e Madras. Dos três africanos negros, o único familiar era o antigo ministro das finanças, em exílio, de uma república da África Ocidental, que, dadas as minhas presentes circunstâncias, não nomearei. Assim como os seus dois companheiros, parecia descontraído e ocidentalizado em termos de roupa e comportamento.

Segundo a minha experiência, os delegados que saem de uma conferência tendem a encontrar-se num dos seguintes estados de espírito: ressentidos ou exuberantes. Estes estavam exuberantes, mas belicosos. Tinham esperanças extravagantes, mas também tinham inimigos. Um desses inimigos era *Tabby*³, como os gatos, cuspidos por entre os dentes amarelados do especialista em OPAS de setenta e tal anos. *Tabby* era um filho da mãe nojento, até mesmo pelos padrões da sua profissão, estava ele a dizer à sua audiência indiana; seria um verdadeiro prazer pregar-lhe uma partida quando houvesse oportunidade. No entanto, estas impressões efêmeras foram varridas da minha mente pela saída tardia de Maxie da sala de conferências, tendo ao seu lado, tão alto como ele, mas mais elegante em porte e vestuário, o dono da voz que parecia falar comigo enquanto eu estava à espera nas escadas: Lord Brinkley das Areias, amante das artes, empresário, personalidade da alta sociedade, antigo ministro do Partido Trabalhista e – sempre o seu trunfo no que me dizia respeito – há muito tempo defensor e campeão de tudo que era africano.

E acrescentarei imediatamente que a minha impressão de Lord Brinkley em pessoa confirmava amplamente o meu grande respeito por ele quando o via na televisão ou o ouvia através do meu meio de comunicação preferido, a rádio. As suas feições bem cinzeladas, o queixo firme e a juba esvoaçante reflectiam precisamente o sentido das intenções elevadas que

eu sempre tinha associado à sua pessoa. Quantas vezes não o tinha eu aplaudido freneticamente quando ele admoestava o mundo ocidental por não possuir uma consciência africana? Se Maxie e Lord Brinkley davam o braço numa secreta iniciativa pró-congolesa – e, agora, caminhavam em direcção a mim literalmente de braço dado –, eu sentia-me verdadeiramente honrado por participar nela!

Lord Brinkley também tinha a minha estima por uma razão pessoal, quer dizer, Penelope. Enquanto eu pairava respeitosamente à beira do grupo, lembrei-me com prazer como Sir Jack, como ele era conhecido então, tinha processado o jornal dela por danos devido a alegações infames acerca dos seus negócios financeiros e como a sua triunfante vindicação causara tensões na nossa felicidade doméstica, com Penelope, como de costume, a defender a sagrada liberdade da imprensa de difamar quem lhe apetecesse, e Salvo a tomar partido por Sir Jack, considerando a franca simpatia deste pelo continente africano e a sua determinação em libertar os seus povos da tripla maldição da exploração, corrupção e doenças, e, desse modo, propondo de novo a discussão do caso em termos económicos como merecia.

A minha indignação tinha sido realmente tão grande que, sem o conhecimento de Penelope, escrevera uma carta pessoal e privada de apoio a Lord Brinkley, à qual ele tinha tido a amabilidade de responder. E foi este parentesco pessoal – misturado com, admito, um certo orgulho de legitimidade como um dos seus mais leais admiradores – que me deu coragem para sair do meu lugar na sombra e me dirigir a ele de homem para homem.

– Desculpe-me, *sir* – disse, lembrando-me que tudo isto era uma operação sigilosa e que, por isso, seria prudente não o tratar, o que poderia ter feito, por «Lord Brinkley», «Meu Senhor», ou «Sua Senhoria».

Ao ouvir-me, ele deteve-se delicadamente, bem como Maxie. A expressão espantada deles levou-me a supor que não sabiam ao certo a quem se dirigia esse *sir* e, assim, mudei de posição, de modo a pôr-me directamente diante de Lord Brinkley. E tive o prazer de notar que, embora Maxie mantivesse a reserva, Lord Brinkley sorria de novo amavelmente. Com um certo tipo de pessoas, recebe-se um duplo sorriso quando se tem a minha cor de pele: primeiro, o sorriso simbólico e, depois, o sorriso excessivamente caloroso dos brancos liberais. Mas o sorriso de Lord

Brinkley era a aplicação da boa vontade espontânea em todo o seu esplendor.

– Só quero dizer que estou muito orgulhoso, *sir* – disse-lhe. Gostaria de ter acrescentado que, se Hannah soubesse, também se sentiria igualmente orgulhosa, mas contive-me.

– Orgulhoso? Orgulhoso de quê, meu caro rapaz?

– De participar, *sir*. De trabalhar para si, seja em que qualidade for. O meu nome é Sinclair, *sir*. O intérprete que o Sr. Anderson enviou. Francês, suaíli, lingala e outras línguas africanas menores.

O amável sorriso não vacilou.

– Anderson? – repetiu, esquadrinhando a memória. – Desculpe, mas não me lembro. Deve ser um amigalhaço aqui do Maxie.

É claro que isso me surpreendeu, pois tinha erradamente assumido que o *Jack* mencionado pelo Sr. Anderson era o homem que estava à minha frente, mas tal não era obviamente o caso. Entretanto, a bela cabeça leonina de Lord Brinkley erguera-se, aparentemente em resposta a um apelo vindo do fundo da sala, embora eu não o tivesse ouvido.

– Vou já ter contigo, Marcel. Tenho uma conferência marcada para a meia-noite e quero-os aos três ao meu lado. Dêem os últimos retoques antes que o idiota do Tabby crie mais situações de *suspense* à última hora.

Foi-se embora à pressa, deixando-me com Maxie, que me olhava de modo trocista. Os meus olhos, contudo, permaneciam afectuosamente fixos em Lord Brinkley. De braços graciosamente esticados, ele juntava os três africanos num só abraço: recurso persuasivo em qualquer língua, como atestava a radiante expressão dos seus rostos.

– Está preocupado com alguma coisa, meu velho? – inquiriu Maxie, observando-me, discretamente divertido, com os seus olhos à Bogey.

– Com nada, *sir*. Perguntava-me apenas se não teria cometido uma indiscrição.

Maxie soltou uma gargalhada rouca e, com a mão à prova de bala, deu-me uma palmada no ombro.

– Portou-se lindamente. Meteu-lhe um cagaço. Trouxe alguma mala? Onde é que está? Já para o balcão da recepção. Marchar!

E, fazendo um aceno vago à distinta companhia, abriu caminho através da multidão até ao vestíbulo onde um rapaz louro me entregou a mala. Um grande carro com janelas de vidro esfumado e de portas abertas

encontrava-se estacionado à beira do passeio; uma luz azul girava no tejadilho e um motorista à paisana estava ao volante. Um tipo nodoso com o cabelo cortado à escovinha pairava no passeio e um gigante, de rabo de cavalo grisalho e blusão de cabedal, já estava sentado no canto de trás do carro. O de cabelo à escovinha meteu-me no banco de trás ao lado dele e fechou a porta com estrondo atrás de si. Maxie deixou-se cair no banco da frente ao lado do motorista. Duas motas da polícia surgiram a roncar no largo, vindas da Rua Mount, e o nosso motorista arrancou velozmente atrás delas.

Mas ainda tive tempo de olhar para trás por cima do ombro. Sob pressão, sou assim. Dizem-me que olhe para um lado e eu olho para o outro. Virei-me e, através da janela de trás, que era translúcida, olhei demoradamente para a casa de onde tínhamos acabado de sair. Vi três ou quatro degraus que conduziam a uma porta azul ou, se calhar, preta, fechada. Vi duas grandes câmaras de circuito fechado por cima, lá no alto. Vi uma fachada plana de tijolo em estilo inglês com janelas de correr e persianas fechadas. Tentei ver o número da porta, mas não havia nenhum. A casa desapareceu num instante, mas nunca venham dizer-me que não estava ali. Estava e eu vi-a. Tinha passado pelas suas portadas e apertado a mão ao meu herói Jack Brinkley, e, segundo Maxie, acagaçara-o.

*

Então, pergunta o leitor, não estava Salvo, o nosso agente secreto neófito, aterrorizado por seguir a uma velocidade louca pelos engarrafamentos de sexta-feira, numa Londres bombardeada, na companhia de gente que não conhecia e destinado a perigos que apenas podia pressentir? Não, não estava. Partia para servir os seus patrões, e para o bem do seu país, o Congo, o Sr. Anderson e Hannah. Veio-me novamente à cabeça a nossa vizinha, Paula, confidente de Penelope e suspeita de agressividade sexual, que estudou psicologia numa universidade canadiana secundária. Sem muitos clientes que lhe paguem, Paula tem o hábito de praticar as suas artes com quem quer que seja suficientemente incauto para se extraviar no seu território, razão pela qual veio a informar-me, depois de se ter embebido em grande parte da minha garrafa de *Rioja*, que, entre outras deficiências, me faltava *consciência predatória*.

Éramos cinco dentro do carro, que, de Berkeley Square, ia a toda a velocidade para oeste, seguindo a nossa escolta pelas vias reservadas aos autocarros, passando os semáforos vermelhos, contornando rotundas pelo lado errado, e, contudo, o ambiente no interior era tão calmo como numa excursão pelo rio. Recortado contra o pára-brisas, o nosso motorista à paisana metia tão levemente as mudanças que mal parecia mexer-se. Ao lado dele, Maxie, recostado e sem o cinto de segurança, tinha ao colo a máscara de gás aberta e consultava uma agenda bolorenta à luz da pequena lâmpada por cima da sua cabeça, enquanto dava ordens por um telemóvel, em tom desenvolto.

– Onde é que raio pára o Sven? Diz-lhe para se pôr a andar e tomar o avião esta noite. Quero sessenta aviões prontos a partir no fim da próxima semana. Se ele tiver de fretá-los da Cidade do Cabo, tanto pior. E em bom estado, Harry. Rodados, mas não velhos de mais, percebes? Uma data de dinheiro, seguro completo. Que mais queres? Putas de graça?

Eu estava a travar conhecimento com os variados companheiros sentados ao meu lado. O de rabo de cavalo grisalho à minha direita chamava-se Benny, disse-me, apresentando-se com um aperto de mão que me esmagou os ossos, e tinha uma envergadura e uma pele com marcas de varíola de um *boxeur* decadente. Pela voz, calculei que fosse da Rodésia. O de cabelo à escovinha à minha esquerda tinha metade do tamanho de Barney e era um *cockney* de gema, embora dissesse chamar-se Anton. Vestia um casaco melhor do que o meu, calças de gabardina impecavelmente passadas a ferro e sapatos castanhos com biqueiras reforçadas. Já referi o apreço que tenho por sapatos bem engraxados.

– É toda a bagagem que traz, patrão? – murmurou Anton, empurrando o meu saco *Rexine* com a biqueira do sapato.

– É toda a nossa bagagem, Anton.

– O que é que, então, está lá dentro? – disse, mexendo tão pouco os lábios que a maior distância seria impossível perceber que estava a falar.

– Objectos pessoais, amigo – respondi com vivacidade.

– Pessoais como, patrão? Como um gravador, uma automática de nove milímetros? Ou como cuequinhas de seda? Hoje em dia nunca se sabe o que é pessoal, não é assim, Benj?

– O que é pessoal é sempre um mistério – concordou Big Benny do meu outro lado.

No banco da frente, Maxie prosseguia o seu monólogo terra a terra sem esmorecer.

– Não me interessa que horas da noite são. O Corky nunca dormiu na vida. Se não estiver pronto daqui a cinco dias, vai faltar à festa. Bem, tens a porra de um lápis à mão ou também o perdeste?

Passámos por Knightsbridge e, depois, por Chelsea, e fiquei contente por não ver nenhuma criança gelada pendurada no muro do aterro. As nossas escoltas de mota dirigiam-se para oeste. Passando outro semáforo vermelho, viraram à esquerda para o sul, provocando uma incontável explosão na minha cabeça. Atravessávamos Battersea Bridge! Estávamos a um quilómetro do número 17, Norfolk Mansions, de Prince of Wales Drive, o *meu* apartamento, o apartamento *dela*, o *nosso* apartamento, e cada vez mais perto! Uma visão idealizada da nossa vida conjugal surgiu diante de mim, semelhante à que impingira a Bridget. À minha esquerda, estendia-se o *nosso* parque onde, em breve, planeava levar o *nosso* filho à feira de diversões! E, atrás de mim, corria o *nosso* rio! Quantos passeios pós-prandiais e pós-coitais não tínhamos Penelope e eu partilhado ao longo dos seus caminhos? Olhem, a janela do nosso quarto! Na minha pressa para vestir o *smoking*, deixei as luzes acesas!

Acalmei-me. Os agentes secretos da coroa não deviam exceder-se, nem mesmo aqueles que trabalhavam a tempo parcial, nem mesmo quando um raio lhes caía em cima. No entanto, ver a minha Battersea a estender os braços para o seu filho errante reduzira-me a um estado de terror irracional, familiar a todos os adúlteros que enganam a mulher pela primeira vez: terror de ser posto no olho da rua só com uma mala; de perder o respeito da soberba mulher de quem nos lembramos tarde de mais que amamos e desejamos acima de todas as outras; de perder a colecção de CDs e o lugar que é nosso, mesmo que seja duvidoso; de morrer uma morte anónima debaixo de um arbusto em Hasmpstead Heath.

Atravessávamos a ponte a uma distância da porta da frente de minha casa que, se alguém gritasse, ouvia-se, quando a nossa escolta policial se afastou e o nosso motorista virou novamente à esquerda, desta vez descendo uma rampa e passando por um portão aberto até travar, com um guinchar de pneus. As portas do carro abriram-se e entrou um barulho ensurdecido de motores, mas, na minha confusão, não o localizei. Depois vi, a menos de trinta metros, um helicóptero prateado, com os rotores a

girar, a brilhar no meio de um círculo de lâmpadas de sódio.

– Aonde é que vamos? – gritei a Anton quando este saltou agilmente para a pista.

– Dar o passeio da sua vida, patrão! Londres à noite! Tire-me *já* esse cu daí!

Maxie ainda não tinha dado três passadas em direcção ao helicóptero quando se virou com a sacola da máscara de gás a bater-lhe na anca. Empurrando Anton para o lado, inclinou-se para dentro do carro.

– Passa-se alguma coisa, meu velho?

– É a minha casa, *sir*. Mesmo ao fundo da rua. A uns quinhentos metros. É onde vivo com a minha mulher. É a noite dela – expliquei, esquecendo-me mais uma vez, na minha perturbação, que a minha morada era uma caixa postal.

– O que é que quer dizer com isso de que é a noite *dela*, meu velho?

– A festa dela, *sir*. Foi promovida no emprego. É jornalista de alto nível.

– Muito bem. O que é que quer fazer? Vir connosco ou ir para casa da mamã e deixar-nos na merda?

A improvável figura de Thorne, o «Clarim», veio a galopar em meu socorro, acompanhado por todos os outros Thornes mais os jantares de frango que eu tinha metaforicamente atirado para o lixo, ou que não me dera ao trabalho de atirar. No estado de disposição instável que começava a esperar de mim próprio, senti-me envergonhado por, num momento de fraqueza, as minhas intenções elevadas terem cedido perante considerações tão triviais. Com Maxie à frente e ladeado por Big Benny e Anton, saltitei até ao helicóptero que nos esperava. Ben ajudou-me a subir os degraus e içou-me pela escotilha aberta. Anton empurrou-me para um lugar à janela e sentou-se firmemente ao pé de mim, enquanto Maxie se comprimiu ao lado do piloto e enfiou um par de auscultadores.

De repente, *Fram* era a sério. A central eléctrica de Battersea afundou-se debaixo de nós, levando Prince of Wales Drive com ela. Estávamos a duzentos metros acima da realidade e balançávamos rumo ao norte. Passando a rasar por cima do tráfego engarrafado em Park Lane, lancei um olhar para o campo de Lord Cricket, mas ninguém estava a jogar. A seguir, para deleite e mágoa do meu coração, avistei o hospital onde, à cabeceira de um moribundo, ontem à noite eu renascera. Esticando o pescoço, vi-o desaparecer no horizonte. Os meus olhos encheram-se de lágrimas.

Fechei-os e devo ter adormecido durante uns minutos porque, quando voltei a olhar, as luzes do aeroporto de Luton envolviam-nos e o meu único desejo era telefonar a Hannah desse lá por onde desse.

*

Todos os aeroportos, apercebo-me eu agora, têm um lado luminoso e um lado sombrio. Ao longe, aviões aterravam e descolavam, mas, quando atravessámos apressadamente a área interdita ao público, o maior barulho provinha dos saltos dos meus sapatos emprestados a bater no cimento. Uma obscuridade húmida envolvia-nos e, à nossa frente, erguia-se um barracão verde, afundado entre montes de terra, com as portas abertas para nos receber. O ambiente no interior era de uma sala de instrução militar. Estavam lá oito brancos robustos, com roupa informal e sacos de soldado aos pés. Maxie juntou-se a eles, dando uma palmada nas costas ali e um duplo aperto de mão à africana acolá. Olhei em redor à procura de uma cabina telefónica, mas não vi nenhuma. E, de qualquer modo, onde é que iria arranjar trocos?

– Onde é que está o *Spider*, caraças?

– Vem já aí, chefe – respondeu respeitosamente Anton. – Disse que a carrinha dele anda a funcionar mal.

Avistei uma porta marcada RESERVADA AO PESSOAL e entrei.

Não tinha telefone. Saí e vi Maxie a conversar a um canto da sala com um homem de aspecto dispéptico, de boina preta à banda, gabardina comprida e uma pasta na mão. Os dois tentavam comunicar em francês, mas o de Maxie, como ele correctamente me informara, era atroz. Poderia esse homem ser o misterioso Philip, ou *Philippe*? Não tinha tempo nem disposição para verificar o assunto. Um rapaz de fato de treino recolhia telemóveis, colava-lhes rótulos e atirava-os para dentro de uma caixa de cartão, distribuindo senhas de vestiário como recibos. Via a possibilidade de falar com Hannah diminuir a cada aparelho desses que entrava na caixa.

Fiz apelo a Anton:

– Preciso de fazer um telefonema urgente.

– A quem, patrão?

– À minha mulher.

– E por que é que precisamos de falar com a nossa mulher, se não estou

a ser indiscreto? Há oito anos que não falo com a minha.

- Estamos a viver uma pequena crise familiar. Um amigo nosso muito querido está doente e ela está, neste momento, à sua cabeceira. No hospital. A tratar dele. Está a morrer.

Maxie deixara o francês para se aproximar de nós. Parecia que nada lhe escapava.

- A morrer onde, meu velho?

- No hospital, *sir*.

- De quê?

- De uma doença sanguínea grave. Demasiado avançada para os médicos o curarem.

- Que porra de maneira de ir desta para melhor. Em que hospital?

- O que fica em North London.

- É público ou privado?

- Público. Com quartos privados. Alguns. Tem um andar especial para as doenças do sangue.

- Deve querer durar mais um ano. Os tipos que estão a morrer querem sempre durar mais um ano. Ele quer viver mais um ano?

- Não me disse, *sir*. Bem, pelo menos até agora. Não ouvi nada.

- Ele consegue engolir?

Lembrei-me do fedor a álcool metílico do bafo de Jean-Pierre. Sim, conseguia engolir.

- O meu conselho é dar-lhe uma *overdose*. Uma garrafa de aspirina solúvel e já está. Esconda-a debaixo da almofada dele e a sua mulher que não deixe lá impressões digitais. Tens aí o teu telemóvel, Anton?

- Aqui está, chefe.

- Ele faz a chamada e, depois, entrega-o aos rapazes. São proibidos telemóveis nesta operação. E não se pode fumar – gritou para toda a sala.

- É o último cigarro, malta. Apaguem-nos *imediatamente*!

- Preciso de privacidade – disse a Anton assim que ficámos novamente sós.

- Todos nós, patrão – retorquiu, sem se mexer de onde estava.

Tirei o meu casaco *Harry Tweed* e enrolei a manga esquerda da camisa, expondo o número do telefone e da extensão do pavilhão onde trabalhava Hannah escrito pela sua própria mão com a caneta de ponta de feltro tirada de detrás da sua orelha. Marquei o número e uma voz de mulher

cantarolou – Tropical –, com sotaque jamaicano.

– Sim, olá, Grace – disse, jovialmente. – Estou a telefonar por causa do doente Jean-Pierre. Creio que a Hannah está à cabeceira dele. Posso falar com ela, por favor?

– Salvo? – O meu coração sobressaltou-se, mas era ainda Grace que falava. – É você, Salvo? O intérprete?

– Sim, sou eu, e gostaria de falar com a Hannah, por favor – mantendo o telefone encostado com força ao ouvido por causa da presença de Anton. – É pessoal e um bocadinho urgente. Pode ter a amabilidade de a chamar? Diga-lhe apenas que é... – ia dizer Salvo, mas retive-me a tempo. – Que sou eu – acrescentei, sorrindo a Anton.

Ao contrário de Hannah, Grace mexia-se em andamento africano. Se valia a pena fazer alguma coisa, mais valia que fosse com todo o vagar.

– A Hannah está ocupada, Salvo – lá se lamuriou ela, finalmente.

– *Ocupada?* Ocupada com quem? – adoptei um tom militar à Maxie.

– De qualquer modo, talvez possa falar com ela só por um minuto, OK? É importante, Grace. Ela sabe *exactamente* de que é que se trata. Se não se importa, por favor.

Outra demora monumental pacientemente partilhada por Anton.

– Você está bem, Salvo?

– Estou óptimo. Ela está aí?

– A Hannah está agora com a enfermeira-chefe numa reunião realmente da pesada. Não querem nada ser incomodadas. O melhor é telefonar mais tarde, Salvo. Talvez amanhã, que é o dia de folga dela.

Com a *Matrona*? A mesma Matrona que governa o mundo? *Realmente da pesada?* Sobre o quê? *Dormir com intérpretes casados?* Tenho de lhe deixar um recado, mas que recado?

– Salvo? – Novamente a voz de Grace.

– O que é?

– Tenho notícias muito tristes para lhe dar.

– Quais são?

– O Jean-Pierre. O velhote que dormia ao relento. Perdemo-lo, Salvo. A Hannah ficou desolada. E eu também.

Nesse instante, devo ter fechado os olhos, e, quando voltei a abri-los, Anton tirou-me o telemóvel da mão e entregou-o ao rapaz de fato de treino.

- É esse o nome da sua mulher? - perguntou. - Hannah?
- Por que não?
- Eu cá não sei, patrão, pois não? Depende de quem mais tem escrito no braço, não é?

Os homens de Maxie estavam a pôr os sacos ao ombro e a entrar na escuridão. Um avião não identificado, maciço, ameaçador, recortava-se indistintamente na obscuridade. Anton caminhou ao meu lado enquanto Big Benny se ocupava do francês com boina.

3 *Tabby*, gato. (*N. do T.*)

É um facto conhecido que, na véspera das batalhas, os pensamentos dos recrutas mais leais vagueiam em direcções imprevistas e alguns deles chegam a rebelar-se. Não vou pretender que, nesse aspecto, os meus pensamentos fossem isentos, dado que a decoração e os sistemas de ventilação e iluminação da nossa máquina voadora eram mais adequados ao transporte de cães premiados, e o uivar dos dois motores, quando me habituei, era uma mistura de todas as vozes que eu não queria ouvir, com a de Penelope em primeiro lugar. Em vez de assentos acolchoados, tínhamos jaulas de ferro equipadas com enxergas sujas, que se abriam para uma passagem central. Havia umas redes para dormir, cor de laranja, penduradas do tecto, e umas pegas onde aqueles que desejavam saltar para o desconhecido podiam agarrar-se. O único factor atenuante era a presença de Anton e de Benny em celas ao lado da minha, mas Benny parecia estar a calcular as despesas domésticas e Anton estava ostensivamente absorto numa revista pornográfica bastante antiga.

A cabina de pilotagem, considerada o santuário dos aviões por muita gente, estava separada por uma fita esfarrapada e os nossos dois pilotos, de meia-idade, gordos e com a barba por fazer, tinham-se concentrado tanto em ignorar os passageiros que podíamos muito bem ter-lhes perguntado se eles ainda sabiam que existíamos. Acrescente-se a isto uma fileira de luzes de corredor azuis, evocativa de um certo hospital de North London, e não era de admirar que as minhas intenções elevadas cedessem perante as viagens sentimentais que eu fazia no vaivém recentemente inaugurado entre Penelope e Hannah.

Poucos minutos depois de descolarmos, quase toda a nossa equipa fora vítima da doença africana do sono e usava os sacos de equipamento como travesseiro. As duas excepções eram Maxie e o seu amigo francês, que, encostados um ao outro no fundo do avião, trocavam folhas de papel como um casal ansioso que tivesse recebido uma carta ameaçadora de um banco

por causa de uma hipoteca. O francês tinha tirado a boina, expondo um rosto aquilino, olhos penetrantes e uma careca com cabelos cor de palha à volta. O nome dele, que eu extraí ao lacónico Benny, era Monsieur Jasper. Que francês alguma vez se chamou Jasper? – perguntei-me com incredulidade. Mas talvez ele estivesse, como eu, a viajar sob um pseudónimo.

– Acha que eu devia ir ter com ele para lhes oferecer os meus serviços?
– perguntei a Anton, suspeitando que os dois tivessem dificuldade em comunicar.

– Se ele precisar dos seus serviços, diz, patrão – retorquiu ele sem tirar os olhos da revista.

Quanto ao resto dos membros da equipa, com excepção de um, nada sei. Lembro-me deles como sendo um grupo com ar sinistro, anoraques volumosos e bonés de baseball, que se calavam sempre que eu me aproximava.

– Os problemas da sua mulher foram resolvidos, meu velho? A propósito, a malta aqui trata-me por chefe.

Devia ter adormecido porque, quando levantei a cabeça, deparei com os olhos azuis de Maxie agachado, como um árabe, junto do meu cotovelo. O meu espírito reanimou-se instantaneamente. Quantas vezes não tinha escutado o irmão Michael a regalar-me com as proezas de armas do coronel T. E. Lawrence e de outros grandes ingleses na guerra? Com o toque de uma varinha de condão, o interior do avião transformou-se numa tenda nómada árabe. As redes por cima das nossas cabeças tornaram-se um tecto de peles de carneiro e, na minha imaginação, estrelas do deserto espreitavam através das aberturas.

– A minha mulher está bem e tudo foi resolvido, obrigado, chefe – respondi, adaptando os meus modos enérgicos aos dele. – Fico contente por dizer que não há mais problemas nesse sector.

– E esse seu amigo doente?

– Oh, bem, acabou por morrer – respondi, com igual à-vontade.

– Pobre tipo. Não vale a pena ficarmos atrás do rebanho quando chega a nossa hora. É admirador do Napoleão?

– Bem, não exactamente – retorqui sem querer admitir que as minhas investigações históricas se limitavam a *Cromwell, Our Chief of Men*.

– Por volta da altura em que ele chegou a Borodino, já não sabia o que

havia de fazer. Andou como um sonâmbulo em Smolensk, e estava gagá em Borodino, destruído aos quarenta. Não conseguia mijar nem pensar. Faltam-me três anos. E a si?

- Bem, doze, para dizer a verdade - respondi, espantando-me interiormente que um homem que não sabia francês tivesse escolhido Napoleão para seu herói.

- Vai ser rápido. O Anderson disse-lhe isso? - prosseguiu sem esperar por a minha resposta. - Entramos em bicos dos pés, falamos com uns congoleses, fazemos negócio com eles, assinam um contrato e saímos novamente em bicos dos pés. Demora, no máximo, seis horas. Cada um deles já disse que sim separadamente, mas, agora, temos de os fazer dizer sim uns aos outros. Oficialmente, estão noutra sítio e é onde terão de estar quando o relógio der meia-noite. Está a perceber o que lhe estou a dizer?

- Estou, sim, chefe.

- É a sua primeira operação?

- Receio bem que sim. O meu baptismo de fogo, pode-se dizer - admiti com um sorriso triste para indicar que estava ciente da minha desvantagem. E, sem conter a curiosidade: - Suponho que não pode dizer-me onde é que vamos, *sir*?

- A uma pequena ilha no norte onde ninguém irá incomodar-nos. Quanto menos souber agora, melhor dormirá mais tarde - aconselhou, permitindo que as suas feições se descontraíssem um pouco. - Estes trabalhos são sempre a mesma coisa. «Rápido e depois aguardar» e, a seguir, «Onde raio é que estamos?» E, no momento seguinte, damo-nos conta que há mais dez caras de cu na corrida, que os nossos companheiros estão espalhados pelo mundo fora e que o pneu sobressalente teve um furo.

O seu olhar irrequieto pousou numas caixas com feitiço de malas pintadas de preto e todas do mesmo tamanho, empilhadas num compartimento junto da cabina. Na sua base, enrolado num colchão como um bezerro recém-nascido, um homem que parecia um gnomo, com um boné de pano e um colete acolchoado, parecia dormir tão profundamente como os seus camaradas.

- Toda essa porcaria funciona realmente, *Spider*? - perguntou Maxie, elevando a voz para ser ouvido.

O gnomo deu imediatamente uma cambalhota acrobática e pôs-se comicamente em sentido diante de nós.

- Julgo que sim, chefe. Pelo aspecto, não vale nada - retorquiu alegremente e o meu ouvido de intérprete de primeira classe identificou logo o seu sotaque como sendo galês. - Com doze horas para o montar e pelo preço que custou, que mais se pode esperar?

- O que é que temos para comer?

- Bem, já que perguntou, chefe, um doador anónimo enviou generosamente um cesto de comida. Ou, pelo menos, julgo que seja anónimo porque, por mais que se procure, não se encontra nenhum nome.

- Há alguma coisa lá dentro?

- Para dizer a verdade, não há muito. Um presunto de York, penso eu. Cerca de um quilo de *foie gras*, umas fatias de salmão fumado, carne assada fria, bolachas de queijo *Cheddar*, uma garrafa grande de champanhe. Nada que aguace o apetite. Até pensei em devolver.

- Comemos isso tudo no regresso - atalhou Maxie, interrompendo-o. - Que mais há no menu?

- *Chow min*. O melhor de Luton. Por esta altura, já deve estar frio e excelente.

- Então, serve-nos lá, *Spider*. E cumprimenta aqui o das línguas. O nome é Brian e foi-nos emprestado pela Sala de Conversa.

- A Sala de Conversa, eh? Bem, traz-me muitas recordações. O *atelier* de trabalhos forçados do Sr. Anderson. Ele ainda é barítono? Não está castrado nem nada do género?

Spider, nome pelo qual eu agora o conhecia, sorriu-me com os seus olhos de botão e retribuí-lhe o sorriso, seguro de ter arranjado outro amigo no nosso grande empreendimento.

- E sabe falar à militar - anunciou Maxie, tirando da sacola de máscara de gás um velho cantil de lata forrado de tecido caqui e uma embalagem de biscoitos *Bath Oliver*. O cantil, contudo, soube mais tarde, tinha água de Malvern.

- De que expressões militares estamos a falar, chefe? - contra-ataquei.

O meu *chove min* estava frio e pegajoso, mas eu estava decidido a apreciá-lo.

- Armas, artilharia, potência de fogo, calibre, toda essa trampa - respondeu ele, dando uma dentada num biscoito *Bath Oliver*.

Assegurei-lhe que, graças à minha experiência da Sala de Conversa, eram-me familiares uma série de termos técnicos e militares.

- Mas o que acontece basicamente é que, nos casos em que não há vernáculo equivalente, vão buscá-lo à linguagem colonial mais próxima - acrescentei, entrando no espírito da conversa. - No caso dos congoleses, seria naturalmente o francês. - E, incapaz de me conter. - A não ser, claro está, que tenham sido treinados no Ruanda, ou no Uganda... Aí, vai encontrar um inglês em segunda mão, como *Mag*, *ambush* ou *bazooka*.

Maxie não pareceu mais do que delicadamente interessado.

- Quer dizer, então, que um munyamulenge a falar como um bembe diria *semi-automatique*, nesse caso?

- Bem, assumindo que conseguissem falar um com o outro - retorqui, desejoso de exhibir os meus conhecimentos.

- O que é que isso quer dizer, meu velho?

- Bem, por exemplo, um bembe pode falar queniano-ruandês, mas não consegue comunicar totalmente com um tipo do Quênia.

- Então o que é que eles fazem? - perguntou, limpando a boca com o pulso.

- Basicamente, desembaraçam-se com o que têm em comum. Cada um deles compreende o outro... até certo ponto, mas não necessariamente sempre.

- E depois?

- Tentam falar um pouco de suaíli, um pouco de francês. Depende realmente do que sabem.

- A não ser que o tenham a si à mão, não é? Você fala todas essas línguas.

- Bem, nesse caso, sim - respondi com modéstia. - Eu não interferiria, claro está, e aguardaria para ver o que era necessário.

- Quer dizer, então, que, sejam quais forem as línguas que eles falem, você fala-as ainda melhor, não é? Tanto melhor para nós - disse pensativamente. Mas era claro pelo seu tom de voz que não estava tão satisfeito como as suas palavras sugeriam. - A questão é a seguinte... Precisamos de lhes dizer tudo isso? Talvez fosse melhor sermos manhosos e não mostrar a mercadoria.

Mercadoria? Que mercadoria? Ou estava ele ainda a falar da minha competência em assuntos militares? Exprimi prudentemente a minha confusão.

- A *sua* mercadoria, por amor de Deus! O seu arsenal de línguas. Todos

os miúdos sabem que nenhum soldado anuncia a sua força ao inimigo. O mesmo se passa com as línguas que você sabe. Não diga nada a ninguém até precisarmos de as sacar cá para fora. É puro bom senso.

Estava a começar a perceber que Maxie possuía uma magia cativante e perigosa. Parte dessa magia consistia em fazer-nos sentir que o seu plano mais bizarro era o normal, mesmo quando ainda não tínhamos descoberto qual era exactamente o plano.

– Vamos tentar a seguinte abordagem – sugeriu, como se me propusesse um compromisso que satisfaria as minhas normas excessivamente exigentes. – Suponha que anuncia que fala inglês, francês e suaíli, e é tudo? É mais do que suficiente para quem quer que seja. E guardamos as suas outras línguas entre nós. O que é que acha? É um tipo diferente de desafio para si. E novo.

Se o tinha compreendido correctamente, isso não me importava nada, mas não foi bem assim que respondi.

– Em que *contexto* exactamente, chefe?... Em que *circunstâncias* diríamos isso? Ou *não* o diríamos – acrescentei, afectando o que eu esperava ser um sorriso sabido. – Não quero parecer pedante, mas a quem diríamos nós isso?

– A toda a gente. A toda a sala. E no interesse da operação. Para ajudar a conferência. Olhe... – Fez uma dessas pausas que os profissionais fazem quando estão a tentar explicar algo a um simplório. Admito que, nos meus tempos, fui culpado da mesma presunção. – Temos dois Sinclairs, acrescentou, estendendo as palmas das mãos à prova de bala, uma para cada um de mim. – O Sinclair *acima* da linha de água – levantou a palma da mão esquerda – e o Sinclair *abaixo* da linha de água – deixou cair a palma da mão direita no colo. – Acima da linha, a ponta do icebergue, você fala francês e só umas variações de suaíli. Mais inglês com os seus companheiros, evidentemente. O que é normal para qualquer intérprete mediano. Está a seguir o meu raciocínio?

– Até aqui, sim, chefe – afirmei, esforçando-me por manifestar entusiasmo.

– E *abaixo* – eu olhava agora para a palma da sua mão direita – ficam os restantes noventa por cento do icebergue, o que é tudo o mais que você fala. Pode desempenhar esse papel, não pode? Uma vez que uma pessoa se controle, não é difícil. – Retirando as mãos, serviu-se de outro biscoito

enquanto esperava que eu ficasse esclarecido.

– Creio que ainda não percebi *completamente*, chefe – disse eu.

– Não seja nabo, Sinclair. Claro que percebeu. É muito simples. Entro na sala de conferências e apresento-o. – E exemplificou em péssimo francês enquanto mastigava o biscoito: «Je vous presente Monsieur Sinclair, notre interprète distingue». Il parle *anglais, français et sivaheili*.»⁴ E assim por diante. Quem falar outra língua perto de si, você não percebe. – Apesar de todos os meus esforços, a minha expressão facial continuava a não lhe agradar. – Por amor de Deus, homem. Não é lá muito difícil passar por estúpido. As pessoas fazem isso todos os dias sem sequer tentarem. Bem, porque são de facto estúpidas... E você não é. É esperto. Então, seja esperto. Para um tipo jovem e forte como você, é canja.

– E quando é que tenho a oportunidade de usar as minhas outras línguas, chefe? Aquelas que diz estarem abaixo da linha de água – insisti.

As línguas de que mais me orgulho, pensei. As línguas que me separavam do resto da matilha. As línguas que, na minha opinião, não estão nada submersas, mas triunfalmente salvas. As línguas que, quanto a mim, deviam ser expostas para toda a gente as ouvir.

– Quando lhe disserem e não antes. Está a cumprir ordens seladas. A primeira é hoje, a segunda amanhã de manhã, assim que tivermos a confirmação final de que o espectáculo vai para a frente. – A seguir, e para meu alívio, o seu raro sorriso apareceu, aquele pelo qual atravessaríamos o deserto. – Você é a nossa arma secreta, Sinclair, a vedeta do espectáculo, e não se esqueça disso. Quantas vezes na vida é que um tipo tem a oportunidade de dar um empurrão à História?

– Uma vez, se tiver sorte – repliquei lealmente.

– A sorte é apenas outra palavra para destino – corrigiu-me Maxie com os seus olhos à Bogey a brilhar misticamente. – Ou fazemos o nosso próprio destino, ou estamos lixados. Isto não é nenhuma excursão de treino de brincadeira. É repor a democracia de armas na mão no Congo Oriental. É pôr tudo em movimento e dar-lhes a liderança certa. E o Kivu inteiro vem a correr.

Assim que me apercebi da sua grande visão, a minha cabeça começou a andar à roda, e as palavras que ele disse a seguir foram direitas ao meu coração – e ao de Hannah.

– Até agora, o maior pecado que as grandes potências cometeram no

Congo foi a indiferença, certo?

- Certo - concordei calorosamente.

- Intervêm se puderem ganhar dinheiro rapidamente e saem de lá antes da próxima crise. Certo?

- Certo.

- O país estagnado. Um governo inútil, tipos sentados à espera de eleições que podem, ou não, vir a existir. E, caso existam, o mais provável é deixá-los pior do que estavam. Existe, portanto, um vácuo. Certo?

- Certo - ecoei novamente.

- E vamos preenchê-lo. Antes de quaisquer outros cabrões o fazerem. Porque estão todos à coca, ianques, chineses, franceses, as multinacionais, toda a cambada. A tentar lá entrar antes das eleições. Vamos intervir e *ficar* lá. Desta vez, o vencedor vai ser o próprio Congo.

Tentei outra vez exprimir o meu apreço por tudo o que Maxie dizia, mas ele não me deu oportunidade.

- Há cinco séculos que o Congo se esvai em sangue - prosseguiu distraidamente. - Arruinado pelos escravagistas árabes, arruinado pelos outros africanos, pelas Nações Unidas, CIA, cristãos, belgas, franceses, britânicos, ruandeses, companhias de diamantes, companhias de ouro, companhias de minerais, metade dos oportunistas deste mundo, pelo seu próprio governo em Kinshasa, e agora, mal seja possível, as companhias de petróleo vão fodê-los. Merecem uma folga, e somos nós quem vai dar-lhes descanso.

Os seus olhos irrequieten pousaram-se em Monsieur Jasper, na outra extremidade do avião, que levantava o braço como a empregada do nosso minimercado em Battersea quando não tinha troco.

- É a segunda parte das suas ordens seladas amanhã - anunciou, e, agarrando na sacola da máscara de gás, afastou-se.

*

Quando se está sob o encanto de Maxie, o cérebro fica anestesiado. Tudo o que ele tinha dito era música para os meus ouvidos biculturais. Mas, reconsiderando, comecei a ouvir vozes mais dóceis do que a minha, sobre a vibração irregular dos motores do avião.

Eu tinha dito «Certo». Ou tinha dito sim?

Não tinha dito não, por isso, presumivelmente, sim. Mas «sim» o quê, exactamente?

Informara-me o Sr. Anderson, ao descrever o meu trabalho, que também me iria transformar num icebergue linguístico com noventa por cento de mim abaixo da linha de água? Não tinha. Dissera que tinha um pouco de acção ao vivo para mim e que me enviava para o terreno onde começaria a viver uma mentira e não a verdade bíblica em que tínhamos sido criados. Nem uma palavra acerca da linha de água e da esquizofrenia controlada.

Não seja nabo, Sinclair. É muito simples. Simples como, por favor, chefe? Admito que fingir que se ouviu algo quando não se ouviu é relativamente simples. As pessoas fazem isso todos os dias sem quaisquer problemas. Por outro lado, fingir que não se ouviu algo quando se ouviu é, quanto a mim, o contrário de simples. O vosso intérprete de primeira classe reage instintivamente. Está treinado para saltar à primeira ocasião. Ouve, salta e segue o seu ofício. Concedo que, no devido momento, há-de reflectir. Mas o talento está na resposta instantânea, não requeitada.

Ainda estava a meditar nisto quando um dos nossos pilotos de barba por fazer nos gritou que nos segurássemos. Como se tivesse sido atingido, o avião estremeceu, voltou a estremecer, e pôs-se aos saltos, pesadamente, até parar. As portas da cabina abriram-se com estrondo e uma lufada de ar frio fez-me agradecer ter o meu *Harris Tweed* vestido. O nosso chefe foi o primeiro a desaparecer no vazio; seguiu-se Benny, com o seu saco de equipamento, e Monsieur Jasper, com a sua pasta. Por insistência de Anton, tropecei atrás deles com a minha maleta à frente. Aterrando em solo macio, inspirei o cheiro a maresia. Dois pares de faróis aproximavam-se aos solavancos de nós. O primeiro, um camião, parou ao lado da pista. Seguiu-se uma carrinha. Anton enxotou-me para dentro da carrinha e Jasper, empurrado por Benny, entrou a seguir. Atrás de nós, à sombra do avião, os anoraques carregavam as caixas pretas no camião. A nossa motorista, de lenço na cabeça e blusão forrado de pele, era uma versão mais madura de Bridget. O caminho esburacado não tinha marcas nem sinais. Estávamos a guiar à direita ou à esquerda? À luz bruxuleante dos faróis, carneiros apátridas na berma da picada olhavam espantados para nós. Subimos uma colina e começávamos a descer quando, sob um céu sem estrelas, avistámos dois pilares de um portão de granito. Passámos a chocalhar por uma cerca de gado, contornámos uma mata de

pinheiros e parâmos num pátio empedrado com muros altos.

As empenas e o telhado perdiam-se na escuridão. Seguimos, em fila, a nossa motorista até um pórtico, coberto de pedra mal iluminada, com uns sete metros de altura. Fomos acolhidos por fileiras de botas de borracha com o tamanho pintado a branco. Os 7 eram cortados à maneira da Europa continental e os 1 não eram direitos. Velhos sapatos para a neve estavam fixos, como raquetes de ténis cruzadas, na parede. Teriam sido calçados por escoceses? Suecos? Noruegueses? Dinamarqueses? Ou seria o nosso anfitrião meramente coleccionador de velharias nórdicas? *Pequena ilha no norte onde ninguém nos incomoda*. Quanto menos soubéssemos, melhor dormiríamos. A nossa motorista entrou à frente. Uma etiqueta na gola de pele dizia que ela se chamava Gladys. Entrámos num grande vestíbulo com vigas de onde partiam corredores em todas as direcções. Chá e uma refeição fria eram oferecidos àqueles que, depois do *chove min*, ainda tinham apetite. Uma segunda mulher sorridente, cuja etiqueta dizia Janet, dirigia os membros da equipa para onde quer que necessitassem de ir. Obedecendo às suas ordens, empoleirei-me numa poltrona bordada.

Um grande relógio antigo indicava a hora britânica. Há seis horas que tinha deixado Hannah e, há cinco, Penelope. Há quatro que deixara o Sr. Anderson. Há duas, Luton. E há meia hora que Maxie me tinha dito para manter as minhas melhores línguas abaixo da linha de água. Anton, o meu bom pastor, estava a sacudir-me o ombro. Subindo atrás dele uma escada de caracol, convenci-me de que ia receber um justo castigo às mãos purificadoras do padre-guardião do Santuário.

– Estamos bem aqui, não estamos, patrão? – inquiriu Anton, abrindo uma porta. – Não temos saudades da nossa mulher e da paparoca?

– Não muito, Anton. Apenas um pouco... na expectativa – disse estupidamente⁵.

– Bem, é um estado interessante. E é para quando?

Reparando que mal tínhamos trocado uma palavra desde a minha tentativa falhada de telefonar a Hannah, achei que era apropriado fazer conversa.

– É realmente casado, Anton? – ri-me, lembrando-me da mulher que ele dizia não ver há oito anos.

– De vez em quando, patrão.

– Entre missões, por assim dizer? – sugeri.

– Por assim dizer, patrão. Talvez. Dadas as circunstâncias, é isso. Tentei novamente.

– Então o que é que faz durante as folgas? Quando não anda a fazer estes trabalhos, quero eu dizer?

– Todo o género de coisas, patrão. Uns tempos na prisão, quando tenho paciência. Gosto da Cidade do Cabo. Não da prisão, da beira-mar. Agrade-me ter uma rapariga aqui e ali. Bem, isso agrada a todos nós, não agrada? Agora, reze as suas orações, patrão, porque amanhã vai ser um grande dia e, se você lixar tudo, estamos lixados nós também, e o chefe não vai gostar, pois não?

– Você é o ajudante de campo – disse em tom admirativo. – Deve ser um posto bastante difícil.

– Digamos apenas que não se pode ser Sr. Imprevisível sem ninguém que olhe por nós.

– Eu sou imprevisível, Anton? – perguntei, surpreendendo-me a mim mesmo.

– Se quer a minha modesta opinião, com essa altura e esses olhos de cama que tem, mais as senhoras que traz na manga, diria que é uma data de gente debaixo de um só capacete, e por isso que fala tantas línguas, patrão.

Fechando-lhe a porta, sentei-me em cima da cama. Fui invadido por uma abençoada fadiga e, despindo a roupa emprestada, entreguei-me aos braços abertos de Hannah. Mas não antes de ter levantado o auscultador do telefone à cabeceira da cama e de o ter experimentado, só para confirmar que estava desligado.

⁴ Em francês no texto. «Apresento-lhes o Sr. Sinclair, o nosso ilustre intérprete. Fala francês, inglês e suaíli.» (*N. do T.*)

⁵ *Expectant* significa, também, «gravidez», daí o comentário de Anton. (*N. do T.*)

Acordei bruscamente, de roupa interior, como de costume cedo e, por força do hábito, virei-me para o lado direito a fim de adoptar a posição «em colher» com Penelope, fazendo, então, a familiar descoberta que ela ainda não tinha voltado do seu trabalho nocturno. Acordei segunda vez e, com maior circunspecção, dei-me conta de que estava deitado na cama de um falecido parente branco cujo rosto barbudo, numa ornamentada moldura vitoriana, me olhava de sobrolho carregado por cima da lareira de mármore. Finalmente, e para meu prazer, acordei uma terceira vez com Hannah aninhada nos meus braços, o que me permitiu informá-la, apesar da Lei de Segredos Oficiais, que estava empenhado numa missão clandestina para levar a democracia ao Congo, motivo esse pelo qual não lhe tinha telefonado.

Só então, com o sol matinal a espreitar por entre as cortinas, é que me senti capaz de examinar o meu quarto, que era uma harmoniosa combinação de tradicional e moderno e incluía um toucador com espelho, uma máquina de escrever eléctrica de modelo antigo, folhas de papel A4, uma cómoda com gavetas e um armário, mais um engomador de calças, um tabuleiro de chá com uma chaleira e uma cadeira de baloiço *Shaker*. Aventurando-me na casa de banho, tive o prazer de ser recebido por luxos como um suporte para toalhas aquecido, roupão, instalações de duche, champô, sais de banho, esponjas e todos os acessórios. Procurei indícios para saber onde me encontrava, mas foi em vão. Os artigos de *toilette* eram de fabricantes internacionais, não havia instruções para o caso de haver um incêndio, lista de lavandaria, carteiras de fósforos, mensagens de boas-vindas da parte de um gerente estrangeiro com uma assinatura ilegível, nem havia *Bíblia* em qualquer língua.

Depois de tomar um duche e vestir o roupão, pus-me à janela do quarto a contemplar a vista à minha frente. A primeira coisa em que reparei foi numa coruja cor de mel de asas estendidas. Estava imóvel e só as pontas

das penas mexiam. Ao vê-la, o meu coração estremeceu, mas, em termos de emblemas nacionais, as aves não são uma grande ajuda. À esquerda e à direita havia colinas de pasto verde e, entre elas, o mar prateado em cujo distante horizonte avistei a silhueta de um cargueiro a rumar não sei para onde; e, mais perto da costa, um grupo de pequenos barcos de pesca perseguido por gaivotas, mas, por mais que me esforçasse, não conseguia distinguir as bandeiras. Não se via nenhuma estrada, excepto o caminho serpenteante que tínhamos atravessado na noite anterior. A pista onde aterrámos não era visível e procurei em vão um indicador da direcção do vento, ou uma antena. Pela posição do sol, deduzi que estava a olhar para norte e, pela folhagem das árvores à beira de água, que o vento dominante soprava do oeste. Mais perto, erguia-se um morro coberto de erva que tinha um miradouro, ou uma casa de Verão do século xix. Para leste havia uma capela arruinada e um cemitério. A um canto, algo que parecia ser uma cru' z céltica, mas que também podia ser um memorial da guerra ou o monumento fúnebre de alguém importante.

Ao voltar a concentrar a minha atenção no miradouro, fiquei surpreso ao ver a figura de um homem empoleirado numa escada comprida. Há pouco não estava ali e devia, por conseguinte, ter saído de detrás de uma coluna. No chão ao lado dele encontrava-se uma caixa preta semelhante às que tínhamos transportado connosco no avião. Como a tampa estava levantada na minha direcção, não conseguia ver o seu conteúdo. Estaria o homem a consertar qualquer coisa? O quê? E porquê, perguntei-me, tão cedo?

Curioso, avistei mais dois homens, também misteriosamente ocupados: um deles estava de joelhos ao lado de uma conduta de água, ou de um acesso qualquer; e o outro a subir um poste telegráfico, tarefa para a qual não necessitava de cordas nem de escada, o que, diga-se de passagem, envergonhava o *personal trainer* de Penelope, que se julga um Tarzã. E apercebi-me imediatamente que conhecia esse segundo homem, não apenas de vista, mas também de nome. Ele mal tinha chegado ao topo do poste quando o identifiquei como sendo o meu novo e volúvel amigo galês *Spider*, responsável pelas provisões da nossa equipa e veterano da Sala de Conversa.

Maquinei imediatamente um plano. A pretexto de um passeio antes do pequeno-almoço, meteria conversa com *Spider* e, depois, leria as

inscrições das lápides do cemitério para estabelecer qual era a língua local e, conseqüentemente, o meu paradeiro. Vesti as calças cinzentas de penitência e o meu casaco *Harry Tweed* e, com os sapatos que não me serviam na mão, desci furtivamente a escada principal até à varanda da frente. Ao tentar abrir a porta, contudo, descobri que estava trancada, assim como todas as portas adjacentes e janelas que experimentei. E não era tudo. Ao espreitar pelas janelas, vi nada menos que três volumosos anoraques de guarda à volta da casa.

Foi nesta altura que, confesso, senti um recrudescer de ansiedade quanto às exigências profissionais que Maxie me fizera e que, apesar da minha determinação em participar na nossa grande aventura, tinham atormentado regularmente o meu sono durante a noite. Lembrava-me de um sonho em particular. Estava a fazer mergulho submarino com um tubo e a linha de água subia dentro do meu visor. Se não acordasse, subiria até acima e eu afogar-me-ia.

Para me distrair e também para me livrar de pensamentos negativos, resolvi dar uma volta pelas salas do andar de baixo, para encontrar indícios e com o objectivo adicional de conhecer o ambiente das minhas próximas provações.

A casa, fiel ao que eu acreditava ser a sua função original de lar de uma grande família, oferecia, do lado do jardim, uma série de salões ligados entre si, cada um com portas envidraçadas que davam para um terraço relvado que se elevava por uma larga escadaria até ao miradouro de colunas, no alto. Mantendo-me vigilante, por causa dos anoraques, abri a porta da primeira dessas salas e dei por mim numa bela biblioteca de azulejos azuis e estantes de mogno com portas envidraçadas. Esperançado de que os livros me dessem uma pista sobre a identidade do dono, encostei o rosto ao vidro para ler os títulos, mas fui confrontado com volumes dos maiores escritores do mundo, cada um escrito na língua original: Dickens em inglês, Balzac em francês, Goethe em alemão e Dante em italiano. Quando tentei abrir as portas para o caso de haver um ex-líbris ou uma inscrição, verifiquei que também estavam fechadas de alto a baixo.

Depois da biblioteca, seguia-se uma sala de bilhar com lambris de madeira. A mesa, que calculei ter três quartos do tamanho convencional, não tinha bolsas como as de sinuca, o que indicava pertencer à categoria francesa ou europeia continental, mas o marcador de mogno era de

Burroughes, de Londres. O terceiro salão era uma imponente sala de estar completa, com espelhos de ornamentos dourados e um relógio de bronze cujos ponteiros não indicavam a hora na Grã-Bretanha nem na Europa continental, mas estavam resolutamente parados nas 12 horas. Um aparador de mármore e cobre oferecia uma atraente colecção de revistas, da *Marie Claire* francesa à *Tatler*, passando pela *Du* suíça. Foi enquanto estava a examiná-las que ouvi uma praga abafada em francês vinda de uma quarta sala contígua. A porta entre as duas estava entreaberta. Aproximei-me silenciosamente, atravessando o soalho polido, e entrei. Era uma sala de jogos. No centro estava uma mesa oval forrada de feltro verde. Oito cadeiras de jogador de cartas com braços de madeira largos estavam dispostas à volta. No fundo, de costas direitas atrás de um computador, estava sentado o tonsurado Monsieur Jasper, sem a boina preta, a bater nas teclas com dois dedos. A barba ruiva por fazer adornava-lhe o rosto comprido, dando-lhe o aspecto de um grande detective. Observou-me por uns instantes, com olhar fixo.

- Por que é que me anda a espiar? - perguntou finalmente em francês.
- Não estou a espiá-lo.
- Então por que é que não tem os sapatos calçados?
- Porque me estão apertados.
- Roubou-os?
- São emprestados.
- É marroquino?
- Inglês.
- Então por que é que fala francês como um *pied-noir*?
- Fui criado na África Equatorial. O meu pai era engenheiro - retorqui secamente sem me rebaixar a comentar a sua opinião sobre o meu francês.
- Quem é você?
- Sou de Besançon. Sou um notário provinciano francês com uma prática modesta em certas esferas técnicas de jurisprudência internacional. Sou diplomado em legislação tributária francesa e suíça. Tenho um posto na universidade de Besançon, onde faço palestras sobre os encantos das companhias *offshore*, e sou o único advogado de um certo sindicato anónimo. Isto chega-lhe?

Desarmado por ele ser tão expansivo, teria com muito prazer corrigido a minha anterior versão fictícia, mas a prudência prevaleceu.

- Se a sua prática é assim tão modesta, como é que conseguiu uma posição tão importante? - inquiri.

- Porque sou íntegro, respeitável e professor universitário. Trato apenas de assuntos relacionados com o Código Civil. Não represento traficantes de drogas nem criminosos. A Interpol nunca ouviu falar de mim. Trabalho só dentro dos limites da minha experiência. Deseja criar uma *holding* na Martinica registada na Suíça e pertencente a uma fundação anónima do Liechtenstein, sendo você o proprietário?

Ri-me, contrariado.

- Deseja ir à falência, sem prejuízos, à custa dos contribuintes franceses?

Abanei a cabeça.

- Então, talvez possa pelo menos explicar-me como funciona este maldito computador anglo-saxão. Primeiro proibiram-me de trazer o meu computador portátil e, a seguir, dão-me um sem manual de instruções, sem acentos, sem lógica, sem... - Como a lista de omissões era demasiado longa, ele encolheu, desesperado, os ombros, à maneira gaulesa.

- Aquilo em que está a trabalhar obriga-o a passar toda a noite em claro? - perguntei, reparando nas resmas de papel e nas chávenas de café vazias espalhadas à volta dele.

Com um suspiro, o seu corpo magro e comprido recostou-se na cadeira de jogador de cartas.

- Concessões. Concessões cobardes a diferentes horas da noite. «Por que é que cedo a estes bandidos?», pergunto-lhes. «Por que é que não os mando para o diabo que os carregue?»

- Pergunta *a quem?* - Não manifestei o meu espanto, mas sabia que tinha de proceder com cuidado para não interromper aquele caudal de palavras.

- «Jasper», dizem-me. - «Não podemos dar-nos ao luxo de perder este contrato vital. O tempo é precioso. Não somos o único cavalo nesta corrida.»

- Quer dizer, então, que está a redigir esse contrato - exclamei, lembrando-me de que Maxie tinha declarado que o objectivo da presente missão era um contrato. - Meu Deus... Bem, é uma grande responsabilidade. Trata-se de um assunto complicado? Suponho que sim.

A minha pergunta, embora concebida para o lisonjear, deu azo a uma

fungadela de desprezo.

– Não é complicado porque o redigi com lucidez. É académico e inaplicável.

– Quantas partes estão envolvidas?

– Três. Não sabemos quem são, mas elas sabem. O contrato não identifica ninguém e contém eventualidades hipotéticas não especificadas. *Se acontecer alguma coisa, talvez então aconteça outra coisa qualquer. Caso contrário...* – Outro encolher de ombros gaulês.

Prudentemente, arrisquei-me a desafiá-lo.

– Mas se o contrato não identifica ninguém, as suas eventualidades hipotéticas não são especificadas e não é aplicável, como é que pode ser um contrato?

Um pequeno sorriso de superioridade difundiu-se pelas suas feições de caveira.

– Porque este contrato não é apenas hipotético, é agrícola. – *Hipoteticamente agrícola?*

O sorriso reconheceu que assim era.

– Como é que pode ser? Um contrato ou é agrícola, seguramente, ou é hipotético. Não se pode ter uma *vaca* hipotética... pois não?

Sentando-se novamente todo empertigado na cadeira, Monsieur Jasper assentou as palmas das mãos no feltro verde e presenteou-me com o olhar de desprezo que os advogados reservam aos clientes menos ricos.

– Então, responda-me a uma coisa, por favor – sugeri. – Se um contrato diz respeito a seres humanos... referindo-se a esses seres humanos como sendo *não* seres humanos, mas *vacas*... esse contrato é *hipotético ou agrícola*?

Fui suficientemente esperto para conceder isso.

– Então, de que hipóteses estamos nós realmente a falar... *neste* caso, por exemplo?

– A hipótese é um *evento*.

– Que género de evento?

– Não especificado. Talvez seja uma morte. – Um dedo indicador ossudo avisou-me para não precipitar a tragédia. – Pode ser uma inundação, ou um casamento, um acto divino, ou humano. Talvez seja a *aquiescência* ou a *não aquiescência* da outra parte. Não é descrito. – Tinha a palavra e ninguém, ainda menos eu, lha tiraria. – O que se sabe é que, no

caso de esse evento não especificado ocorrer, certos termos agrícolas e condições tornam-se efectivos, certas matérias agrícolas são compradas e vendidas, certos direitos agrícolas são concedidos e certas percentagens hipotéticas de certos lucros agrícolas são atribuídas a certas pessoas não nomeadas. Mas *apenas* no caso de esse evento ocorrer.

– Mas como é que esse sindicato anónimo contactou consigo? – protestei. – Você, com essa extraordinária competência, encafudado em Besançon a esconder os seus talentos...

Não foram precisos mais encorajamentos.

– Há cerca de um ano, negocieei vários *chalets* em *time-share* em Valência. Saí-me lindamente e o negócio foi o apogeu da minha carreira. Os *chalets* não tinham sido construídos, mas a entrega não era da minha responsabilidade. O meu cliente era uma companhia imobiliária *offshore*, actualmente falida, registada nas ilhas do canal da Mancha.

Veio-me então à cabeça uma das minhas relampejantes conexões. *Timeshares em Valência*. Não tinha sido este o escândalo que projectara Lord Brinkley para as primeiras páginas do jornal de Penelope? Com efeito. O ELDORADO DE PAR DO REINO ERA UMA ILUSÃO.

– E essa companhia voltou aos negócios?

– Tive pessoalmente a honra de proceder à sua liquidação. A companhia já não existe.

– Mas os seus directores existem?

O seu ar de auto-suficiência, se é que por acaso o tenha deixado, desabrochou.

– Não, porque *não têm nome*. Se tivessem, existiriam. Como não têm, são meros conceitos abstractos. – Mas ele já estava aborrecido com a nossa conversa ou, então, tinha decidido que estávamos a exceder os limites da propriedade legal, pois passou uma mão pelo rosto por barbear e, depois, olhou para mim como se nunca me tivesse visto. – Quem é você? O que é que está a fazer neste lugar de merda?

– Sou o intérprete.

– De que línguas?

– Suaíli, francês e inglês – respondi com relutância, enquanto a linha de água tapava de novo o meu visor de mergulho submarino.

– Quanto é que lhe pagam?

– Não creio que deva dizer-lhe. – Mas a vaidade acabou por levar a

melhor, o que por vezes acontece. Há tempo suficiente que o homem estava a ser arrogante comigo. Chegara a altura de mostrar-lhe o que é que eu valia. – Cinco mil dólares – disse, em tom casual.

A cabeça dele, temporariamente apoiada nas mãos, ergueu-se de modo abrupto.

– *Cinco?*

– Exactamente. Porquê?

– Não são libras?

– Dólares. Já lhe disse. – Não gostei nada do seu sorriso triunfante.

– A mim, pagam-me... – articulou a soma com uma ênfase demasiado impiedosa – duzentos-mil-francos-suíços. – E, para que eu metesse bem aquilo na cabeça. – Líquidos. Em notas de cem.

Fiquei pasmado. Por que é que Salvo, mestre de línguas raras forçado a ocultá-las, receberia uma fracção dos honorários pagos a um convencido notário francês? A minha indignação foi ainda mais longe, aos duros tempos em que o Sr. Osman, da agência de Traduções Legais e Internacionais, ficava com cinquenta por cento dos meus ganhos. Apesar de tudo, contive-me e fingi admiração. Ao fim e ao cabo, ele era o grande perito legal, eu era apenas um vulgar intérprete.

– Sabe por acaso dizer-me onde está localizado este maldito lugar? – perguntou, prosseguindo o seu trabalho.

Mas, maldito ou não, eu não sabia.

– Isto não fazia parte do negócio. Vou solicitar uma quantia suplementar.

O gongo do Santuário chamava-nos às orações. Quando cheguei à porta, Monsieur Jasper estava de novo a dactilografar com toda a força. Era evidente, pela sua atitude, que a nossa conversa não tinha tido lugar.

Dirigido pela sorridente Janet para a grande sala, senti imediatamente que nem tudo corria bem à equipa. O pequeno-almoço-bufete de luxo com salsichas britânicas, o melhor *bacon* e ovos mexidos tinha atraído poucos clientes entre os nossos rapazes. Estavam sentados em grupos de olhos esbugalhados e com ar abatido. A uma das mesas, Anton falava em voz baixa com dois anoraques igualmente deprimidos; noutra, Benny, com o grande queixo numa mão ainda maior, olhava de soslaio, sem ver, para a chávina. Ajustando o meu comportamento ao estado de espírito da sala, servi-me de uma porção modesta de salmão fumado e sentei-me sozinho,

aguardando os acontecimentos. Mal tinha engolido a primeira garfada quando o ranger de solas de borracha a aproximarem-se velozmente ao longo de um corredor de lajes assinalou a chegada do nosso chefe, Maxie, numa camisola amarelada pelo tempo da equipa de remo de Oxford, umas calças com as bainhas desfiadas e ténis velhos sem meias. A cara juvenil estava corada do ar da manhã e os olhos, atrás das lentes dos óculos, radiantes. *Spider* apareceu atrás dele.

– Acabou o pânico – anunciou Maxie depois de beber o copo de sumo de laranja fresco que Gladys lhe estendia. – Cem por cento em cheio em todas as frentes – ignorando as expressões gerais de alívio. – O resto da operação segue a tempo. Philip e o Bando dos Três aterram dentro de duas horas e dez minutos. – Philip, finalmente! Philip, a quem Maxie reporta! – São agora...

O relógio da tia Imelda estava adiantado um minuto. Acertei-o imediatamente. Nem nos seus sonhos mais fantásticos podia o irmão Michael ter imaginado que o presente que me dera ao morrer seria usado desta maneira.

– O grupo real chega vinte minutos mais tarde. A conferência começa às onze e meia em ponto, as interrupções para mijar serão decididas *ad hoc* por Philip. Assumindo que, por essa altura, terminámos a maior parte do trabalho, o almoço-bufete dos delegados às catorze e quinze está sujeito ao que Philip disser. Só os chefes. E vamos cultivar um ambiente de lazer, por favor, não de crise. É assim que ele quer e é isso que lhe vamos dar. Boletins meteorológicos de primeira qualidade, para que as instalações ao ar livre estejam no seu melhor. Encerramento o mais tardar às dezassete e trinta. Aviso de proibição de fumar na sala de conferências, por favor. E bastante grande. Preciso de si, Sinclair. Onde é que raio está o Sinclair?

Eu ia agora receber a segunda parte das minhas ordens seladas.

Não vou negar que não estava um pouco nervoso ao descer os estreitos degraus da cave atrás de Maxie, embora o olhar galês de *Spider* a brilhar franco e divertido quando tirou o boné para nos cumprimentar com ironia mitigasse as minhas apreensões. Fiquei ainda mais consolado ao descobrir que, longe de me encontrar em *terra incógnita*, tinha entrado numa Sala de Conversa em miniatura. Passando por uma discreta porta de serviço parecida com a sua equivalente em Whitehall, continuámos ao longo de um corredor sujo de fuligem decorado com cabos no tecto até uma sala de caldeira desafectada transformada em centro de áudio. Era verdade que, tecnologicamente, estávamos longe do sofisticado país das maravilhas do Sr. Anderson, mas, com uma demão de tinta verde e algumas das suas famosas e encorajadoras notificações na parede, podia muito bem imaginar-me de volta às catacumbas da Avenida Northumberland com pés não doutrinados, passando indistintamente diante das nossas janelas da cave.

Sob o olhar atento de Maxie e *Spider*, fiz um balanço do equipamento antediluviano. Os cabos do corredor alimentavam uma rede eléctrica de brincar com duas fileiras de gravadores, seis de cada lado; os gravadores estavam numerados e rotulados consoante a sua aplicação.

- AR, chefe? - inquiri.
- Apartamentos reais.
- E SC?
- *Suite* dos convidados.

Examinei os rótulos: AR/sala de estar, AR/quarto 1, AR/ quarto 2, AR/estúdio, AR/vestíbulo & casa de banho, SC/casa de banho, terraço a oeste, terraço a leste, lance superior das escadas, lance inferior das escadas, passagem, caminhos de cascalho 1, 2 e 3, miradouro, varanda, estufa.

- Que tal, Brian? - insistiu *Spider*, incapaz de conter o orgulho que

sentia por aquilo. – Não temos de ser todos digitais neste mundo, caso contrário, não teríamos nascido diferentes, pois não? A não ser que quiséssemos uma data de estrangeiros a meter o bedelho nos nossos negócios.

Não direi que fiquei chocado. De certo modo, tinha estado à espera de uma coisa assim. Provavelmente foi o medo de entrar em cena que me arrepiou. E Maxie não estava a ajudar nada, insistindo para que eu admirasse aquilo a que ele chamava *cadeira eléctrica* ao meu lugar no centro da sala, e que, à primeira vista, parecia realmente uma cadeira eléctrica, mas, vendo bem, era uma antiga poltrona reclinável com cabos ligados ao lado, auscultadores, uma espécie de tabuleiro semelhante aos que são usados nas camas de hospital, folhas de papel A4, lápis HB previamente afiados e um *walkie-talkie* pousado num dos braços; e uma consola com números, os quais, percebi rapidamente, correspondiam aos dos gravadores.

– Assim que houver um intervalo, o seu lugar é aqui em baixo – dizia Maxie na sua voz de comando. – Ouça tudo o que lhe disserem para ouvir e traduza rapidamente para o Sam na sala das operações usando os seus auscultadores.

– E quem é esse Sam, chefe?

– O seu coordenador. Todas as conversas são automaticamente gravadas e o Sam dir-lhe-á quais ouvir ao vivo. Nos tempos livres, passe em revista os alvos secundários. O Sam dá-lhe instruções e passa o seu material às pessoas que o podem utilizar.

– E o Sam entra em contacto com o Philip – sugeri, no meu esforço para me aproximar da fonte da nossa operação, mas ele não mordeu o isco.

– Uma vez terminado o intervalo, você volta lá para cima e torna a sentar-se à mesa da conferência. Porte-se com naturalidade. A tarefa do *Spider* aqui é servir o sistema, certificar-se de que os microfones estão a funcionar bem, anotar e guardar todas as gravações. Ele está directamente ligado à equipa de vigilância e, assim, sabe onde se encontram os delegados da conferência e marca-os com luzes no mapa.

Tratava-se menos de um mapa do que de uma versão caseira do plano do metro de Londres montado num cartão e pontilhado de lâmpadas coloridas, como os comboios das crianças. De boné à banda, *Spider* colocou-se diante dele com um orgulho de proprietário.

- O Anton está encarregado da vigilância - prosseguiu Maxie. - Os homens que seguem os delegados informam-no e o Anton diz ao *Spider* onde estão localizados os alvos. O *Spider* marca a sua localização neste mapa, você ouve o que eles dizem e passa a respectiva tradução ao Sam. Cada alvo tem um código colorido. A vigilância é feita a olho nu, através de electricidade estática e de intercomunicadores. Mostra-lhe.

Mas primeiro, para benefício de *Spider*, eu tive de dar o que ele chamava um «por exemplo».

- Diga-me lá duas cores, rapaz - pediu-me. - As suas preferidas. Duas quaisquer.

- Verde e azul - arrisquei.

- *Onde*, rapaz, *onde*.

- Lance superior das escadas - disse, escolhendo uma indicação ao acaso.

De dedos a voar, *Spider* carregou em quatro botões. Luzes verdes e azuis acenderam-se no lado esquerdo do plano do metro e um gravador começou silenciosamente a rodar.

- Está a gostar, rapaz? Gosta?

- Acende a luz mestra - ordenou Maxie.

Uma brilhante luz roxa iluminou-se no meio dos apartamentos reais, lembrando-me os bispos que visitavam a Missão e a quem a criança secreta espiava dos alojamentos dos serventes.

- O acesso à luz mestra e aos apartamentos reais é proibido, a não ser que o Philip lhe diga pessoalmente o contrário - avisou Maxie. - Microfones de urgência. Arquivos, não operacionais. Gravamos, mas não escutamos. Percebeu?

- Percebi, chefe. - E, surpreendendo-me a mim mesmo com a minha própria ousadia: - Quem é que o Philip realmente consulta, *sir*? - perguntei.

Maxie fitou-me como se suspeitasse de insubordinação. *Spider* estava de pé, imóvel como uma pedra, diante do plano do metro. Mas não me fiquei, aliás é uma característica minha que nunca cheguei a perceber bem: a minha tendência para a teimosia nos momentos mais inoportunos.

- Ele é consultor, não é? - insisti. - Portanto, quem é que ele, por sua vez, consulta? Não quero ser bisbilhoteiro, chefe, mas tenho o direito de saber para quem estou a trabalhar, não tenho?

Maxie abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas, depois, tornou a fechá-la. Tive a impressão de que estava verdadeiramente confuso: não pelo que ele sabia, mas pelo que eu não sabia.

– Julguei que o Anderson lhe tinha explicado isto tudo.

– Tudo isto, chefe? Só estou a fazer perguntas secundárias. Se não for totalmente informado, não poderei dar o meu melhor, pois não?

Outra pausa, na qual Maxie partilhou fugazmente a sua perplexidade com *Spider*.

– O Philip é um colaborador independente. Trabalha para quem lhe paga. Tem *contactos*.

– Contactos com o governo? Com o Sindicato? Contactos com quem, chefe? – Diz-se que, se estamos num buraco, não devemos cavar. Mas, neste meu estado de espírito, quando começo não paro.

– *Contactos*, homem! Nunca ouviu falar disso? *Eu* tenho contactos, o *Spider* aqui tem contactos. Não somos funcionários oficiais, somos *paraprofissionais*, mas temos contactos e somos chegados. O mundo é assim, por amor de Deus! – A seguir, pareceu ter pena de mim. – O Philip é consultor independente. Trabalha por contrato. A sua especialidade é a África e é o chefe da operação. Isso é suficiente para mim e, portanto, é suficiente para si.

– Se assim o diz, chefe.

– Foi o Philip quem reuniu os delegados, estabeleceu os termos das negociações e convenceu toda a gente a sentar-se à volta de uma mesa. Há quarenta e oito horas não havia uma só possibilidade de eles se juntarem todos na mesma sala. Por isso, cale-se e admire-o por isso.

– Assim farei, chefe. Não tem problema.

Maxie subiu, irritado, dois a dois, os degraus de pedra, comigo atrás dele. Ao chegarmos à biblioteca, deixou-se cair numa cadeira e fez-me sinal para me sentar noutra, e ali ficámos como dois ociosos cavalheiros enquanto nos acalmávamos. Para lá das portas envidraçadas, tranquilos relvados elevavam-se docemente até ao miradouro sob escuta.

– Num sítio na Dinamarca a mil quilómetros daqui, está a decorrer um seminário – continuou ele a conversa. – Está a perceber?

– Estou, sim, chefe.

– Chama-se o Fórum dos Grandes Lagos. Já ouviu falar? Não.

– Um grupo de académicos escandinavos de cabelo comprido a dirigir

debates confidenciais para resolver os problemas do Congo Oriental antes das eleições. Agarramos em todos os tipos que se odeiam, convidamo-los para desabafarem as suas mágoas e, desde que acreditemos em contos de fadas, algo de maravilhoso irá acontecer.

Lancei-lhe um sorriso sabido. Estávamos novamente no mesmo comprimento de onda, amigos como dantes.

– Hoje é o dia de folga deles. Devem estar a inspeccionar fábricas de conserva de peixe e a visitar parques com esculturas, mas três dos delegados pediram dispensa e vêm para cá. Para uma conversa confidencial. – Atirou um *dossier* para cima da mesa entre nós dois. – É a documentação sobre os dados de base que procurava. Resumos de biografias, línguas, etnias dos participantes... O trabalho dedicado do Philip. Três delegados, um triunvirato profano – continuou. – Até há uns meses, cortavam os tomates uns aos outros, massacravam as mulheres uns dos outros e roubavam a terra, o gado e as minas uns dos outros. Com uma pequena ajuda, estão agora a formar uma aliança.

– Desta vez, contra quem, chefe? – perguntei, em tom adequadamente cansado.

O meu cepticismo falava por si próprio, pois qual poderia ser o propósito de uma aliança nesse paraíso mergulhado nas trevas se não fosse contra um inimigo comum? Levei, por conseguinte, um momento a compreender toda a considerável importância da sua resposta.

– Por uma vez, não é contra quem. Mas *sob os auspícios de quem*. Ouviu por acaso falar desse autoproclamado salvador congolês, um ex-professor de qualquer coisa? Hoje em dia, é ele quem manda... Dá pelo nome de Mwangaza... Isto é esclarecedor, não é?

– Ou revelador – retorqui, o que era um puro reflexo de intérprete. – Depende se está a ser figurativo ou literal, chefe.

– Bem, o Mwangaza é o nosso homem-chave, em sentido figurado ou o raio que o parta. Se o colocarmos no poder antes das eleições, estamos safos. Senão, estamos tramados. Não há segundo prémio.

Dizer que tinha a cabeça às voltas seria um eufemismo. Era mais em órbita enquanto, ao mesmo tempo, transmitia sinais frenéticos a Hannah.

Escutei-o, Salvo, está ela a dizer-me, passando do francês para o inglês durante um raro momento de repouso em que paramos de fazer amor. É um apóstolo da verdade e da reconciliação. No Kivu, é ouvido em todas as estações de rádio. Há duas semanas, no meu dia de folga, as minhas amigas e eu fomos até Birmingham, onde ele falou para uma grande multidão. Se caísse um alfinete naquela sala, ouvia-se. O seu movimento chama-se «O Caminho do Meio». Faz o que nenhum partido político consegue fazer porque é um movimento que vem do coração, e não da carteira. Vai unir todo o povo do Kivu, de norte a sul. Há-de obrigar os manda-chuvas de Kinshasa a retirarem os soldados corruptos do Congo Oriental e a deixarem-nos tratar de nós próprios. Vai desarmar o exército e milícias genocidas, e expulsá-los para o Ruanda, que é a terra deles. Aqueles que tiverem o direito de permanecer podem ficar, desde que desejem realmente ser congoleses. E sabes que mais, Salvo?

O que é, Hannah?

Em 1964, durante a grande rebelião, o Mwangaza combateu por Patrice Lumumba e foi ferido!

Mas como é que ele pode ter feito tal coisa, Hannah? A CIA assassinou Lumumba em 1961 com a ajuda dos belgas. Isso aconteceu três anos antes do início da grande rebelião.

Estás a ser pedante, Salvo. A grande rebelião era lumumbista. Patrice Lumumba era a inspiração de todos que participaram. Combatiam por um Congo livre e por Patrice, quer ele estivesse vivo ou morto.

Quer dizer, então, que faço amor em nome da revolução.

Agora também estás a ser ridículo. O Mwangaza não é um revolucionário. Apela à moderação, à disciplina e à justiça, e pela expulsão de todos que roubam o nosso país e não o amam. Ele não é conhecido como um homem de guerra, mas sim como aquele que trará a paz e a harmonia a todos os verdadeiros patriotas do Congo. É l'oiseau rare⁶: o grande herói que veio curar todos os nossos males. Se calhar, estou a aborrecer-te.

Fingindo não acreditar que eu a levo a sério, ela afasta os lençóis e senta-se na cama. Se não tiverem uma ideia de como é bonita, de como é atrevida no amor, não imaginam o que isto significa. Não, Hannah, não estás a aborrecer-me. Fui temporariamente distraído pelo murmúrio nocturno do meu querido e defunto pai, que teve um sonho igual ao teu.

Um Kivu unido, Salvo, meu filho... Em paz consigo mesmo, com Deus e a bandeira congoleza... Livre da peste da exploração estrangeira, mas querendo absorver todos os que sinceramente desejam partilhar o dom divino dos seus recursos naturais e o saber de todos os seus povos... Vamos rezar para que vivas tempo suficiente para ver nascer esse dia, Salvo, meu filho.

*

Maxie aguardava a minha resposta. Bem, tinha eu ouvido falar desse salvador congolês ou não? A exemplo do Mwangaza, optei pelo Caminho do Meio.

- Talvez - concedi, tendo o cuidado de injectar a dose certa de desinteresse no tom da minha voz. - É uma espécie de profeta reciclado de consenso?

- Conhece-o?

- Santo Deus, não! - Como é que eu poderia ter-lhe dado ideia tão absurda? - Para ser franco, chefe, faço o possível por me manter afastado da política congoleza. Acho que é muito melhor assim.

O que, antes de Hannah, era verdade. Quando uma pessoa decide que se vai assimilar, tem de escolher.

- Bem, então prepare-se porque vai conhecê-lo - informou-me Maxie, lançando de novo um olhar ao relógio. - O grande homem vem acompanhado por uma comitiva de dois... Um fiel acólito, aliás, conselheiro político, e um semifiel intermediário libanês chamado Felix Tabizi, Tabby como diminutivo. O professor é xi e o acólito também.

Tabby, repeti para comigo mesmo, transportado de volta à resplandecente casa de Berkeley Square. Tabby, o filho da mãe, Tabby, o homem das situações de *suspense* à última hora. Ia perguntar o que é que um semifiel intermediário libanês julgava que estava a fazer no séquito de Mwangaza, mas dei-me conta de que Maxie já estava a explicar.

- O Tabby é o mal necessário do professor. Líder africano que não tenha um, não está completo. Ex-muçulmano esquisito, costumava operar com o Hamas, mas converteu-se recentemente ao cristianismo por questões de saúde. Ajuda a gerir a campanha do velho, desimpede-lhe o caminho, trata-lhe das finanças, lava-lhe as peúgas.

- E que línguas fala o Sr. Tabizi?
- Francês, inglês, árabe e seja o que for que tenha conseguido apanhar nas suas viagens.

- E o Philip? Que línguas fala?

- Francês, lingala, um pouco de suaíli, não muito.

- Inglês?

- Claro que sim. Ele é inglês.

- E o professor fala de modo irrepreensível, julgo eu. É um homem educado. - Não era minha intenção fazer uma crítica à escassez de conhecimentos linguísticos de Maxie, mas, pela sua careta de desgosto, receio que tenha interpretado assim.

- O que é que tem então para dizer? - perguntou, irritado.

- Bem, não precisa realmente de mim, pois não, chefe? Nem na sala de conferências nem de mim como intérprete. O Mwangaza fala francês e suaíli. Vou deixar-me ficar na sala da caldeira com o *Spider* e ouvir.

- Isso são tretas. Você é a estrela do espectáculo, ou não? Os tipos que estão no negócio de mudar o mundo não esperam ser eles a traduzir o que dizem. E eu não confio no Tabizi nem para me dizer a hora do dia em qualquer porra de língua. - Uma pausa para reflectir. - Independentemente disso, você é equipamento essencial. O Mwangaza insiste em falar suaíli porque, para ele, o francês é demasiado colonial. Temos um tipo que fala perfeitamente francês e minimamente suaíli, e outro que fala um pouco de suaíli e o mínimo de francês.

Apesar de me sentir lisonjeado por ser *a estrela do espectáculo*, tinha mais uma pergunta. Mais precisamente, era Hannah que tinha.

- E o desejado efeito final da conferência, chefe? O resultado do nosso sonho? Como é que definiríamos isso?... Coisa que eu sempre pergunto aos meus clientes.

Não era, mas a minha obstinação enervou-o.

- Por amor de Deus, Sinclair! Estamos a *seleccionar* o lugar - protestou. - Estamos a trazer *sanidade* ao raio de uma casa de loucos. Estamos a devolver o país a um povo oprimido e pobre, e a obrigá-los a *tolerarem-se* uns aos outros, ganhar dinheiro e ter uma vida. Há algum problema com isso?

A sinceridade óbvia das suas intenções, que até à data não tenho motivo para questionar, fez-me calar, mas não ceder.

- Nenhum problema, chefe. Mas a verdade é que mencionou a democracia de armas na mão, está a perceber. E eu, muito naturalmente, perguntei-me em que é que você estava a pensar quando disse isso. Refiro-me a armas na mão. Visto que vai haver eleições. Porquê antecipar-nos?

Já disse que Hannah tem tendências pacifistas, como o Sr. Anderson lhes chamaria? E que um grupo dissidente de freiras da escola da Missão Pentecostal financiada pelos americanos lhe tinha pregado a não violência quaker, principalmente na parte de dar a outra face?

- Estamos a falar do Congo, certo?

- Certo, chefe.

- Um dos piores cemitérios do mundo. Certo?

Certo. Não havia dúvidas. Até mesmo *o pior*.

- As pessoas morrem como moscas enquanto estamos aqui a falar. Matanças tribais, doenças, fome, soldados com dez anos de idade e pura incompetência de cima abaixo, violações e mutilações a dar com um pau. Certo?

- Certo, chefe.

- As eleições não vão trazer democracia, vão trazer caos. Os vencedores ficam com tudo e dizem aos vencidos que se fodam. Os vencidos vão dizer que o jogo estava viciado e depois fogem para o mato. E como, de qualquer modo, todos votaram segundo a etnia, voltam ao ponto de partida e pior ainda. *A não ser...*

Aguardei.

- A não ser que se possa colocar o nosso líder moderado antecipadamente no poder, educar o eleitorado em relação à mensagem dele, provar-lhes que resulta e pôr fim a este círculo vicioso. Está a seguir o meu raciocínio?

- Estou, sim, chefe.

- É este o plano de jogo do Sindicato e é esse o plano que, hoje, vamos tentar vender. As eleições são uma masturbação ocidental. Antecipamo-nos e pomos o nosso homem no poder, damos uma boa fatia do bolo ao povo e deixamos que a paz se instale. Alimentar milhões de gente esfomeada não é rentável. Privatizar os desgraçados e deixá-los morrer, é. Mas o nosso pequeno Sindicato não pensa dessa maneira. Nem o Mwangaza. Pensam em infra-estruturas, partilhar e prazos a longo termo.

Os meus pensamentos voltaram com toda a pressa e orgulho a Lord

Brinkley e ao seu grupo multinacional de apoiantes. *Pequeno Sindicato?* Nunca tinha visto tanta gente importante reunida numa só sala!

– Um pote de dinheiro para os investidores, é uma dádiva, e por que não? – Estava Maxie a dizer. – Nunca se inveje o quinhão de um gajo por correr um risco razoável. Há muito e chega para quando a gritaria e o tiroteio pararem... escolas, hospitais, estradas, água potável. E luz ao fim do túnel para a nova geração de miúdos. Tem alguma coisa contra isto?

Como é que eu podia ter? Como é que Hannah podia? Como é que Noah e os seus milhões de companheiros podiam?

– Por conseguinte, se algum dinheiro tiver de desaparecer nos primeiros dias... o que é mais que certo... somos nós os bons da fita ou os maus? – Levantou-se, esfregando energicamente a sua anca de ciclista. – Já que estamos a falar do assunto, ainda mais uma coisa. – Deu mais uma esfregadela. – Nada de confraternizar com os nativos. Não está aqui para fazer amizades, mas para trabalhar. À hora do almoço, vai direito para a sala da caldeira comer biscoitos com o *Spider*. Tem perguntas a fazer?

– *Eu sou um nativo?*... – e mais nenhuma.

*

Com o *dossier* de Philip na mão, sento-me primeiro na beira da cama e, depois, na cadeira de baloiço *Shaker* que balança para a frente, mas não para trás. A dado momento sou estrela do espectáculo e, no seguinte, estou cheio de medo, um Grande Lago com todos os rios do mundo a desaguardem em mim e as minhas margens transbordam. Da janela, tudo permanece enganadoramente sereno. Os jardins são inundados pela luz inclinada do Verão africano da Europa. Quem não desejaria passear ociosamente neles, longe de olhos e ouvidos indiscretos num dia destes? Quem podia resistir às tentadoras espreguiçadeiras do miradouro?

Abro o *dossier*. Papel branco sem timbre nem classificação de segurança em cima ou em baixo. Deixam-me às escuras. Nenhuma morada nem nome do autor. A primeira página começa a meio e é numerada: dezassete. O primeiro parágrafo é o número doze, levando-me a concluir que os de um a onze não convêm aos delicados olhos de um simples intérprete que se esforça pelo seu país acima e abaixo da linha de água. O título do parágrafo doze é SENHORES DA GUERRA.

O primeiro senhor da guerra chama-se Dieudonné, a Dádiva de Deus. Dieudonné é um munyamulenge e, portanto, racialmente indistinto dos ruandeses. Sinto-me imediatamente atraído por ele. Entre todas as tribos, os banyamulenge, como são denominados no plural, eram os favoritos do meu querido defunto pai. Sempre romântico, chamava-lhes judeus do Kivu por causa da sua reclusão, das capacidades guerreiras e da comunhão diária e directa com Deus. Desprezados pelos seus «puros» irmãos congolese como intrusos tutsi e, por conseguinte, sempre presas fáceis, os banyamulenge instalaram-se nos últimos cem anos, ou mais, no inacessível planalto de Mulenge nas terras alta do sul do Kivu, onde, apesar de constante perseguição, conseguem levar uma vida pluralista, guardando rebanhos e gado, e ignorando os minerais preciosos do seu território. Dieudonné parece ser um bom exemplo deste povo ameaçado:

Aos trinta e dois anos de idade um guerreiro posto à prova. Educado em parte no mato por missionários pentecostais escandinavos até ter idade suficiente para combater. Não se conhece interesse em enriquecer. Trouxe com ele plenos poderes dos anciãos para prosseguir os seguintes objectivos:

a) inclusão dos Banyamulenge no novo governo provisório do Sul do Kivu, depois das eleições;

b) resolução das disputas de terras no Planalto;

d) direito de retorno dos milhares de Banyamulenge expulsos do Congo, em particular dos que foram obrigados a fugir após os conflitos de 2004 em Bukavu;

d) integração dos Banyamulenge na sociedade civil congolese e negociação para formalizar o fim das perseguições sofridas nos últimos cinquenta anos.

Línguas: queniano-mulenge e queniano-ruandês, xi, suaíli e francês (muito) elementar.

Passo ao segundo senhor da guerra. Chama-se Franco em homenagem ao grande cantor africano cujas árias conheço bem por tê-las ouvido no roufenho gramofone do *père* André. Franco é um guerreiro bembe, à

antiga, da região de Uvira, e tem cerca de sessenta e cinco anos. Não recebeu qualquer educação, mas é muito astucioso e um patriota congolês apaixonado. Philip, contudo, devia ter feito um aviso quanto ao seu estado de saúde antes de continuar.

Sob Mobutu, serviu como bandido da polícia não oficial nas colinas de Walungu. Preso quando a guerra rebentou em 1996, escapou e fugiu para o mato, juntando-se aos mai mai para não ser perseguido pelos seus antigos aliados. Julga-se que, actualmente, tem patente de coronel, ou superior. Parcialmente incapacitado por ferimento na perna esquerda. Uma das suas mulheres é filha do general Fulano dos mai mai. Possui bastantes terras e tem seis irmãos abastados. Em parte instruído. Falava bembe, a sua língua, suaíli, pouco francês e, o que é de certo modo surpreendente, queniano-ruandês, que aprendeu na prisão, bem como queniano-mulenge, língua da mesma família.

É difícil descrever, a esta distância, as imagens grotescas que estas palavras evocaram na minha mente de criança secreta. Se os mai mai não eram os temidos simba dos tempos do meu pai, não andavam longe em barbaridade. E que ninguém se enganasse com isso da patente de «coronel». Não estamos a falar de fardas limpas e passadas a ferro, continências, medalhas e coisas do género. Estamos a falar de cocares de penas, bonés de basebol, coletes de pele de macaco, calções de futebol, fatos de treino e olhos maquilhados. Calçado preferido: botas de borracha *Wellington* com os canos cortados. Quanto a poderes mágicos, o dom de transformar as balas em água, o que os mai mai, assim como os simba antes deles, podem fazer sempre que queiram desde que cumpram os necessários rituais. Estes incluem não deixar que a chuva lhes entre na boca, não comer em prato que tenha cor lá dentro e não tocar em objecto que tenha sido aspergido com poções mágicas, pois esses poderes provêm, directamente, do puro solo do Congo, que os mai mai juraram defender com o seu sangue, etcetera. Estamos igualmente a falar de uma série de assassinatos brutais, de muitas violações e de uma série de atrocidades sob a influência de tudo, desde feitiçaria de ponta a quantidades variáveis de cerveja *Primus* misturada com vinho de palma.

Como é que raio estes dois grupos – os mai mai e os banyamulenge – vão reconciliar-se e juntar-se num kivu unido e soberano, liderado por um chefe esclarecido? Na minha opinião, é um grande mistério. É verdade que, de tempos a tempos, os mai mai formaram alianças tácitas com os banyamulenge, mas isso não os impediu de pilhar as suas aldeias, queimar as suas colheitas e roubar-lhes gado e mulheres.

O que é que Philip espera obter da conferência de hoje?

a) considera o Caminho do Meio como um meio potencial de arranjar rapidamente dinheiro, poder e armas para as suas milícias;

b) prevê uma substancial representação dos mai mai em qualquer novo governo kivu: por exemplo, controlo das fronteiras (luvas e direitos alfandegários) e concessões mineiras (os mai mai vendem minérios aos ruandeses, apesar dos seus sentimentos anti-ruandeses);

b) conta com a influência dos mai mai no Kivu para beneficiar a sua reputação junto do governo federal em Kinshasa;

c) mantém-se determinado a livrar todo o Congo da influência ruandesa, desde que os mai mai possam vender minério a outros clientes;

d) considera as próximas eleições uma ameaça à existência dos mai mai e tem como objectivo agir antecipadamente a fim de as impedir.

O terceiro senhor da guerra não é nada nenhum senhor da guerra, mas o rico herdeiro, educado em França, de uma grande fortuna do Congo Oriental. O seu nome completo é Honoré Amour-Joyeuse e é universalmente conhecido pelo acrónimo de Haj. Etnicamente é xi, como Mwangaza, e, por conseguinte, congolês «puro». Regressou recentemente ao Congo de Paris, onde estudou economia na Sorbonne, concluindo o curso com excelentes notas. A origem do seu poder, segundo Philip, não está nas terras altas meridionais dos banyamulenge, nem nos redutos a norte e a sul dos mai mai, mas entre a nova geração de empresários de Bukavu. Olho pela janela. Se há paraíso na minha juventude, é a antiga cidade colonial de Bukavu, na extremidade sul do lago Kivu, entre vales ondulantes e montanhas brumosas.

Os interesses da família incluem plantações diversas, entre as quais:

café; hotéis; uma fábrica de cerveja com camiões de transporte; um entreposto de minerais, visto que negociava em diamante, ouro, cassiterita e *coltan*; e duas discotecas recentemente adquiridas, que são o orgulho de Haj. A maior parte destas empresas depende da clientela ruandesa.

Um senhor da guerra, portanto, que não é um senhor da guerra, e que depende dos seus inimigos para viver.

Haj é um organizador competente que conta com o respeito da sua mão-de-obra. Devidamente motivado, e através das suas ligações com os chefes locais das regiões de Kaziba e Burhinyi em volta de Bukavu, tem o poder de, em pouco tempo, reunir uma milícia de quinhentos homens. O pai de Haj, Luc, fundador do império da família, dirige um empreendimento igualmente impressionante em Goma, porto do norte.

Permiti-me um rápido sorriso. Se Bukavu é o paraíso da minha infância, Goma é o de Hannah.

Luc é veterano da Revolução Verde e camarada de longa data de Mwangaza. É ouvido por outros influentes homens de negócios de Goma, que, como ele, vêem com maus olhos a intromissão dos ruandeses no comércio do Kivu. Luc tencionava assistir à conferência de hoje, mas está a ser assistido por um problema cardíaco num hospital da Cidade do Cabo. Por isso, Haj veio em vez dele.

O que é que este duo de pai e filho, estes barões urbanos, tem realmente para oferecer?

Dado o homem e a circunstância, Luc e o seu círculo no Norte do Kivu estão preparados para provocar um motim nas ruas de Goma e proporcionar clandestinamente apoio militar e político a Mwangaza. Em contrapartida, vão exigir poder e influência no novo governo da província.

E Haj?

Em Bukavu, Haj está em posição de convencer os seus amigos intelectuais e comerciantes a aceitar o Caminho do Meio como maneira de descarregarem a raiva contra o Ruanda.

Mas talvez haja uma razão mais prosaica para Haj estar, hoje, presente entre nós:

Como testemunho da sua vontade em juntar-se ao Caminho do Meio, Luc concordou em aceitar a missão de [RASURADO], e formalizou esse compromisso com a sua assinatura.

Haj fala xi, arranha suaíli e, por motivos comerciais, parece ter aprendido queniano-ruandês. Prefere falar francês «altamente sofisticado».

Portanto, temos aqui, disse eu a Hannah, levantando-me para ir abrir a porta: um camponês-soldado munyamulenge, uma besta de guerra aleijada mai mai e um cidadão matreiro, educado em França, a actuar como delegado do pai. Que possibilidades tinha um professor septuagenário, por muito idealista que fosse, de transformar este triunvirato improvável numa aliança amante da paz e pró-democracia, imposta ou não pela força das armas ou não?

– O chefe diz que isto é o resto do seu trabalho de casa – avisou-me Anton, pondo-me um *dossier* nas mãos. – E, já que aqui estou, vou levar esta peça de literatura obscena. Não queremos que ande por aí à vista dos rapazes, pois não?

Ou, em linguagem mais simples: aqui está uma fotocópia do contrato sem nomes de Jasper em troca das instruções sem nomes de Philip.

*

Voltando a sentar-me na cadeira de baloiço *Shaker* para uma leitura preliminar, notei, divertido, que os acentos franceses tinham sido desesperadamente acrescentados a tinta. Um preâmbulo definia as partes não nomeadas do acordo.

A primeira parte é uma organização filantrópica *offshore* de capital de

risco que proporciona equipamento e serviços agrícolas a baixo custo para ajudar nações da África Central em dificuldades, ou falência.

Por outras palavras, o Sindicato anónimo.

A segunda parte, neste documento denominada o Agrónomo, é um académico com boa reputação empenhado na reorganização radical de métodos desactualizados para aumentar o progresso de todos os sectores da população indígena.

Ou, em francês sem floreios, o Mwangaza.

A terceira parte, aqui designada por Aliança, é uma honrada associação de líderes comunitários que se compromete a trabalhar em conjunto sob a orientação do Agrónomo – ver acima...

O seu propósito comum será levar a cabo, por todos os meios à sua disposição, as reformas essenciais à criação de uma estrutura social unificada em todo o Kivu, incluindo uma política fiscal comum e a recuperação dos recursos naturais do Kivu para maior enriquecimento de todo o seu povo...

Considerando a assistência financeira e tecnológica do Sindicato nestas reformas, aqui designadas por o Evento, o Agrónomo, em consulta com os associados da Aliança, compromete-se a conceder um estatuto de privilégio ao Sindicato e às corporações, ou entidades, que o Sindicato, em datas indeterminadas, propuser para esse estatuto...

Por sua parte, o Sindicato assume a responsabilidade de fornecer serviços especializados, pessoal e equipamento no valor de cinquenta milhões de francos suíços, através de um pagamento único, conforme Anexo...

O Sindicato compromete-se igualmente a fornecer, assumindo os custos, todos os peritos, técnicos, instrutores e quadros necessários para treinar a mão-de-obra local na utilização desse equipamento, a permanecer no local até à realização formal, inclusive, do Evento e, em todas as circunstâncias, por um período não inferior a seis meses a partir da data do início...

Para um documento tão impreciso, o Anexo era notavelmente

pormenorizado. Os itens básicos a ser distribuídos incluem pás, trolhas, picaretas, foices, carrinhos de mão ligeiros e pesados. Para serem usados onde, por amor de Deus? Nas florestas que restam? Fecho os olhos e torno a abri-los. Estamos a modernizar o Kivu com foices, picaretas e carrinhos de mão?

No caso de ser requerido, o custo de uma eventual segunda entrega de equipamento não será pago pelo Sindicato, mas «incluído nas receitas brutas geradas pelo Evento antes de todas as deduções». Por outras palavras, a filantropia do Sindicato só vai até cinquenta milhões de francos suíços.

Uma página com números, termos e índices de pagamentos refere-se a uma partilha dos lucros após o Evento. Durante os primeiros seis meses, o Sindicato requer direitos exclusivos sobre todos os produtos extraídos, sejam eles de que natureza forem, no interior das áreas geográficas designadas, definidas pelas suas longitude e latitude. Sem esses direitos exclusivos, o contrato é nulo. No entanto, como prova da sua boa vontade e sempre sujeito à boa fé da Aliança, o Sindicato pagará mensal e voluntariamente dez por cento dos rendimentos brutos à Aliança.

Além do bónus de seis meses a menos dez por cento, deverá ser garantida ao Sindicato «isenção perpétua de todos os impostos, taxas e tarifas nas áreas designadas». Deve ainda ser garantida «segurança para a preparação, colheita e transporte de todas as culturas». Como «único garante de um capital de risco», recebe «sessenta e sete por cento do primeiro dólar das receitas brutas antes das deduções de despesas gerais e custos administrativos, mas isto somente em vigor a partir do sétimo mês após o Evento...».

No entanto, quando eu já sentia que estavam a fazer demasiadas vontades ao Sindicato, uma passagem final restaurou triunfalmente as minhas esperanças, pondo-as ao nível que tinham atingido depois da minha conversa com Maxie.

Todos os restantes produtos acumulados após o fim do período de seis meses serão entregues na sua totalidade à Aliança para serem distribuídos em partes iguais e justas por todos os sectores da comunidade, segundo os princípios internacionalmente aceites de progresso social nas áreas de

saúde, educação e assistência social, com o único objectivo de estabelecer harmonia, unidade e tolerância mútua sob uma só bandeira.

Caso as divergências partidárias tornassem uma distribuição justa impossível, Mwangaza seria responsável pela nomeação de um grupo de representantes fiáveis encarregado de atribuir o que surge no documento como «a parte do povo». Aleluia! Aqui estava, finalmente, a fonte de dinheiro para escolas, estradas, hospitais e novas gerações, assim como Maxie tinha prometido. Hannah podia estar descansada. E eu também.

Instalando-me diante da antiquada máquina de escrever eléctrica no toucador com espelho, pus-me a trabalhar energeticamente na minha tradução para suaíli. Ao completar a tarefa, estendi-me em cima da cama para me acalmar. Às onze e meia, pelo relógio da tia Imelda, Hannah regressa a casa do turno da noite, mas não consegue dormir. Está deitada na cama, ainda fardada, a olhar para o tecto poeirento, o mesmo que ambos fitávamos quando falávamos das nossas esperanças e sonhos. Está a pensar onde é que ele está, porque não telefonou, voltarei a vê-lo ou não passa de um mentiroso como os outros? Pensa no filho, Noah, e em levá-lo um dia para Goma.

Um pequeno avião sobrevoa o miradouro. Dou um salto até à janela para ver a identificação, mas é tarde de mais. Quando o fiel Anton apareceu de novo à porta para vir buscar o meu contributo e ordenar-me que descesse, já tinha prometido a mim mesmo dar o grande espectáculo da minha vida.

⁶ Em francês no texto: a ave rara. (*N. do T.*)

O fegante depois de seguir Anton até à sala de jogos onde encontrara Jasper ao princípio do dia, apercebi-me rapidamente de uma subtil mudança de cenário. Um quadro branco assente num cavalete ocupava o centro do palco. Agora, havia dez cadeiras à volta da mesa em vez de oito. Um relógio como os que há nos correios tinha sido instalado por cima da lareira de tijolo, junto a um aviso que dizia PROIBIDO FUMAR em francês. Jasper, barbeado de fresco, escovado e atentamente assistido por Benny, cirandava perto da porta que conduzia ao interior da casa.

Observei a mesa. Como é que se podia dispor cartões com nomes para uma conferência sem nome? O Mwangaza era MZEE e fora colocado no centro, o lugar de honra. Ladeavam-no o seu fiel acólito M. LE SECRÉTAIRE e O seu menos fiel M. LE CONSEILLER, aliás, Tabby, em quem Maxie não confiava sequer para lhe dizer que horas eram. Em frente destes, de costas para as portas envidraçadas, sentava-se o Bando dos Três, identificados por MONSIEUR e só as iniciais: D para Dieudonné, F para Franco e H para Honoré Amour-Joyeuse, o Sr. Importante de Bukavu, mais conhecido por Haj. Franco, sendo o mais velho, ficava no meio deles, em frente do Mwangaza.

Com os lados da mesa oval ocupada desta maneira, a equipa da casa tinha de se dividir entre as duas extremidades: numa, MONSIEUR LE COLONEL, que assumi ser Maxie, com MONSIEUR PHILIPPE ao lado, e na outra Jasper e eu. Não pude deixar de reparar que, enquanto Jasper tinha as honras de MONSIEUR L'AVOCAT, eu era despachado como INTERPRETE.

Em frente da cadeira de Philip, um sino de cobre. Na minha memória, ouço-o tocar agora. Tinha uma pega de madeira e era uma réplica em miniatura do sino que era a nossa tirania diária no Santuário. Arrancavamos da cama, dizia-nos quando rezar, comer, ir à casa de banho, ao ginásio, às aulas e jogar futebol, rezar outra vez, e voltar para a cama e debatermos com os nossos demónios. E, como Anton se esforçava por explicar,

obrigar-me-ia em breve a subir e a descer a toda a pressa para a sala da caldeira como um iô-iô humano:

– Ele toca quando for intervalo e depois outra vez quando o quiser de volta à mesa porque se sente só. Mas para alguns de nós não há intervalo, pois não, patrão? – acrescentou, piscando o olho. – Estamos lá em baixo, no lugar que sabemos, a ouvir tudo, calados.

Grato pelo seu espírito de camaradagem, retribuí-lhe a piscadela. Um jipe estacionava no nosso pátio. Rápido como um elfo, ele saiu, precipitadamente, pelas portas envidraçadas, e desapareceu para, calculei, assumir o comando da sua equipa de vigilância. Um segundo avião zumbiu por cima das nossas cabeças e, mais uma vez, não o vi. Passaram mais dez minutos durante os quais o meu olhar, aparentemente de livre vontade, abandonou a sala de jogos e procurou repouso na majestosa paisagem para lá das portas envidraçadas. E foi assim que dei por um imaculado cavalheiro branco de panamá, calças cremes, camisa cor-de-rosa, gravata vermelha e *blazer* azul-escuro, género casaco de almirante, a avançar ao longo do recorte do morro verdejante até chegar ao descanso no miradouro, onde se colocou entre duas colunas à maneira de um egiptólogo britânico de antigamente, a sorrir na direcção de onde tinha vindo. E devo dizer aqui e agora que, ao avistar pela primeira vez esse homem, tive consciência de uma nova presença na minha vida e foi por isso que nunca duvidei que se tratava do nosso consultor independente de assuntos africanos, *o chefe da operação*, Philip ou *Philippe* – como dizia Maxie –, fluente em francês e em lingala, mas não em suaíli, arquitecto da nossa conferência, que acorria para ajudar o Mwangaza e os nossos delegados.

A seguir, surgiu um africano negro esbelto e digno. Tinha barba e vestia um discreto fato ocidental. O seu modo de andar era tão contemplativo que me lembrou o irmão Michael a atravessar o Santuário na Quaresma. Não requeria, por isso, grande discernimento da minha parte distingui-lo como sendo o nosso pastor pentecostal, o senhor da guerra Dieudonné, delegado com plenos poderes dos desprezados banyamulenge de quem o meu querido defunto pai gostava tanto.

Era seguido por um segundo africano, que podia ser descrito como o seu oposto deliberado: um gigante imberbe de fato castanho brilhante, com um casaco que lhe estava pequeno, e que avançava a coxear, arrastando a

perna esquerda numas contorções ferozes do tronco. Que outra pessoa poderia ele ser senão Franco, o nosso senhor da guerra coxo, antigo acólito de Mobutu e agora coronel, ou patente superior, dos mai mai, adversário confesso e ocasional aliado do homem que vinha à sua frente?

E, finalmente, como uma espécie de concessão indolente, apareceu o nosso terceiro delegado, Haj, o insigne príncipe sem coroa de Bukavu educado na Sorbonne: mas exibia tal desdém, afectação e convicta distância dos outros que fui tentado a perguntar-me se não teria mudado de ideias sobre apoiar o pai. Não era magro como Dieudonné nem careca como Franco. Era um *dandy* urbano. A cabeça, de cabelo cortado curto dos lados, tinha umas linhas ondulantes feitas no próprio corte. Tinha uma madeixa de cabelo fixa com gel, na testa. Quanto à sua roupa: bem, o espírito elevado de Hannah insensibilizara-me para tais frivolidades, mas, reagindo aos trapos que o Sr. Anderson me obrigava a usar, o meu gosto despertara novamente. O que eu via aqui, a escolha de Haj, era saído da última colecção de Verão do *Zegna*: um fato completo em *mohair* cor de cogumelo para o homem que tudo tem, ou quer ter, e um par de sapatos italianos, bicudos, de pele de crocodilo verde-lodo, que, se fossem verdadeiros, eu diria que custavam umas boas duzentas libras cada um.

E sei agora, caso não me tenha apercebido totalmente na altura, que o que eu testemunhei foi o momento final de uma visita guiada em que Philip mostrava as instalações da casa aos seus pupilos, incluindo a *suite* sob escuta onde eles podiam dar largas aos seus sentimentos entre as sessões, e a área também sob escuta onde tinham a liberdade de desfrutar aquela privacidade extra tão essencial para uma plena e franca troca de opiniões.

Obedecendo a uma ordem de Philip, os três delegados olham obedientemente para o mar e, depois, para o cemitério. E, quando Haj se vira para eles, o seu casaco *Zegna* abre-se revelando um forro de seda cor de mostarda e um reflexo metálico iluminado pelo sol. O que é que pode ser aquilo? – pergunto-me. A lâmina de uma faca? Um telemóvel, e, se assim era, deveria eu prevenir Maxie? – a não ser, claro, que mais tarde pudesse pedi-lo emprestado para telefonar disfarçadamente a Hannah. E alguém, suspeito novamente de Philip, deve ter dito uma piada nessa altura, provavelmente obscena, porque os quatro dão uma gargalhada que rola pelo relvado abaixo e entra pelas portas envidraçadas da sala de jogo

abertas de par em par por causa do calor. Nada disto me impressiona assim tanto, pois a vida ensinou-me desde pequeno que o povo congolês, muito rigoroso em matéria de cortesia, nem sempre se ri pelas razões certas, em particular quando são mai mai ou aparentados.

Depois de o grupo se ter recomposto do momento de júbilo, avança até ao alto da escadaria de pedra gravada onde, graças à generosa persuasão de Philip, o gigante coxo, Franco, passa um braço à volta do pescoço do frágil Dieudonné e, mesmo sendo adversários, adopta-o como bengala, mas com tal amabilidade espontânea que o meu coração se enche de optimismo quanto ao êxito do nosso empreendimento. E é assim que começam a sua laboriosa descida, Philip tropeçando à frente do par unido e Haj atrás deles. Recordo-me de que o céu setentrional por cima deles era azul-glaciado, e que o senhor da guerra mai mai e o seu delgado suporte, enlaçados, foram acompanhados por uma nuvem de passarinhos pela colina abaixo. E que, quando Haj entrou na zona de sombra, o mistério do que se encontrava no bolso interior do seu casaco foi revelado. Era o orgulhoso proprietário de uma esquadra de canetas *Parker*.

O que aconteceu a seguir foi um desses fiascos sem o qual nenhuma conferência que se respeite fica completa. Como Anton tinha explicado com antecedência, devíamos alinhar ao lado uns dos outros para saudar os convivas. Philip viria com o Bando dos Três do jardim e Maxie chegaria simultaneamente das bandas da casa acompanhado pela comitiva do Mwangaza, efectuando assim o grande encontro histórico da nossa conferência. Os outros, entre os quais eu, formariam uma linha para dar um aperto de mão, ou não, dependendo da disposição do delegado que nos fosse apresentado.

Mas não correu como seria de desejar. Ou Maxie e o seu grupo demoraram a completar a visita à propriedade, ou Philip e os delegados se despacharam um pouco cedo demais. É provável que o velho Franco, com Dieudonné a ajudá-lo, tenha andado mais depressa do que se julgava. O efeito foi o mesmo: Philip entrou, trazendo com ele os doces perfumes da minha infância, mas as únicas pessoas à mão para os cumprimentar eram um intérprete de primeira classe mas sem as línguas minoritárias, um notário francês provinciano e Big Benny mais o seu rabo de cavalo – que, de resto, mal percebeu o que se passava, saiu porta fora à procura de Anton.

Em qualquer outra conferência, eu ter-me-ia ocupado do assunto, pois os intérpretes devem estar sempre preparados para agir com diplomacia, o que fiz em numerosas ocasiões. Mas esta operação era de Philip. E os olhos dele, bastante irresistíveis no interior dos papos sem rugas da sua fisionomia carnuda, resumiram a situação num abrir e fechar de olhos. Levantando os dois indicadores em simultâneo deleite, soltou um *Ah, parfait, vous voilà!* e tirou-me o seu chapéu-panamá, revelando uma cabeça de vigorosos cabelos brancos, ondulados e arrebitados em pequenos cornos acima das orelhas.

– Permita-me que me apresente – declarou com o mais perfeito dos sotaques parisienses. – Sou Philippe, consultor agrícola e inabalável amigo do Congo. E o senhor, *sir*? – A cabeça branca tão bem arranjada inclinou-se para mim, como se ele só ouvisse de um ouvido.

– O meu nome é Sinclair, *sir* – respondi com uma alacridade equivalente e também em francês. – Falo francês, inglês e suaíli. – Os olhos de Philip dardejaram em direcção a Jasper e eu reagi imediatamente.

– Permita-me que lhe apresente Monsieur Jasper Albin, o nosso advogado especializado de Besançon – disse. E para maior efeito: – Posso, em nome de todos os que aqui estão, apresentar as nossas mais calorosas saudações aos ilustres delegados africanos?

A minha espontânea eloquência teve consequências que eu não previra e suspeito que Philip também não. O velho Franco afastou com o cotovelo Dieudonné, a sua bengala humana, e agarrou ambas as minhas mãos nas suas. Suponho que, para a média dos europeus irreflectidos, ele não passaria de um enorme africano num fato brilhante a debater-se com os costumes ocidentais. Mas para Salvo, a criança secreta, não. Para Salvo, ele era o velhaco que se nomeara a si mesmo protector da nossa Missão e era conhecido pelos Irmãos e pelos criados por Beau-Visage, um ladrãozeco solitário e pai de uma numerosa prole que entrava, sorrateiro, na casa de tijolos vermelhos da Missão ao cair da noite com a magia da floresta a brilhar-lhe nos olhos, e uma espingarda belga arcaica na mão, uma grade de cervejas e um gamo recentemente abatido a sair da sacola de caça, depois de ter percorrido trinta quilómetros para vir avisar-nos de perigo iminente. E, de madrugada, íamos encontrá-lo a dormir sentado à soleira da porta com um sorriso e a espingarda pousada sobre os joelhos. E, na mesma tarde, no largo do mercado da cidade, a tentar vender os seus

sinistros *souvenirs* aos turistas azarentos dos safaris: uma pata amputada de gorila ou a cabeça empalhada e sem olhos de uma impala.

– *Bwana* Sinclair – anunciou este venerável cavalheiro, erguendo um punho fechado para pedir silêncio. – Sou Franco, alto funcionário dos mai mai. A minha comunidade é uma verdadeira força criada pelos nossos antepassados para defender o nosso sagrado país. Quando era criança, a canalha ruandesa invadiu a nossa aldeia, queimou as nossas colheitas e, no seu ódio, esquartejou três vacas. A nossa mãe escondeu-nos na floresta e, quando voltámos, eles tinham cortado os tendões ao meu pai e aos meus irmãos, e tinham-nos esquartejado.

– Apontou com um polegar curvo para Dieudonné atrás dele.

– Quando a minha mãe estava a morrer, as baratas banyamulenge recusaram-se a deixá-la passar para o hospital. Ficou ali caída à beira da estrada durante dezasseis hora e morreu diante dos meus olhos. Por conseguinte, não sou amigo de estrangeiros e invasores. – Uma respiração pesada seguida por um enorme suspiro. – De acordo com a Constituição, os mai mai juntaram-se oficialmente ao exército de Kinshasa, mas essa aliança é artificial. Kinshasa dá uma bonita farda ao meu general, mas não paga aos soldados. Dão-lhe uma alta patente, mas armas não. Por isso, os espíritos do meu general aconselharam-no a escutar as palavras deste Mwangaza. E, como eu respeito o meu general e sou guiado pelos mesmos espíritos, e como vocês nos prometeram bom dinheiro e boas armas, estou aqui a pedido do meu general.

Galvanizado por sentimentos tão poderosos, abri a boca e preparava-me para traduzir em francês, mas outro olhar significativo de Philip deteve-me. Terá Franco ouvido o meu coração palpar? Ou Dieudonné, que estava mesmo atrás dele? Ou o frívolo e pedante Haj? Fitavam-me os três, na expectativa, como se me encorajassem a traduzir o eloquente discurso de Franco. Mas, graças a Philip, a verdade veio-me repentinamente ao espírito. Subjugado pela solenidade da ocasião, o velho Franco falava agora o seu bembe nativo, uma língua que, acima da minha linha de água, eu não devia conhecer.

No entanto, pelo ar de Philip, ele não estava a par de nada disto. Soltava alegremente risinhos, troçando do velho pelo seu erro. Atrás dele, Haj explodira num escárnio de hiena. Mas Franco, não se deixando intimidar, lançou-se numa laboriosa repetição do seu discurso em suaíli. E estava

ainda a fazê-lo e eu ainda a acenar a minha aprovação da sua verbosidade quando, para meu intenso alívio, Benny abriu a porta para o interior da casa com estrondo para deixar entrar um ofegante Maxie e os seus três convidados, com o Mwangaza no meio.

*

O chão não me engoliu e ninguém me apontou o dedo para me denunciar. Estamos reunidos à volta da mesa de jogo e traduzo para suaíli as palavras de boas-vindas de Philip. Como sempre, o suaíli liberta-me. De uma maneira ou de outra, sobrevivi aos apertos de mão e às apresentações, e toda a gente está sentada no seu lugar, excepto Jasper, que, depois de ter sido apresentado ao Mwangaza e aos seus conselheiros, foi escoltado para fora da sala por Benny, suponho para garantir maior segurança da sua consciência profissional. O discurso de Philip é jovial e breve, e as suas pausas são feitas exactamente quando eu gostaria que ele as fizesse.

Para minha audiência, escolhi uma garrafa de litro de água *Perrier* colocada a uns centímetros diante de mim, porque encontrar o olhar de alguém nos primeiros minutos de uma sessão é um perigo para o intérprete. Quando se cruzam os olhares, há logo uma centelha de cumplicidade, e, a seguir, sem sabermos bem como, estamos nas mãos dessa pessoa. O máximo que me permito são umas olhadelas, de olhos baixos, ao longo das quais o Mwangaza permanece uma hipnótica sombra de pássaro empoleirada entre os dois assistentes: de um dos lados, o formidável Tabizi de rosto marcado por bexigas, antigo xiita e, agora, convertido ao cristianismo, vestido da cabeça aos pés em tons escuros de *designer*; e, do outro, o lustroso acólito anónimo e conselheiro político a quem eu secretamente baptizei de «Golfinho» por não ter barba e exibir um sorriso permanente, que, assim como a trança fina que lhe sai como um atacador do cachaço rapado, parece funcionar independentemente do dono. Maxie ostenta uma gravata do seu regimento. Tenho ordens para não lhe traduzir nada para inglês a não ser que ele me faça sinal.

Uma palavra aqui a respeito da psicologia do poliglota. Observa-se frequentemente que as pessoas que usam outra língua europeia assumem outra personalidade quando a falam. Ao exprimir-se em alemão, um inglês fala mais alto. A forma da sua boca muda, as cordas vocais abrem-se e a

auto-ironia é substituída por um tom autoritário. Uma inglesa a falar francês é mais doce e faz boquinhas para parecer mais descarada; o seu contraponto masculino torna-se pomposo. Espero fazer o mesmo. Mas as línguas africanas não possuem estas diferenças subtis. São funcionais e robustas, mesmo quando a língua de referência é o francês colonial. São línguas camponesas feitas para conversas directas e discussões gritadas, coisa que os congoleses fazem muito. A subtilidade e os rodeios não se alcançam com piruetas verbais mudando de assunto ou, se formos prudentes, com um provérbio. Dou-me por vezes conta de que, ao saltar de uma língua para outra, coloco a voz no fundo da garganta para obter o tom rouco requerido. Ou, por exemplo, quando falo queniano-ruandês, sinto que tenho uma pedra quente entre os dentes. Mas a verdade é que, a partir do momento em que me sento na minha cadeira, sou o que traduzo.

Philip tinha terminado o seu discurso de boas-vindas e, segundos mais tarde, eu também. Ele senta-se e recompensa-se, bebendo um pequeno gole de água do seu copo. Dou igualmente um pequeno gole no meu, não por ter sede, mas porque tento estabelecer uma relação com ele. Lanço outro olhar à socapa ao gigantesco Franco e ao seu vizinho, o emaciado Dieudonné. Franco ostenta uma única cicatriz que vai do alto da testa à ponta do nariz. Terá braços e pernas marcados de forma semelhante, como parte do ritual de iniciação que o protege das balas? A testa de Dieudonné é alta e lisa como a de uma rapariga, e o seu olhar sonhador parece fixado nas colinas que abandonou. O elegante Haj, do outro lado de Franco, parece obstinar-se em não dar conta da presença de nenhum deles.

*

– Bom-dia, meus amigos! Estão a olhar para mim?

Ele é tão pequeno, Salvo. Por que é que tantos homens de pequena estatura têm mais coragem do que os homens grandes? Pequeno como Cromwell, o Nosso Líder de Homens, com o dobro de energia por centímetro cúbico que tem toda a gente à volta dele. Casaco de algodão leve, como convém a um evangelista itinerante. Halo de cabelo grisalho, todo do mesmo tamanho, à volta da cabeça: um Albert Einstein negro sem o bigode. E ao pescoço, onde deveria estar uma gravata, a moeda de ouro de que Hannah me falou, tão grande como uma moeda de cinquenta *pence*:

é o seu colar de escravo, Salvo. É para nos dizer que não está à venda. Já foi comprado, azar. *Ele pertence ao povo de todo o Kivu e aquela é a moeda que o comprou. É um escravo do Caminho do Meio!*

Sim, todos têm os olhos em ti. Mwangaza. Eu também. Já não tenho de procurar refúgio na garrafa de *Perrier* enquanto espero que ele fale. Os três delegados, tendo concedido ao nosso Iluminado a cortesia africana de não o fitar, fitam-no agora com entusiasmo. Quem é ele? Que espíritos o guiam, que magia pratica? Irá ralhar connosco? Irá assustar-nos, perdoar-nos, fazer-nos rir, enriquecer-nos, fazer-nos dançar, abraçar-nos e dizer uns aos outros o que sentimos? Ou irá desprezar-nos, entristecer-nos, fazer com que nos sintamos culpados e nos acusemos a nós próprios, como sempre que nos ameaçam, congoleses e meio congoleses? – Congo, a risota de África, um país violado, pilhado, arruinado, falido, corrupto, criminoso, enganado e ridicularizado, célebre em todos os países do continente pela incompetência, corrupção e anarquia.

Aguardamos o ritmo dele, o estímulo, mas mantém-nos à espera: à espera que as nossas bocas sequem e os nossos genitais mirrem – ou, pelo menos, é isso que, devido à misteriosa parecença do nosso grande Redentor com o orador da nossa Missão, o *père* André, a criança secreta espera. Como André, ele tem de lançar olhares furiosos a todos os membros da congregação, um de cada vez, primeiro a Franco, depois a Dieudonné e a Haj, e, finalmente, a mim, um longo olhar a cada um de nós, com a diferença que eu não sinto apenas os seus olhos pousados em mim, mas também as suas mãos, mesmo que seja apenas na minha memória hiperactiva.

– Bem, meus senhores! Como os vossos olhos me fitam agora, não acham que cometeram um grande erro ao vir hoje aqui? Se calhar, o excelente piloto de *Monsieur* Philippe devia ter-nos largado numa ilha diferente.

A sua voz é demasiado grande para ele, mas, fiel à minha prática habitual, traduzo o francês em voz baixa, quase como um aparte.

– O que é que procuram aqui? – pergunto a mim mesmo. Troveja pela mesa fora o velho Franco, fazendo-o ranger os dentes de raiva. – Não estão certamente à minha procura? Não sou um dos vossos! Sou o Mwangaza, o mensageiro da coexistência harmoniosa e da prosperidade para o Kivu inteiro. Penso com a cabeça, não com armas, a catana ou o

pénis. Não me sujo com os senhores da guerra mai mai como vocês, oh, não!

– Transfere o seu desprezo para Dieudonné. – E não me misturo com cidadãos de segunda classe como este banyamulenge aqui, oh, não! – ergue, desafiador, o queixo, em direcção a Haj.

– E não me misturo com jovens elegantes e ricos de Bukavu, muito obrigado – lançando, contudo, um sorriso cúmplice ao filho de Luc, o seu velho camarada de armas e compatriota xi.

– Nem que eles me ofereçam cerveja e um emprego na mina de ouro dirigida por ruandeses... oh, não!, sou o Mwangaza, o bom coração do Congo, um honesto servo de um Kivu forte e unido. Se for essa a pessoa que vieram ver, sinceramente... Bem, é possível... mas deixem-me pensar... Ao fim e ao cabo, talvez tenham aterrado na ilha certa.

A voz, demasiado forte, baixou para um tom de profundidade confiante, enquanto a minha própria voz subia por detrás dela, em francês.

– Por acaso é tutsi, *sir*? – pergunta, fitando os olhos raiados de sangue de Dieudonné.

Faz a mesma pergunta a cada um dos delegados e, a seguir, a todos ao mesmo tempo. São tutsis? Hutus? Bembes? Regas? Fuleros? Nandes? Ou xis, como ele?

– Porque se assim for, saiam, por favor, desta sala. Já. Imediatamente. Sem rancor. – Aponta histrionicamente para as portas envidraçadas abertas. – Vão! Passem um bom dia, cavalheiros. Obrigado pela visita. E enviem-me a conta das vossas despesas, por favor.

Ninguém se mexe, excepto o cinético Haj, que rola os olhos e olha, comicamente, para os seus incongruentes companheiros, um por um.

– O que é que vos detém, meus amigos? Percam a vergonha! vosso belo avião ainda ali está. E tem dois motores de confiança. Está à espera para os levar de volta à Dinamarca, e de borla. Vão-se embora, vão para casa e ficamos por aqui!

De repente, está a sorrir, um radiante sorriso africano de cinco estrelas que abre o seu rosto de Einstein em dois, e os delegados sorriem e cacarejam, aliviados, com ele. Haj é o mais ruidoso. O *père* André também sabia fazer esse truque: desligar a pressão quando a sua congregação menos esperava e fazer-nos sentir gratos e querer ser amigos dele. Até mesmo Maxie sorri. E Philip, Tabizi e o «Golfinho».

- Mas, se, por outro lado, foram do *Kivu*, do norte, do sul ou do centro - a voz forte de mais estende-se para nós em generosas boas-vindas -, se forem verdadeiros kivus tementes a Deus, que amam o Congo e desejam continuar a ser patriotas congolese sob o governo decente, e eficaz, em Kinshasa... se desejam expulsar os assassinos e exploradores ruandeses uma vez por todas... então, façam o favor de me dizer exactamente onde estão. Fiquem, por favor, e falem comigo. E uns com os outros. E identifiquemos, queridos irmãos, o nosso objectivo comum, e vamos decidir juntos como podemos prosseguir-lo. Trilhemos o Caminho do Meio da unidade, da reconciliação e união sob a protecção de Deus.

Cala-se, pondera as suas palavras, lembra-se de algo, recomeça.

- Ah, mas disseram-vos que o Mwangaza é um separatista perigoso. Tem ambições pessoais loucas. Deseja dividir o vosso Congo adorado e dá-lo a comer aos pedaços aos chacais do outro lado da fronteira! Meus amigos, sou mais leal à nossa capital, a cidade de Kinshasa, do que Kinshasa é a si mesma! - Agora em tom estridente, mas esperem que ele vai falar ainda mais alto. - Sou mais leal do que os soldados não pagos de Kinshasa que roubam as nossas cidades e aldeias, e violam as nossas mulheres! Sou tão leal que quero fazer o trabalho do Kinshasa melhor do que o Kinshasa alguma vez fez! Quero trazer-nos paz, não guerra. Quero trazer-nos o maná, não a fome! Construir-nos escolas, estradas e hospitais, e dar-nos uma administração adequada em vez de corrupção ruinosa! Quero manter todas as promessas do Kinshasa. Até quero manter o Kinshasa!

*

Ele dá-nos esperança, Salvo.

Ela beija-me as pálpebras, dando-me esperança. Tenho as mãos à volta da sua cabeça esculpida.

Não consegues compreender o que a esperança significa para o povo do Congo Oriental?

Amo-te.

Essas pobres almas congolese estão tão cansadas que já não acreditam numa cura. Se o Mwangaza conseguir incutir-lhes esperança, toda a gente lhe dará o seu apoio. Se não, as guerras continuam para sempre e ele será

apenas mais um mau profeta no nosso caminho para o Inferno.

Esperemos então que o eleitorado ouça a sua mensagem, sugiro piamente.

Salvo, és um romântico completo. Enquanto o actual governo estiver no poder, todas as eleições vão ser manipuladas e totalmente corruptas. Aqueles que não forem comprados votam em etnias, e os resultados vão ser falsificados e as tensões sociais vão aumentar. Temos, primeiro, de ter estabilidade e honestidade, e então, a seguir, pode haver eleições. Se tivesses ouvido o Mwangaza, concordavas.

Prefiro ouvir-te a ti.

Os seus lábios deixam as minhas pálpebras e procuram carne mais substancial.

E suponho que sabes que o Monstro costumava andar com um bastão mágico que nenhum mortal conseguia levantar, excepto o próprio Monstro.

Não, Hannah, lamento mas esse sábio conhecimento escapou-me. Ela refere-se ao falecido e deplorável general Mobutu, chefe supremo e destruidor do Zaire e, até à data, a única figura conhecida que odeia.

Bem, o Mwangaza também possui um bastão. Assim como o Monstro, vai com ele para todo o lado, mas é feito de uma madeira especial escolhida pela sua leveza. Seja quem for que acredite no Caminho do Meio, pode pegar nele e descobrir como é fácil a jornada para as suas fileiras. E quando o Mwangaza morrer, sabes o que é que vai acontecer ao seu bastão mágico?

Ajuda-o a subir ao céu, sugiro, meio a dormir, com a cabeça pousada no seu ventre.

Não te armes em engraçado, Salvo. Vai ser guardado no bonito Museu da Unidade, a ser construído nas margens do lago Kivu, e todos poderemos visitá-lo. Comemorará o dia em que Kivu se tornou o orgulho do Congo, unido e livre.

*

E aqui está o bastão. O próprio. Diante de nós sobre a mesa de pano verde, uma dava da Câmara dos Comuns em miniatura. Os delegados examinaram as suas marcas mágicas e testaram a sua ligeireza nas palmas

das mãos. Para o velho Franco, é um objecto com significado – mas será o significado certo? Para Haj, é uma peça de mercadoria. Que materiais foram usados? Resultado? E podemos vendê-los mais baratos. A reacção de Dieudonné é menos fácil de entender. Vai trazer paz e igualdade ao meu povo? Os seus poderes vão ter a aprovação dos nossos profetas? Se formos para a guerra, protege-nos de Franco e dos outros que são como ele?

Maxie afastou a cadeira da mesa para poder estender as pernas. Tem os olhos fechados e recosta-se como um atleta à espera da sua vez, com as mãos entrelaçadas atrás do pescoço. O meu salvador, Philip, o do cabelo branco ondulado, sorri calmamente, como um empresário. Decidi que ele tem o rosto do eterno actor inglês. Podia ter qualquer idade entre os trinta e cinco e sessenta, a assistência nunca se daria conta. Se Tabizi e o «Golfinho» ouvem a minha tradução, não dão sinal disso. Conhecem os discursos do Mwangaza como eu conhecia os de André. Em contrapartida, ganhei uma audiência inesperada com os três delegados. Depois de terem sido repreendidos pelo Mwangaza em suaíli, acabaram por se fiar no meu francês, menos emotivo, para uma segunda audição. Haj, o académico, ouve com ar crítico, Dieudonné está pensativo, reflectindo sobre cada preciosa palavra. E Franco escuta de punhos cerrados, pronto a abater o primeiro homem que o contradisser.

*

O Mwangaza deixou de fazer figura de demagogo e assumiu o papel de conferencista a falar de economia. Preparo-me para aparelhar as minhas velas de intérprete em conformidade com o que ele diz. O Kivu está a ser roubado, informa-nos gravemente. Sabe o que vale o Kivu e o que não está a ser pago. Tem as quantias na ponta dos seus dedos profissionais e espera, enquanto as assento no meu bloco-notas. Agradeço, sorrindo-lhe discretamente. Corresponde ao meu sorriso e debita os nomes das companhias mineiras apoiadas pelos ruandeses que pilham os nossos recursos naturais. Como a maior parte tem nomes franceses, não os cito.

– Por que é que os deixamos? – pergunta irritado, voltando a elevar a voz. – Por que é que ficamos a ver os nossos inimigos enriquecer com os nossos recursos, quando tudo o que queremos fazer é expulsá-los?

Tem em seu poder um mapa do Kivu. O «Golfinho» pendurou-o no

quadro branco e o Mwangaza está ao seu lado, apontando com o seu bastão mágico: truz, catrapuz, sem parar de falar, e, da minha ponta da mesa, sigo atrás dele, mas em voz baixa, temperando as suas palavras, difundindo-as um pouco – o que, por sua vez, faz com que ele me identifique ou como membro activo da resistência, ou pelo menos como alguém que merece ser industriado para a causa.

Pára de falar e eu faço o mesmo. Olha directamente para mim. Quando fita alguém, tem o truque do feiticeiro de contrair os músculos dos olhos para adquirir uma expressão visionária e irresistível. Agora, já não são os meus olhos que ele olha, mas a minha pele. Examina o meu rosto e, depois, para o caso de haver alguma mudança, as minhas mãos: ligeiramente bronzeadas.

– Sr. Intérprete, *sir*?

– Mwangaza.

– Venha cá, meu rapaz.

Para me dar umas bengaladas? Para confessar os meus defeitos a toda a turma? Observado por todos, contorno a mesa até chegar diante dele e reparar que sou uma cabeça mais alto do que ele.

– Então quem é você, meu rapaz? – muito jovial, apontando um dedo primeiro para Maxie e Philip, e, depois, para os três delegados negros. – É um dos nossos ou é um deles?

Pressionado daquela maneira, elevo-me até às suas alturas retóricas.

– Sou de ambos, Mwangaza! – respondo em suaíli.

Com um rugido de riso, traduz, por mim, as minhas palavras para francês. Toda a mesa bate palmas, mas o seu vozeirão faz-se ouvir sem esforço.

– Meus senhores, este belo jovem é o símbolo do nosso Caminho do Meio! Vamos seguir o exemplo da sua total abrangência! Não, não, não. Fique aqui, meu rapaz, fique um pouco mais, por favor.

A intenção dele é que seja uma honra, mesmo que não parecendo. Chama-me belo jovem e coloca-me ao seu lado, enquanto martela o mapa com o bastão mágico e louva a riqueza mineral do Congo Oriental; por mim, ponho as mãos atrás das costas e traduzo o que ele diz sem necessitar de tomar notas e, por conseguinte, proporcionando à assistência uma exibição da minha capacidade de memorizar.

– Aqui em Mwenga, *ouro*, meus amigos! Aqui em Kamituga... ouro,

urânio, cassiterita, *coltan* e... não digam a ninguém!... também diamantes. Aqui, em Kabambare, ouro, cassiterita e *coltan*. – As repetições são deliberadas. – Aqui *coltan* e cassiterita, e aqui... – o bastão levanta-se e vagueia, incerto, em direcção ao lago Albert – *petróleo*, meus amigos, cujas reservas ainda não foram avaliadas, mas, provavelmente, é uma quantidade imensa de petróleo precioso. E sabem mais uma coisa? Temos um pequeno milagre que não é muito conhecido, mas que toda a gente vai querer. É tão raro que, em comparação, os diamantes são pedras da rua. Chama-se *kamitugaite*, meus amigos, e é 56,71% urânio! Bem, para que é que alguém quer *isso*, pergunto-me.

Espera que as gargalhadas entendidas esmoreçam.

– Mas quem é que irá lucrar com todas estas riquezas, meus amigos?

Aguarda novamente, sorrindo-me enquanto eu faço a mesma pergunta em francês e eu, no meu novo papel de animal de estimação do professor, também sorrio.

– Oh, os ricos em Kinshasa certamente querem ser pagos! Não se vão privar das trinta moedas de prata ruandesas, oh, não! Mas não vão gastar o dinheiro em escolas, estradas e hospitais para o Congo Oriental, oh, não! Talvez o gastem nas lojas finas de Joanesburgo, Nairobi e da Cidade do Cabo. Mas não aqui, no Kivu. Oh, não!

Mais uma pausa, sorrindo, desta vez não para mim, mas para os delegados. E, a seguir, faz outra pergunta.

– Ficarà o povo do Kivu mais rico quando um camião carregado de *coltan* atravessa as nossas fronteiras?

O bastão mágico move-se inexoravelmente para leste, para a outra margem do lago Kivu.

– Quando o petróleo começar a entrar no Uganda, a situação do povo do Kivu melhora? Meus amigos, à medida que se esgota o petróleo, ficam cada vez mais pobres. No entanto, essas minas são *nossas*. *É o nosso petróleo, a nossa riqueza*, que nos foi dada por Deus para a desfrutar em Seu nome! Isto não são poços de água que voltam a encher com as chuvas. O que os ladrões nos roubam hoje não volta a crescer amanhã ou no dia seguinte.

Abana a cabeça, resmungando *Oh, não*, várias vezes, parecendo evocar uma grave injustiça.

– E quem – pergunto-me – vende esses produtos roubados com lucros

tão grandes sem que nem sequer um cêntimo seja devolvido aos seus proprietários legítimos? A resposta, meus amigos, todos vocês a sabem! São os escroques do Ruanda! Os aproveitadores do Uganda e do Burundi! É o nosso governo corrupto de ricos palavrosos em Kinshasa, que vendem o que é nosso aos estrangeiros e, depois, ainda por cima, nos cobram impostos. Obrigado, meu rapaz. Excelente trabalho, *sir*. Agora já pode sentar-se.

Sento-me e reflecto sobre o *coltan*, não em tempo real porque continuo a traduzir o que o Mwangaza diz sem parar, mas do mesmo modo que as notícias se desenrolam ao longo da parte de baixo de um ecrã de televisão enquanto os acontecimentos principais passam em cima. O que é o *coltan*? É um metal extremamente precioso que, outrora, era exclusivamente encontrado no Congo Oriental. Perguntem aos meus clientes que negociam em minérios. Se forem suficientemente imprudentes para desmontar o vosso telemóvel, encontram uma partícula essencial no meio dos destroços. Durante décadas, os Estados Unidos guardaram estrategicamente pilhas desse minério, facto que os meus clientes ficaram a saber à sua custa quando o Pentágono o vendeu a baixo preço no mercado internacional.

Por que mais ocupa o *coltan* um lugar de honra na minha cabeça? Recuem até ao Natal do Ano da Graça de 2000. Há uma escassez do brinquedo electrónico que todos os miúdos britânicos ricos têm de possuir: a *Playstation 2*. Os pais da classe média torcem as mãos de desespero, e Penelope publica na primeira página do seu grande jornal o seguinte cabeçalho: VAMOS DENUNCIAR E ENVERGONHAR QUEM ROUBOU O NOSSO NATAL! Mas a raiva dela é deslocada. A escassez não se deve à incompetência dos fabricantes, mas a uma vaga genocida que inundou o Congo Oriental e, por conseguinte, interrompeu temporariamente o fornecimento de *coltan*.

Sabias que o Mwangaza é professor da nossa história congolesa, Salvo? Sabe muito bem todos os pormenores do nosso horror. Sabem quem matou quem, quantos e em que dia, e, ao contrário da cobardia de muitos de nós, não tem medo da verdade.

Sou um desses cobardes, mas esta mesa verde e nua onde estou sentado não é nenhum esconderijo. Onde quer que o Mwangaza ousar ir, eu devo segui-lo, consciente de todas as palavras que traduzo. Há dois minutos, ele

estava a falar de genocídio e, mais uma vez, tem os números na ponta da língua: quantas aldeias foram destruídas, quantos habitantes crucificados ou esquartejados, suspeitas de bruxaria queimadas, violações em grupo, o infundável vaivém de carnificina no Congo Oriental fomentado do exterior enquanto a comunidade internacional discute e eu desligo a televisão se Penelope ainda não a tiver desligado. E as mortes continuam, mesmo enquanto o Mwangaza fala e eu traduzo. A cada mês que passa, mais trinta e oito mil congoleses morrem na devastação destas guerras esquecidas:

«Mil e duzentas mortes por dia, meus amigos, incluindo sábados e domingos! Hoje e amanhã, e todos os dias da próxima semana.»

Olho para os rostos dos delegados. Têm um ar de cão batido. Talvez seja porque, desta vez, são eles quem está em piloto automático, e não eu. Quem é que sabe no que é que estão a pensar, caso aguentem pensar? São mais três africanos sentados à beira da estrada e ninguém, talvez nem sequer eles mesmos, sabe o que lhes passa pela cabeça. Mas por que é que o Mwangaza nos está a dizer tudo isto havendo tão pouco tempo? É para nos deprimir? Não. É para nos encorajar.

– Temos, portanto, esse direito, meus amigos! *Deus e três vezes mais* do que os outros! Nenhuma outra nação sofreu tantas catástrofes quanto o nosso amado Kivu. Nenhuma outra nação tem uma necessidade tão desesperada de renascer! Nenhuma outra nação tem mais direito de se apoderar da sua riqueza e pousá-la aos pés dos seus habitantes aflitos e dizer: «Isto já não pertence *a eles*. Isto, meu pobre povo... *Nous, les misérables du Kivu!... é nosso!*»

O seu formidável vozeirão poderia encher Albert Hall, mas a questão em todos os nossos corações é bastante clara: se a riqueza do Kivu caiu em mãos erradas e as injustiças da História nos dão o direito de a recuperar, e o Kinshasa é um cesto furado e tudo o que existe no Kivu é sempre exportado para leste, sugerimos o quê?

– Observem mais de perto os políticos e protectores da nossa grande nação, meus amigos, e o que é que vêem? Uma nova política? Oh, *pois...* têm razão, uma política *muito* nova. Impecável, diria eu. E novos partidos políticos também. Com nomes muito poéticos – *des noms très poétiques*.

– Há tanta democracia nova nessa cidade de putas que se chama Kinshasa que, hoje em dia, até receio descer o Boulevard 30 Juin com os meus sapatos velhos! – *cette ville de putains!* – Tantas novas plataformas

políticas da melhor madeira a serem construídas à nossa custa. Tantos manifestos de vinte páginas tão bem impressos que nos vão trazer paz, dinheiro, remédios e educação para todos, o mais tardar à meia-noite da próxima semana. Tantas leis anticorrupção que somos obrigados a perguntar-nos quem é que subornaram para as escrever.

O riso é liderado pelo «Golfinho» de pele lisa e pelo rude Tabizi e apoiado por Philip e Maxie. O Iluminado aguarda, com expressão severa, que esmoreça. Onde é que ele nos quer levar? E ele sabe? Com o *père* André nunca havia nenhum plano. Embora eu demore a entender, com o Mwangaza há sempre um plano.

– Mas observem mais de perto, por favor, estes nossos políticos novinhos em folha. Levantem-lhes a aba do chapéu, por favor. Deixem que um pouco deste bom sol africano penetre nas suas limusinas Mercedes que custam centenas de milhares de dólares e digam-me o que vêem. Novas caras cheias de optimismo? Jovens diplomados inteligentes prontos a dedicar as suas carreiras ao serviço da nossa República? Oh, não, meus amigos, nem pensar. Verão as mesmas caras velhas dos mesmos velhos vigaristas!

O que é que o Kinshasa alguma vez fez pelo Kivu? – quer ele saber. Resposta, nada. Onde é que está a paz que eles pregam, a prosperidade, a harmonia? Onde é que está o seu amor pelo país, pelo próximo, pela comunidade? Ele percorreu todo o Kivu, de norte a sul, e nunca encontrou a menor prova disso. Ouviu as desgraças contadas pelo povo. Sim, queremos o Caminho do Meio, Mwangaza! Rezamos por ele! Cantamos por ele! Dançamos por ele! Mas como, oh, como, é que o conseguimos? Como, realmente? Ele imita os gritos infelizes deles. Eu imito o Mwangaza: «Quem nos defenderá quando os nossos inimigos enviarem as suas tropas contra nós, Mwangaza? És um homem de paz, Mwangaza! Já não és o grande guerreiro que eras. Quem nos há-de organizar, lutar connosco e ensinar-nos a ser fortes juntos?»

Sou realmente a última pessoa na sala a perceber que a resposta às orações do povo se encontrava à cabeceira da mesa, de botas de camurça gastas espetadas diante dele? É evidente que sou, pois as palavras seguintes do Mwangaza despertam-me tão atabalhoadamente dos meus devaneios que Haj se vira e me encara com os seus olhos esbugalhados de comediante.

– *Anónimo*, meus amigos? – grita-nos, indignado, o Mwangaza. – Este estranho Sindicato que nos arrastou hoje até aqui não tem nome? Oh, isso é muito mau! Onde é que o meteram? É tudo muito suspeito e misterioso! Se calhar, deveríamos pôr os óculos e ajudá-los a procurar! Por que é que gente honesta iria ocultar os seus nomes? O que é que têm para esconder? Por que é que não dizem frontalmente quem são e o que é que desejam?

Começa devagarinho, *père* André. Começa baixo e devagar. Vais demorar a levantar. Mas o Mwangaza é um veterano.

– Bem, meus caros amigos – confia-nos em tom tão fatigado que temos vontade de o ajudar a passar por cima da cerca. – Devo dizer-lhes que falei veementemente com estes cavalheiros *sem nome* durante muito tempo. – Aponta para Philip sem se virar para olhar para ele. – Oh, sim. Tivemos muitas conversas duras. Desde o crepúsculo até ao amanhecer, diria. Conversas realmente muito duras, como deviam ser. Diga-nos o que quer, Mwangaza, disseram-me os anónimos. Diga sem enfeites nem rodeios, por favor. E, a seguir, dizemos-lhe o que nós queremos. E logo se vê se podemos fazer negócio ou se nos limitamos a apertar-lhe a mão e a dizer «desculpe e adeus», que é a prática comercial normal. Respondi-lhes, então, na mesma moeda – brincou, distraído, com a moeda de ouro de escravo, recordando-nos, assim, que não estava à venda. – «Meus senhores, o que eu quero é bem conhecido. Paz, prosperidade e união de todo o Kivu. Eleições livres, mas apenas quando houver estabilidade. Mas também é bem sabido que nem a paz, nem a liberdade, cavalheiros, são de geração espontânea. A paz tem inimigos. A paz tem de ser conquistada pela espada. Para a paz se tornar uma realidade, temos de coordenar as nossas forças, recuperar as nossas minas e cidades, expulsar os estrangeiros e instalar um governo provisório em todo o Kivu, que assentará os alicerces de um autêntico Estado social democrático e durável. Mas como é que podemos fazer isso sozinhos, cavalheiros? Somos atrofiados pela discórdia. Os nossos vizinhos são mais fortes e manhosos do que nós.»

Olha de soslaio para Franco e Dieudonné, querendo que eles se aproximem um do outro enquanto continua a sua prelecção comercial aos cavalheiros anónimos.

– «Para que a nossa causa prevaleça, precisamos da vossa organização, cavalheiros. Precisamos do vosso equipamento e da vossa competência.

Sem eles, a paz do meu amado Kivu será para sempre uma ilusão.» Foi isso que eu disse aos sem-nome. Foram essas as minhas palavras. E os sem-nome escutaram-me atentamente, como devem calcular. E, por fim, um deles falou por todos. Ainda hoje eu não devo dizer o seu nome, mas garanto-vos que ele não se encontra nesta sala, embora tenha demonstrado gostar do nosso país. E foi isto que ele disse: «O que propõe é bom, Mwangaza. Podemos ser homens de negócios, mas temos alma. O risco é elevado e o custo também. Se apoiarmos a sua causa, como é que podemos ter a certeza de que, ao fim do dia, não nos iremos embora de bolsos vazios e o nariz em sangue?» E nós, por nosso lado, respondemos: «Os que se juntarem ao nosso grande empreendimento, serão recompensados.»

A voz dele torna-se ainda mais baixa, mas pode dar-se a esse luxo. E a minha também. Poderia sussurrar na minha mão que eles ouviam-me.

– Dizem-nos, amigos, que o Diabo tem muitos nomes e, por esta altura, nós, congoleses, já devemos conhecer a maior parte. Mas este Sindicato não tem nenhum nome. Não se chama Império Belga, nem Império Espanhol, nem Império Português, nem Império Britânico, Império Francês, Império Holandês ou Americano, nem sequer Império Chinês. O nome deste Sindicato é *Nada*. Nada Incorporado. *Sem nome* significa sem bandeira. *Sem nome* vai ajudar-nos a enriquecer e a unir-nos, mas não será nosso dono nem do nosso povo. Com Sem nome, o Kivu será pela primeira vez o seu próprio dono. E, quando esse dia chegar, vamos ter com os ricos de Kinshasa e dizemos-lhes: «Bom-dia, ricos. Como estão hoje? Suponho que estão todos com ressaca!»

Ninguém ri ou sorri. Tem as pessoas na mão.

– «Bem, ricos, temos boas notícias para vocês. O Kivu libertou-se dos invasores e exploradores estrangeiros. Os bons cidadãos de Bukavu e Goma revoltaram-se contra o opressor e receberam-nos de braços abertos. Os exércitos do Ruanda fugiram e os *génocidaires* foram com eles. O Kivu recuperou as suas minas e, agora, são propriedade pública. Os nossos meios de produção, distribuição e fornecimento estão debaixo de um só chapéu e esse chapéu é do povo. Encontrámos rotas comerciais alternativas, mas somos patriotas e acreditamos na unidade de uma República Democrática Congolosa no interior das fronteiras legais da nossa Constituição. Assim, a nossa proposta é a seguinte, ricos... Um, dois, três... podem aceitá-la ou recusá-la! Não somos *nós* quem vai ter com

vocês. São vocês que vêm ter connosco!»

O Mwangaza senta-se e fecha os olhos. O *père* André costumava fazer o mesmo. Fazia os últimos reflexos das suas palavras durarem mais tempo. Ao terminar a minha tradução, permito-me sondar discretamente a reacção dos delegados. Os discursos fortes podem arrastar ressentimentos na sua esteira. Quanto mais uma audiência é transportada pelo entusiasmo, mais difícil é puxá-la para terra. O irrequieto Haj parou de se remexer e limitase a fazer uma série de caretas. O escanzelado Dieudonné pressiona as pontas dos dedos contra a testa em distraída meditação. Formaram-se gotas de suor nos pelos da sua barba. O velho Franco, ao lado dele, consulta qualquer coisa que tem no colo. Desconfio que seja um amuleto.

Philip quebra a magia.

– Bem, agora quem é que nos dá a honra de falar primeiro? – Lança um olhar significativo ao relógio pendurado na parede porque, ao fim e ao cabo, não há muito tempo.

Todos os olhares se pousam em Franco, o nosso elemento mais velho. Ele olha com ar zangado para as suas mãos enormes e levanta a cabeça.

– Quando Mobutu perdeu o poder, os soldados mai mai preencheram o vazio armados de catanas, flechas e lanças, para protegerem o nosso território abençoado – afirma, em lento suaíli. – Lança um olhar à volta da mesa para o caso de alguém pensar desafiá-lo. Ninguém o faz. Ele prossegue: – Os mai mai viram o que se passou. Veremos, agora, o que vem aí. Deus há-de proteger-nos.

A seguir, é a vez de Dieudonné.

– Para os banyamulenge se manterem vivos, temos de ser federalistas – declara, dirigindo-se a Franco. – Quando nos tiram o gado, morremos. Quando matam os nossos rebanhos, morremos. Quando roubam as nossas mulheres, morremos. Quando nos tiram a nossa terra, morremos. Por que é que não podemos ser donos das terras altas onde vivemos, trabalhamos e rezamos? Por que é que não podemos ter os nossos próprios chefes de tribo? Por que é que as nossas vidas têm de ser administradas por chefes de tribos distantes que negam o nosso estatuto e nos mantêm cativos, à sua mercê? – Vira-se para o Mwangaza. – Os banyamulenge acreditam tanto na paz como tu. Mas nunca abandonaremos a nossa terra.

Os olhos do Mwangaza permanecem cerrados enquanto o untuoso «Golfinho» responde à pergunta implícita.

- O Mwangaza também é federalista – diz, docemente.
- O Mwangaza não insiste na integração. Na Constituição proposta por ele, os direitos do povo banyamulenge às suas terras e chefias são reconhecidos.
- E as terras altas dos mulenges vão ser consideradas um território?
- Vão, sim.
- No passado, Kinshasa recusou conceder-nos esta lei justa.
- O Mwangaza não é o passado, mas o futuro. Vão ter a vossa lei justa – replica o astuto «Golfinho», e, nessa altura, o velho Franco emite um som que parece uma fungadela desdenhosa. Nesse preciso momento, Haj levanta-se de um pulo como um boneco saído de uma caixa e varre a mesa com o seu olhar louco e exoftálmico.
- Trata-se, então, de um golpe de Estado, não é? – pergunta no francês autoritário e estridente de um parisiense sofisticado.
- Paz, prosperidade, união. Mas, se nos deixarmos de tretas, estamos mas é a apoderar-nos do poder. Hoje, Bukavu e, amanhã, Goma. Os ruandeses fora, que se lixem as Nações Unidas e Kinshasa que vá para o diabo que o carregue.

Um olhar furtivo à volta da mesa confirma a minha suspeita de que a conferência padece de um choque cultural. É como se anciãos da igreja estivessem sentados em solene conclave e este herético urbano entrasse porta adentro, a querer saber o que é que eles estão a tagarelar.

- Precisamos de tudo isto? – pergunta Haj, estendendo dramaticamente as palmas das mãos abertas. – Goma tem os seus problemas. Perguntem ao meu pai... Goma tem a mercadoria e os ruandeses têm o dinheiro e a força. É duro, mas Bukavu não é Goma. Desde que, o ano passado, os soldados se revoltaram, os ruandeses andam em Bukavu de cabeça baixa. E os administradores da nossa cidade odeiam os ruandeses ainda mais do que todos os outros. – Levanta os braços com as palmas das mãos viradas para cima num gesto francês de desinteresse. – Só estou a perguntar, é tudo.

Mas Haj não está a perguntar ao Mwangaza, está a perguntar-me *a mim*. Os seus olhos esbugalhados podem dar a volta à mesa, ou pousarem respeitosamente no grande homem, mas, assim que começo a traduzir o que ele disse, o seu olhar vira-se novamente para mim e continua em cima de mim depois de o último eco da minha voz ter desaparecido nos meus ouvidos. Espero que o Mwangaza aceite o desafio ou, então, o «Golfinho».

Mas, mais uma vez, é o meu salvador, Philip, quem sai dos bastidores e os safa.

– Isto é hoje, Haj – explica com a tolerância própria da idade. – Não é ontem. E se o curso da História é fiável, não vai ser amanhã, pois não? O Caminho do Meio deve esperar pelo caos pós-eleitoral e pela próxima incursão ruandesa antes de criar as condições para uma paz forte e duradoura? Ou é melhor que o Mwangaza escolha a hora e o lugar, o que, aliás, é a respeitada opinião do seu pai?

Haj encolhe os ombros, estende os braços, sorri e abana a cabeça com descrença. Philip dá-lhe um momento para responder, mas, assim que esse momento termina, levanta a campainha e dá-lhe uma pequena sacudidela, anunciando um breve intervalo para os delegados terem tempo para ponderar as suas decisões.

Ao descer furtivamente as escadas da cave pela primeira vez na minha capacidade de intérprete abaixo da linha de água, nunca podia ter imaginado que teria a sensação de andar no ar, mas tal foi realmente o caso. À parte a grosseira intrusão de Haj, tudo estava a decorrer da melhor maneira. Desde quando, se é que alguma vez, uma voz cheia de bom senso e moderação ecoara através dos lagos e selvas do nosso perturbado Congo? Quando é que dois profissionais competentes – Maxie, o homem de acção, e Philip, o espirituoso e mordaz negociador – se uniram em prol da causa de um povo sofredor? Que belo *empurrão à História* estávamos nós a dar! Até mesmo o calejado *Spider*, o qual, conforme ele mesmo admitia, não tinha compreendido uma sílaba do que estava a gravar – nem, suspeitava eu, os meandros da nossa aventura –, se sentia entusiasmado pelo, até à data, ambiente positivo.

– Quanto a mim, parece que estão a apanhar uma boa descompostura – declarou no seu galês cantante enquanto me punha os auscultadores nas orelhas, verificava o meu microfone e me aninhava, por assim dizer, na cadeira. – Batam-lhes com as cabeças umas contra as outras e talvez caia um pouco de bom senso.

Mas claro que quem eu queria ouvir era Sam, o meu coordenador, aquele que me diria em que microfones me concentrar, e me daria regularmente instruções. Tê-lo-ia eu encontrado? Seria, por acaso, um operador de som, outro antigo habitante da Sala de Conversa, prestes a sair das sombras e demonstrar o seu talento especial? Por conseguinte, quando uma voz feminina, ainda por cima maternal, se anunciou nos meus auscultadores, a minha surpresa foi muito maior.

Está a sentir-se bem, caro Brian?

Nunca me senti melhor, Sam. E você?

Portou-se lindamente lá em cima. Toda a gente lhe tece elogios. Detectei um ligeiro tinido de sotaque escocês no meio destas palavras pesadonas de

conforto?

Onde é que mora, Sam? Perguntei, excitado, porque tudo ainda resplandecia à minha volta por causa da minha actuação de há pouco.

Se eu dissesse Wandsworth, ficaria muito desapontado? Desapontado, eu? Somos vizinhos, por amor de Deus! Faço metade das minhas compras em Wandsworth.

Silêncio desconfortável. Lembrei-me, mais uma vez demasiado tarde, que se presume que eu more numa caixa postal.

Então você e eu passamos um pelo outro como eléctricos na noite, caro Brian, replica afectadamente Sam. *Se não se importa, vamos dar agora início à partida. Os indivíduos aproximam-se.*

Partida de *rugby* é a *suite* dos convidados. Observo o plano de metro de *Spider* enquanto sigo os delegados ao longo do corredor e espero que um deles procure as chaves e abra a porta – Philip teve a esperteza de lhes confiar as chaves para eles se sentirem mais seguros! A seguir ouço o trovejar de pés a caminhar no soalho e o dilúvio de torneiras e autoclismos. *Vroom! Crash!* Etc. Encontram-se, agora, na sala de estar e servem-se de refrescos, fazendo toda a espécie de ruídos, espreguiçando-se e bocejando nervosamente.

A *suite* é-me tão familiar agora como as quatro lúgubres paredes que me rodeiam, embora nunca a tenha visto nem se prevê que isso vá acontecer, tal como os alojamentos reais do Mwangaza ou a sala das operações de Sam, com o seu telefone via satélite codificado para comunicar com o Sindicato e outras individualidades secretas – pelo menos foi o que *Spider* me contou no decorrer de uma das nossas rápidas trocas de palavras, pois *Spider*, como muitos ladrões de som, era falador e galês. Quando lhe perguntavam que tarefas tinha executado nos tempos da Sala de Conversa, respondia que não andava a escutar às portas e que não passava de um simples instalador de aparelhos de escuta clandestinos, para grande alegria do Sr. Anderson. Mas o que ele gostava mais era de destruição:

– Não há nada melhor no mundo, Brian. Nunca me sinto mais feliz do que quando estou estendido de borco na merda com explosões da artilharia por todos os lados e uma bela peça de morteiro enfiada no cu.

O som roubado chega-me alto e nítido, até ouço os cubos de gelo a explodir nos copos e uma máquina de café que produz mais baixos do que uma orquestra sinfónica. Apesar de ter passado por isto muitas vezes,

Spider está tão tenso como eu, mas não há contratempos de última hora, nada rebentou nem falhou, e todo o sistema funciona.

Excepto, não é, o facto de nos encontrarmos na sala de estar dos delegados e em silêncio. Ouvimos os ruídos de fundo, mas não os de primeiro plano. Gemidos e grunhidos, mas nem sequer uma palavra falada. Um estrondo, um arrote, um guincho. E, depois, ao longe, alguém a resmungar, mas quem ou em que orelha, é impossível dizer. Continuamos a não ouvir vozes verdadeiras nem nenhuma que entendamos. A eloquência do Mwangaza roubou-lhes a língua?

Retenho a respiração. E *Spider* também. Estou deitado na cama de Hannah, quieto como um rato a fingir que não estou ali enquanto a sua amiga, Grace, abana a porta fechada, querendo saber porque não foi às lições de ténis que ela anda a dar-lhe e Hannah, que detesta enganar alguém, alega uma dor de cabeça como desculpa.

Talvez estejam a rezar, Sam.

Mas a quem, Sam?

Talvez Sam não conheça a África dela, pois a resposta podia muito bem ser a mais óbvia: ao Deus cristão ou às suas versões Dele. Os banyamulenge de quem o meu querido defunto pai tanto gostava são famosos por falarem todo o tempo com Deus, directamente ou através dos seus profetas. Dieudonné, não tenho quaisquer dúvidas, deve rezar sempre que tem vontade. E, como os mai mai contam com Deus para os proteger nas batalhas e não para muito mais, é possível que preocupações de Franco estejam concentradas no que é que ele tem a ganhar com isto. Um feiticeiro ter-lhe-ia provavelmente dado folhas da árvore *téké* esmagadas e esfregadas no corpo para ele as ingerir em pó. É impossível saber a quem Haj reza. Talvez a Luc, o pai doente.

Por que é que ninguém ainda falou? E por que é que – no meio dos rangidos, arrastar de pés e ruídos de fundo que espero ouvir – sinto subir uma tensão na sala, como se alguém estivesse a apontar uma arma à cabeça dos delegados?

Alguém fale, por amor de Deus!

Raciocino com eles na minha cabeça, suplicando-lhes. Olhem. Está bem. Compreendo. Na sala de conferências, sentiste-te intimidado, tratado com condescendência, ressentido por causa daquelas caras brancas à volta da mesa. O Mwangaza rebaixou-te, mas ele é assim, é um homem do púlpito.

São todos iguais. Além do mais, tens de pensar nas tuas responsabilidades. Também aceito isso. Mulheres, clãs, tribos, espíritos, augúrios, videntes, feiticeiros, coisas que não podemos saber. Mas, por favor, pela Aliança, por Hannah, por todos nós... fala!

Brion?

Sam.

Estou a começar a perguntar-me se não somos nós que deveríamos rezar.

O mesmo horrível pensamento tinha-me ocorrido: fomos descobertos. Um dos nossos delegados – desconfio de Haj – levou um dedo aos lábios e, com a outra mão, o espertinho apontou para as paredes, o telefone, a televisão, ou voltou os olhos esbugalhados para o lustre. E o que lhes está a dizer é o seguinte: «Amigos, já andei lá por fora e conheço o mundo cruel. Acreditem em mim, estão a escutar-nos.» – Se assim for, uma de várias coisas irá acontecer, dependendo de quem são os Indivíduos – ou, como Maxie diz, os Alvos – e de neste momento estarem a sentir-se conspiradores ou estarem a julgar que se conspira contra eles. O melhor cenário é eles estarem a dizer: «Que se lixe, vamos, de qualquer modo, continuar a falar», o que é a reacção normal de um homem racional porque, como a maior parte de nós, não tem tempo nem paciência para ser posto sob escuta. Mas isto não é uma situação normal. E o que nos está a levar à beira da demência, a mim e a Sam, é que os três delegados, se tivessem pelo menos a inteligência para perceber, têm um excelente remédio nas mãos, e é por isso que estou aqui sentado à espera que o usem.

Não deseja poder, simplesmente, gritar-lhes, Brian?

Desejo, pois, Sam, de facto, mas um receio muito pior está a criar raízes no meu espírito. Não são os microfones de *Spider* que foram descobertos : fui *eu*, Salvo. Afinal de contas, a oportuna intervenção de Philip não me salvou. Na altura em que Franco se lançou no seu discurso preparado contra a pessoa errada na língua errada, Haj viu-me hesitar e, daí, os seus longos olhares esbugalhados. Reparou que eu abri a minha estúpida boca para responder e, depois, tornei a fechá-la, tentando manter-me impassível.

Ainda estou a mortificar-me com estes pensamentos quando, como uma mensagem de redenção, se ouve a voz de baixo do velho Franco a falar,

não em bembe, mas no queniano-ruandês que aprendeu na prisão. E, desta vez, consigo entendê-lo sem hesitar!

*

O resultado de escutar às escondidas, como o Sr. Anderson nunca se cansa de lembrar aos seus discípulos, é, por natureza, incoerente e infinitamente frustrante. Na sua opinião, uma paciência de Job não chega para separar a ocasional pepita de ouro do mar de detritos onde nada. Quanto a isto, a abertura da troca de ideias dos nossos três delegados não divergia de modo algum da norma. Era a previsível mistura de expressões escatológicas de alívio e, raramente, imagens das batalhas por combater.

Franco (*enunciando sarcasticamente um provérbio congolês*): Palavras caras não dão de comer a uma vaca.

Dieudonné (*superando o provérbio de Franco com outro*): Os dentes sorriem, e o coração?

Haj: Que grande merda! O meu pai preveniu-me que o velho era muito resistente, mas isto é outra conversa. *Aw, aw, aw*. Por que é que ele fala suaíli como um tanzaniano com uma papaia enfiada no cu? Pensei que era xi, nado e criado.

Ninguém se dá ao incómodo de lhe responder, que é o que acontece sempre que se põem três homens juntos numa sala. O mais falador monopoliza a conversa e os dois outros que queremos ouvir ficam calados.

Haj (*continuação*): Que é aquela belíssima zebra? (*Silêncio perplexo, fazendo eco com o meu.*) O intérprete de casaco de linóleo. Quem é que raio é ele?

Haj está a tratar-me por *zebra*? Na minha vida, já me chamaram quase tudo. Na escola da Missão, era um *métis*, um *café au lait*, um porco rapado. No Santuário, era tudo, desde carapinha a galgo. Mas *zebra* era um insulto novinho em folha e só podia supor que se tratava de uma criação pessoal de Haj.

Haj (*continuação*): Conheci, uma vez, um gajo como ele. Talvez sejam parentes. Um contabilista. Falsificava os livros de contabilidade do meu pai. Fodeu todas as raparigas da cidade até um marido lhe limpar o sebo. *Vump!* Mas não fui eu. Não sou casado e não mato gajos. Já nos matámos uns aos outros de mais. Foda-se. Nunca mais. Querem um cigarro?

Haj tem uma cigarreira de ouro. Via-a na sala de conferências a despontar do forro de seda cor de mostarda do seu fato *Zegna*. Ouço agora o ruído metálico quando ele a abre. Franco acende um cigarro e tem um ataque de tosse digno de um coveiro.

O que raio foi isto, Brian?

Especulam sobre a minha etnia.

É normal?

Bastante.

Após ter primeiro recusado, Dieudonné murmura um fatalístico «Por que não?» e acende igualmente um cigarro.

Haj: Estás doente ou quê? Dieudonné: Ou quê.

Estão sentados ou de pé? Escutando com atenção, ouve-se o pisar coxo dos ténis de Franco enquanto Haj anda às voltas nos seus sapatos de crocodilo verde-lodo. Continuando à escuta, ouve-se um gemido de dor e o som abafado de uma almofada de espuma quando Dieudonné se senta numa poltrona. Nós, os ladrões de sons, tornámo-nos tão bons sob a tutelação do Sr. Anderson que até conseguimos detectar estes pormenores.

Haj: Para começar, vou dizer-vos uma coisa, companheiros. Dieudonné (*desconfiado por ser tratado tão calorosamente*): O que é?

Haj: A gente do Kivu está muito mais interessada na paz e na reconciliação do que essas bestas em Kinshasa. (*Afecta o tom de voz de um agitador.*) Matem-nos a todos. Arranquem os olhos a esses ruandeses. Estamos convosco, rapaziada. Aí a uns dois quilómetros de distância. (*Faz um pausa, à espera de uma reacção, julgo eu, mas não há nenhuma. Ruído dos sapatos e continua a falar.*) E este velho acredita em toda esta merda (*imita o Mwangaza, aliás, bastante bem.*) Vamos limpar a nossa bela terra verde destas pestes, meus amigos. Oh, sim. Vamos restituir a nossa pátria

barata aos nossos amados compatriotas! Concordo com isso. Não concordamos todos? *(Outra pausa. Não há reacções.)* A moção foi aceite por unanimidade. Vamos pô-los a andar, digo eu. *Vump! Pow!* Vão-se foder! *(Não há reacção.)* Sem violência. *(Os sapatos rangem.)* O problema é onde parar. Quer dizer, e os pobres filhos da mãe que vieram para aqui em '94? Pomo-los também na rua? Pomos na rua aqui o Dieudonné? Leva os filhos, mas deixa as vacas?

Haj está a revelar-se o demolidor que eu temi que fosse quando estava lá em cima. De forma descontraída, mas subversiva, arranjou maneira de, em poucos minutos, virar a conversa para o problema mais divisivo com que deparávamos: o estatuto do povo banyamulenge e a elegibilidade de Dieudonné como aliado no nosso empreendimento.

Franco *(mais um provérbio, agora em tom provocatório)*: Mesmo que um tronco permaneça dez anos dentro de água, nunca será um crocodilo!

(Longa e tensa pausa.)

Dieudonné: *Franco!*

O estridente guincho nos meus auscultadores quase me fez cair do meu lugar. Furioso, Dieudonné arrastou a cadeira pelo chão de pedra. Imagino-o de mãos fincadas nas costas da cadeira e a erguer a cabeça suada para Franco em veemente apelo.

Dieudonné: Quando é que isto entre ti e nós vai acabar, Franco? Os banyamulenge podem ser tutsis, mas nós não somos ruandeses! *(Respira com dificuldade, mas continua a vociferar.)* Somos congoleses, Franco, tão congoleses como os mai mai! *(Aos gritos para abafar as palavras de escárnio de Franco.)* O Mwangaza compreende isso e, por vezes, tu também! *(E, em francês, para que ele entenda bem.)* *Nous sommes tous Zairois!* Lembras-te do que nos ensinaram a cantar na escola no tempo do Mobutu? *Nous sommes tous Congolais!*

Não, Dieudonné, nem *todos*, corrigi-o mentalmente. Também me ensinaram a cantar essas palavras juntamente como os meus colegas de aula em coro e com orgulho. Até ao dia em que começaram a apontar o

dedo para a criança secreta e a gritar: *Pas Salvo, pas le métis! Pas le cochon rase!*⁷

Dieudonné (*continuando a sua tirada*): Na revolta de '64, o meu pai, um munyamulenge, lutou ao lado do teu, um simba (*arqueja, tentando respirar*), e tu, em jovem, combatestes ao lado de ambos. Isso fez de vocês nossos aliados? (*Ofegante.*) Nosso amigos? (*Ofegante.*) Não, não fez. (*Fala irritadamente em francês.*) *C'était une alliance contre-nature!*⁸ Os simbas continuam a matar-nos e a matar o *nosso* gado para dar de comer às tropas *deles*, assim como, hoje, os mai mai nos matam e roubam o nosso gado. Quando retaliamos, chamam-nos canalha banyamulenge. Quando nos contemos, chamam-nos cobardes. (*Sorve lufadas de ar.*) Mas se pudermos juntar-nos sob este... (*ofegante*) parar a matança e o ódio (*de garganta serrada*), deixarmos de vingar os nossos mortos e os nossos mutilados... Se conseguirmos parar... e unir-nos... sob este líder ou outro qualquer...

Detém-se. Respira com tanta dificuldade que me lembra Jean-Pierre no hospital, mas sem os tubos. Espero sentado à beira da cadeira a resposta de Franco, mas, sem poder fazer nada, tenho de escutar Haj mais uma vez.

Haj: Miados em *quê*, macacos me mordam? Para conseguir *o quê*? Um Kivu unido? De norte a sul? *Maus amigos, vamos apoderar-nos dos nossos recursos e controlar o nosso destino. Patati patatá.* Já lhes deitaram a mão, idiota! Um bando de malucos ruandeses, armados até aos dentes, que, quando não têm que fazer, violam as nossas mulheres! Esses gajos estão tão bem entrincheirados que a porra das Nações Unidas não ousa voar por cima deles sem lhes pedir autorização primeiro.

Dieudonné: (*rindo desdenhosamente*) As Nações Unidas? Se esperarmos que as Nações Unidas nos tragam paz, esperamos até os nossos filhos e netos morrerem.

Franco: Então leva os teus filhos e os teus netos outra vez para o Ruanda e deixa-nos em paz.

Haj (*intervindo rapidamente em francês, talvez para evitar outra discussão*): *A nós? Ouvi nós?* (*Um autêntico sapateado seguido por*

profundo silêncio.) Pensas a sério que isto tem a ver *connosco*? Este velho não nos quer a nós, quer *poder*. Quer o seu lugar na História antes de esticar o pernil e, para o conseguir, está pronto a vender-nos a esse estranho Sindicato e deixar que o raio do céu nos desabe em cima.

A campanha de Philip convoca-nos para o segundo assalto mal acabo de traduzir estas heresias.

*

E, aqui, tenho de narrar um incidente que, quando ocorreu, não impressionou lá muito a minha mente sobrecarregada, mas que, à luz do que sucedeu mais tarde, merece ser examinado de perto. A campanha de Philip tilinta e eu retiro os auscultadores. Levanto-me e, com uma piscadela de olho a *Spider* em resposta à dele, subo as escadas da cave. Ao chegar ao andar de cima, faço o sinal previamente combinado: três breves pancadas na porta de ferro e Anton entreabre-a e fecha-a atrás de mim, infelizmente com muita força. Sem trocarmos palavra, Anton conduz-me à volta da casa até ao lado leste da passagem coberta, deixando-me a curta distância da sala de jogos, tudo conforme planeado. Mas há uma diferença: nenhum de nós contou com a luz do sol que me bate em cheio nos olhos e temporariamente me encandeia.

Quando avanço, com a cabeça baixa para evitar o clarão do sol, ouço passos a aproximarem-se e os risos dos delegados africanos que vêm em sentido contrário ao meu do fundo da passagem coberta. Estamos prestes a cruzarmo-nos de frente e, assim, parece-me evidente que tenho de arranjar um bom pretexto para explicar a minha aparição do lado errado da casa. Teriam visto Anton a conduzir-me à volta da casa? Ou ouvido o estrondo metálico da porta?

Fui felizmente treinado para pensar de pé, graças aos cursos de um dia de autodefesa, que todos os que estavam em regime de trabalho temporário eram obrigados a seguir. Como é que eu passara os meus preciosos minutos de lazer enquanto os nossos delegados se tinham retirado para discutir em privado? Resposta, a fazer o que sempre faço durante os intervalos entre sessões de trabalho – desfrutar um pouco de paz e sossego num lugar afastado até a campanha voltar a tocar.

Mentalmente preparado, continuo a andar em direcção à porta da sala de jogo. Chego lá e paro, e eles chegam e também param. Ou, antes, Haj pára. Sendo o mais ágil, vem à frente enquanto Franco e Dieudonné o seguem uns passos atrás. E ainda não chegaram até nós quando Haj, que ainda há uns minutos me chamara *zebra*, se dirige a mim com exagerada cortesia:

– Então, Sr. Intérprete, descansou bem? Está pronto para a nossa próxima batalha?

Tratava-se de uma pergunta bastante inofensiva. O único problema era que falava queniano-ruandês. No entanto, desta vez não precisei que Philip me fizesse sinais de aviso. Sorri-lhe com ar espantado subtilmente tingido de pesar e, como se isso não bastasse, encolhi os ombros e abanei a cabeça, indicando que não compreendia. Haj apercebeu-se de que estava a cometer um erro, ou aparentou dar-se conta, soltou uma gargalhada de desculpa e deu-me uma palmada no braço. Tinha tentado apanhar-me? Creio que não. Ou, pelo menos, convenci-me disso na altura. Ele tinha simplesmente caído na armadilha que aguarda todos os políglotas dignos desse nome. Depois de ter estado a falar queniano-ruandês na *suite*, esquecera-se de mudar de pista. São coisas que acontecem aos melhores e é preferível não pensar nisso.

⁷ Em francês no texto. «Não Salvo, não o mestiço! Não o porco rapado!» (*N. do T.*)

⁸ Idem: Era uma aliança *contra natura*! (*N. do T.*)

— Apresento-vos o Sr. Coronel, meus senhores!

O clarão da luta brilha nos olhos azuis deslavados de Maxie quando ele se apruma ao lado do cavalete com as mãos nas ancas: faltam anos para a sua batalha de Borodino. Despiu o casaco, mas continua de gravata. Se calhar, usa-a tão raramente que se esqueceu de a tirar. A assistência diminuiu. O Mwangaza, outrora um veterano das barricadas, mas, agora, um profeta da Paz, retirou-se para a reclusão dos seus alojamentos, levando o acólito de rabo de cavalo com ele. Apenas Tabizi – ombros de pugilista curvados, olhos de pálpebras pesadas, cabelo tingido escrupulosamente penteado para trás para camuflar a careca – ficou a ver se tudo corre como deve ser.

Mas não é para Maxie que olho, nem Tabizi ou os delegados. É para a minha infância. Para o mapa a escala militar da cidade de Bukavu, jóia da África Central, e há quem diga de toda a África, na ponta sul do mais alto e, portanto, mais frio lago africano. E este lago, envolto em neblina e aninhado por colinas fumegantes, é mágico. Perguntem ao meu querido defunto pai. Perguntem aos pescadores com quem ele tagarelava no lado das docas enquanto eles apanhavam *sambaza* nas suas redes e as atiravam para dentro de baldes de plástico amarelos onde se contorciam durante horas, esperando que alguém como eu as voltasse a lançar ao mar. Perguntem-lhes sobre o *mamba mutu*, meio crocodilo, meio mulher, e a gente má que frequentava a costa de noite e, através de bruxarias, trocavam as almas de amigos inocentes vivos por favores neste mundo e retribuição no próximo. É por isso que se diz pela calada que o lago Kivu está amaldiçoado e porquê os pescadores desaparecem, arrastados pelo *mamba mutu* que gosta de lhes comer os miolos. Ou, pelo menos, era o que os pescadores garantiam ao meu querido defunto pai, que tinha o cuidado de não zombar das suas crenças.

A avenida principal é ladeada por clássicas casas coloniais com esquinas

arredondadas e janelas oblongas sobre magnólias, jacarandás e buganvílias. As colinas à volta estão repletas de plantações de bananas e de chá que parecem colchões verdes. Das suas encostas avistam-se as cinco penínsulas da cidade. A maior é chamada La Botte e ali está ela no mapa de Maxie: uma bota de Itália com belas casas e jardins bem cuidados que descem até à beira do lago – o marechal Mobutu em pessoa dignava-se ter uma vivenda lá. Para começar, a bota penetra temerariamente no lago e, depois, quando se julga que vai direita a Goma, torce o pé para a direita e lança-se para Ruanda na margem leste.

As flechas de papel de Maxie têm uma função estratégica. Apontam para: a casa do governador, as estações de rádio e de televisão, o quartel-general das Nações Unidas e as casernas do exército. Mas nenhuma aponta para os mercados à beira da estrada, onde comíamos espetadas de carneiro quando o meu pai me levava à cidade no dia dos meus anos, ou para a catedral de telhado verde, construída como dois navios virados ao contrário que tivessem dado à costa, onde rezávamos pela minha alma imortal. Nenhuma se dirige para a universidade católica de pedra sombria onde, um dia, se fosse bom aluno, talvez estudasse. E nenhuma indica a Missão das freiras brancas que davam biscoitos de açúcar à criança secreta e lhe diziam como o tio dele era bondoso.

Maxie está virado de costas para nós e Philip está sentado ao seu lado, as suas feições tão fluidas que uma pessoa tem de ser rápida para lhe apanhar numa expressão concreta. Pensa-se que sim, mas, quando se olha novamente, já desapareceu. Os nossos três delegados estão sentados onde se encontravam antes, com Franco no meio. O rosto de Dieudonné endureceu e os músculos do pescoço de Franco retesados. Só Haj manifesta um desdém provocante pela nossa reunião. Com os cotovelos pousados no pano, parece mais interessado na janela do que no seu feudo pendurado no cavalete. Importa-se? Gosta ele tanto de Bukavu como eu na minha memória? É difícil de acreditar.

Entra Anton com um taco de bilhar na mão. A sua aparição confunde-me. Por que é que não está lá fora com os seus vigias como devia estar? Mas vem-me depois à cabeça que, com os nossos delegados na sala de conferências, não há ninguém para vigiar, o que prova que, mesmo quando se está preparado para fazer um bom trabalho, com as extremidades nervosas e o terceiro ouvido de intérprete em alerta vermelho, ainda se

pode ser obtuso em termos de bom senso.

– Vamos ter uma pequena conversa à soldado, meu velho – previne-me Maxie em voz baixa. – Acha que dá conta do recado?

Tudo bem, chefe? Perguntou-me se eu podia tratar de assuntos militares, e eu posso. Anton entrega o taco a Maxie como uma arma para substituir o bastão mágico do Mwangaza. Movimento de manobras, de soldado a oficial, e Maxie agarra-o no ponto de equilíbrio. Discurso bem articulado, voz clara. Palavras simples e boas pausas. Agora, ouçam isto. Ouço e traduzo com tudo o que sei.

– Primeiro as coisas importantes, meus senhores. Não haverá, repito, não haverá intervenção por parte de forças não congolezas na província do Kivu. Tenha o cuidado de frisar bem esse ponto, meu velho.

Embora surpreendido, obedeço. Haj solta um hurra de alegria, ri e abana a cabeça. As feições nodosas de Franco agitam-se numa expressão perplexa. Dieudonné baixa os olhos em contemplação.

– Toda a insurreição será uma revolta espontânea de tribos tradicionalmente inimigas – continua impassivelmente Maxie. – E ocorrerá sem, repito, *sem* envolvimento de tropas não congolezas... ou nenhuma que sejam visíveis... seja em Goma, Bukavu ou qualquer outro lugar. Certifique-se de que Haj entende isso. Tem o acordo do pai dele. Diga-lhe.

Obedeço. O olhar de Haj volta a concentrar-se lá fora, onde se desencadeia um combate aéreo entre esquadrões rivais de corvos e gaivotas.

– Um delicado equilíbrio *doméstico* será *temporariamente* perturbado – prossegue Maxie. – Nenhuma agência exterior, nacional, mercenária ou não, terá atado as chamas. No que respeita à comunidade internacional, tratar-se-ão de assuntos congolezes como de costume. Meta-lhes isso bem na cabeça por mim, meu velho.

Assim faço. Superados em número pelas gaivotas, os corvos de Haj batem em retirada.

– O quartel-general das Nações Unidas em Bukavu é uma pocilga – declara Maxie com ênfase, mas eu tenho o cuidado de empregar um termo menos emotivo. – Uma companhia de infantaria motorizada com transportes de tropas blindados antiminas, uma companhia de guarda uruguaia, uma unidade de engenharia chinesa, representantes ruandeses e

mai mai aos encontros nos corredores e, a dirigir a loja, um vago coronel nepalês à beira da reforma. À coisa mais insignificante que acontece, chamam aos gritos o quartel-general a perguntar o que hão-de fazer. Estamos ao corrente disso. O Philip tem andado a escutar as conversas, certo?

Philip faz uma vénia em resposta ao contentamento provocado pela minha tradução. Um *consultor* independente que tem o quartel-general das Nações Unidas sob escuta? Fico secretamente siderado, mas não deixo que isso transpareça.

- Se julgar que o combate é entre congoleses, a única coisa que as Nações Unidas em Bukavu, em Goma, ou em qualquer outro lugar fará é ter uma dor de barriga, evacuar os civis, retirar para as suas instalações e deixar que os combatentes resolvam a questão. *Mas...* e que seja o raio de um *enorme* mas, meu velho... se as Nações Unidas, ou outra entidade, pensar que vimos do exterior, estamos fodidos.

Como o suaíli possui um grande sortido de equivalentes, decido não edulcorar a grosseira linguagem do coronel. No entanto, embora a minha versão ganhe mais gargalhadas aprovadoras de Franco e um pequeno sorriso de Dieudonné, o melhor que Haj tem para oferecer é um grito de guerra de escárnio.

- O que raio é que ele quer dizer com isso? - resmunga Maxie pelo canto da boca, como se fosse eu, e não Haj, que se tinha mostrado ofensivo.

- Apenas boa disposição, chefe.

- Estou a perguntar-lhe a ele, não a si.

Passo a pergunta a Haj ou, mais precisamente, ao tecido do seu fato *Zegna*.

- Talvez não apeteça a ninguém amotinar-se nesse dia - respondeu com um encolher de ombros preguiçoso. - Pode ser que chova.

Oportuno, como sempre, Philip insinua-se.

- Tudo o que o coronel está a falar aqui, Haj, são umas montras de lojas destruídas, um *pouco* de pilhagem e de tiroteio. Um carro queimado aqui e ali, mas ninguém está a pedir-lhe que deite fogo à sua cidade. O seu pai está decidido a que haja o mínimo de destruição em Goma e tenho a certeza de que você quer que aconteça a mesma coisa em Bukavu. Tudo o que queremos é bastante fogo-de-artifício... bastante desordem geral... a

fim de criar uma situação em que um líder carismático e popular com uma mensagem... neste caso, o antigo camarada do seu pai, o Mwangaza... possa surgir triunfalmente como conciliador. Para Goma, o Luc teve a excelente ideia de começar com uma manifestação de protesto que corra ligeiramente mal e, depois, deixar que a cerveja se ocupe do resto. Talvez você queira tomar isso em consideração para Bukavu.

Mas nem sequer o talento diplomático de Philip consegue pôr termo à birra de Haj. Para dizer a verdade, produz o efeito oposto, levando-o a acenar com as mãos por cima da cabeça num gesto de rejeição universal de tudo o que estava a ser dito. O que faz com que Felix Tabizi se insurja num francês gutural temperado de árabe.

– *Vai ser da seguinte maneira* – ruge em tom monótono, como se estivesse a dirigir-se a um servente desajeitado. – No momento propício, o Mwangaza e os seus conselheiros abandonam a localidade secreta fora das fronteiras do país e chegarão ao aeroporto de Bukavu. Uma multidão tumultuosa proporcionada pelo seu pai e você irá recebê-lo e levá-lo-ão em triunfo para a cidade. Percebeu? Quando ele entrar em Bukavu, todos os combates cessarão imediatamente. A sua gente larga as armas, pára com os roubos e os tiros, e festeja a sua chegada. Aqueles que apoiaram o Mwangaza e a sua grande causa, serão recompensados, a começar pelo seu pai. Os que não o ajudaram, não terão tanta sorte. É uma pena que ele não se encontre aqui hoje e faço votos para que melhore em breve. Ama o Mwangaza e há vinte anos que se respeitam mutuamente. Agora, chegou a altura de colherem os frutos do seu trabalho. E você também. Entretanto, Haj já não olha pela janela e está inclinado sobre a mesa a manusear um enorme botão de punho de ouro.

– Quer dizer, então, que se trata de uma pequena guerra – ruma finalmente.

– Oh, vá lá, Haj. Mal se pode chamar a isso uma guerra – atalha Philip em tom dissuasivo. – Apenas de nome. E a paz está ao virar da esquina.

– Onde sempre está – conclui Haj, parecendo, ao princípio, aceitar a lógica do argumento de Philip. – E quem é que, de qualquer modo, se rala com uma guerra *pequena*? – prossegue, desenvolvendo o tópico em francês. – Quer dizer, o que é que vale uma pequena morte? *Pfui*. Nada. É como estar um pouco grávida. – Em apoio desta afirmação, dá-nos um espectáculo de sons bélicos semelhantes àqueles que eu já tive de aturar

abaixo da linha de água. «Pow! Vrump! Ratta-ratta!» E, a seguir, deixa-se cair morto em cima da mesa com os braços abertos. Torna a levantar-se de um pulo, deixando toda a gente na mesma.

*

Maxie vai ocupar o aeroporto de Bukavu e que se lixe quem quiser detê-lo. Kavumu, como se chama o aeroporto, está localizado trinta e cinco quilómetros a norte da cidade e é chave do nosso sucesso. Uma fotografia aérea do aeroporto foi colocada no cavalete. Tinha Bukavu um aeroporto há vinte anos? Lembro-me de uma pista relvada aos altos e baixos com rebanhos a pastar e um avião bimotor prateado pilotado por um padre polaco de barba chamado Jean.

– Quem se apoderar do aeroporto, tem o Sul do Kivu numa bandeja. Dois mil metros de alcatrão. Pode-se trazer *o que* se quiser, *quem* se quiser e *quando* se quiser. E bloqueia-se o único aeroporto para onde Kinshasa pode transportar reforços importantes. – O taco de bilhar martela a mensagem: – De Kinshasa pode-se exportar para *leste*, até Nairobi – tacada sobre o mapa –, para *sul*, até Joanesburgo – outra tacada –, para norte, até ao Cairo, e ainda mais longe. Ou podemos esquecer-nos completamente da África subsariana e dirigirmo-nos directamente para os mercados europeus. Um Boeing 767 pode carregar quarenta toneladas e fazer a viagem sem parar. Podemos fazer manguitos aos ruandeses, aos tanzanianos e aos ugandeses. Pensem nisso.

Faço a respectiva tradução e pensamos nisso. Haj, profundamente. Com a cabeça ensanduichada entre as mãos compridas e olhos esbugalhados fitos em Maxie, é o gémeo inconsciente de Dieudonné que ruma a seu lado em atitude semelhante.

– Sem intermediários, bandidos, protecção, tarifas de alfândega ou tropas a pagar – garante-nos Maxie e, por conseguinte, eu também. – Sirvam os interesses das vossas minas a partir da sede e enviem o minério directamente para o comprador sem dar nenhuma fatia do bolo a Kinshasa. Explique-lhes isso em voz bem alta e clara, meu velho.

Explico-lhes e eles ficam devidamente impressionados – excepto Haj, que nos interrompe com outra irritante objecção.

– A pista em Goma é mais comprida – insiste, estendendo um braço.

- E uma extremidade é revestida de lava - replica Maxie, batendo com o taco num conjunto de vulcões.

- Tem duas extremidades, não tem? É uma pista.

Franco solta uma gargalhada que parece um latido e Dieudonné permite-se um raro sorriso. Maxie respira fundo e eu também. Quem me dera passar cinco minutos a sós com Haj a falarmos a sua língua materna xi, de homem para homem. Poderia explicar-lhe então como ele está perto de sabotar a operação com as suas mesquinhas objecções.

Maxie continua resolutamente.

- Ficamos em Kavumu. Ponto final. - Passa um punho brutalmente pela boca e recomeça. Receio que Haj o esteja a enervar. - Quero que sejam eles a dizer-me, um por um. Estão todos a bordo ou não? Damos o pontapé de saída tomando Kavumu ou pomo-nos com meias medidas e cedemos frente à competição, perdendo a melhor oportunidade que, há uma porrada de anos, o Congo Oriental tem de progredir? Comece pelo Franco.

Começo com Franco. Como de costume, ele demora. Olha com ar zangado para mim, para o mapa e, a seguir, para Maxie. Mas reserva o olhar mais longo ao desprezado Dieudonné a seu lado.

- A opinião do meu general é que o que *Monsieur le Colonel* diz faz sentido, acaba por rosnar.

- Quero uma resposta mais directa do que essa. E estou a falar para todos eles. Tomamos o aeroporto.... o aeroporto de Kavumu... antes de avançar para as cidades e para as minas? É uma pergunta clara e preciso que me respondam com clareza. Pergunte-lhe outra vez.

Franco abre o punho, olha para a palma da mão, volta a fechá-lo.

- O meu general está decidido. Primeiro, tomamos o aeroporto e, depois, as cidades e as minas.

- Como aliados? - insiste Maxie. - Juntamente com os banyamulenge? Como camaradas e esquecendo as vossas disputas tradicionais?

Fito a garrafa de água *Perrier*, consciente do olhar demente de Haj a passar de um homem para o outro e, a seguir, para mim.

- Está combinado - entoa Franco.

Dieudonné parece não acreditar no que está a ouvir.

- Connosco? - pergunta baixinho. - Aceitas os banyamulenge como *associados iguais* neste empreendimento?

- Se tiver de ser, assim faremos.

- E, mais tarde, quando tivermos ganho? Manteremos a paz? É verdade o que concordamos aqui?

- O meu general diz com vocês, portanto, é com vocês - resmunga Franco. - E, para concluir o assunto, sai-se com outro provérbio do seu rol aparentemente inesgotável. - Os amigos dos meus amigos, meus amigos são.

É a vez de Dieudonné. Olha apenas para Franco enquanto tenta penosamente respirar.

- Se o teu general cumprir a sua palavra. E tu a tua. E o Mwangaza a dele. Então, os banyamulenge prometem colaborar nesta operação - declara.

Todos os olhares se viram para Haj, o meu também. Consciente de que é o centro das atenções, mete uma mão no forro cor de mostarda do seu fato *Zegna*, e, do interior, saca da cigarreira de ouro, mas, ao reparar no aviso de que é proibido fumar, faz uma careta, volta a guardá-la e encolhe os ombros. E, para Maxie, é um encolher de ombros a mais.

- Importa-se de dizer uma coisa ao Haj por mim, meu velho?

- Ao seu dispor, chefe.

- Não estou a gostar lá muito da porra destas indecisões. Estamos aqui para formar uma aliança, não para nos fecharmos em copas. Se ele representa o pai, por que é que não faz o que o pai mandou em vez de balançar o raio do barco? Acha que lhe pode dizer isso sem o ofender?

Até mesmo o mais hábil intérprete tem limites quando se trata de atenuar uma descompostura, sobretudo quando é dada por um cliente sem papas na língua, como Maxie. Faço o que posso e estando, por esta altura, ao corrente, tanto acima como abaixo da linha de água, as explosões indisciplinadas de Haj, preparo-me para o ataque que vai certamente ocorrer. Imaginem, pois, a minha surpresa quando dou por mim a traduzir os argumentos racionais de um licenciado da escola comercial da Sorbonne. O seu discurso deve ter demorado uns bons cinco minutos e, contudo, não me lembro de uma única hesitação ou repetição. Estimulante e imparcial, não continha nenhuma indicação que discutia o destino da sua amada cidade, e minha. O que se segue é um resumo:

A exploração das minas não pode ter lugar sem o consentimento da

população local.

A acção militar por si só não basta. O que é necessário para qualquer solução a longo prazo é um período sem guerra, mais comumente conhecido por paz.

O problema a ser discutido pelos delegados não é, portanto, se o plano do coronel oferece o melhor método para extrair e exportar o minério, mas se Mwangaza e o seu Caminho do Meio podem cumprir a promessa de conseguir um consenso social.

Acesso. Haj refere-se não apenas ao acesso físico às minas, mas ao acesso legal. O proposto novo governo do Kivu sob o Mwangaza outorga claramente ao Sindicato todas as concessões, autorizações e direitos necessários exigidos pela lei local.

E a lei congoleza? Kinshasa pode encontrar-se a dois mil quilómetros de distância, mas é a capital. Num plano internacional, é porta-voz da República Democrática do Congo *in toto* e a sua jurisdição sobre as regiões orientais é estabelecida na constituição. A longo prazo, Kinshasa permanece essencial.

Haj vira o seu olhar exoftálmico para Philip:

– Assim, a minha pergunta é a seguinte, *Mzee* Philip: como é que o seu Sindicato propõe circunscrever a autoridade de Kinshasa? O Mwangaza fala de Kinshasa com desprezo e o coronel diz-nos que Kinshasa não receberá benefícios financeiros do golpe. Mas quando a poeira assentar, será Kinshasa, e não o Mwangaza, que terá a última palavra.

Philip escutou atentamente o discurso de Haj e, se o sorriso admirativo conta, apreciou-o imenso. Passou uma mão em concha ao de leve pelo cabelo branco ondulado, sem conseguir tocar-lhe.

– Serão precisos nervos e homens fortes, Haj – explica através do seu sorriso. – O Mwangaza é um deles e o seu estimado pai é outro. Vai levar tempo, o que é normal. Há fases no processo de negociações com as quais só poderemos lidar quando lá chegarmos. E julgo que esta é uma delas.

Haj reage como se isso o espantasse: quanto a mim, um pouco espantado de mais, mas porquê?

– Quer dizer que não existem acordos antecipados com os ricos de Kinshasa? Tem a certeza?

– Absoluta.

– Não pensaram comprá-los agora enquanto estão baratos? – Claro que

não! – Riso virtuoso.

– É loucura, homem. Se esperarem até precisarem deles, lixam-se.

Mas Philip resiste, razão pela qual o admiro.

– Não houve quaisquer conversações com Kinshasa, Haj. Nenhuma negociação lateral, luvas ou fatias do bolo. Isso pode vir a prejudicar-nos, mas seria contrário a todas as nossas convicções.

Maxie põe-se de pé num pulo, como revigorado. A ponta do taco de bilhar pousa-se, primeiro, em Goma e, depois, segue a estrada em direcção sul ao longo da margem ocidental do lago Kivu.

– *Mzee* Franco, ouvi dizer que, de vez em quando, grupos da sua ilustre milícia montam emboscadas ao longo desta estrada.

– Pois – responde Franco com prudência.

– Começando na madrugada do dia em questão, solicitamos-lhe que intensifiquem essas emboscadas, fechando a estrada a quaisquer transportes em ambas as direcções.

Haj solta um guincho de protesto.

– Refere-se aos camiões do meu pai? Os camiões de cerveja que vão para norte?

– Os vossos clientes terão de passar sede durante uns dias – riposta Maxie, voltando-se depois novamente para Franco. – Também ouvi dizer que o seu venerável general está em contacto com unidades significativas dos *mai mai* estacionadas *aqui...* entre Fizi e Baraka.

– O que ouviu é possível – admite, contrariado, Franco. – E no norte, à volta de Walikale, a milícia *mai mai* é igualmente forte.

– Isso é segredo militar.

– Nesse dia, peço que os *mai mai* se concentrem sobre Kukavu. E os grupos de homens que também tem à volta de Uvira devem dar-lhes apoio.

Haj interrompe mais uma vez. Pretende sabotar o discurso de Maxie, ou é por acaso? Receio que seja o primeiro caso.

– Gostaria de conhecer, por favor, quais são os planos exactos do coronel para tomar o aeroporto de Kavumu. É verdade que os soldados estão pedrados, são infelizes e não lhes pagam, mas têm armas e gostam de matar gente.

Maxie em tom monótono, sem inflexões.

– Tenciono enviar um pequeno pelotão de mercenários vestidos de maneira descontraída, com suficiente experiência e disciplina para

alcançar os objectivos sem dispararem um tiro. Agrada-lhe?

Haj acena a cabeça, balançando o seu caracol lacado. De queixo na mão, está inclinado para a frente numa exagerada pose atenta.

– Ou entram com o pessoal da manutenção às primeiras horas da manhã, ou vão de carro ao fim da tarde de sábado, fingindo ser adeptos de futebol à procura de um jogo. Há dois campos de futebol, cerveja a rodos e raparigas vindas das aldeias. Portanto, é tudo bastante informal. Ainda está a seguir o meu raciocínio?

Outro aceno da cabeça.

– Uma vez lá dentro, não correm, caminham. Mostram-se à vontade, sorriem e acenam os braços, de armas escondidas. Em dez minutos, ocupam a torre de controlo, a pista e o depósito de munições. Oferecemos cigarros e cerveja, distribuímos palmadas nas costas a toda a gente e negociamos com os encarregados. Que eles saibam, só estamos a alugar o aeroporto para transportar equipamento mineiro sem passar pela alfândega.

A voz de Haj adopta um tom invulgarmente servil.

– Com o devido respeito à distinta carreira militar do coronel, como será composto esse pelotão de mercenários de *elite*?

– Por profissionais altamente qualificados. Sul-africanos treinados pelas Forças Especiais e escolhidos a dedo.

– *Negros, Monsieur le Colonel?* Se me permite a pergunta.

– Zulus e ovambos, trazidos de Angola. Veteranos, não dissidentes. Os melhores combatentes do mundo.

– Quantos, por favor, *Monsieur le Colonel*?

– Não mais de cinquenta nem menos de quarenta.

– E quem é que chefiará esses homens, por favor?

– Eu. Em pessoa. Quem é que julgava que fosse? – encurtando cada vez mais as suas frases. – Mais o Anton aqui. E uns dois camaradas que eu sei.

– Desculpe, mas *Monsieur le Colonel é branco*.

Maxie enrola a manga do braço direito e, por um momento, julgo realmente que vai haver complicações. Mas ele só quer examinar o antebraço.

– Com a breca, pois sou! – Exclama para alegria dos que se encontram à volta da mesa, que soltam um suspiro aliviado, no qual o próprio Haj participa ostensivamente.

- E os seus camaradas, *Monsieur le Colonel*? Também são brancos? - volta Haj novamente à carga quando as gargalhadas amainam.

- Como a neve.

- Então, pode por favor explicar-nos como é que um pequeno grupo de estrangeiros, brancos como a neve, pode atacar de surpresa o aeroporto de Bukavu sem chamar uma certa atenção por parte de quem não é tão afortunado?

Desta vez, ninguém ri. Desta vez, só se ouvem os corvos e as gaivotas, e o restolhar da brisa cálida a descer a elevação relvada.

- Muito facilmente. No dia em questão - o termo de Maxie, ficamos nós a saber, para o dia do golpe - uma companhia suíça especializada em sistemas de controlo de tráfego aéreo inspecciona as instalações do aeroporto para fazer uma proposta não solicitada.

Silêncio, quebrado apenas pela minha voz a traduzir.

- O avião fretado que contém equipamento técnico de natureza não especificada - forte ênfase que tenho o cuidado de reproduzir - estará estacionado junto da torre de controlo. Os técnicos dessa companhia suíça serão europeus e incluem-me a mim, ao Anton aqui presente e ao Benny, com quem falo mais tarde. Ao meu sinal, o meu pelotão de mercenários, que, por essa altura, já passou pelo portão principal do aeroporto, entra a bordo do avião, onde há metralhadoras pesadas, bazucas, granadas, braçadeiras luminosas, rações e um muitas munições. Se alguém disparar contra eles, reagem, com fogo mínimo.

Compreendo perfeitamente porque Philip fez o que fez a seguir. De que lado estava finalmente Haj? Durante quanto mais tempo teríamos de tolerar as suas injustificadas críticas? O tipo nem sequer fora convidado! Era um mandatário do pai, atirado de pára-quedas no último minuto. Chegara a altura de o neutralizar, de o pôr na linha.

- Monsieur Haj - começa Philip, reproduzindo em voz melíflua os *Monsieur le Colonel* de Haj. - Haj, meu caro rapaz. Com todo o respeito devido ao seu querido pai, cuja ausência amargamente lamento, todos nós nos temos mostrado até agora reticentes, talvez até *demasiado* reticentes, quanto ao papel vital que pessoalmente desempenhará no apoio à campanha do Mwangaza. Como é que conta preparar-se para o grande evento? Especificamente em Bukavu, que é, por assim dizer, o seu feudo? Pergunto-me se esta não será uma boa altura para nos esclarecer.

Ao princípio, Haj pareceu não ter ouvido a pergunta de Philip, nem a minha tradução. Depois, contudo, murmurou umas palavras em xi, que, embora mais grosseiras, me lembraram estranhamente as ditas pelo minúsculo cavalheiro no restaurante italiano em Battersea: *Meu Deus, dai-me forças para me dirigir a este idiota, etcetera* – e é claro que não mostro ter compreendido, preferindo fazer uns inocentes rabiscos no meu bloco-notas.

E, a seguir, reage de forma demente. Põe-se de pé num pulo, faz piruetas, dá estalidos com os dedos e agita a cabeça, começando, aos poucos, a compor uma resposta rítmica à pergunta de Philip. E como as palavras são a minha única música e sou um ignorante em composições congolosas, ainda hoje não sei dizer-lhes que cantor, banda ou génio musical ele está a imitar.

Mas quase toda a gente na sala sabia, pois todos, à excepção de mim e de Maxie, que, por osmose, sei que é igualmente desprovido de intuição musical, reconhecem imediatamente que se trata de uma interpretação de mestre e muito divertida. O austero Dieudonné ri a bandeiras despregadas e, deliciado, bate ritmicamente palmas. E o volumoso Franco também se balança com prazer enquanto o vosso intérprete de primeira classe, treinado para funcionar sob todas as condições atmosféricas, continua a traduzir, umas vezes para francês, outras – por forte insistência de Maxie – para inglês. O que se segue é uma versão trabalhada, baseada nas frenéticas notas que tomei na altura:

Vamos *comprar* os soldados

Vamos *comprar* os professores e os médicos

Vamos *comprar* o comandante da guarnição de Bukavu

e o chefe da polícia

e o *subchefe* da polícia

Vamos abrir à força a prisão e pôr um carregamento

cheio de cerveja à esquina de todas as ruas da cidade –

e uns quilos de explosivos para ajudar a bebê-la

E vamos reunir os ruandeses anti-ruandeses e

dar-lhes excelentes armas novas tiradas dos nossos camiões,

quem não tiver arma, venha cá buscá-la!

E também vamos dar cerveja e armas
A todos os vagabundos, malucos e gajos que disparam contra nós
E a todos os católicos de Bukavu, a todos os padres e freiras
que amam Jesus e não querem sarilhos
e não vão causar nenhum, pois sabem
como há falta de bons cristãos —
Vamos dizer-lhes que o príncipe da Pobreza em pessoa
Está a entrar de cu no chão na nova Jerusalém!
Por isso, bebe outra cerveja, querido, e serve-te de outro
cocktail Molotov, e parte mais umas janelas
e ajusta umas quantas contas antigas —
Porque podes crer que o Paraíso do povo vem aí para te apanhar!

Agora, Philip está também a rir e a abanar a cabeça de espanto enquanto toca a campainha para o próximo intervalo. Mas é Tabizi quem chama a minha discreta atenção. O rosto é uma máscara de fúria mal contida. Os olhos, negros como breu, espreitam através das suas pálpebras pesadas, apontados como uma espingarda de dois canos à testa de Haj, o que me faz pensar que há um tipo de árabes que tem um imutável desprezo pelos irmãos subsarianos.

Onde raio é que eles estão, Sam? Tudo o que consigo detectar é um silêncio estrondoso.

Estou a verificar, querido. Tem paciência.

Tento ter paciência. Sons ininteligíveis enquanto a voz de Sam consulta a de Anton e, depois, a de Philip.

Encontrámos o Franco.

Onde?

Na suite real. Está a fazer uma farra com o Mwangaza. Vou lá? Pergunto, com demasiada avidez.

Nem pensar, Brian. Passam muito bem sem a sua presença.

Por cima dos meus auscultadores, ouço os sapatos de pele de crocodilo a descer a passagem acompanhados por outro par de passos que calculo sejam de Dieudonné. Sam confirma imediatamente a identificação: os vigias informam que Haj agarrou Dieudonné pelo cotovelo e está literalmente a puxá-lo pelo caminho do jardim fora. Melhor ainda, Haj levou um dedo aos lábios, mandando-o calar até estarem longe da casa. A minha disposição sobe em flecha. Não há melhor música para os ouvidos do vosso ladrão de sons a meio tempo do que: «Vamos para um sítio onde não nos possam ouvir» ou «Espera onde estás enquanto eu arranjo uma cabina telefónica».

Mas, até mesmo na minha excitação, sinto uma vaga de simpatia por Dieudonné, que, tendo sido arrastado numa determinada direcção pelos altos desígnios de Maxie, está agora a ser arrastado noutra pelo recalitrante Haj.

Os dois homens chegaram aos degraus do miradouro e sobem-nos. Haj põe-se a dançar. E, enquanto dança, começa a falar de rompante: um sapateado, uma rajada de palavras. Os ladrões de som têm ouvido de cego, mas, por vezes, também vêem como eles, e é isso que estou agora a fazer: claro e distinto como o dia nos meus olhos de cego. Vejo os sapatos de

crocodilo verde-lodo a deslizarem nos degraus de pedra, truz-catrapuz, truz-catrapuz, e vejo o caracol lacado a empinar, o corpo esbelto arqueado para trás, as mãos a esvoaçar como lenços de seda contra o céu azul-claro enquanto mantém a voz abaixo do nível do sapateado. O corpo é de louco, mas a voz é calma, e quanto mais baixo ele fala, mais barulho faz com os sapatos e mais agita a cabeça no decorrer de uma única frase, alimentando os microfones, atirando-lhe nacos incompreensíveis pelas suas gargantas abaixo.

Que língua está ele a falar? O seu xi nativo que Dieudonné também fala. O que está a fazer – ou julga que está a fazer –, com um pouco de improviso e um toque de francês quando é preciso, é utilizar uma língua que ninguém que os ouça possa compreender – excepto eu.

Assim, vou atrás dele. Estou mesmo ali com eles. Sigo-o tão de perto que, quando fecho os olhos, consigo vê-lo com o meu olho virtual. Quando Haj se afasta aos saltinhos e Dieudonné arrasta os pés atrás dele, meio balbuciando, meio tossindo, Salvo, o intérprete de primeira classe, está lá ao lado deles com os seus auscultadores e bloco-notas. E, quando Haj volta para trás, Dieudonné não se mexe – e eu também. Mais um passo e Haj saltita na relva, e eu também. Haj sabe que estou ali e eu sei que ele sabe. Está a brincar ao jogo da macaca comigo e eu brinco com ele. Está a conduzir a *zebra* numa dança e a *zebra* retribui-lhe o cumprimento, subindo e descendo as escadas, acompanhando por todo o lado.

O que ele não pode saber é como o nosso sistema de som é primitivo. Ele é moderno e quase aposto que, ainda por cima, é apaixonado por tecnologia. Julga que temos toda a gama dos sofisticados brinquedos da Sala de Conversa: antena direcciona, laser, satélite, tudo o que existe, mas não temos. E isto não é a Sala de Conversa, Haj. E os microfones de *Spider* são estáticos, mesmo que tu e eu e Dieudonné não o sejamos. E o sistema de *Spider* é um antigo circuito fechado, sem possibilidade de dispersão, e a *zebra* adora-o.

É um para um, Haj contra Salvo, *mano a mano*, com Dieudonné como espectador inocente. É o xi de Haj, sapateado, ataques e fintas, contra o ouvido ladrão de Salvo. Os sapatos de pele de crocodilo de Haj estão a bater como tamancos em pedras da calçada, faz piruetas, a voz sobe e desce, há umas palavras em xi, outras em queniano-ruandês, e, depois, um pouco de calão francês para complicar a mistura. Roubo sons de três

microfones separados e de três línguas diferentes numa só frase, e a recepção é tão caótica como a emissão. Também estou a dançar, mas só na minha cabeça. Estou nos degraus de pedra à espadeirada com Haj e, sempre que ele me dá tempo para recuperar o fôlego, passo à pressa traduções resumidas a Sam enquanto a minha mão esquerda segura o bloco-notas e a direita anota a lápis a ária de Haj.

Não é preciso gritar, querido Brian. Estamos a ouvi-lo muito bem.

A gravação dura nove minutos, o que corresponde a dois terços do intervalo. Nunca mais a *zebra* vai roubar sons tão bons na vida.

*

Haj: Até que ponto estás doente? (*Staccato de sapatos a subir uns degraus e a descer três, pára. Silêncio repentino.*) Muito doente? (*Não há resposta. Outro staccato. Retorna.*) As mulheres também? E os miúdos? (*Estará Dieudonné a acenar que sim com a cabeça? Aparentemente, está.*) Grande merda. Quanto tempo te resta? (*Nenhuma resposta.*) Sabes quem te pegou?

Dieudonné: Uma rapariga. Quem é que tu querias que fosse?

Haj: Quando?

Dieudonné: Em noventa e oito.

Haj: Na guerra de noventa e oito?

Dieudonné: Não houve outra.

Haj: A combater *ruandeses*? (Aparentemente, outro aceno de cabeça.) Estavas a combater *ruandeses* e a foder ao mesmo tempo pela República Democrática do Congo? Credo! Ainda ninguém te agradeceu?

Dieudonné: Por apanhar a peste?

Haj: Por combateres outra guerra inútil, pá. (*Subindo e descendo os degraus a dançar.*) Merda! Porra! (*Mais interjeições em voz baixa.*) Este Sindicato sem nome quer o teu cu, sabias? (*Ininteligível.*) Os banyamulenge têm os melhores guerreiros, disciplina, motivação, os melhores minerais... ouro e *coltan* no planalto... e vocês nem sequer os exploram. Gostam muito das vossas vacas!...

Dieudonné (*em voz muito calma através de ataques de tosse*): Havemos de impor os nossos termos. Vamos ter com o Mwangaza e dizer-lhe: primeiro, tens de nos dar tudo o que prometeste, caso contrário não

combatemos por ti. Mas contra ti. É o que lhe diremos.

Haj: O *Mwangaza*? Julgas que é o Mwangaza quem está a controlar esta coisa? Que grande herói que *ele é!* Que... tipo mais sábio... de classe internacional!... Que amigo desinteressado dos *pobres!* O gajo é dono da mais decrépita vivenda de dez milhões de dólares em Espanha. Pergunta ao meu pai... ecrãs de televisão de plasma em todas as casas de banho... (*Violento rufar dos sapatos, palavras ininteligíveis e, a seguir, claras. Docemente, em contraponto do barulho anterior.*) Presta atenção, Dieudonné. És bom homem e gosto de ti.

Dieudonné (*ininteligível*).

Haj: Não vais morrer. *Não* quero que morras. OK? Está combinado? Nem tu nem os banyamulenge. Outra vez, não. Por causa da guerra ou da fome, não. Nem depois da guerra e da peste. Se tiveres de morrer, morre da cerveja. Prometes?

Dieudonné (*sorrindo tristemente*): Cerveja e anti-retrovirais.

Haj: Estou a falar a sério. Não quero que nenhum cabrão morra no Congo durante muito tempo, a não ser que seja em paz e sossego, e de *cerveja*. Estás a suar como uma puta. Senta-te.

A recepção melhora. Anton informa através de Sam que Dieudonné se sentou num banco de pedra à sombra de uma faia, por debaixo do miradouro. Haj anda a saracotear-se à volta dele, num raio de dois a três metros. Mas eu estou lá ao lado deles.

Haj:... sabes que os ruandeses são mais fortes do que nós, não sabes?... mais fortes do que... os banyamulenge... mais fortes do que os mai mai... (*soltando guinchos de macaco*)... mais fortes do que todos os kivus juntos... OK? Admite.

Dieudonné: É possível.

Haj: É a porra de uma certeza e tu bem sabes. Escuta (*volta para onde está Dieudonné e segreda-lhe ao ouvido - recepção impecável, provavelmente devido ao microfone instalado nos ramos da faia por cima deles*)... Amo o meu pai. Sou africano e respeito-o. Ainda tens pai?... OK, então quer dizer que respeitas o seu espírito. Falas, obedeces e és guiado pelo seu espírito. O meu está vivo, OK? Três mulheres mais todas as putas que consegue comer. É dono de uma parte de Goma e de cinquenta e um

por cento de mim. Os ruandeses andam a roubar-lhe o negócio ou, pelo menos, ele pensa que sim.

Anton informa via Sam que Haj continua a esconder-se atrás da faia e a reaparecer. A recepção boa e má confirma isso.

Haj: Há uns meses, convocou-me, OK?... momento solene, *humph, humph...* foi no escritório, e não em casa... não quer que as suas mulheres ouçam atrás das portas... Falou-me do novo grande negócio para Kivu em que está envolvido e contou-me que o seu velho amigo Mwangaza vai antecipar-se às eleições... que são a fórmula para desencadear uma guerra civil... pôr na rua toda a gente de quem não gosta e enriquecer todos de quem gosta, incluindo os que já são ricos, porque conta com o apoio deste filantrópico Sindicato que tem uma data de dinheiro e armas e munições. Parece-me formidável, disse-lhe eu. Igualzinho ao rei Leopoldo quando *ele* se apoderou do Congo. Eu disse isto, e, claro está, ele irritou-se. Por isso, esperei até ele se acalmar, o que aconteceu no dia seguinte... (*interrompe o seu discurso e, depois, continua*)... entretanto, aconteceu uma coisa má, bastante má... Eu falo com uma gente muito bera que conheço em Kinshasa... uns tipos que, se o meu pai soubesse que os conheço, dava cabo de mim... malta que convém tratar delicadamente quando não se quer acordar morto de *manhã...*(*Atabalhoados, a partir daqui.*) E o que é que eles me disseram?... depois de eu ter jurado que não contava a ninguém, juramento esse que estou agora a quebrar, não é? Kinshasa faz parte disto. Kinshasa tem um papel... absolutamente o pior...

O som é perfeito. Sam avisa que Haj e Dieudonné estão agora sentados lado a lado no banco com um microfone suspenso a dois metros deles e não sopra nenhuma brisa.

Haj: Assim, vou novamente ter com o meu pai e digo-lhe: Pai, gosto muito de ti e agradeço-te teres pago para eu desenvolver o raio de um cérebro. Respeito os teus motivos quanto ao Mwangaza e ao Congo Oriental, e, por conseguinte, permite-me que te diga, baseado na minha competência profissional para resolver problemas, que és um idiota

chapado por duas razões. Na minha opinião, tu e o Mwangaza venderam-se extremamente barato, cerca de mil por cento, a esse Sindicato sem tomates. A segunda razão, e perdoa a minha impertinência, mas quem é que precisa da porra de outra guerra?... Tu e eu dependemos totalmente do Ruanda para o negócio, são eles quem exporta os nossos produtos. Para toda a gente, excepto os congoleses, isto constituiria a base de uma amigável e lucrativa sociedade comercial e não motivo para massacrar as mulheres e filhos uns dos outros nem instalar um líder geriátrico e inexperiente que, por mais que gostes dele, jurou expulsar do Congo tudo o que cheira a Ruanda. E falo-lhe dos meus amigos maus em Kinshasa? Se falo, porra. Mas também menciono o meu bom amigo Marius, um holandês gordo com quem estudei em Paris.

A recepção cessa temporariamente. A equipa de Sam informa que o par está a avançar lentamente ao longo da relva do outro lado do miradouro. A recepção é muito má.

Haj:... quarenta anos de idade... *(dois segundos ininteligíveis)*... montanhas de dinheiro institucional.... africano (?) vice-presidente de... *(sete segundos ininteligíveis)*... Assim, contei ao meu pai... *(quatro segundos ininteligíveis)* escuta-me... disse-me que eu era o maior fracasso da sua vida... uma desgraça para os nossos antepassados... e, depois, perguntou-me onde é que poderia encontrar esse Marius para poder... dizer-lhe que selar a fronteira do Ruanda com o Congo era a única solução saudável para os problemas do mundo. É assim que o meu pai fala quando não quer que se saiba que está a mudar de opinião.

Rangido metálico, suspiro de almofadas de espuma, recepção restaurada. Sam informa que os dois homens estão sentados num abrigo contra o vento com vista para o mar. A voz de Haj é insistente, quase imprudente.

Haj: Então o meu pai mete-se no avião privado dele e vai ver o Marius a Nairobi. O Luc gosta de Nairobi. Conhece uma puta sensacional lá. E gosta do Marius. Fumam uns charutos juntos e o Marius gosta do Luc e diz-lhe que ele é um grande idiota. «Você é tudo o que o seu irritante filho diz que

é. Um homem bom e sensato. E você e o seu Mwangaza querem expulsar os ruandeses do Congo para que eles já não os explorem, o que é uma rica ideia, excepto uma coisa. Está a sugerir a sério que eles não vão voltar e dar-lhe cabo do canastro, pagar-lhe com juros o que lhes tirou? Não é isso que eles costumam fazer? Então porquê não ser *realmente* esperto e fazer o impensável pelo menos uma vez na vida? Em vez de expulsar os ruandeses, olhe-se ao espelho, ostente o seu maior sorriso e aja como se gostasse deles. Quer queira quer não, tem negócios com eles e, por isso, mais vale que goste. E, a seguir, a minha companhia talvez o ajude e invista no seu negócio. Contrataremos uns jovens inteligentes como o seu irritante filho, melhoraremos as relações com Kinshasa e, em vez de três milhões de pessoas morrerem, obteremos uma coexistência pacífica.»

Dieudonné (*após demorada reflexão*): O teu pai está aliado a esse homem?

Haj: Trata-se do Luc, por amor de Deus! O melhor jogador de póquer de Goma. Mas sabes uma coisa? O cabrão do holandês gordo tinha razão porque, quando os ruandeses voltarem, quem é que vão trazer com eles? A porra de uma catástrofe. Como da última vez, mas pior. Os angolanos, os zimbabwés e todos os demais que nos odeiam e querem o que possuímos. E quando isso acontecer, esquece o processo de paz, esquece as pressões internacionais e esquece as eleições, porque os teus pobres banyamulenge filhos da mãe vão morrer como moscas, que ainda é o que vocês fazem melhor. Mas eu cá não. Estarei de volta em Paris a rir às bandeiras despregadas.

Fique exactamente onde esta, querido Brian. Vem aí ajuda.

*

– Isso aí é escrita *pitman*, meu velho? Parece arame farpado.

Maxie está debruçado sobre mim, estilo *Bogey*, com as mãos nos braços da minha cadeira a olhar para o que o Sr. Anderson gosta de chamar o meu cuneiforme babilónico. Maxie mandou-o embora e *Spider* desapareceu. Philip, de camisa cor-de-rosa e suspensórios vermelhos, está de pé à porta que dá para o corredor. Sinto-me sujo sem saber porquê. É como se tivesse feito amor com Penelope depois de ela voltar de um dos seus seminários

no fim-de-semana.

- Do meu próprio fabrico, chefe - respondo. - Uns gatafunhos, um pouco de estenografia e uma grande parte de mim - é o que digo a todos os clientes porque, se há uma coisa que aprendi, é nunca deixá-los pensar que o bloco-notas é um registo. Caso contrário, acaba-se no tribunal ou pior.

- Leia lá para nós outra vez, meu velho.

Volto a ler-lhes, como me mandam, em inglês, sem omitir nenhum pormenor, por muito pequeno que seja, etcetera. Embora tenha o cuidado de não o mostrar, Maxie e Philip estão a irritar-me. Já lhes expliquei que, sem o sofisticado aparelho para realçar o som do Sr. Anderson, podíamos passar ali a noite inteira, mas isso não os convence. Querem ouvir o *som real* nos meus auscultadores, o que acho irracional, pois nenhum deles compreende uma palavra das minhas línguas abaixo da linha de água. A passagem que os obceca são os sete segundos ininteligíveis logo após a referência ao fumador de charutos holandês. Se eu não consigo entender, por que raio é que eles supõem que entendem?

Passo os auscultadores a Philip, julgando que ambos vão ouvir ao mesmo tempo, mas Philip enfia-os na cabeça. Ouve uma vez, ouve três vezes, e, de cada vez que ouve, acena a cabeça com ar entendido a Maxie. Entrega, depois, os auscultadores a Maxie e ordena-me que passe essa parte mais uma vez e, finalmente, Maxie também lhe acena a cabeça com ar entendido, o que serve apenas para confirmar o que eu suspeito: *sabem o que estão a tentar ouvir e não me disseram*. E não há nada que faça um intérprete de primeira parecer mais palerma, e mais inútil, do que não ter sido prévia e completamente informado pelos seus clientes. E, além do mais, trata-se da *minha* gravação, não da deles. É o *meu* troféu. Fui eu que o tirei a Haj, não eles. *Lutei* com Haj para o obter, foi o *nosso* duelo.

- Grande material, meu velho - assegura-me Maxie.

- Não exagere, chefe - respondo por delicadeza. - E o que penso é: nada de palmadas nas costas, obrigado. Não preciso disso, nem sequer de si.

- Absolutamente brilhante - ronrona Philip.

A seguir, ambos se vão embora, mas apenas ouço um par de passos a subir as escadas da cave aos pulos. Philip é um consultor silencioso e não me espantaria nada que também não tivesse sombra.

*

Após a sua partida, não fiz nada durante o que me parece muito tempo. Tirei os auscultadores, limpei o rosto com o lenço, voltei a colocar os auscultadores e, sentando-me com o queixo no punho, ouvi pela enésima vez a passagem ininteligível. O que é que Maxie e Philip tinham ouvido que não podiam confiar-me? Abrandei e acelerei a velocidade, mas nada feito: três a quatro tempos com um *u* ao princípio, uma palavra com três ou quatro sílabas com *- ère* ou *- aire* no fim. Podia pensar numa dezena de palavras com terminação semelhante: *débonnaire*, *légionnaire*, *militaire*, qualquer som ér que se quisesse. E, depois, um *ak*, como em *attaque*.

Tirei novamente os auscultadores, enfiei a cabeça nas mãos e pus-me a sussurrar na escuridão. As palavras escapam-me até hoje. Dizer que me sentia traído é prematuro. O máximo que admito é uma sensação de constrangimento a rastejar por mim acima, a origem da qual estava decidido a não determinar. Após o frustrante final do meu solitário combate com Haj, estava nas lonas. Cheguei a perguntar-me se o nosso duelo não era uma fantasia da minha imaginação até me lembrar de como Haj tinha sido cauteloso desde que chegara à sala reservada aos convidados. Não me encontrava, contudo – ao contrário do que a amiga do peito de Penelope, Paula, teria mantido —, em fase de *denegação*. Ainda nem sequer tinha começado a elaborar o que estava a rejeitar. Se tinha a noção de decepcionar alguém, era interior. Estava decepcionado comigo mesmo e foi assim que descrevi o meu estado através do éter a Hannah da forma que agora considero o ponto mais baixo no meu gráfico daquele dia tão importante.

Sam? Sou eu, Brian. O que é que está a acontecer?

Nada. Sam não se encontrava no seu posto. Contava com um pouco de simpatia feminina, mas tudo o que ouço nos auscultadores é uma conversa entre homens ao fundo. Ela nem sequer se deu ao trabalho de desligar o seu microfone, o que considero um pouco descuidado e inseguro. Consulto o relógio da tia Imelda. O intervalo está a prolongar-se. A inconclusiva narrativa de Haj acerca do namoro do pai com uma organização rival dirigida por um holandês gordo que fuma charutos parece ter provocado discussões. É bem feito por ele me ter chamado *zebra*. *Spider* ainda não

voltou de onde quer que tenha ido. Há muita coisa sobre a geografia desta casa que ninguém me diz. Como, por exemplo, a localização da sala das operações. Ou de onde a equipa de Anton faz a vigilância. Onde é que Jasper se esconde. Onde está Benny. Mas eu cá não preciso de saber, pois não? Sou apenas o intérprete. Todos sabem, menos eu.

Lanço um olhar ao mapa do metro. Haj e Dieudonné separaram-se. O pobre Dieudonné está sozinho na *suite* dos convidados. Provavelmente está a rezar. Haj voltou ao miradouro, o local do seu pretenso triunfo. Se ele soubesse? Imagino-o a contemplar o mar com os seus olhos esbugalhados, felicitando-se por ter arruinado os planos do Mwangaza. A luz indicadora da localização de Franco está apagada. Suponho que ainda deve estar fechado com o Mwangaza nos alojamentos reais. Fora de limites. Só para os arquivos.

Preciso de som. Não gosto das vozes acusadoras que começam a levantar-se no interior da minha cabeça, sobretudo a de Hannah. Não estou aqui para ser criticado. Fiz o melhor que pude pelos meus patrões. Que mais podia fazer? Fingir não ter ouvido Haj dizer o que ele disse? Calar-me? Estou aqui para fazer um trabalho e ser pago. Mesmo que seja uma ninharia comparado com que pagam a Jasper. Sou intérprete. As pessoas falam e eu traduzo. Não paro quando dizem coisas que não deviam dizer. Não aplico nenhuma censura, reviso ou invento, não faço como certos colegas meus fazem. Digo as coisas de caras. Caso contrário, não seria o filho dilecto do Sr. Anderson. Não seria um génio na minha profissão. Legal ou comercial, civil ou militar. Traduzo o que me dizem com imparcialidade, independentemente da cor, raça ou credo. Sou a ponte, ámen e pronto.

Tento apanhar novamente Sam. Ainda está ausente. A conversa de fundo na sala das operações parou. E, graças ao descuido de Sam, ouço Philip. Fala de modo suficiente claro para eu entender o que ele diz. Já com quem ele está a falar é impossível de saber. Há pelo menos uma parede entre a voz dele e o microfone de Sam, mas isso não afecta a recepção. Estou com um ouvido tão apurado depois do meu duelo com Haj que, se uma mosca tossisse ao microfone, poderia dizer a sua idade e o seu sexo. O que me surpreende é que a voz de Philip está tão diferente da versão lustrosa que associo com ele que, aos primeiros compassos, tive relutância em identificá-lo. Fala com *Mark* e, pelo seu tom imperioso, Mark deve ser um

subalterno.

Philip: Quero saber o nome do seu médico, o diagnóstico, que tratamento ele está a ter, quando esperam dar-lhe alta, quem é que ele recebe à cabeceira e, à parte as mulheres, amantes e guarda-costas, quem é que está com ele... Não, não sei em que raio de hospital ele está, Mark. É esse o seu trabalho, é para isso que lhe pagam. Você é o nosso homem no local. Bem, por amor de Deus, quantos hospitais especializados em doenças cardíacas existem na Cidade do Cabo?

Fim do telefonema. Os consultores temporários são demasiado importantes para se despedirem. Philip precisava de falar com Pat. Marcou um novo número de telefone e é com Pat que pede para falar.

Philip: O nome é *Marius*. É holandês, gordo, quarentão e fuma charuto. Há pouco tempo estava em Nairobi, mas não sei se, agora, ainda lá está. Frequentou a escola comercial em Paris e representa o nosso velho amigo, a Union Minière des Grands Lacs. Além disso, quem é esse tipo? (*Nove segundos, ao longo dos quais Philip indica intermitentemente que sim, que, como eu, está a ouvir e a tomar notas. Finalmente.*) Muito obrigado, Pat. Perfeito. Exactamente o que temia, mas pior. Exactamente o que queríamos saber. Estou-lhe muito agradecido. Adeus.

Então, agora sabemos. Não era *débonnaire*, *légionnaire* ou *militaire*. Era Minière e não era *attaque*, era *Lacs*. Haj estava a falar de um consórcio mineiro e o holandês gordo é o seu representante em África. Vejo *Spider* do outro lado da sua rede estilo *Meccano*, a verificar os pratos giratórios, a mudar de *cassettes* e a marcar umas novas. Levanto um auscultador e sorrio-lhe para me mostrar sociável.

– Parece que vamos ter uma hora de almoço muito ocupada, Brian. Graças a si – diz *Spider* com enigmático deleite galês. – De uma maneira ou de outra, planearam uma grande actividade.

– Que espécie de actividade?

– Bem, isso seria fazer uma revelação, não seria? Nunca trocar segredos, aconselha o Sr. Anderson, lembra-se? Fica-se sempre a perder.

Volto a colocar os auscultadores e observo o plano do metro. A luz violeta do Mwangaza está a tentar-me como um convite de bordel. *Vem, Salvo. O que é que te detém? Os regulamentos da escola? Acesso proibido,* a não ser que Philip diga o contrário. Gravamos, mas não escutamos. Não se somos intérpretes *zebra*. Se eu não sou autorizado a ouvir, quem é que é? O Sr. Anderson, o qual não fala uma palavra de nenhuma língua excepto inglês rural do norte? Ou o Sindicato sem tomates, como Haj lhe chama: *eles* escutarão? Talvez para se divertirem. Enquanto bebericam Porto e fumam charutos de Havana na sua praça-forte nas ilhas do Canal.

Penso eu realmente assim? Ter-se-á o espírito rebelde de Haj entranhado na minha pele sem eu notar? Está o meu coração africano a bater com mais força do que dá a entender? É Hannah? Se não é, por que é que a minha mão direita se move com a mesma deliberação com que deitou o *coq au vin* de Penelope para o lixo? Hesito, mas não por pruridos de consciência. Se carregar no botão, desatarão sirenes a tocar por toda a casa? A luz violeta no plano do metro começará a piscar um sinal de perigo? Aparecerão os anoraques de Anton pelas escadas abaixo da cave para vir buscar-me?

Carrego, de qualquer modo, no botão e entro na sala de estar dos alojamentos reais proibidos. Franco está a falar em suaíli. A recepção é perfeita, não há ecos nem ruídos. Imagino alcatifas espessas, reposteiros, mobiliário macio. A voz de Franco é calma. Talvez lhe tenham dado um uísque. Por é que penso em uísque? Franco gosta de uísque. A conversa é entre ele e o «Golfinho». Ainda não há provas da presença do Mwangaza, mas algo no tom das suas vozes diz-me que ele não está longe.

Franco: Ouvimos dizer que, nesta guerra, serão usados muitos aviões.

Golfinho: É verdade.

Franco: Tenho um irmão... Tenho muitos irmãos. Golfinho: É uma bênção.

Franco: O meu melhor irmão é um bom combatente, mas, para sua vergonha, só tem filhas. Quatro mulheres e cinco filhas.

Golfinho (*um provérbio*): Por mais longa que seja a noite, o dia acaba por nascer.

Franco: A mais velha das filhas tem um quisto no pescoço que dificulta

a perspectiva de se casar. (*Gemidos de esforço confundem-me até perceber que Franco está a ilustrar o sítio do quisto no seu corpo aleijado.*) Se o Mwangaza levar de avião essa filha do meu irmão a Joanesburgo para ser tratada confidencialmente, o meu irmão verá o Caminho do Meio com bons olhos.

Golfinho: O nosso Iluminado é um marido dedicado e pai de muitos filhos. Será arranjado transporte.

Um tilintar de copos sela a promessa.

Franco: Este meu irmão é um homem capaz e popular entres os seus soldados. Quando o Mwangaza for governador do Sul do Kivu, um bom conselho é nomear o meu irmão chefe da polícia de toda a região.

Golfinho: Na nova democracia, todas as nomeações serão feitas após uma consulta transparente.

Franco: O meu irmão está disposto a pagar cem vacas e cinquenta mil dólares em líquido por uma nomeação de três anos. Golfinho: A proposta será democraticamente considerada.

Spider observa-me do outro da rede de *Meccano* de sobrancelhas erguidas. Levanto um dos auscultadores.

- Passa-se alguma coisa? – pergunto.
- Que eu saiba, não.
- Então por que é que está a olhar para mim?
- Porque tocou a campainha. Você estava demasiado ocupado à escuta para a ter ouvido.

- Três bases, cavalheiros! Cada uma delas a céu aberto, minimamente explorada e vital para a restauração do Kivu.

Maxie, com o taco de bilhar na mão, está mais uma vez a arengar-nos da cabeceira da mesa. – O aeroporto está em nosso poder, o Mwangaza está instalado e, em breve, o Sindicato controlará todas as minas do Sul do Kivu, mas, entretanto, há três aqui, remotas e sem concessão oficial, com as quais temos de lidar. – Tenho a sensação, ao voltar à sala de conferências, que os presentes foram sujeitos a uma transformação teatral. Haj e Dieudonné, que ainda há minutos conspiravam, comportam-se como se nunca se tivessem visto. Haj trauteia e sorri ironicamente a meia distância, e Dieudonné, coçando os pelos da barba com os seus dedos ossudos, mostra-se pensativo. No meio deles, o rosto descarnado de Franco é uma máscara de rectidão. Quem imaginaria que, há pouco, tinha tentado subornar o seráfico «Golfinho»? E certamente que Philip não deu, nem agora nem nunca, certas ordens peremptórias ao telefone? As suas mãos rechonchudas estão cruzadas sobre o peito em beatitude eclesiástica. Será que ele penteia o cabelo ondulado e arranja os caracoizinhos atrás das orelhas no final de cada acto? Só Tabizi parece incapaz de conter os pensamentos desordenados que fermentam nele. Talvez tenha o resto do corpo controlado, mas o brilho vingativo nos seus olhos escuros oleosos é inextinguível.

O mapa que Maxie consulta é tão grande que Anton tem de o estender como um edredão sobre uma extremidade da mesa. A exemplo do seu chefe, despiu o casaco e os seus braços nus estão tatuados do punho ao cotovelo: a cabeça de um búfalo, uma águia de duas cabeças com as garras fincadas num globo terrestre e uma caveira no meio de uma estrela para comemorar o *Escuadrón de Helicópteros* da Nicarágua. Traz um tabuleiro com pequeninos brinquedos de plástico: navios de guerra com os canhões à banda, aviões bimotores sem hélice, peças de artilharia a puxar reboques

de munições, soldados a atacar de baioneta fixa ou, mais prudentemente, deitados no chão.

Maxie contorna a mesa de taco em riste. Tento evitar os olhos de Haj. Sempre que Maxie aponta com o taco, levanto a cabeça do bloco-notas e lá está Haj com o seu olhar esbugalhado. O que é que está a tentar dizer-me? Que o traí? Que tivemos um duelo? Que somos amigalhaços?

– Uma pequena localidade chamada Lulingu – diz Maxie a Franco, enquanto a ponta do taco parece querer espetá-la. – O coração do seu território mai mai. *Le coeur du Mai Mai. Oui? D'accord?* Sim, senhor. – Vira-se para mim. – Suponha que eu lhe peço para colocar trezentos dos seus melhores homens lá, ele faria isso por mim?

Enquanto Franco reflecte sobre a minha proposta, Maxie volta-se para Dieudonné. Será que vai aconselhá-lo a tomar uma embalagem de aspirinas? Ou a não se deixar atrás do rebanho, agora que o tempo dele acabou?

– É a sua área, não é? A sua gente. Os vossos pastos. O vosso gado. O vosso planalto.

O taco rodopia à volta das margens sul do lago Tanganica, pára a meio, vira para a esquerda e pára novamente.

– É, de facto, a nossa área, concorda Dieudonné.

– Pode manter uma base fortificada para mim... aqui? O rosto de Dieudonné ensombra-se.

– Para *si*?

– Para os banyamulenge. Para um Kivu unido. Pela paz, união e prosperidade de toda a gente. – As mantras do Mwangaza são evidentemente as de Maxie.

– Quem é que nos abastecerá?

– Nós. Por avião. Lançaremos tudo o que necessitarem durante o tempo que quiserem.

Dieudonné olha para Haj como se lhe implorasse e, depois, afunda o rosto nas suas mãos compridas e magras e mantém-no lá. Por uma fracção de segundo, junto-me a ele na sua escuridão. Conseguiu Haj convencê-lo? Se assim foi, convenceu-me também a mim? Dieudonné ergue a cabeça. A sua expressão é resoluta, mas ninguém sabe por qual causa. Põe-se a raciocinar em voz alta em curtas frases decisivas com olhar distante.

– Convidam-nos para nos juntarmos ao exército de Kinshasa, mas

apenas para nos neutralizar. Oferecem-nos nomeações que dão a ilusão de poder, mas que, na realidade, nada valem. Se houver eleições, Kinshasa traçará fronteiras que não darão nenhuma voz aos banyamulenge no Parlamento. Se formos trucidados, Kinshasa não levantará um dedo para nos proteger. Mas os ruandeses virão em nossa defesa. E isso constituirá outro desastre para o Congo. – Por entre os dedos afastados, anuncia a sua conclusão. – O meu povo não pode dar-se ao luxo de recusar esta oportunidade. Lutaremos pelo Mwangaza.

Haj fita-o de olhos arregalados e solta um riso afeminado de incredulidade. Maxie bate com a ponta do taco na encosta sudoeste de Bukavu.

- E esta excelente mina aqui pertence-lhe, Haj, certo? A si e a Luc?
 - Nominalmente – concede Haj com um irritante encolher de ombros.
 - Bem, se não é vossa, de quem é? – em parte por graça e em parte de forma provocadora, a qual não tento moderar.
 - A nossa companhia subalugou-a.
 - A quem?
 - A uns homens de negócios conhecidos do meu pai – replica Haj e eu pergunto-me quem mais reparou na ponta de rebeldia da sua voz.
 - Ruandeses?
 - Ruandeses que amam o Congo. Gente dessa existe.
 - E são pessoalmente leais ao seu pai, presumo?
 - Em muitas circunstâncias, sim. Em outras, são leais a eles mesmos, o que é natural.
 - Se triplicarmos a produção da mina e lhes déssemos uma percentagem, seriam leais *connosco*?
 - Connosco?
 - O Sindicato. Assumindo que estão bem armados e abastecidos contra ataques. O seu pai disse que combateriam por nós até ao fim.
 - Se foi o que o meu pai disse, então é verdade.
- Na sua frustração, Maxie vira-se para Philip.
- Pensei que tudo isto já estava combinado.
 - Claro que está, Maxie – responde apaziguadoramente Philip. – Combinado, entendido e assente. O Luc deu a sua aprovação há muito tempo.

Como a discussão é em inglês e privada, decido não a traduzir, o que não

impede que Haj role os olhos e sorria como um imbecil, incorrendo, por conseguinte, na silenciosa raiva de Tabizi.

- Três líderes, três enclaves independentes - prossegue Maxie, dirigindo-se a todos em geral. - Cada um com a sua própria pista, desusada, usada ou usada em parte. Cada um abastecido por intenso transporte aéreo a partir de Bukavu. Todo o problema de acesso, extracção e transporte resolvido de uma só cajadada. Impossível de encontrar e... sem poder aéreo do inimigo... inexpugnável.

Poder aéreo inimigo? E o inimigo, era quem, precisamente? É quanto a isto que Haj se interroga, ou sou eu?

- Nem todas as operações militares podem pagar aos seus soldados com o dinheiro ganho do solo onde estão acampadas, por amor de Deus - insiste Maxie no tom de voz de um homem a dominar qualquer oposição. - *E* tenham a satisfação de saber que, entretanto, estão a beneficiar o vosso país. Diga-lhe também isso, está bem, meu velho? Meta-lhes os benefícios sociais na cabeça. Cada milícia a colaborar com chefes locais amigáveis e cada chefe a ganhar dinheiro, e por que é que não havia de ganhar desde que o distribua pela sua tribo. A longo prazo, não existe um único motivo para que as bases não prosperem como comunidades auto-suficientes. Escolas, lojas, estradas, centros médicos, o que quiserem.

Toda a gente se entretém a ver Anton colocar um avião de plástico na base de Franco na selva.

- É um Antonov-12 - explica Maxie. - A transportar uma carga de escavadoras, camiões basculantes, guindastes e técnicos. A pista tem espaço de sobra. O que for preciso, pode ser facilmente entregue pelo *Antonov*. - Mais uma vez, Haj interrompe-o, levantando o braço e mantendo-o no ar como um aluno obedientemente à espera de vez.

- Monsieur Philippe.

- Haj.

- Estou correcto em assumir que, segundo o acordo proposto, as milícias devem ocupar as suas bases por um mínimo de seis meses?

- Está, sim, senhor.

- *E após* os seis meses?

- Após esses seis meses, o Mwangaza já estará instalado por escolha do povo e a criação de um Kivu unido será para breve.

- Mas durante esses meses... antes de as minas passarem para as mãos

do povo... quem é que as controla?

- O Sindicato, quem haveria de ser?

- O Sindicato explorará o minério?

- Espero certamente que sim – ironiza ele.

- E irá exportá-lo?

- Naturalmente. Explicámos tudo isso ao Luc.

- E o Sindicato também se encarregará de *vender* o minério? – Comercializá-lo, se é isso que quer dizer.

- Eu disse vender.

- E eu disse comercializar – replica Philip com o sorriso de alguém que gosta de uma boa discussão.

- E guardar todos os lucros?

Do outro lado da mesa, Tabizi está prestes a rebentar, mas o lesto Philip antecipa-se mais uma vez.

- Os lucros dos primeiros seis meses, Haj... *receita* é uma palavra mais simpática... como você correctamente supõe, serão usados para reembolsar o investimento do Sindicato. Claro que isso inclui os altos custos incorridos para apoiar a ascensão do Mwangaza ao poder.

Observado por toda a sala, Haj reflecte.

- E essas minas, as três bases que o seu Sindicato escolheu... uma para cada um de nós... – continua ele.

- O que é que há com elas?

- Bem, não são apenas umas velhas minas quaisquer, escolhidas ao acaso, pois não? Talvez não pareçam, mas são sítios bastante valiosos.

- Receio que não esteja a percebê-lo, Haj. Não sou técnico.

- Têm ouro e diamantes, certo?

- Oh, espero sinceramente que sim! De outro modo, cometemos um erro horrível.

- Essas minas também são locais de descarga.

- Ah, sim?

- Sim. À volta delas há *coltan*. Minério extraído, empilhado e abandonado, enquanto nós estamos tão entretidos a morrer que não o mudámos de sítio. Tudo o que têm a fazer é processá-lo localmente para reduzir o peso e embarcá-lo para ganhar uma fortuna. Nem sequer precisam de seis meses. Dois bastam.

Pelo canto do olho, vejo Tabizi a explorar delicadamente uma bexiga no

queixo com a ponta dos dedos carregados de jóias, mas, quanto a mim, é no queixo de Haj que ele está a pensar.

– Bem, obrigado pela sua informação, Haj – agradece Philip, macio como creme. – Não posso crer que os nossos peritos não estejam a par do que nos contou, mas vou certificar-me de que sejam informados. No entanto, o *coltan* já não é, infelizmente, o mineral maravilhoso que era dantes. Mas tenho a certeza de que sabe isso.

*

– *Roamer*, chefe?

A minha mão está levantada para pedir um esclarecimento. Maxie fornece-o irritadamente. Bem, como é que eu podia saber que os rádios *roamer* mudam tão rapidamente de frequência que não há aparelhos de escuta em toda a África, quanto mais Bukavu, que possam captá-los?

– *Mercs*, chefe?

– Mercenários, homem! Raios me partam. O que é que julgou que eles fossem? Carros? Pensei que conhecia expressões militares.

– E *PMC*, chefe?

– Companhia militar privada... Bolas, Sinclair, onde raio é que tem estado?

Peço desculpa, coisa que um intérprete nunca deveria fazer.

– *Cordons*. Percebeu, meu velho? É uma palavra francesa e não deve ser difícil para si. Assim que uma base está segura, instalamos um cordão à volta. Num raio de trinta quilómetros, ninguém entra, ou sai, sem a nossa autorização. Todo o abastecimento é feito por helicóptero. O nosso helicóptero, o nosso piloto, mas a vossa base.

Anton põe um helicóptero em miniatura em cada base. Desviando-me para evitar o olhar de Haj, reparo que Philip é, agora, o centro das atenções.

– E esses helicópteros, cavalheiros – nunca hesitando a desempenhar o seu papel de homem-espectáculo, Philip aguarda que se faça silêncio total e recomeça –, esses helicópteros, tão *vitalis* à nossa operação, serão pintados de *branco* para facilitar a sua identificação. E, para que se movam de um lado para o outro com maior facilidade, proponho que também sejam pintados com os distintivos das Nações Unidas –

acrescenta em tom negligente que faço o possível por imitar, mantendo os olhos fixos na minha garrafa de *Perrier* e os ouvidos surdos aos gritos de ultraje cada vez mais altos de Hannah.

Maxie torna a intervir. É a favor dos morteiros de sessenta milímetros, essenciais à carnificina tão desejada por *Spider*. Tem uma ou duas palavras amáveis pelas granadas lançadas por bazuca que alcançam os novecentos metros e, depois, explodem, reduzindo um pelotão a carne picada, mas, no fundo do seu coração, é o morteiro de sessenta milímetros que prefere. Traduzir o que ele diz é como estar num longo túnel a ouvir a minha própria voz a ecoar na escuridão.

- Primeiro, transportamos combustível e, depois, munições.
- Será distribuída uma Kalashnikov checa a todos os homens. Não há melhor semiautomática no mundo.
- Todas as bases estarão equipadas com três metralhadoras de 7.62 mm russas, dez mil balas e um helicóptero branco para transportar carga e tropas.
- Uma metralhadora Gatling capaz de disparar quatro mil tiros de 12.7 mm por minuto será instalada na frente de todos os helicópteros brancos.
- Será dado amplo tempo para manobras. Nunca conheci uma unidade que não melhorasse depois de treinada.

- Diga-lhes isso, meu velho.
Obedeço.

Nenhuma campanha tocou, mas o relógio dos correios continua a avançar e nós, soldados, somos muito escrupulosos em matéria de tempo. As portas duplas que dão para a biblioteca abrem-se de par em par. As nossas mulheres esquecidas com aventais de pano estão em pose diante de um bufete real. No meu estado extracorpóreo, vejo lagostas metidas no gelo, um salmão guarnecido com pepinos, carnes frias, um tabuleiro com queijos que incluem um *Brie* macio escapado ao lixo, vinho branco dentro de baldes prateados com gelo picado, uma pirâmide de fruta fresca como jóias da coroa e um bolo de dois andares com as bandeiras do Kivu e da República Democrática do Congo. Perfeitamente sincronizados, entram pelas portas envidraçadas em solene ordem de precedência o Mwangaza, o

seu devoto secretário, o «Golfinho», e Anton, fechando a marcha.

- Intervalo para o almoço, meus senhores – anuncia jovialmente Philip.
- Façam, por favor, os estragos que possam!

Helicópteros brancos com distintivos das Nações Unidas, repito a mim mesmo. A disparar metralhadoras Gatling, quatro mil tiros por minuto, no interesse da paz, da união e da prosperidade de todo o Kivu.

*

Apresso-me a dizer que, em todos os meus anos de trabalho como intérprete, nunca fui colocado numa situação em que os meus clientes não insistissem veementemente para eu estar presente em todo o tipo de hospitalidade que oferecessem, quer fosse a larga escala, banquetes completos de traje a rigor, ou *cocktails* no fim do dia mais acepipes frios e quentes. Mas as ordens do chefe tinham sido inequívocas. Além de que os vagos pressentimentos que, por esta altura, me agitavam tinham banido toda a ideia de comida, não obstante a sumptuosa mesa a abarrotar de sanduíches, as quais, apesar de toda a conversa de Maxie acerca de biscoitos de bordo, me saudaram ao regressar à sala da caldeira.

- Estamos dispensados, rapaz – informa-me *Spider*, enchendo a boca de queijo e *pickles*, enquanto, com a outra mão, acena displicentemente para os seus gravadores. – Passe um espanejador à volta das mesas de vez em quando e descanse até novas ordens.

- Quem é que disse?

- O Philip.

A complacência de *Spider* não acalma o meu espírito, muito pelo contrário. Com o mesmo sorriso sabido com que me tinha avisado mais cedo que íamos ter uma hora de almoço ocupada, estava agora a dizer-me que não tínhamos nada para fazer. Coloco os auscultadores e descubro que estamos ligados ao vácuo. Desta vez, Sam não se esqueceu de desligar o seu microfone. *Spider* examina uma revista militar toda rasgada e mastiga vigorosamente, mas, se calhar, está a observar-me. Carrego no botão do meu painel correspondente à BIBLIOTECA e ouço o predizível barulho de pratos e talheres do almoço. Ouço Glady – ou é Janet? – a perguntar «Posso cortar-lhe uma fatia, *sir*?» em suaíli surpreendentemente bom. Tenho uma imagem mental da disposição da biblioteca transformada em

sala de jantar. Bufete assistido com mesas separadas, duas para duas pessoas cada uma e uma para quatro, e todas elas, segundo o meu painel, separadamente sob escuta. As portas envidraçadas estão abertas para aqueles que desejam tomar ar. Mesas de jardim, também sob escuta, aguardam-nos lá fora. Philip está a fazer de chefe de mesa.

– Monsieur Dieudonné, por que é que não se senta *aqui*? – *Mzee* Franco, onde é que essa sua perna fica mais confortável?

O que é que eu estou a tentar escutar? Por que é que estou tão alerta? Escolho uma mesa e ouço Franco a conversar com o Mwangaza e o «Golfinho». Está a descrever um sonho que teve. Como criança secreta e audiência cativa dos criados da Missão, ouvi inúmeros sonhos africanos na infância e, assim, o de Franco, bem como a extravagante interpretação que ele faz, não constitui nenhuma surpresa.

– Entrei no pátio do meu vizinho e vi um corpo deitado com a cara na lama. Viro-o e vejo os meus próprios olhos a olhar para mim. Percebi, então, que tinha chegado a altura de respeitar as ordens do meu general e obter boas condições para os mai mai nesta grande batalha.

O «Golfinho» murmura a sua aprovação. O Mwangaza mostra-se reservado. Mas tenho ouvidos só para o que não estou a ouvir: o bater dos sapatos de pele de crocodilo no chão de ardósia, uma explosão de riso trocista. Mudo para a primeira mesa pequena e ouço Philip e Dieudonné a falar de práticas pastoris numa mistura de suaíli e francês. Passo para a segunda e não obtenho nada. Onde é que está Maxie? Onde é que está Tabizi? Mas não sou guardião deles. Sou o de Haj, e onde é que ele está? Volto para a mesa grande na esperança pouco provável de que ele tem estado a guardar os seus pensamentos para consigo mesmo por deferência à amizade entre o grande homem e o pai. Mas tudo o que capto são ruídos surdos, e nenhuma voz, nem sequer a do Mwangaza. Aos poucos, depreendo o que está a acontecer. Franco tirou a bolsa de amuletos das pregas do seu enorme fato castanho e está a mostrar o conteúdo ao seu novo líder: o osso de um dedo de macaco, uma caixa de unguento que outrora pertenceu ao avô, um fragmento de basalto de uma cidade da selva desaparecida. A apreciação do Mwangaza e do «Golfinho» é delicada. Caso Tabizi esteja presente, não se dá ao trabalho de o demonstrar. E, por mais atentamente que escute, continuo sem saber de Haj.

Volto à mesa de Philip e Dieudonné, e descubro que Maxie se juntou à

conversa e está a aplicar o seu horrível francês às práticas pastoris dos banyamulenge. Faço, então, o que deveria ter feito há cinco minutos. Mudo para a sala de estar do Mwangaza e ouço Haj gritar.

*

OK, a atribuição foi, ao princípio, provisória. O grito não continha nenhum dos variados sons que, até agora, eu ouvira a Haj, e não ouvira muitos, tais como de terror, agonia e súplica abjecta, reduzindo-se aos poucos a um gemido de palavras reconhecíveis que, embora ténues, me deram a possibilidade de confirmar a identificação. Posso dar aproximadamente essas palavras, mas não exactamente. Por uma vez na minha vida, o meu lápis, embora em posição, não entrou em contacto com o bloco-notas por baixo. As palavras, em todo o caso, eram banais, como *por favor* ou *por amor de Deus* ou *mais não*. Invocavam *Maria*, mas não era claro se ele estava a suplicar à Virgem, a uma amante ou à mãe.

Ao ouvi-lo pela primeira vez, o grito também me impressionou como sendo extremamente alto e, mais tarde, fui obrigado a defini-lo. Produziu o efeito de um arame em brasa entre os auscultadores a atravessar-me o cérebro. Era tão alto que eu não podia acreditar que *Spider* também não o tinha ouvido. No entanto, quando me arrisquei a lançar-lhe um olhar de soslaio, o seu comportamento não se tinha alterado nem um bocadinho. Estava sentado na mesma posição, a mastigar o mesmo naco de pão, queijo e pepinos, a ler, ou a não ler, a mesma revista militar e a exsudar o mesmo ar de satisfação superior que anteriormente me enervara.

Voltei rapidamente a ligar para a biblioteca enquanto recuperava a compostura. Bem instalado à mesa, o Mwangaza propunha publicar uma selecção dos seus pensamentos sobre a democracia africana. Numa outra mesa, Philip, Maxie e Dieudonné discutiam assuntos de irrigação. Durante uns segundos dementes, tentei convencer-me de que o grito era fruto da minha imaginação, mas não devo ter sido muito persuasivo porque, sem dar por isso, estava de novo na sala de estar do Mwangaza.

E, aqui, vou permitir-me a vantagem da compreensão *a posteriori*, pois seguiram-se vários outros gritos antes de eu conseguir identificar a outra *dramatis personae*. Por exemplo: embora houvesse indicação da presença de outros pés – dois pares de solas de borracha em soalho duro e um par

de solas ligeiras que eu provisoriamente atribuí ao felino Tabizi –, não havia sinal dos sapatos de pele de crocodilo, o que me levou a concluir que Haj estava suspenso acima do chão ou descalço, ou ambas as coisas. Mas foi necessária uma sucessão de trocas de palavras entre Haj e os seus torcionários para eu supor que ele estava amarrado e nu, pelo menos da cintura para baixo.

Apesar de estarem perto do microfone, os gritos que ouvia eram mais baixos e mais como os grunhidos de um porco do que, ao princípio, pensara, e eram abafados por uma toalha, ou coisa semelhante, que era retirada quando Haj fazia sinal que tinha algo importante a dizer e reposta quando ele não tinha. Também era aparente que, na perspectiva de quem estava a torturá-lo, Haj utilizava esse sinal com demasiada frequência e foi assim que identifiquei primeiro Benny – «Fazes isso mais uma vez e queimo-te os tomates» – e, logo a seguir, Anton a prometer a Haj uma «viagem pelo teu cu acima com *isto*».

O que seria, então, *isto*?

Hoje em dia, ouvimos tanto falar de torturas e discutir se a prática de encapuzar alguém, privá-la de som e meter-lhe a cabeça dentro de água pode ser considerada tortura que pouca coisa resta à imaginação. Tornou-se rapidamente evidente que *isto* funcionava a energia eléctrica. Há a ameaça de Anton de o ligar à corrente e um momento em que Benny se zanga grosseiramente com Tabizi por este tropeçar na porra do fio. Era *isto* um agulhão de gado? Um par de eléctrodos? No caso afirmativo, a pergunta que se segue é: como é que o arranjaram? Tinham-no trazido com eles como peça-padrão de equipamento só para o caso de ser preciso – como outra pessoa podia trazer um guarda-chuva num dia encoberto? Ou tinham improvisado a partir de coisas ali à volta – um cabo aqui, um transformador acolá, um reóstato, um velho atizador de lareira e sabe-se lá que mais...

E se o tivessem feito, a quem se dirigiriam muito naturalmente para lhes prestar assistência técnica? E foi por isso que, mesmo no meio da minha agitação, tive tempo para reconsiderar o sorriso de *Spider*. Havia nele mais do que um mero orgulho de criador. Fora isso que tinha andado a fazer quando o chamaram? A improvisar com as suas ferramentas um agulhão de gado para os rapazes? A fabricar-lhes um dos seus famosos instrumentos, garantidos de conquistarem o coração e a mente da vítima

mais teimosa? Nesse caso, a tarefa não tinha arruinado o seu apetite, pois continuava a mastigar entusiasticamente.

Não vou tentar, aqui, oferecer mais do que a simples trajectória do interrogatório de Tabizi e as negações fúteis de Haj, as quais deterioraram com misericordiosa rapidez em confissão. Deixarei ao sabor da imaginação as ameaças guturais e as pragas por um lado, e os gritos, os soluços e as súplica pelo outro. A tortura não era claramente estranha a Tabizi. As suas ameaças lacónicas, ou histriónicas, e as suas palavras de persuasão demonstravam uma longa prática. E Haj, após um período inicial de desafio, não era nenhum estóico. Não o via resistir muito tempo à tortura.

É igualmente importante notar que Tabizi não fez qualquer esforço para proteger as suas fontes: eu. Tinha obtido a informação do duelo nas escadas do miradouro e nem sequer se deu ao trabalho de camuflar a sua origem. Não houve frases tais como «de acordo com um informador de confiança» nem «segundo material recebido por parte de um oficial de ligação» com as quais os funcionários do Sr. Anderson tentavam ocultar a presença de aparelhos de escuta. Só um interrogador cujas vítimas nunca mais tornarão a ver a luz do dia seria tão descuidado.

Mal. Realmente mal. A morrer.

Onde?

Hospital.

Hospital onde?

Cidade do Cabo.

Qual deles?

Haj fala com circunspecção e bom senso. Está a mentir. Deram-lhe uma amostra do aguilhão de gado, mas não a fundo. Tabizi pergunta novamente em que hospital da Cidade do Cabo. Os seus sapatos movem-se nervosamente. Imagino-o a andar à volta de Haj enquanto rosna as perguntas, talvez ocasionalmente dando uma ajuda, mas, regra geral, deixando o assunto ao cuidado dos seus dois assistentes.

Tabizi: O Luc nunca foi para nenhum raio de hospital, pois não?... pois não?... pois não?... OK, é mentira... Mentira de quem? Do Luc?... ou *tua*?... Então onde é que está Luc agora?... onde?... onde é que está o Luc?...

Perguntei, onde é que está o Luc?... na Cidade do Cabo, certo? Da próxima vez, facilita-te a vida. O Luc está na Cidade do Cabo, mas não no hospital. Então o que é que anda a fazer? Falal... Golfe... adoro essa. E com quem é que joga? O holandês gordo?... Está a jogar golfe com o *irmão*?... O irmão do holandês gordo ou o seu próprio irmão?... o seu próprio irmão... que giro... e como é que se chama esse irmão?... Étienne... o teu tio Étienne... é mais velho ou mais novo do que o teu pai?... mais novo... Então, agora, qual é o nome do holandês?... Eu disse o holandês... O holandês gordo... O holandês gordo de quem acabámos de falar... O holandês com quem o teu pai não está hoje a jogar golfe... O holandês gordo com quem estudaste em Paris e que fuma charuto... lembras-te dele?... O holandês gordo com quem o teu pai se encontrou em Nairobi, graças aos teus bons ofícios, meu merdas... queres mais um pouco disto?... queres que os rapazes subam a parada para tu aprenderes como é que é?... Marius... O nome dele é Marius... O Sr. Marius, Marius quem?... Deixem-no descansar um minuto... deixem-no falar... OK, não o deixem descansar, dêem-lhe a valer... van Tonge... O nome completo dele é Marius van Tonge. E qual é a profissão do Marius van Tonge?... capital de risco... um de cinco sócios... agora, já estamos a falar muito bem... vamos continuar assim... se não tentares enganar-me, baixaremos um pouco a pressão... não muito porque, senão, esqueces-te de que estás a falar... Quer dizer, então, que esse Marius te enviou para nos espiare... estás a espiar por conta do Marius... estás a espiar pelo cabrão do holandês gordo e ele está a pagar-me uma data de massa para lhe contares tudo o que nós dizemos... sim?... sim?... sim?... NÃO! É não. Assumindo que é não... não andas a espiar pelo Marius, mas pelo teu pai, que tal te parece? És o espião do Luc e, assim que chegares a casa, vais contar tudo ao papá para que ele possa fechar um melhor negócio com o Marius... não é verdade... não é verdade... não é verdade... continua a não ser verdade?... não me adormeças... ninguém vai deixar-te dormir aqui... senão abrires os olhos em quinze segundos, vamos acordar-te como tu nunca foste acordado na vida... É melhor assim... muito melhor... está bem, vieste aqui de livre vontade... operas independentemente... o teu pai concordou fingir-se doente para tu vires aqui de livre vontade... não queres *o quê*?... *Guerral*... Não queres outra guerra... tens fé na reconciliação com Ruanda... *queres um acordo comercial* com Ruanda... quando? No próximo milénio? (*Risos.*) Queres

um mercado comum com todos os países dos Grandes Lagos... e o Marius é o homem indicado para negociar isso... é no que sinceramente acredita... bem, parabéns. (*Em inglês.*) Dêem-lhe um pouco de água... agora conta-nos mais coisas sobre esses teus nefastos amigos de Kinshasa a quem tens andado a contar histórias merdosas sobre o Mwangaza. Não tens amigos nefastos... não tens nenhuns amigos em Kinshasa... Ninguém em Kinshasa tem falado contigo... gente que podia fazer com que acordasses morto... bem, ACORDA AGORA, meu... (*novamente em inglês*) Dá-lhe, Benny, para valer... Detesto este preto... Odeio-o... Odeio-o...

Até ao momento, as resposta de Haj mal se ouvem, daí o facto de Tabizi as repetir em voz bem alta. Suponho que isso seja para o benefício dos microfones de contingência que eu não tenho autorização de usar e para quem esteja a ouvir noutra ligação – penso particularmente em Philip. Mas com a menção de *Kinshasa*, a disposição na sala de estar altera-se radicalmente e Haj também. Insurge-se. O seu sofrimento e humilhação transforma-se em raiva e a voz ganha músculo, a dicção torna-se mais clara, e o velho e provocador Haj renasce milagrosamente. Não mais confissões lacrimosas extraídas sob a tortura e, em vez disso, ouvimo-lo fazer uma irada e vituperiosa acusação, uma torrente de eloquência.

Haj: Querem saber quem são esses gajos de Kinshasa? Os cabrões dos vossos amigos? Os cabrões dos amigos do Mwangaza?... Os ricos com quem ele não quer ter nada a ver até construir a sua Jerusalém no Kivu! Sabem como é que eles se chamam a si mesmos, esse bando de funcionários altruístas, quando estão a beber cerveja, a foder putas e a decidir que modelos de Mercedes vão comprar?... O Clube dos Trinta por Cento. E o que é que esses trinta por cento significam? É a percentagem do Quinhão do Povo que tencionam guardar para eles em troca dos favores que estão a fazer ao Caminho do Meio. É a parte desta merdosa operação que convence idiotas como o meu pai que eles vão construir escolas, estradas e hospitais enquanto enchem os bolsos. O que é que esses ricos têm de fazer para ganhar o Quinhão do Povo? O que sabem fazer melhor... nada. Olharem para o outro lado. Dizerem às suas tropas para se manterem nos quartéis e deixar de violar mulheres por uns dias.

Haj adopta o tom bajulador de um manhoso vendedor ambulante. Sentir-se-ia mais satisfeito se também pudesse fazer os gestos.

Haj: Não tem problema, *Mzee* Mwangaza! Deseja encenar uns motins em Bukavu e Goma, ocupar o lugar antes das eleições, expulsar os ruandeses e começar uma pequena guerra? Não tem problema! Quer apoderar-se do aeroporto de Kavumu, brincar ao jogo dos minerais, roubar os *stocks*, levá-los para a Europa e arruinar o mercado mundial. À vontade! Um pequeno pormenor, contudo. Somos nós quem distribuímos o Quinhão do Povo, não você. E como o distribuímos é connosco. Querem que o vosso Mwangaza seja governador do Sul do Kivu? Ele tem o nosso total e desinteressado apoio. Porque nós ficaremos com um terço de todos os contratos de construção que ele conceder, de todas as estradas que pensa que irá construir e de todas as flores que plantar ao longo da Avenida Patrice Lumumba. Mas, se nos lixa, pregamos-lhe com a constituição nas trombas e pomo-lo fora do país em cuecas! Obrigado pelo tempo que me concederam...

A diatribe de Haj é, surpreendentemente, interrompida por um telefone a tocar, o que me sobressalta porque, que eu saiba, o único que funciona é o telefone por via satélite que se encontra na sala das operações. Anton atende a chamada e diz «Está aqui mesmo» e passa-a a Tabizi, que escuta, e, depois, protesta voluvelmente em inglês atroz.

– Acabei de domar o filho da mãe. Tenho direito!

Mas o seu protesto não lhe serve evidentemente de nada, pois, assim que desliga, despede-se de Haj em francês: – OK. Agora, tenho de me ir embora. Mas, se volto a ver-te, dou pessoalmente cabo de ti. Não logo. Primeiro, mato as tuas mulheres, os teus filhos, as tuas irmãs e irmãos, o cabrão do teu pai e todos que julgam amar-te. E, a seguir, mato-te a ti. Vai levar dias. Semanas, se eu tiver sorte. Soltem o filho da mãe.

A porta fecha-se com estrondo quando ele sai. A voz de Anton é confiante e terna.

– Estás bem aí, filho? Na vida, temos de fazer o que nos mandam, não temos, Benny? Somos simples soldados.

Benny mostra-se igualmente conciliador. – Vamos limpar-te um pouco.

Sem rancor, certo, companheiro? Da próxima vez, estaremos do mesmo lado.

A prudência aconselha-me a voltar à biblioteca, mas, por causa da dor sofrida por Haj, não consigo mexer-me. Sinto os ombros rígidos, o suor escorre-me pela espinha abaixo e tenho marcas vermelhas nas palmas da mão onde as unhas se cravaram na carne. Observo *Spider*: devora *cheese cake* de limão com uma colher de plástico enquanto continua a ler a revista militar, ou finge lê-la. Dar-lhe-ão Anton e Benny o seu parecer: aguilhão formidável, *Spider*, pusemo-lo aos berros num instante. Ao ouvir um barulho de água vindo da casa de banho dos aposentos reais, passo da SALA DE ESTAR para a CASA DE BANHO a tempo de captar um obsceno dueto masculino entoado por Anton e Benny enquanto limpam a sua vítima. Começo a perguntar-se se não deveria relutantemente deixá-lo recompor-se sozinho quando ouço, à distância, o duplo dique sub-reptício de uma porta a abrir-se e a fechar-se. E sei, porque não ouço passos, que o insinuante Philip chegou para substituir o excessivamente zeloso Tabizi.

Philip: Obrigado, rapazes.

Não está a agradecer-lhes, mas sim a dizer-lhes para se irem embora. A mesma porta abre-se e fecha-se, deixando Philip a sós. Ouço um tilintar de copos. Philip pegou numa bandeja com bebidas e pousa-a noutro sítio. Senta-se num sofá, ou numa poltrona, e, depois, torna a mudar de lugar. Ouço, então, o andar lento dos sapatos de pele de crocodilo no soalho.

Philip: Consegue sentar-se?

Haj senta-se numa poltrona, ou num sofá, e pragueja.

Philip: Como faltou ao almoço, trouxe-lhe uma salada de atum. Não quer? Que pena... É bastante boa. E que tal um pouco de uísque? (*Serve-lhe um: uma lágrima, muita água e dois cubos de gelo.*)

O tom da sua voz não demonstra curiosidade. O que acabou de suceder nada tem a ver com ele.

Philip: Em relação ao Marius... O seu brilhante amigo e colega dos tempos de Paris. Sim? Um dos oito inteligentes sócios de uma empresa multinacional de capital de risco chamada Union Minière des Grands Lacs. O número dois deles em Joanesburgo com um interesse especial pelo Congo Oriental.

Ruído de papel a ser desdobrado.

Haj (*em inglês e, provavelmente, uma das poucas expressões que conhece*): Vá-se foder.

Philip: A Union Minière des Grands Lacs é uma corporação multinacional que pertence, na sua totalidade, a um grupo holandês registado nas Antilhas. Está a seguir-me? Claro que está. E o nome desse grupo é... sim?

Haj (*grunhido indistinto*): Hogen (?)

Philip: E qual é a política deles?

Haj: Fazer negócios, não guerras.

Philip: Mas quem é o dono de Hogen? Não se informou. Pertence a uma fundação com sede no Liechtenstein e, em condições normais, isto deveria ser o fim da pista. No entanto, por um golpe de sorte, temos em nosso poder a lista de todo o elenco.

Os nomes que ele lê nada significam para mim nem, suspeito, para Haj. Só quando Philip começa a descrever as suas tarefas é que o meu estômago começa às voltas.

Philip: Corretor de Wall Street e antigo ajudante do presidente... executivo-chefe da PanAtlantic Oil Corporation de Denver, Colorado... ex-membro do Conselho de Segurança Nacional, vice-presidente da Amermine Gold & Finance Corporation de Dallas, Texas... conselheiro principal do Pentágono para a aquisição de *stocks* de minérios essenciais... vice-presidente da Grayson-Halliburton Communications Enterprise...

Há nove nomes no meu bloco-notas quando ele termina: caso o que diz Philip seja verdade, constitui, colectivamente, um catálogo do poder

corporativo e político norte-americano, indiferenciável do governo, facto que ele tem o prazer de sublinhar.

Philip: Todos eles pensadores conceptuais ousados. Uma lista de neoconservadores e geopolíticos a larga escala. O género de tipos que se encontram nas estâncias de esqui e decidem o destino de um país. Não é a primeira vez que os seus pensamentos se viraram para o Congo Oriental, e o que é que encontraram? Uma eleição no horizonte e, como consequências prováveis, a anarquia. Os chineses à caça de recursos e a ladrar à porta. Assim, que caminho tomar? Os congoleses não gostam dos americanos e é recíproco. Os ruandeses desprezam os congoleses e exercem controlo com mão de ferro. E, melhor do que tudo, são eficazes. Por isso, o plano americano é instalar uma presença comercial e económica ruandesa no Congo Oriental até ao ponto de se tornar um facto irreversível. Procuram, com a ajuda da CIA, uma anexação *de facto* sem derramamento de sangue. Aqui, entra o seu amigo Marius.

Se o meu cérebro está a funcionar muito depressa, o de Haj deve estar completamente descontrolado.

Philip: Muito bem, admito que o Mwangaza concluiu um negócio sujo com Kinshasa. Não será o primeiro político congolês a proteger a retaguarda, pois não? (*Risinhos.*) Mas de certeza que é uma melhor aposta do que uma ocupação ruandesa. (*Pausa para permitir, receio eu, um aceno de aquiescência*) E, pelo menos, está a trabalhar para um Kivu independente e não para uma colónia americana. E se Kinshasa for paga, por que é que haveria de interferir? O Kivu continuará a fazer parte da família federal, à qual pertence. (*Som de líquido a correr e de pedras de gelo; o copo de Haj a ser presumivelmente reabastecido.*) Assim, quando se pensa nisso, o velhote tem muita coisa a favor dele. Penso que, francamente, está ser um pouco duro com ele, Haj. É ingénuo, mas é o que acontece com a maior parte dos idealistas. Ele quer *realmente* fazer coisas boas, mesmo que nunca consiga concretizá-las. (*Mudança abrupta de tom.*) O que é que está a tentar dizer-me? O que é que quer? O seu casaco? Aqui está o seu casaco. Está com frio? Não consegue falar. Tem uma

caneta. Que mais quer? Papel. Tome lá uma folha de papel. (*Arranca uma página de qualquer coisa.*)

O que raio é que aconteceu à língua hiperactiva de Haj? O uísque subiu-lhe à cabeça? O agulhão de gado? Risca e garatuja vigorosamente com uma das suas canetas *Parker*. A quem é que escreve? Sobre quê? É outro duelo. Estamos de volta à suite dos convidados e Haj leva um dedo de aviso aos lábios. Estamos nas escadas do miradouro e Haj tenta enganar os microfones e a mim. Mas, desta vez, passa notas escritas à mão a Philip.

Philip: Trata-se de uma piada de mau gosto?

Haj (*em voz muito baixa*): É uma excelente piada.

Philip: Não para mim.

Haj (*ainda em voz baixa*): Para mim e o meu pai é boa. Philip: Você está louco.

Haj: Faça lá isso e pronto, OK? Não quero discutir o assunto.

À minha frente? Não quer falar comigo a ouvir? É isso que ele explica a Philip? Papel amarfanhado a passar de mão em mão. A voz de Philip em tom frio.

Philip: Percebo muito bem que não queira falar disto. Acha seriamente que pode sacar-nos mais três milhões de dólares passando-nos apenas um recibo?

Haj (*grito repentino*): É o nosso preço, seu idiota! Em dinheiro, está a ouvir?

Philip: No dia em que Kinshasa nomear o Mwangaza governador do Sul do Kivu, certamente.

Haj: Não! *Agora!* Hoje mesmo!

Philip: É um sábado.

Haj: Na segunda-feira à noite ou, então, não fazemos negócio! Na conta do meu pai na Bulgária ou onde quer que seja o banco dele! Está a ouvir-me?

Baixa a voz. O cáustico estudante da Sorbonne substitui o congolês enraivecido.

Haj: O meu pai vendeu-se muito barato. Negligenciou otimizar a maximizar a sua influência e eu tenciono corrigir esse erro. O preço revisto são mais três milhões de dólares norte-americanos ou nada feito. Um milhão para Bukavu, outro para Goma e um milhão por ter-me amarrado como o raio de um macaco e torturar-me. Por isso, telefone já ao seu Sindicato sem tomates e fale com o gajo que diz sim.

Philip regateia enquanto se debate para manter a dignidade: no caso pouco provável de o Sindicato considerar a proposta de Haj, que tal meio milhão como primeiro pagamento e o resto no fim? Pela segunda vez, Haj diz a Philip que se foda. E a mãe dele, se teve alguma.

Desculpe ter-me esquecido de si, Brian querido. Como é que tem corrido por aí?

A intrusão de Sam parece vir de outro mundo, mas reajo calmamente.

Nada de especial, Sam. Muita comida e pouca conversa. Não temos de subir ao andar de cima?

*Daqui a nada, meu querido. O Philip teve de ir à casa de banho. A porta fecha-se, deixando Haj sozinho a vaguear pela sala. O que é que está a fazer? A olhar-se ao espelho para ver a cara com que está, agora que se vendeu por três milhões a serem pagos na segunda-feira? Põe-se a trautear. Não reconheço a ária. Não tenho queda para a música. O meu trautear embaraça-me até mesmo quando estou sozinho, mas Haj tem queda musical e trauteia para se animar. Se calhar, para nos animar a ambos. Está a arrastar pesadamente os pés à volta da sala ao ritmo do que trauteia. Ao contrário do que costuma cantarolar ou trautear quando eu estou à escuta, a ária que escolheu parece música de igreja da Missão e evoca as horas sombrias que passei na catequese. Estamos alinhados nas nossas fardas azuis. Marcamos a cadência com as mãos e batemos os pés, *bomp-bomp*, contando a nós mesmos uma história de grande elevação moral. Esta é sobre uma menina que prometeu a Deus proteger a sua virgindade, *bomp*. Em compensação, Deus ajudou-a, e sempre que ela se sentia tentada, Ele estendia a mão e repunha-a no bom caminho, *bomp*. E quando ela preferiu morrer a sucumbir às tentativas do perverso tio, Deus enviou um coro de anjos para a acolher às portas do céu, *bomp*.*

A campanha de Philip chama-nos para a sessão seguinte. Haj ouve-a e

eu ouço-a à distância através dos microfones, mas não digo nada a *Spider*. Deixo-me ficar sentado com os auscultadores na cabeça e ar inocente a escrever no bloco-notas. Haj precipita-se para a porta, abre-a e sai a cantar para a luz do sol. E os microfones captam ao longo de toda a passagem coberta o seu meloso canto fúnebre acerca do triunfo da virtude.

Ainda hoje tenho grandes dificuldades em descrever as muitas emoções contraditórias que senti ao sair da minha encarceração abaixo do solo e ao retomar o meu lugar por entre o pequeno grupo de crentes que entravam na sala de jogos para a sessão final da conferência. Na cave, não tinha visto nenhuma esperança para a humanidade, mas, ao atravessar a passagem coberta, convenci-me de que estava em estado de graça divina. Olhei para o mundo e cheguei à conclusão de que, na minha ausência, uma tempestade de Verão limpou o ar e pusera a brilhar todas as folhas e hastes de erva. À luz do sol da tarde, o miradouro parecia um templo grego. Imaginei que estava a festejar uma sobrevivência milagrosa: a de Haj e igualmente a minha.

A minha segunda ilusão, não mais digna de louvor do que a outra, era que as minhas faculdades mentais, enfraquecidas por repetidas imersões abaixo da linha de água, se tinham rendido à fantasia e que todos aqueles eventos, a começar pelos gritos de Haj e terminando com a sua pirosa canção, tinham sido uma alucinação psíquica provocada pelo excesso de tensão; o nosso duelo auditivo nas escadas de pedra, outra, e o mesmo se passava com todas as outras sinistras fantasias acerca de mensagens trocadas ou subornos negociados.

Foi na esperança de confirmar esta conveniente teoria que, ao tornar a ocupar o meu lugar à mesa de jogo, observei os protagonistas do meu drama ilusório, a começar por Anton, que se tinha armado com uma pilha de *dossiers* castanho-amarelados e os distribuía com o garbo militar que lhe era caro. Nem a sua roupa nem a sua aparência pessoal apresentavam sinais de qualquer actividade física recente. Os seus nós dos dedos estavam um pouco vermelhos, mas não se viam esfoladelas. A biqueira dos sapatos a brilhar, o vinco das calças afiado como uma navalha. Benny ainda não se tinha materializado, o que me proporcionou a possibilidade de crer que ele tinha passado o almoço a tratar do seu pupilo, Jasper.

Como Philip e Haj ainda não se encontravam entre nós, transferi a minha atenção para Tabizi, que parecia certamente distraído, mas não era de admirar, pois os ponteiros do relógio marcavam quatro e vinte e a hora do julgamento final aproximava-se. O seu amo, o Mwangaza, estava sentado ao lado dele. Com o sol a cintilar no seu colar de escravo e a fazer um halo do seu cabelo branco, o nosso Iluminado era a personificação dos sonhos de Hannah. Podia ele ser realmente o mesmo homem que, nos meus sonhos, tinha trocado o Quinhão do Povo pela tácita conivência dos ricos de Kinshasa? Ao outro lado do Mwangaza, o untuoso «Golfinho» sorria o seu jovial sorriso. Quanto a Maxie, a mera vista dele esparramado ao lado da cadeira vazia de Philip bastava para me convencer que o estranho era eu e que todos à minha volta era quem clamavam ser.

Como para reforçar este ponto, o meu salvador Philip entra nesse momento por uma porta interior. Acena a Dieudonné e a Franco, e, ao passar por Tabizi, inclina-se para lhe falar ao ouvido, ao que Tabizi responde com um aceno de cabeça inexpressivo. A seguir, ao chegar ao lugar reservado a Haj, tira um envelope fechado do casaco e mete-o no interior do *dossier* que aguarda a chegada do nosso delegado que falta, e só então vai sentar-se na extremidade da mesa. Por essa altura, já não estou em estado de denegação, como diria Paula. Sei que Philip telefonou a Londres e falou com o homem que diz sim, e sei, pelo ar carrancudo de Tabizi, que Haj calculou com precisão a fraqueza da posição do Sindicato: nomeadamente que os seus preparativos estão demasiado avançados e que, nesta fase, já têm muito a perder, mais valendo pagar um pouco mais. Se desistirem agora, só terão uma oportunidade como esta na próxima geração.

À mesma luz soturna da realidade, lanço um segundo olhar ao Mwangaza. Usaram um secador de cabelo no seu halo? Enfiaram-lhe um atizador pelo cu acima? Já está morto e preso à sela como El Cid? Hannah via-o na neblina rósea do idealismo dela, mas, agora, que consigo vê-lo com clareza, a triste trajectória da sua vida está escrita no seu rosto mirrado. O nosso Iluminado é, por si só, uma nação falhada. Tem sido valente —vejam o seu currículo. Inteligente, diligente, leal e engenhoso ao longo da vida. Fez tudo bem, mas a coroa foi sempre parar ao homem ao lado dele ou ao homem abaixo dele. E isso sucedeu porque não foi suficientemente impiedoso, corrupto ou hipócrita. Bem, sê-lo-á agora.

Jogará o jogo deles, coisa que jurou nunca fazer. E a coroa está ao seu alcance. Mas não está porque, se ele alguma vez a usar, pertencerá ao povo a que ele se vendeu na sua ascensão. Quaisquer sonhos que tenha, estão dez vezes hipotecados. E isso inclui o sonho que, logo que chegar ao poder, não terá de pagar as suas dívidas.

Haj está apenas uns minutos atrasado, mas, na minha cabeça, espero por ele há várias vidas. Toda a gente à volta da mesa abriu o seu *dossier* e, portanto, faço o mesmo. O documento no interior parece familiar, e talvez o seja. Numa vida anterior, traduzi-o do francês para suaíli. Ambas as versões são apresentadas. Assim como dezenas de páginas com impressionantes números e contas, todos eles, tanto quanto possa ver, projectados num futuro distante: cálculos de taxas de extracção, custos de transporte, armazenagem, vendas brutas, lucros brutos e brutas decepções.

O cabelo branco bem cuidado de Philip está levantado. Vejo-o no alto do meu enquadramento enquanto folheio o *dossier*. Sorri a alguém atrás de mim, um caloroso e cúmplice confiante. Viro-me. Ouço o bater de sapatos de pele de crocodilo nas lajes e tenho vontade de vomitar. Os passos são abaixo da velocidade média. Haj aproxima-se indolentemente, casaco aberto, reflexos do forro de cor mostarda, canetas *Parker* no seu lugar, caracol lacado bastante restaurado. No Santuário, quando nos juntávamos aos nossos pares depois de levarmos uma sova, a ética exigia que aparecêssemos com ar descontraído. Haj é guiado pelos mesmos princípios. Tem as mãos nos bolsos das calças onde gostam de estar e bamboleia as ancas. Sei, contudo, que todos os movimentos lhe doem. Detém-se a meio caminho da sua cadeira, o seu olhar cruza-se com o meu e sorri-me. Tenho o *dossier* aberto à minha frente e, por isso, em teoria, podia limitar-me a retribuir-lhe vagamente o sorriso e voltar à minha leitura. Mas não. Afronto o seu olhar de caras.

Os nossos olhares entrelaçam-se e mantêm-se entrelaçados. Não faço ideia quanto tempo durou. Não creio que o ponteiro do relógio se tenha movido mais do que um segundo ou dois. Mas foi suficiente longo para ele ficar a saber que eu sabia, caso um de nós duvidasse. E suficientemente longo para eu saber que ele sabia que eu sabia, e assim sucessivamente. E suficientemente longo para qualquer terceira pessoa que, por acaso, estivesse a observar-nos soubesse que éramos um par de homossexuais a fazermos mútuos sinais de acasalamento ou dois homens a par de

informações ilícitas, e como é que *isso* se produziu? Não havia muita luz nos seus olhos esbugalhados, mas depois do que ele tinha passado, por que é que haveria de lá estar? Estava ele a dizer-me: «Traíste-me, filho da mãe?» Estava *eu* a censurá-lo por ele se trair a si mesmo e ao Congo? Hoje, com mais dias e noites do que necessito para reflectir sobre esse momento, vejo-o como um prudente reconhecimento mútuo. Éramos ambos híbridos: eu por nascimento, e ele por educação. Ambos tínhamo-nos afastado de mais do país que nos criara para pertencer confortavelmente a qualquer lugar.

Haj sentou-se no seu lugar, fez uma careta de dor e reparou no envelope branco a espreitar do *dossier*. Puxou-o com a ponta dos dedos, cheirou-o e, à vista de quem pudesse estar a ver, abriu-o. Desdobrou uma folha de papel branco do tamanho de um postal e lançou uma vista de olhos ao texto de duas linhas que, presumo, reconhecia em linguagem adequadamente reservada o que tinha acabado de ser combinado para ele e o pai. Pensei que ele acenasse a cabeça a Philip, mas não se deu a esse trabalho. Amarfanhou a folha de papel numa bola e, com impressionante pontaria dado o seu estado físico, lançou-a para dentro de uma jarra de porcelana ao canto da sala.

– Em cheio! – exclamou em francês, agitando as mãos por cima da cabeça, o que provocou uma tolerante gargalhada à volta da mesa.

Vou passar sob silêncio as laboriosas negociações e as infinitas trivialidades através das quais delegados de toda a laia se convencem que são astutos, de proteger os interesses da sua companhia, ou tribo, e de serem mais espertos do que o delegado sentado ao lado deles. Pondo-me em piloto automático, aproveitei o tempo para controlar a minha cabeça e as minhas emoções por todos os meios que tivesse à mão – com total indiferença a tudo o que Haj dissesse – e dissipar a ideia de que ele e eu pudéssemos, de certo modo – para empregar uma frase sobejamente empregada pelos instrutores que nos davam cursos de um só dia –, estar mutuamente conscientes. Em privado, debatia-me com a noção que Haj talvez sofresse de danos internos, como uma hemorragia, por exemplo, mas fiquei mais tranquilo quando o delicado assunto da remuneração oficial do Mwangaza foi levantado.

– Mas, *Mzee* – protesta Haj, erguendo um braço no velho estilo. – Com todo o respeito, *Mzee*, aguenta aí um minuto! – em francês, o qual traduzo

em tom neutro para a garrafa de *Perrier*. – Essas quantias são francamente ridículas. Quer dizer, porra... – agora energicamente apelando para o apoio dos seus dois companheiros –, imaginam o nosso *Redentor* a viver nessas condições? Como é que vai comer, *Mzee*? Quem é que pagará a renda da sua casa, as contas de combustível, as suas viagens e diversões? Todas essas despesas necessárias deveriam sair do tesouro público e não da sua conta bancária na Suíça.

Se a observação de Haj tivesse feito sangrar alguém, era natural que não se visse. A expressão de Tabizi petrificou-se, mas já era suficientemente de pedra. O sorriso de Philip não se alterou e, ao responder pelo seu amo, o «Golfinho» tinha a resposta pronta.

– Enquanto o nosso amado Mwangaza for a escolha do povo, há-de viver como sempre viveu, com o seu ordenado de simples professor e a modesta receita dos seus livros. Ele agradece-lhe, contudo, a sua pergunta oportuna.

Felix Tabizi está a andar silenciosamente à volta da mesa como um ogre transformado em menino de coro. Mas o que ele está a distribuir não são hinos religiosos, são o que ele chama *notre petit aide-mémoire* – uma tabela de conversões a explicar, para conforto e conveniência dos nossos leitores, o que no mundo real é entendido por tais levianas expressões como *pá, trolha, picareta e carrinhos de mão ligeiros e pesados*. E, como a informação é em suaíli e em francês, mantenho-me calado como toda a gente na sala enquanto são feitas comparações filosóficas entre as palavras e o seu significado.

Até hoje, não sei dizer o que era o quê. Os melhores *carrinhos de mão ligeiros* importados da Bulgária, mas onde raio é que estavam? Mísseis a serem colocados na parte da frente de helicópteros brancos? Perguntem-me o que era uma *foice*, ou um *tractor*, ou uma *segadora-debulhadora*, e ficaria igualmente embaraçado. Passou-me pela cabeça que isto podia ser o momento de me levantar e gritar «*penalty*»? Reagir como o valente e pequenino cavaleiro no restaurante italiano? Bater com o *dossier* em cima da mesa e bradar: *Tenho uma palavra a dizer, devo-o a mim mesmo e, por conseguinte, fá-lo-ei*? Se assim foi, ainda debatia a questão quando as portas interiores se abriram para admitir o nosso ilustre notário, Monsieur Jasper Albin, acompanhado por Benny, o guarda da sua consciência.

Jasper adquiriu estatuto. Não o tinha dantes, nos tempos em que parecia orgulhoso por não ter mais nada a oferecer senão a sua venalidade.

Lembro-me de ter ficado espantado por um empreendimento tão ousado e com tantos fundos ter colocado o seu negócio legítimo nas suas mãos. No entanto, aqui estava um Jasper adaptado ao seu papel, mesmo se o que se seguia era uma peça de teatro – ou, mais precisamente, um espectáculo de mímica, pois grande parte da banda sonora da minha memória acerca deste momento histórico desapareceu misericordiosamente. O sol da tarde continua a entrar pelas portas envidraçadas. Grãos de poeira, ou orvalho, flutuam nos seus raios quando Jasper tira da sua espessa pasta dois idênticos *dossiers* de cabedal igualmente imponentes. A palavra CONTRATO está inscrita em ambas as capas. Abre, usando apenas as pontas dos dedos, um *dossier* de cada vez e, depois, recosta-se, permitindo-nos aperceber o documento não aplicável, o original, o único, uma versão no francês de Jasper e a outra no meu suaíli.

Deste saco de prestidigitador retira ainda um antigo engomador manual de metal cinzento que, no estado extracorpóreo em que me encontro, identifico com espremedor de laranjas da tia Imelda. Isto é seguido por uma única folha de papel A4 na qual figuram oito estrelas vermelhas descoláveis de estilo soviético com pontas suplementares. A sinal de Philip, ponho-me de pé e coloco-me ao lado de Jasper enquanto ele se dirige aos delegados. O seu discurso não é vibrante. Foi avisado, diz-nos, de que as partes do nosso contrato chegaram a acordo, mas, como não está ao corrente das nossas deliberações e as complexas questões agrícolas estão fora do âmbito das suas capacidades profissionais, não se responsabiliza pela terminologia técnica do contrato, o qual, no caso de disputa, cabe aos tribunais resolverem. Arranjei maneira de, ao longo de toda a minha tradução, evitar os olhos de Haj.

Philip convida todos os signatários a levantarem-se. Como comungantes numa missa, põem-se em fila com Franco à frente. O Mwangaza, demasiado importante para se colocar na bicha, afasta-se um pouco, ladeado pelos seus acólitos. Haj, que eu continuo a ignorar, é o último. Franco inclina-se sobre a minha versão em suaíli, vai para assinar, mas depois recua. Terá deparado com um insulto, um mau presságio? Se tal não é o caso, por que é que os seus velhos olhos estão rasos de lágrimas? Vira-se, arrastando a perna coxa até ficar cara a cara com Dieudonné, o seu inúmeras vezes inimigo, e agora, pelo tempo que durar, o seu irmão de armas. Os seus enormes punhos elevam-se à altura dos ombros. Prepara-se

para despedaçar o seu novo amigo?

– *Tu veux?* – urra em francês. – Queres fazer isto?

– *Je veux bien, Franco* – responde timidamente Dieudonné. – E os dois caem nos braços um do outro num abraço tão forte que receio que as costela de Dieudonné se partam. Seguem-se palmadas nas costas e algazarra. Franco, lavado em lágrimas, assina. Dieudonné empurra-o e tenta assinar, mas Franco agarra-lhe o braço: tem de dar mais um abraço. Por fim, Dieudonné lá assina. Haj recusa a caneta que lhe oferecem e tira uma do bolso do seu fato *Zegna*. Sem sequer ler, garatuja uma despreocupada assinatura nas duas versões, uma em suaíli e a outra em francês. Os aplausos começam em Philip e espalham-se pelo campo do Mwangaza. Bato palmas com os melhores de nós.

As nossas mulheres surgem com bandejas de champanhe. Fazemos brindes e Philip diz umas palavras requintadamente escolhidas em nome do Sindicato às quais o Mwangaza responde condignamente. Traduzo ambas as alocuções com prazer. Agradecem-me, mas não profusamente. Um jipe pára no pátio da frente. Os acólitos do Mwangaza levam-no. Franco e Dieudonné estão à porta de mão dada, à moda africana, brincando um com o outro, enquanto Philip tenta metê-los no jipe. Haj estende-me a mão. Aceito-a com cuidado, sem querer magoá-la nem saber o que aquele gesto significa.

– Tem um cartão de visita? – pergunta. – Estou a pensar abrir um escritório em Londres e talvez possa usá-lo.

Procuro nos bolsos do meu *Harris Tweed* empapado de suor e tiro um cartão: Brian Sinclair, intérprete acreditado, residente numa caixa postal de Brixton. Examina-o e, depois, a mim. Ri-se, mas docemente, e não a risada de hiena a que nos acostumámos. Dou-me demasiado tarde conta de que tem estado a falar comigo em xi, a mesma língua com que assaltou Dieudonné nas escadas do miradouro.

– Se alguma vez pensar em vir a Bukavu, envie-me um *e-mail* — acrescenta despreocupadamente, desta vez em francês, tirando um estojo de cartões de visita em platina de um bolso do seu *Zegna*.

Vejo o cartão à minha frente enquanto escrevo isto, talvez não fisicamente, mas gravado indelevelmente na minha memória visual. Tem uns bons sete centímetros e meio por dois e cantos dourados. É ilustrado com os animais passados e presentes do Kivu: o gorila, o leão, a chita e o

elefante, um molhe de cobras enroladas numa alegre dança, mas não zebras. Ao fundo, vêem-se colinas escarlates com céus rosados atrás e, no verso, a silhueta de uma corista a dar à perna com uma taça de champanhe na mão. O nome de Haj e inúmeras qualificações figuram com floreios de proclamação real, primeiro em francês, depois em inglês e, por fim, em suaíli. Por baixo está o seu endereço profissional e as suas moradas em Paris e Bukavu e, a seguir, um rosário de números de telefone. No verso, ao lado da corista, um *e-mail* escrito à pressa a tinta.

*

Ao refazer o meu familiar trajecto ao longo da passagem coberta, tive o prazer de notar que *Spider* e os seus ajudantes já se encontravam no terreno a desmontar as suas obras com a habitual pressa dos últimos momentos de todas as conferências. *Spider*, de boné e colete acolchoado, estava de pés afastados nos degraus de pedra de Haj a enrolar cabos enquanto assobiava. No miradouro havia dois anoraques empoleirados em escadas. Um terceiro estava ajoelhado diante do banco de pedra. Na sala da caldeira, o mapa do metro estava encostado com a parte da frente virada para a parede e rolos de fios juncavam o chão. Os gravadores já estavam guardados nas suas caixas pretas.

Um saco do lixo com a abertura escancarada e meio cheio encontrava-se em cima da secretária de *Spider*. Gavetas vazias abertas na melhor tradição da Sala de Conversa. Quem passa pelas mãos do Sr. Anderson torna-se escravo dos seus regulamentos quanto à segurança pessoal, os quais vão desde o que se pode ou não dizer aos colegas até não meter caroços de maçã nos sacos do lixo para não dificultar a incineração de desperdícios secretos, e *Spider* não constituía nenhuma excepção. As suas gravações digitais estavam impecavelmente rotuladas, numeradas e guardadas em tabuleiros. Ao lado delas estava o caderno de exercícios onde assentava os registos. As *cassettes* não usadas, ainda nas suas caixas, estavam empilhadas numa prateleira.

Consultei o livro de registos. A lista escrita à mão na parte da frente incluía as gravações que eu conhecia: *suite* dos convidados, alojamentos reais, etc. Escolhi cinco. Mas o que era a lista atrás também escrita à mão? E quem, ou o quê, era S? Porque, na coluna onde a localização do

microfone devia ser registada, havia a letra S? S de *Spider*? S de Sindicato? S de Sinclair? Ou que tal – e era uma ideia! – S de *satélite*? Era concebível que Philip, ou Max, ou Sam, ou Lord Brinkley, ou algum dos seus sócios sem nome, ou todos eles, tinham decidido, por motivos de autoprotecção, para os registos ou para os arquivos, pôr sob escuta as suas próprias conversas telefónicas? Cheguei à conclusão que era. Havia três gravações marcadas com S a esferográfica. Agarrei em três *cassettes* vazias, escrevi o mesmo S na lombada e guardei os originais.

A minha tarefa seguinte foi escondê-las no corpo. Pela primeira vez desde que fora obrigado a usá-lo, fiquei grato ao meu casaco *Harris Tweed*. Com os seus enormes bolsos interiores, parecia ter sido feito de propósito para aquilo. A cintura das calças cinzentas também se prestava, mas os meus blocos-notas não cabiam. Estava a pensar no que fazer com eles quando ouvi a voz de Philip, a de tom untuoso que ele costumava usar no palco.

– Brian, meu caro. *Aqui* está você. Tenho andado em pulgas para o felicitar e, agora, já posso.

Estava em pose no vão da porta com um braço de manga cor-de-rosa encostado à ombreira e os sapatos confortavelmente cruzados. O meu instinto foi mostrar-me amável, mas lembrei-me a tempo de que, depois da actuação que acabara de dar, era mais provável sentir-me esgotado e irritado.

– Ainda bem que gostou – disse-lhe.

– Está a arrumar as suas coisas?

– Estou, sim.

E, para o provar, atirei um dos meus bloco-notas para dentro do saco do lixo. Virei-me para deparar com Philip directamente diante de mim. Teria notado nas protuberâncias à volta da minha cintura? Levantou as mãos e eu pensei que ele ia agarrá-las, mas, em vez disso, retirou o bloco-notas do saco do lixo.

– Bem... – maravilhou-se, lambendo o dedo e folheando as páginas escritas a lápis. – Não vale a pena queixar-me que parece chinês, pois não? Nem os chineses entenderiam isto.

– O Sr. Anderson chama-lhe cuneiforme babilónico.

– E estes gatafunhos nas margens... são o quê?

– Notas para mim mesmo.

- E o que é que lhe dizem?
- Pontos de estilo. Alusões. Coisas para eu me lembrar quando estou a traduzir.
- Tais como?
- Afirmações feitas em tom de perguntas. Quando algo dito como sendo uma piada não é. Sarcasmos. Não se pode fazer grande coisa com os sarcasmos quando se está a traduzir. Não passam.
- Como é fascinante. E consegue guardar isso tudo na sua cabeça?
- Nem sempre. É por isso que tomo nota.

Ele é o funcionário da alfândega em Heathrow que nos separa do magote de recém-chegados porque somos *zebras*. Não pergunta onde escondemos a cocaína ou se frequentámos um curso de treino da Al Qaeda. Quer saber onde passámos as férias e se o hotel era bom, enquanto observa a nossa linguagem corporal, e quantas vezes piscamos os olhos à espera da incriminatória mudança na nossa voz.

- Bem, estou muito impressionado. Fez tudo tão bem. Lá em cima e cá em baixo, em todo o lado – diz, voltando a colocar o bloco-notas no saco.
- E é casado. Com uma jornalista conhecida.
- Exactamente.
- Ouvi dizer que é uma beldade.
- É o que as pessoas dizem.
- Devem fazer um lindo par.
- Pois fazemos.
- Bem, lembre-se de que as conversas de cama podem custar vidas.

E foi-se embora. Mas, para ter a certeza, subi em bicos dos pés as escadas da cave a tempo de o ver desaparecer ao virar da esquina do prédio. Na encosta, *Spider* e os seus homens ainda estavam a trabalhar. Voltei à sala da caldeira, recuperei o bloco-notas e juntei-o aos outros três. Tirei quatro blocos novos de uma pilha, amarfanhei as capas, numerei-os da mesma maneira que os usados e meti-os no saco. Tinha os bolsos e a cintura a abarrotar. Com dois blocos-notas na parte de trás das calças e um em cada bolso, subi com dificuldade os degraus da cave e atravessei a passagem coberta até à relativa segurança do meu quarto.

É o regresso a casa, finalmente! Voamos a mil metros acima do nível do mar e há uma festa de rua em cada jaula, e por que não? Somos de novo nós mesmos, o mesmo bando de irmãos que partiu de Luton no mesmo avião não identificado há vinte e quatro horas, e voltamos de cauda alçada e um contrato no bolso, tudo pelo melhor e a taça ao nosso alcance! Philip não está connosco. Não sei para onde foi nem me interessa. Talvez para o diabo que o carregue, e esperemos que sim. Com um barrete improvisado de cozinheiro, *Spider* avança a passos miudinhos ao longo da passagem central do avião a distribuir-nos pratos, copos e talheres de plástico. Anton troteia atrás dele com uma toalha a fazer de avental à volta da cintura e o cabaz de Fortnum & Mason, de Picadilly, oferecido por um doador anónimo. Segue-se Big Benny, o nosso bom gigante, com uma *magnum* de champanhe quase frio nas mãos. Nem mesmo o grande advogado, Jasper, enclausurado na jaula do fim que ocupou na viagem para lá, consegue resistir a este espírito festivo. É verdade que, ao princípio, recusou ostensivamente tudo, mas, após um brusco reparo de Benny e um olhar para o rótulo da garrafa, mostra-se tão entusiasta quanto eu, pois um intérprete de primeira que cumpriu empenhadamente a sua tarefa nunca deve ser um desmancha-prazeres. A minha sacola em cabedal sintético encontra-se na rede por cima da minha cabeça.

– O que é que pensa deles, meu velho? – pergunta Maxie a armar em T. E. Lawrence, sentando-se ao meu lado de copo na mão. – E é realmente bom ver o nosso chefe a tomar uma bebida a sério em vez de água de Malvern. É simpático vê-lo tão excitado pelo sucesso.

– Os delegados, chefe? – indago judiciosamente. – O que é que *penso* deles?

– Acha que se safam? O Haj pareceu-me um pouco instável. Já os outros dois são bastante sólidos. Mas farão o que prometeram daqui a duas semanas?

Ponho de parte a instabilidade de Haj e faço apelo ao reportório dos aforismos do meu pai.

– Vou ser franco, chefe. O importante com os congoleses é saber quanto *não* se sabe. Não podia dizer-lhe isto antes, mas, agora, já posso.

– Não respondeu à minha pergunta.

– Acredito piamente que, daqui a duas semanas, estarão ao seu lado como prometeram – respondo, incapaz, na minha necessidade de lhe

prestar serviço, de ser ambíguo.

- Malta! - grita para os outros. - Quero que felicitem o Sinclair. Pusemo-lo à prova e ele nem sequer pestanejou.

Aplausos e copos são levantados. Sinto-me transportado por uma onda de emoção, uma mistura de culpa, orgulho, solidariedade e gratidão. Quando a minha vista clareia, Maxie estende-me um envelope branco semelhante ao que sobressaía do *dossier* de Haj.

- Cinco mil dólares, meu velho. Foi isso que o Anderson lhe prometeu? Sim, admiti.

- Aumentei para sete. Na minha opinião, ainda não é suficiente, mas foi o melhor que pude fazer.

Começo a agradecer-lhe, mas tenho a cabeça baixa e não sei se ele me ouviu. A mão à prova de bala bate-me no ombro pela última vez e, quando levanto os olhos, Maxie está na outra ponta do avião e Benny grita-nos para nos pormos a pau porque vamos aterrar. Obedientemente, agarro no meu saco e preparo-me para me pôr a pau, mas é tarde de mais. Já tínhamos aterrado. Não cheguei a vê-los partir. Talvez não quisesse. O que é que havia mais para dizer? Tenho uma imagem apócrifa deles com os sacos às costas a assobiar *Coronel Bogley* enquanto saem pelas portas das traseiras do barracão verde e sobem uma pequena elevação em direcção a uma carrinha não identificada.

Uma guarda de segurança escolta-me ao longo dos corredores do aeroporto. A minha sacola bate-me na anca. Estou diante de um tipo gordo sentado atrás de uma secretária. A sacola está no chão, ao meu lado. Em cima da secretária, um saco de *nylon* vermelho.

- Tem de verificar o conteúdo e identificar o que é seu - diz o gordo sem olhar para mim.

Abro o saco e identifico os meus haveres: um *smoking* vermelho-escuro, uma camisa branca e uma faixa de seda, tudo enrolado à volta dos meus sapatos de verniz. Um envelope contendo o passaporte, a carteira, uma agenda e vários objectos pessoais. As meias de seda pretas estão enfiadas nos sapatos. Puxo-as e encontro o telemóvel.

Estou sentado no banco de trás do Volvo Estate preto, ou azul-escuro, a caminho da prisão. A motorista é a mesma guarda de segurança. Usa um boné com pala. Vejo o seu nariz arrebitado no espelho retrovisor. A sacola está apertada entre os meus joelhos e o saco de *nylon* no banco ao meu

lado. O telemóvel está contra o meu coração.

Anoitece. Passamos por uma desolada área de hangares, oficinas e edifícios de tijolo. Portões de ferro iluminados engrinaldados com arame farpado aparecem-nos pela frente. Polícias armados e volumosos com bonés de jóquei rondam por ali. A motorista aponta o carro para os portões fechados e acelera. Abrem-se de par em par. Atravessamos um lago de alcatrão e paramos numa rotunda coberta de flores amarelas e vermelhas. As portas do Volvo abrem-se automaticamente. Afinal de contas, estou livre. São nove e vinte de uma noite quente de sábado, segundo o relógio da sala de chegadas do aeroporto. Estou de volta à Inglaterra da qual nunca parti e preciso de trocar dólares.

- Bom fim-de-semana - desejo à motorista, o que, bem interpretado, significa obrigado por me ajudar a passar em contrabando as gravações e os blocos-notas através do aeroporto de Luton.

O autocarro para a estação Victoria está vazio e à escuras. Os condutores fumam e conversam ao seu lado. O preso fugido escolhe um canto na parte de trás, coloca a sacola entre os joelhos e atira o saco de *nylon* para o compartimento por cima da sua cabeça. Liga o telemóvel. Este acende-se e, depois, começa a vibrar. Ele marca 112 e carrega no botão verde. Uma severa voz feminina avisa-o que tem cinco mensagens novas.

Penelope, sexta-feira, 19:15: Salvo, meu filho da mãe. Onde raio é que estás? Procurámos-te por toda a parte. Apareceste tarde e foste visto por *várias* testemunhas a escapar no meio da festa por uma porta lateral. Porquê? O Fergus foi à tua procura na casa de banho e nos bares, e mandou gente a gritar por ti pela rua fora - (*em voz abafada, «sim, meu querido, eu sei»*) -, estamos na limusina, Salvo, a caminho da casa de Sir Matthew para jantar. O Fergus tem a morada para o caso de a teres perdido. *Por amor de Deus*, Salvo!

Thorne, o «Clarim», sexta-feira, 19:20 (*sotaque londrino empastado de uísque*): Escuta, Salvo, estamos terrivelmente preocupados contigo, meu velho. Se, dentro de uma hora, não nos avisares que ainda estás na terra dos vivos, vou mandar a minha gente dragar os rios. Tens aí um lápis à mão? O quê?... (*ininteligível, rugido de risos grosseiros*) A Penelope está

a dizer que costumas escrever coisas no braço! O que mais é que escreves nele, homem? (*Seguia-se uma morada em Belgrave. Fim da mensagem.*)

Penelope, sexta-feira, 20:30: Estou na sala de Sir Matthew, Salvo. É belíssima. Recebi o teu recado, obrigada. Estou-me nas tintas que o teu melhor e mais antigo cliente tenha telefonado, não tens o direito de me humilhar desta maneira... Só um minuto, Fergus... Talvez não saibas, Salvo, mas dá-se o caso de Sir Matthew ser extremamente supersticioso. Graças a ti, somos *treze à mesa numa sexta-feira*. Assim, o que se passa agora é que o Fergus está a telefonar desesperadamente para toda a gente que conhece... ah, encontrou alguém!... e quem é, Fergus?... (*uma mão pousa-se sobre o bocal*) Encontrou o Jellicoe. O Jelly vai ocupar o teu lugar. Não tem *smoking*, mas o Fergus disse-lhe para parar de beber e vir como está. Por isso, fazas o que fizeres, não apareças agora aqui, Salvo. Continua apenas a fazer o que raio estás a fazer. Na mesa de Sir Matthew não cabem quinze convidados e, por a porra de uma noite, já me envergonhaste o suficiente!

Penelope, sábado, 9:50: Sou eu, meu querido. Desculpa ter sido má ontem à noite. Estava muito aflita por tua causa. Não posso dizer que ainda não esteja fula, mas, quando me contares tudo o que se passou, irei provavelmente compreender. Como festa pretensiosa, o jantar até foi divertido. O Jelly não sentia dores, mas o Fergus fez tudo para ele não passar uma vergonha. Vais-te rir quando te contar o que mais aconteceu. Não consegui entrar no nosso apartamento. Troquei de bolsa no escritório e deixei a chave, *pois* supus que o meu adorado marido estivesse à mão para me trazer a casa e dar-me uma boa queca. A Paula estava fora a namorar e, assim, também não podia usar a chave *dela*. Vi-me obrigada a passar a noite no Hotel Brown... *Espero* que o jornal pague! E *hoje*... o que é uma *grande* chatice... mas é melhor fazê-lo visto teres-me abandonado... decidi ser boa rapariga e ir ouvir o Fergus falar a um rebanho de publicitários dotados numa luxuosa casa de campo em Sussex. Aparentemente, vai haver depois uma festa com gente importante da indústria e pensei que talvez me faça bem. Encontrar-me com eles num ambiente informal, quero eu dizer. Sir Mat também vem e, assim, estarei adequadamente acompanhada. Vou agora ao escritório buscar as minhas

coisas e mudar novamente de roupa. Até breve, meu querido. Amanhã, caso não seja esta noite. Claro que ainda estou furiosa contigo e, por isso, terás de me tratar *maravilhosamente*. E, por favor, não te desculpes por ontem à noite. Compreendo perfeitamente, mesmo que finja não o compreender. *Ciao*. Oh, não poderás contactar-me enquanto estiver em Sussex... não são permitidos telemóveis. Se acontecer qualquer coisa, telefona à Paula. *Bye-ee*.

Hannah, sábado, 10:14: SALVO? Salvo? (*evidente falta de rede*) Por que é que... (*bateria a enfraquecer, ela muda rapidamente de inglês para suaíli*)... prometeste, Salvo!... oh, meu Deus... oh, não! (*silêncio*).

Se eu estivesse na Sala de Conversa, ou na sala da caldeira, diria que ou microfone estava a funcionar mal ou que o Sujeito estava deliberadamente a manter a voz abaixo do radar. Mas a linha continua ligada. Ouço ruído do fundo, palavras indistintas, passos a passar, vozes a entrechocarem no corredor à porta do quarto dela. Concluo, por conseguinte, que Hannah deixou a mão em que segura o telefone cair ao seu lado enquanto continua a chorar durante mais cinquenta e três segundos até se lembrar de desligar. Marco o número dela e sou atendido pelo *voice mail*. Telefono para o hospital. Uma voz desconhecida responde-me que o pessoal não está autorizado a receber chamadas durante o turno da noite. O autocarro enche-se. Duas mulheres de mochila às costas olham para mim e, depois, para o saco de *nylon* vermelho. Decidem sentar-se à frente, onde é mais seguro.

Por consideração pelos vizinhos a dormir, subo as escadas de mansinho com o saco de *nylon* pendurado ao peito, estilo bebê, para não bater contra o corrimão. Em Prince of Wales Drive, nos sábados de Verão, nunca se sabe. Há noites que é um regabofe a todas as horas, com Penelope, se está em casa, a telefonar aos gritos à polícia ameaçando publicar um artigo no jornal por haver poucos chuis a fazer a ronda. Outras noites, com as escolas em férias, o medo das bombas, e como, hoje em dia, toda a gente tem uma residência secundária, tudo o que se ouve ao aproximarmo-nos de Norfolk Mansions são os nossos próprios passos no passeio, mais o piar dos mochos em Battersea Park, que parecem sinais de apaches. De momento, contudo, só havia um som que me preocupava, o da voz magoada de Hannah a balbuciar as suas acusações.

Como de costume, a fechadura da porta da frente rejeitou-me, o que, esta noite, considerei simbólico. Como de costume, tive de retirar a chave e voltar a tentar. Uma vez no interior, senti-me como o fantasma de mim mesmo. Nada tinha mudado desde que eu morrera. As luzes estavam acesas, bem, tinham de estar. Tinha-as deixado acesas quando passei para vestir o *smoking* e, desde então, Penelope não voltara a casa. Ao descalçar os odiosos sapatos, a minha atenção foi atraída por uma gravura medíocre de Tintagel Castle que há cinco anos pendia, despercebida, no canto mais lúgubre. Fora-nos oferecida pela irmã de Penelope no dia de casamento. As irmãs odiavam-se e nenhuma delas tinha a mínima relação com Tintagel. Nunca lá tinham estado nem queriam lá ir. Há presentes que tudo explicam.

Despi o meu vestuário de preso no quarto marital e, com uma sensação de nojo e libertação, atirei-o para dentro do cesto de roupa suja e, por precaução, também meti lá dentro o *smoking*. Talvez Thorne, o «Clarim», achasse que valia a pena fazer dieta para o vir a vestir. Ao ir buscar o estojo de barbear, confirmei com perversa satisfação que o saco de esponja

azul enfeitado com um urso de peluche no qual Penelope guardava o que maliciosamente chamava o estojo de imprensa não se encontrava na prateleira: exactamente o que qualquer rapariga precisa para passar um fim-de-semana em Sussex com uma manada de publicitários dotados.

De volta ao quarto, despejei os artigos roubados em cima da cama, as gravações e os blocos-notas, e, obsessivamente arrumado como sou, pus-me a pensar em como melhor me livrar do saco de plástico do Sr. Anderson até me lembrar do caixote do lixo na cozinha. Ia também atirar fora os cartões de visita de Brian Sinclair, mas decidi, por nenhum motivo em especial, guardá-los para, como a tia Imelda dizia, um dia de chuva. Vesti-me, a seguir, como um homem livre: *jeans*, ténis e um blusão de cabedal anterior a Penelope que tinha comprado quando passei o meu primeiro exame. E, para maior triunfo, enfiei na cabeça o barrete de lã azul-escuro que ela me proibia de usar por ser demasiado africano.

Narro todos estes actos em pormenor linear porque, enquanto os fazia, tinha consciência do seu carácter ritual. Cada um deles constituía mais um passo em direcção a Hannah na impetuosa esperança que ela me aceitaria, o que eu considerava duvidoso. Cada artigo escolhido à mão das gavetas fazia parte do guarda-roupa que me acompanharia na minha nova vida. Fui buscar ao vestíbulo a minha mala rolante *Antler Tronic Medium* com fechadura secreta integrada e pega ajustável, outrora uma posse para adornar uma existência sem significado. Primeiro, meti lá dentro as gravações e os bloco-notas envoltos numa velha camisa e, depois, movendo-me metodicamente à volta do apartamento e cortando pela raiz todas as emoções nostálgicas, peguei no computador portátil e acessórios, mas não a impressora, por causa da falta de espaço, dois gravadores, um de bolso e o outro de secretária, ambos nas suas sólidas caixas respectivas, dois pares de auscultadores e um pequeno rádio-transístor. Acrescentei a isto o missal manchado do meu pai, as exortadoras cartas escritas pelo irmão Michael no seu leito de morte, um medalhão de ouro que continha uma madeixa do indomável cabelo branco da tia Imelda, um *dossier* de correspondência pessoal, incluindo uma carta e os postais de Natal de Lord Brinkley, e a robusta sacola de pano que transportara até casa os ingredientes do meu *coq au vin*.

Da secretária junto à janela de sacada, tirei um envelope selado a lacre e marcado CÓPIA DE BRUNO contendo o contrato pré-nupcial de Penelope

redigido pelo seu providente pai para uma situação precisamente como esta. Sempre reconheci que ele tinha uma perspectiva mais realista do nosso casamento do que eu. Tão solenemente como se estivesse a colocar uma coroa de flores num cenotáfio, coloquei o contrato duplamente assinado sobre a almofada de Penelope, tirei a aliança do terceiro dedo da mão esquerda e posicionei-o mesmo no meio. Com este anel separei-me de ti. Caso sentisse alguma coisa, não era amargura nem raiva, mas finalização. Um despertar que tinha começado muito antes da explosão do minúsculo cavalheiro no restaurante italiano e que chegava à sua única conclusão possível. Tinha-me casado com Penelope pela pessoa que ela não desejava ser: uma destemida defensora da nossa grande imprensa britânica, a minha fiel e duradoura amante por quem abandonara todas as outras, a instrutora do meu estilo de vida e a mãe dos meus futuros filhos, e, nos momentos mais deprimentes, a substituta da minha mãe branca. Por seu lado, Penelope tinha-se casado com o que havia de exótico em mim, apenas para vir a descobrir o conformista, o que devia ter sido um grande desapontamento. Quanto a isso, ele tinha a minha sincera simpatia. Não deixei nenhum bilhete.

Depois de fechar a minha mala rolante e recusar lançar um último olhar à volta, avancei para a porta e a liberdade. Ao fazê-lo, ouvi a fechadura girar sem o impedimento do costume e um par de pés ligeiros entrou no vestíbulo. A minha primeira reacção foi de medo. Não de Penelope pessoalmente, porque isso estava acabado. Medo de ter de articular em palavras o que já tinha posto em acção. Medo de atrasos, de perda de ímpeto, de tempo precioso perdido em discussões. Medo de que *o flirt* de Penelope com Thorne tivesse dado para o torto e ela voltasse a casa à procura de consolo e, em vez disso, iria sofrer outra rejeição humilhante, e por parte de quem ela considerava incapaz de resistência crível: eu. Fiquei, portanto, aliviado por ver não Penelope de mão na anca, mas a nossa vizinha e consultora psicológica Paula, vestida com uma gabardina e, que eu pudesse ver, mais nada.

– O Hannibal ouviu-te, Salvo – disse ela.

A voz de Paula tem uma monotonia meio americana, meio inglesa, uma espécie de tristeza permanente. Hannibal é o galgo dela.

– Quando rapazes bonitos andam por aí a coscuvilhar, tentando não fazer barulho, o Hannibal ouve-os – continuou lugubrememente. – Aonde é

que vais, camandro? Estás com ar de louco.

– Trabalhar – respondi. – Uma chamada urgente. Desculpa, Paula, mas tenho de ir-me embora.

– Vestido dessa maneira? Vai contar essa a outro. Precisas de uma bebida. Tens uma garrafa?

– Bem, não comigo, se estás a perceber o que quero dizer...

– piada.

– Talvez, por uma vez, eu tenha uma. E também tenho uma cama, se é disso que estás à procura. Nunca pensaste que eu fodesse, pois não? Pensavas que eu aquecia o rabo nas tuas brasas. A Penelope já não mora aqui, Salvo. A pessoa que aqui vive é uma recordação.

– Por favor, Paula. Tenho de ir.

– A verdadeira Penelope é uma puta insegura a tentar compensar as suas fraquezas. Também é psicopata e cheia de ilusões, e a minha melhor amiga. Por que é que não assistes às sessões do meu grupo de experiências corporais interiores? Falamos imenso acerca de mulheres como a Penelope. Poderias alcançar um nível de pensamento mais elevado. Que trabalho é que tens de fazer?

– No hospital.

– Com a mala que levas aí na mão? Onde é que fica esse hospital... em Hong Kong?

– Paula, por favor. Tenho muita pressa.

– Que tal fodermos primeiro e, depois, ires ao hospital?

– Tenho muita pena, mas não.

– Então, hospital, e, depois, fodermos? – ainda esperançosa.

– A Penelope diz que dás excelentes fodas.

– Obrigado, mas não.

Afastou-se e passei por ela, descendo agradecidamente as escadas. Noutra altura qualquer, ter-me-ia maravilhado por a nossa fornecedora residente das verdades da vida e recipiente de garrafas sem conta do meu *Rioja* pudesse tão facilmente ter atravessado a linha de guru a ninfómana, mas não esta noite.

*

Ocupei a minha posição num banco de jardim diante das portas

principais do hospital aproximadamente às 7:00 horas, segundo o relógio da tia Imelda, embora soubesse, pelas discretas perguntas feitas na recepção, que o pessoal do turno da noite só sairia, o mais cedo, às 8:30. Uma escultura brutalista moderna erguia-se na minha linha de visão, permitindo-me observar sem ser observado. De ambos os lados da entrada de vidro encontrava-se um representante fardado de uma das cada vez mais numerosas milícias privadas. *Zulus e ovambos*, ouvi Maxie dizer com orgulho. *Os melhores combatentes do mundo*. Numa garagem ao nível da cave, uma procissão de ambulâncias descarregava feridos. Tinha ao meu lado no banco a sacola de pano para a qual transferira as gravações e os blocos-notas. Consciente da minha frágil compreensão acerca da vida, enrolara a alça do saco ao punho.

Estava superdesperto e meio a dormir. Encontrar uma cama à meia-noite na temporada das bombas quando se é uma *zebra* e se acarta com uma mala pesada não é tarefa fácil. Por conseguinte, tive realmente muita sorte quando um polícia simpático, ao parar o carro-patrolha ao meu lado para me olhar mais de perto, me indicou uma pensão iluminada a imitar o estilo Tudor perto de Kilburn High Road, a qual, nas palavras do dono, amante de grilos, o Sr. Hakim, estava aberta a todas as cores de pele e a todas as horas desde que acatassem os regulamentos da casa. Pagando adiantado em líquido – os dólares de Maxie convertidos em libras –, tinha-me tornado instantaneamente inquilino da *suite* executiva, um confortável quarto duplo no fundo da pensão com uma pequena cozinha e uma janela de sacada que dava para uma horta de bolso.

Eram então três da manhã, mas o sono não chega naturalmente a um homem determinado a reatar relações com a mulher da sua vida. A ampla mulher do Sr. Hakim mal tinha fechado a porta do meu quarto e eu já estava a andar de um lado para o outro com auscultadores nos ouvidos e o gravador na mão. S queria realmente dizer *satélite* e Philip tinha empregado copiosamente essa letra. Falara com a voz que tinha o poder de dizer sim e, para meu pesar, a voz que tinha dito sim pertencia ao meu herói de longa data e flagelo do jornal de Penelope, Lord Brinkley das Areias, embora o seu tom de justa indignação me desse motivos de esperança. Ao princípio, ficou incrédulo.

– Não posso muito simplesmente acreditar, Philip. Se não te conhecesse melhor, diria que estavas a pregar-me uma dessa partidas à Tabby.

E quando Philip lhe explica que, caso contrário, o negócio irá por água abaixo:

– É a coisa mais imoral que ouvi em toda a minha vida. Para que é que então serve um aperto de mão, por amor de Deus? E dizes que ele nem sequer se contenta com uma parte agora e o resto depois? Bem, tem de o fazer. Convince-o.

E quando Philip insiste que fizeram tudo para o convencer, o tom de Brinkley, para meu alívio, é o paradigma de inocência ofendida:

– O rapaz perdeu a cabeça. Falarei com o pai. Muito bem, dá-lhe o que ele pede. Será estritamente por conta de ganhos futuros e procuraremos activamente recuperá-lo logo a partir do primeiro dia. Diz-lhe isso, Philip, por favor. Estou francamente desapontado contigo. E com ele. Se não te conhecesse melhor, perguntar-me-ia quem está a fazer o quê a quem.

*

Aos oito e dezassete minutos, um jovem em fato-macaco branco desce lentamente as escadas do hospital. Às oito e vinte, emerge um grupo de enfermeiros, homens e mulheres, a maior parte negros. Mas eu sabia que, apesar de gregária, Hannah não ia conviver com muita gente hoje. Às oito e meia, três outras levadas de funcionários saem a galope. Pareciam contentes e Hannah faria boa figura entre eles. Mas não hoje. Às oito e quarenta, ela saiu sozinha, a andar daquela maneira aleijada que aflige as pessoas que falam aos telemóveis. Estava fardada, mas sem a touca de enfermeira. Até agora, só a tinha visto fardada ou nua. Franzia a testa daquele modo estudado que a franzia quando tomava o pulso de Jean-Pierre ou fazia amor comigo. Ao chegar ao fundo dos degraus, parou bruscamente, ignorando as pessoas que eram obrigadas a contorná-la para subir ou descer as escadas, o que, para uma mulher com tanta consideração pelos outros, podia parecer surpreendente, mas não a mim.

Manteve-se imóvel, lançando olhares reprovadores ao telemóvel, o que me levou a pensar que ela o sacudisse ou o atirasse fora por despeito. Mas, inclinando o longo pescoço, acabou por o encostar de novo à orelha e soube então que ela estava a ouvir o último dos oito recados que lhe enviara na madrugada de hoje. Quando levantou a cabeça, a mão que agarrava no telemóvel caiu a seu lado e percebi que, mais uma vez, ela

tinha-se esquecido de o desligar. Quando cheguei ao pé dela, Hannah estava a começar a rir, mas, quando a agarrei, o seu riso transformou-se em lágrimas. No táxi, chorou mais um pouco e, depois, riu-se um pouco mais, que era o que eu também estava a fazer, ao longo de todo o percurso até à pensão do Sr. Hakim. Mas uma vez lá chegados, como acontece com amantes sérios, uma reserva mútua apoderou-se de nós, obrigando-nos a largarmo-nos e a atravessarmos separadamente o pátio de cascalho. Ambos sabíamos que havia explicações a dar e que o caminho até aos braços um do outro deveria ser reflectido. Por conseguinte, abri com a devida formalidade a porta do quarto e afastei-me, convidando-a a entrar de livre vontade e não a meu pedido, o que, após uma ligeira hesitação, ela decidiu fazer. Segui-a e tranquei a porta, mas, ao ver que os braços dela permaneciam firmemente caídos, resisti ao impulso de a beijar.

Acrescentarei, contudo, que os olhos dela nem por um segundo deixaram os meus. Não havia nenhuma acusação nem hostilidade neles. Era mais uma visita de estudo prolongada que faziam, o que me levou a perguntar a mim mesmo quanto da agitação enterrada neles é que ela via, pois esta era uma mulher que passava os dias a tratar de homens em situações desesperadas, e, por conseguinte, conhecia os nossos rostos. Completado o seu exame de mim, pegou-me na mão e conduziu-me à volta do quarto com o aparente objectivo de me associar com as minhas posses. O medalhão da tia Imelda, o missal do meu pai, etcetera e – porque uma enfermeira diplomada não perde nada que tem a ver com os seus pacientes –, a marca quase branca no terceiro dedo da minha mão esquerda. A seguir, por osmose, segundo me pareceu, pegou num dos meus quatro blocos-notas – por acaso o número três que continha o plano de guerra de Maxie – e, de forma muita parecida com o que Philip fizera há dezasseis horas, pediu-me explicações que eu hesitei em dar visto a minha estratégia para a sua doutrinação requerer preparação sofisticada de acordo com os melhores princípios do ofício.

– E *isto*? – insistiu, apontando infalivelmente para um dos meus complicados hieróglifos.

– Kivu.

– Tens andado a falar acerca do *Kivu*?

– Todo o fim-de-semana. Bem, os meus clientes é que falaram.

– De modo positivo?

– Digamos antes de modo criativo.

Tinha plantado as sementes, embora de forma inepta. Após um silêncio, ela lançou-me um sorriso triste.

– Quem é que, hoje em dia, pode ser criativo quanto ao Kivu? Se calhar, ninguém. Mas, na opinião de Baptiste, as feridas estão a começar a sarar. E, se conseguirmos manter-nos assim, talvez um dia o Congo tenha filhos que não conhecem a guerra. Kinshasa está mesmo a falar a sério em permitir finalmente eleições.

– Baptiste?

Estava tão absorvida na minha escrita cuneiforme que, ao princípio, pareceu não me ouvir.

– Baptiste é o representante não oficial do Mwangaza em Londres – respondeu, devolvendo-me o bloco-notas.

Ainda estava a reflectir sobre a existência de um Baptiste na vida dela quando ela soltou um grito de alarme, o primeiro que jamais lhe tinha ouvido. Segurava o envelope de Maxie com os seis mil dólares em notas que eu ainda não tinha trocado em libras e a expressão acusadora do seu rosto era fácil de ler.

– Não é roubado, Hannah. Ganhei-o. Honestamente.

– Honestamente?

– Pelo menos, legalmente. É dinheiro que me foi dado... – ia a dizer «o governo britânico», mas por causa do Sr. Anderson, mudei de ideias – pelos clientes para quem trabalhei este fim-de-semana. – Caso tenha dissipado as suas suspeitas, estas foram reacendidas ao ver os cartões de visita de Brian Sinclair que eu tinha deixado em cima da lareira. – O Brian é um amigo meu, assegurei-lhe descaradamente. – Alguém que ambos conhecemos, para dizer a verdade. Contar-te-ei tudo sobre ele mais tarde.

Percebi logo que não estava a convencê-la e estava meio decidido a contar-lhe tudo ali – o Sr. Anderson, a ilha, Philip, Maxie, Haj, Anton, Benny, *Spider* e dez vezes Haj –, mas uma fadiga pensativa apoderara-se dela, como se tivesse ouvido tudo o que podia aguentar de mim de uma só vez. E, assim, em vez de me importunar com perguntas, a fatigada enfermeira de noite estendeu-se completamente vestida ao longo de um dos lados da cama e adormeceu, uma sesta que era ainda mais surpreendente por o sorriso recusar abandonar o seu rosto. Desejando seguir o seu exemplo, também fechei os olhos, perguntando-me como é

que iria explicar-lhe que era o relutante cúmplice de um golpe militar contra o seu país. Baptiste, repeti para comigo mesmo. Não me tinha ocorrido que a sua admiração pelo Mwangaza podia estender-se a membros da sua organização. No entanto, e apesar do meu estado, a natureza deve ter vindo em meu socorro, pois, quando acordei, ainda estava de *jeans* e camisa, e Hannah repousava, nua, nos meus braços.

*

Não sou amigo do explícito nem, quanto a isso, era o irmão Michael. Na sua opinião, os actos de amor eram tão privados como orações, e assim deveriam permanecer. Não insistirei, portanto, no êxtase do nosso reencontro físico, o qual teve lugar em toda a franqueza do sol matinal, que, penetrando através da janela, inundava a colcha colorida da cama da Sra. Hakim. Hannah *escuta* as pessoas. Não estava habituado a gente que fizesse isso e, na minha exausta antecipação, tinha receado que ela se mostrasse cáustica ou, até mesmo, incrédula. Mas isso era Penelope, não Hannah. De vez em quando, é verdade – por exemplo, quando era forçado a desiludi-la acerca do Mwangaza –, umas lágrimas escorreram-lhe pela face abaixo e mancharam a fronha azul-celeste da almofada da Sra. Hakim, mas nunca a sua simpatia ou aflição pela minha situação difícil a desertou. Há dois dias, tinha-me maravilhado pela delicadeza com que ela informara Jean-Pierre de que ele estava a morrer e estava decidido a imitá-la, mas faltava-me a perícia e a reserva. Uma vez que tinha começado, cedi à necessidade de contar-lhe imediatamente tudo. A revelação que, se bem numa capacidade temporária, eu era um empregado doutrinado dos poderosos serviços secretos britânicos deixou-a sem fôlego.

– E és realmente leal a essa gente, Salvo?

Eu estava a falar em inglês e, assim, ela também.

– Sempre tentei, Hannah. E farei o possível para continuar a sê-lo – respondi, e até mesmo isto ela parecia compreender.

Enrolada à minha volta como uma criança com sono, ela emocionou-se com a minha viagem de um sótão em South Audley Street a um luxuoso palácio em Berkeley Square, o percurso de helicóptero e o voo misterioso para uma ilha sem nome no norte. Ao abordar os nossos senhores da guerra, vi o seu rosto passar por três fases em igual número de minutos:

raiva surda pelo velhaco Franco com a sua perna aleijada e amor das batalhas, seguida de tristeza por Dieudonné contaminado pela sida. Só quando lhe apresentei o meu esboço preliminar do extravagante Haj, o nosso rapaz de Bukavu educado em França e dono de um cabaré, é que reencontrei a rapariga da Missão Pentecostal e me recompus adequadamente.

– Os donos dos cabarés são vigaristas, Salvo. E esse Haj não é diferente. Vende cerveja e minerais, e, portanto, também vende provavelmente drogas e mulheres. É assim que a jovem *elite* do Kivu se porta actualmente. Usam óculos escuros, conduzem carros e vêem filmes pornográficos com os amigos. O pai, Luc, tem bastante má fama em Goma. É um homem importante que faz política para usufruto pessoal e não para beneficiar o povo. – Mas, depois, a sua testa enrugou-se quando modificou relutantemente o seu veredicto. – No entanto, tem de se aceitar que hoje no Congo não é possível ganhar dinheiro sem se ser vigarista. Temos, pelo menos, de admirar a perspicácia dele.

Ao reparar na minha expressão, ela calou-se e voltou a examinar-me pensativamente. E, quando Hannah faz isso, não é fácil preservar a nossa segurança pessoal.

– Falas de modo especial acerca do Haj. Também tens sentimentos especiais por ele?

– Tive sentimentos especiais por todos eles – retorqui evasivamente.

– Então, por que é que o Haj é diferente? Por estar ocidentalizado?

– Decepcionei-o.

– Como, Salvo? Não acredito. Talvez te tenhas decepcionado a ti mesmo. Não é a mesma coisa.

– Torturaram-no.

– Ao Haj?

– Com um aguilhão eléctrico. Fartou-se de gritar. E, depois, contou-lhes tudo o que eles queriam saber. A seguir, vendeu-se. Ela fechou os olhos e tornou a abri-los.

– E tu escutaste tudo isso?

– Não devia, mas escutei.

– E gravaste?

– Eles é que gravaram.

– Enquanto ele estava a ser torturado?

- É uma gravação de arquivo, não operacional.
 - E temo-la? - Hannah saltou da cama e dirigiu-se para a mesa junto à janela. - É esta?
 - Não.
 - Esta aqui? - Ao ver a minha expressão, pousou-a de novo lentamente em cima da mesa, voltou para a cama e sentou-se ao meu lado. - Precisamos de comida e, depois de comer, vamos ouvir a gravação, OK?
- OK, concordei.

Mas antes da comida queria vestir-se com roupa normal. Foi buscá-la à residência, deixando-me a sós com os meus pensamentos durante uma hora. Nunca mais há-de voltar. Pensa que sou louco e tem razão. Foi visitar Baptiste. Esses passos a subir as escadas não são os de Hannah, são da Sra. Hakim. Mas a Sra. Hakim pesa uns bons cem quilos, enquanto Hannah é uma sílfide.

*

Está a falar-me do filho, Noah. Come *pizza* com uma mão e segura a minha com a outra enquanto fala comigo em suaíli acerca do filho. A primeira vez que tínhamos estado juntos ela falara timidamente dele. Agora, devia contar-me tudo, como ele aparecera, o que significava para ela. Noah é o seu filho do amor - excepto, Salvo, e acredita em mim, não houve amor nenhum.

- Quando o meu pai me mandou do Kivu para Uganda para ser enfermeira, apaixonei-me por um estudante de medicina que, depois de me engravidar, me confessou que era casado. E disse a outra rapariga com quem tinha dormido que era homossexual.

Ela tinha dezasseis anos de idade e, em vez de o seu ventre inchar por causa do bebé, perdeu uns seis quilos antes de ter a coragem de fazer um teste de HW, o qual deu negativo. Hoje, quando tem de fazer qualquer coisa desagradável, fá-la imediatamente a fim de reduzir o tempo de espera. Teve o bebé e uma tia ajudou-a a tratar dele até ela completar o curso de enfermagem. Todos os estudantes de medicina e jovens médicos queriam ir para a cama com ela, mas Hannah nunca mais se deitou com nenhum outro homem até me conhecer.

Desata a rir.

- E vê-me só isto, Salvo! Também és casado!

Já não, digo.

Ri-se e abana a cabeça, dando um gole no vinho tinto da casa que, ambos concordamos, é o pior vinho que jamais bebemos nas nossas vidas - pior do que aquele que temos de beber no baile anual do hospital - diz ela -, o que já é, podes crer, Salvo, dizer muita coisa. Mas não tão mau como o violento *Chianti* de Giancarlo, contrario-a, e aproveito para lhe falar do valente homenzinho no restaurante *Bella Vista* em *Battersea Park Road*.

Dois anos após o nascimento de Noah, Hannah terminou o curso. Foi promovida, aprendeu inglês sozinha e ia à igreja três vezes por semana. Ainda fazes isso, Hannah? Um pouco. Os médicos novo dizem que Deus não é compatível com a ciência e, no hospital, se quiser ser franca, vê poucos sinais Dele. Mas isso não a impede de rezar por Noah, pela família e pelo Kivu, ou ajudar os miúdos da catequese, como os chama, na escola em North London, onde, com a pouca fé que lhe resta, ela vai rezar.

Hannah tem orgulho de ser nande e tem todo o direito, pois os nande são famosos pelo seu espírito empreendedor. Veio para Inglaterra por intermédio de uma agência quando tinha vinte e três anos - diz-me enquanto tomamos café e outro copo do horrível vinho. Contou-me isso antes, mas, no jogo que estamos a jogar, quando paramos temos de voltar ao princípio. Os ingleses não eram maus, mas a agência tratou-a como um pedaço de merda, e foi a primeira vez que a ouvi dizer um palavrão. Deixara Noah no Uganda com a tia, o que despedaçou o seu coração, mas, com a ajuda de uma vidente em Entebe, tinha reconhecido o seu destino, o que haveria de desenvolver o seu conhecimento da prática e tecnologia médica ocidental e dar-lhe a possibilidade de enviar dinheiro para Noah. Quando aprender o suficiente e poupar algum dinheiro, conta regressar com ele para o Kivu.

Nos primeiros tempos, em Inglaterra, sonhava todas as noites com Noah. Telefonar-lhe perturbava-a e acabou por o fazer apenas uma vez por semana nas horas em que as chamadas eram mais baratas. A agência nunca lhe tinha dito que teria de seguir a escola de adopção, o que lhe levou todas as economias, nem que teria de repetir o curso de enfermeira desde o princípio. As nigerianas com quem morava não pagavam a renda e, um dia, o senhorio pô-las na rua, incluindo Hannah. Para ser promovida no hospital, ela tinha de ser duplamente melhor do que as colegas brancas e

trabalhar duas vezes mais. Mas, com a ajuda de Deus, ou, como eu prefiro, à custa dos seus heróicos esforços, conseguiu impor-se. Frequenta, duas vezes por semana, um curso de simples técnicas cirúrgicas aplicáveis em países pobres. Deveria lá estar esta noite, mas há-de recuperar o tempo perdido. É um diploma que prometeu a si mesma adquirir antes de ir buscar Noah ao Uganda.

Hannah deixou a parte mais importante para o fim. Convenceu a enfermeira-chefe a dar-lhe uma semana extra de folga sem pagamento, o que lhe permitirá acompanhar os miúdos da catequese na sua excursão de dois dias à beira-mar.

– Foi só por causa dos miúdos da catequese que pediste férias? – pergunto, esperançado.

Ela zomba de tal ideia. Pedir folga de uma semana a contar com a remota possibilidade de um intérprete irresponsável cumprir as suas promessas? Ridículo.

Tomámos o pequeno-almoço e pagámos a conta com os dólares de Maxie trocados em libras. Dentro de um minuto, será altura de voltar à pensão do Sr. Hakim. Hannah apoderou-se de uma das minhas mãos e examina a palma, traçando pensativamente as suas linhas com a unha.

– Vou viver para sempre? – pergunto-lhe.

Ela abana desdenhosamente a cabeça e continua a examinar a minha mão cativa. Havia cinco, murmura em suaíli. Não realmente sobrinhas. Primas. Mas, ainda hoje, considera-as sobrinhas. Nascidas da mesma tia que cuidou dela no Uganda e que, correntemente, cuida de Noah. Eram todas filhas da tia, a qual não tivera filhos. Tinham idades compreendidas entre os seis e os dezasseis. Recita os nomes delas, todos bíblicos. Os seus olhos estão baixos, ainda fala para a minha mão, a voz torna-se monocórdica. Estão a caminhar de regresso a casa ao longo da estrada. O meu tio e as meninas nas suas melhores roupas. Foram à missa e as suas cabeças estão cheias de preces. Como a minha tia não se sentia bem, tinha ficado na cama. Apareceram-lhes então pela frente uns rapazes drogados do outro lado da fronteira, de Ruanda, à procura de diversão. Acusaram o meu tio de ser espião tutsi, cortaram os tendões das raparigas, violaram-nas e atiraram-nas para o rio a cantar *manteiga! manteiga!*, enquanto elas se afogavam. Era a maneira de eles dizerem que fariam em manteiga todos os tutsis.

– E o que é que fizeram ao teu tio? – perguntei à sua cabeça desviada.

Tinham-no amarrado a uma árvore e forçado a assistir. Deixaram-no vivo para ele ir contar à aldeia.

Numa espécie de reciprocidade, falo-lhe do meu pai e do poste onde ele fora chicoteado. Até agora, não tinha contado a ninguém a não ser ao irmão Michael. Voltamos para casa e escutamos a gravação de Haj a ser torturado.

*

Ela senta-se muito direita no outro lado do quarto, tão longe de mim quanto possível. Ostenta o seu rosto oficial de enfermeira. A expressão é fechada. Haj pode gritar, Tabizi pode vociferar e humilhá-lo, e Anton fazer o pior com o que *Spider* complacentemente lhes deu, mas Hannah permanece tão impassível como um juiz sem olhos para ninguém, muito menos para mim. Quando Haj suplica, a expressão dela é estóica, e, quando ele trata Tabizi e o Mwangaza com desprezo por se comprometerem com Kinshasa, quase não se altera. Quando Anton e Benny o lavam debaixo do duche, solta uma exclamação muda de nojo, mas isto não transparece no seu rosto. Quando Philip aparece em cena e começa a tentar docemente dissuadir Haj, realizei que ela tem estado a partilhar todos os segundos da sua agonia, como se estivesse a tratar dele à cabeceira da cama. E, quando Haj pede três milhões de dólares pela venda do seu país, espero que ela fique pelo menos indignada, mas ela baixa meramente os olhos e abana solidariamente a cabeça.

– Pobre rapaz exibicionista – murmura. – Deram cabo do seu espírito.

Nessa altura, desejando poupá-la à palhaçada final, tento desligar a gravação, mas ela segura-me a mão.

– A partir daqui são apenas informações. O Haj tenta melhorar a sua situação, mas não consegue – explico-lhe ternamente.

No entanto, perante a insistência dela, deixo a gravação seguir até ao fim, a começar pelo circuito de Haj à volta da sala de estar do Mwangaza e acabando com o bater dos sapatos de pele de crocodilo quando ele atravessa provocantemente a passagem coberta a caminho da sala dos convidados.

– Outra vez – ordena-me ela.

Volto a passar a gravação e, depois de esta terminar, ela permanece imóvel durante muito tempo.

– Ele arrasta um pé, ouviste? Talvez lhe tenham dado cabo do coração.

Não, Hannah, não tinha reparado que ele arrastava um pé. Desligo a gravação, mas ela não se mexe.

– Conheces a canção? – pergunta-me.

– É como todas as canções que habitualmente se cantam. – Então por que é que ele a cantou?

– Para ficar mais animado, suponho eu.

– Talvez fosse a ti que ele estava a animar.

– Talvez – concedo.

*

Hannah é prática. Quando tem um problema para resolver, vai ao fundo da questão e reflecte a partir daí. Eu tenho o irmão Michael e ela, a irmã Imogène. Na escola da Missão, Imogène ensinou-lhe tudo o que sabia. Quando engravidou no Uganda, Imogène escreveu-lhe cartas para a reconfortar. A lei de Imogène, a qual, na opinião de Hannah, nunca deveria ser esquecida, argumenta que, como nenhum problema existe isolado, temos primeiro que tudo de o reduzir aos seus componentes básicos e, depois, encará-los um de cada vez. Só depois de termos realmente feito isto – e não até – Deus nos indicará o caminho certo. Visto que era este o *modus operandi* de Hannah, tanto no trabalho como na vida em geral, eu não podia levantar quaisquer objecções ao simples interrogatório a que, com toda a gentileza e ocasionais carícias tranquilizadoras, ela me submeteu, empregando o francês como nossa língua esclarecedora.

– Como e quando roubaste as gravações e os blocos-notas, Salvo?

Descrevo a minha última ida à sala da caldeira, o aparecimento de Philip de surpresa e o meu escape à justa.

– No decorrer do voo de regresso a Luton, ninguém olhou desconfiadamente para ti nem perguntou o que tinhas na sacola?

Ninguém.

– Tens a certeza?

Tanta quanto posso ter.

– Quem é que, por esta altura, sabe que roubaste as gravações?

Hesito. Se Philip resolveu voltar à sala da caldeira depois da partida da equipa e revistar o saco do lixo, eles já sabem. Se *Spider*, ao chegar a Inglaterra, verificou as gravações antes de as entregar para serem arquivadas, sabem. Ou, se quem as recebeu decidiu verificá-las, sabem. Não sei bem porquê adoptei um tom condescendente neste momento, mas provavelmente foi em legítima defesa.

- No entanto - insisto, recorrendo ao estilo dos advogados de fôlego que, por vezes, sou obrigado a servir como intérprete -, quer saibam ou não, não há dúvida que, *tecnicamente*, violei a lei dos segredos oficiais. Ou não? Quer dizer, até que ponto esses segredos são *oficiais*? Se a minha própria presença está sujeita a ser negada, então, presumivelmente, os segredos também. Como pode um intérprete que não existe ser acusado de ter roubado segredos que não existem quando ele está a agir em nome de um Sindicato anónimo, o qual, por sua própria insistência, também não existe?

Mas Hannah, como eu podia ter intuído, fica menos impressionada do que eu pela minha retórica de tribunal.

- Salvo. Roubaste a clientes poderosos algo que é precioso para eles. A questão é saber se eles irão descobrir e, se te apanharem, o que farão contigo. Disseste-me que vão atacar Bukavu dentro de duas semanas. Como é que sabes isso?

- O Maxie disse-mo. Durante o voo de regresso. Vão apoderar-se do aeroporto. Sábado é um dia de futebol. Os mercenários brancos chegarão num avião suíço fretado e os mercenários negros fingirão ser uma equipa visitante de futebol.

- Quer dizer, então, que nem sequer temos duas semanas, mas apenas treze dias.

- Sim.

- E não certamente, mas possivelmente, andam à tua procura.

- Suponho que sim.

- Então, temos de ir ver o Baptiste.

Toma-me nos seus braços e, por uns tempos, esquecemo-nos de tudo menos um do outro.

Estamos deitados de costas a olhar para o tecto e ela fala- me de Baptiste. É um nacionalista congolês apaixonado por um Kivu unido que regressou recentemente de Washington onde assistiu a um simpósio sobre a consciência africana. Os ruandeses enviaram várias vezes os seus assassinos para o matar, mas ele é tão esperto que, até agora, sempre os despistou. Conhece todos os grupos congolese, incluindo os maus. Na Europa, na América e em Kinshasa.

- Kinshasa de onde vêm os ricos - comento.

- Sim, Salvo. De onde vêm os ricos e também muita gente boa e honesta como o Baptiste, que se interessam pelo Congo Oriental e estão preparados para correr riscos a fim de nos proteger dos nossos inimigos e exploradores.

Quero concordar incondicionalmente com tudo o que ela diz. Quero ser tão congolês quanto ela. Mas um rato de ciúmes, como costumava dizer o irmão Michael, rói-me as entranhas.

- Quer dizer, então, que, mesmo sabendo que o Mwangaza fez um negócio sujo com Kinshasa - sugiro -, ou o Tabizi e a sua gente fizeram, ainda achas seguro ir contar toda a história ao representante do Mwangaza aqui em Londres? Confias assim tanto nele?

Ela soergue-se de lado e fita-me.

- Sim, Salvo. Confio. Se o Baptiste ouvir o que ouvimos e decidir que o Mwangaza é corrupto, o que eu ainda acredito, então, porque é honesto e sonha, como nós, com a paz em todo o Kivu, ele há-de saber quem avisar e como impedir a catástrofe que nos espreita ao virar da esquina.

Estende-se novamente ao comprido e continuamos a examinar o tecto da Sra. Hakim. Faço a pergunta inevitável: como é que ela o conheceu?

- Foi o grupo dele que organizou a viagem de autocarro a Birmingham. Assim como o Mwangaza, é xi e foi portanto natural vê-lo como o nosso salvador. Mas isso não impede de ver as fraquezas do Mwangaza.

Claro que não, assegurei-lhe.

- E, no último minuto, quando o nosso autocarro estava prestes a partir, ele saltou de forma completamente inesperada lá para dentro e fez um impressionante discurso sobre as perspectivas de paz e união de todo o Kivu.

- A ti pessoalmente? - pergunto.

- Sim, Salvo. A mim pessoalmente. Das trinta e seis pessoas no

autocarro, falou apenas para mim. E eu estava toda nua.

*

A sua primeira objecção ao meu herói favorito, Lord Brinkley, foi tão radical que me cheirou ao fundamentalismo da irmã Imogène.

– Mas, Salvo. Se gente perversa está a arrastar-nos para uma guerra e a roubar os nossos recursos, como é que podem haver níveis de culpabilidade entre elas? Cada uma delas é certamente tão má como a outra, pois são todas cúmplices.

– Mas o Brinkley é diferente dos outros – insisto pacientemente. – É uma personagem importante como o Mwangaza. É o género de homem que os outros seguem quando querem roubar.

– E também é o homem que pode dizer sim.

– É verdade. E, se bem te lembras, é o homem que manifestou o seu choque e ultraje moral. E, ainda por cima, acusou praticamente o Philip de duplicidade. – E, para encerrar o assunto, acrescentei: – Se é o homem que pode pegar no telefone e dizer sim, também pode pegar nele para dizer não.

E, para reforçar o meu caso, recorri à minha larga experiência do mundo corporativo. Quantas vezes não tinha eu observado que os homens em posição de chefia andavam tão preocupados em angariar fundos e a seguir os valores do mercado que não se davam conta do que estava a ser feito em seu nome? E, aos poucos, ela começou a acenar a cabeça em aquiescência, percebendo que, afinal de contas, havia áreas da vida em que os meus conhecimentos excediam os dela. Para contabilizar os argumentos, recordei-lhe a minha troca de palavras com Brinkley na casa de Berkeley Square. – E o que é que aconteceu quando mencionei o nome do Sr. Anderson? Disse-me que nunca tinha ouvido falar dele! – concluí, aguardando depois a sua resposta, a qual desejava sinceramente que não incluísse mais protestos a favor de Baptiste. Por fim, mostrei-lhe a carta dele a agradecer o meu apoio: *Caro Bruno*, assinada, *Seu para sempre*, Jack. Mas, mesmo assim, ela não desistiu totalmente:

– Se o Sindicato é assim tão anónimo, como é que podem usar o Brinkley como figura de proa? – E como eu não tivesse uma resposta pronta: – Se tens de recorrer a um dos teus, vai, pelo menos, ter com o Sr.

Anderson, em quem confias. Conta-lhe a tua história e põe-te à sua mercê.

Mas consegui mais uma vez driblá-la, desta vez através dos meus conhecimentos do mundo da espionagem.

- O Anderson livrou-se de mim ainda antes de eu ter saído do apartamento de Audley Street. A operação devia ser desmentida e eu também. Julgas que ele vai deixar de me repudiar quando eu entrar e lhe disser que tudo aquilo não passava de uma vigarice?

Lado a lado diante do meu computador portátil, metemos mãos à obra. O *website* de Lord Brinkley era reticente quanto à sua morada. Quem desejasse escrever-lhe, deveria fazê-lo ao cuidado da Câmara dos Lordes. Os meus recortes de jornal acerca de Brinkley serviram para alguma coisa. Jack era casado com uma Lady Kitty, herdeira aristocrata envolvida em obras de beneficência a favor dos necessitados da Grã-Bretanha, o que, naturalmente, a recomendava aos olhos de Hannah. E Lady Kitty também tinha um *website* onde se encontravam listadas instituições de caridade que usufruíam da sua protecção, mais a morada para onde os doadores podiam enviar os cheques e uma notificação dos seus pequenos-almoços às quintas-feiras, «Em Casa», aos quais os benfeitores eram convidados exclusivamente através de autorização prévia. «Em Casa» ficava em Knightsbridge, no triângulo dourado do coração de Londres.

*

É uma hora mais tarde e estou acordado com a cabeça superclara. Hannah, treinada para dormir sempre que pode, não se mexe. Vestindo em silêncio a camisa e as calças, pego no telemóvel e desço para a sala de hóspedes, onde a Sr.a Hakim está a levantar as mesas do pequeno-almoço. Após uma obrigatória troca de lugares comuns, escapo para o pequeno jardim localizado num desfiladeiro entre altos prédios castanhos. Impressos na minha memória estão o que os instrutores dos nossos cursos de um dia chamariam as *rotas comerciais* de Penelope. Depois do seu tórrido fim-de-semana com Thorne, irá passar a manhã em Norfolk Mansions para se recompor antes de embarcar nos rigores da semana. Já terminou os seus melhores telefonemas feitos de táxis pagos pelo jornal e, como todos os bons jornalistas, pensou imenso na frase de abertura.

Vai-te foder também, Salvo, meu querido! Se tivesses esperado outra semana, ter-te-ia poupado o incómodo! Não vou inquirir onde passaste o fim-de-semana depois de me teres coberto de ridículo diante do proprietário. Só espero que ela valha a pena, Salvo. Ou deveria antes dizer ele? O Fergus diz que tem medo de entrar na mesma casa de banho contigo...

Voltei ao quarto. Hannah está deitada como a deixei. No calor do Verão, o lençol estava disposto como o véu de um pintor sobre um dos seus seios e entre as coxas.

- Onde é que estiveste?
- No jardim. A divorciar-me.

Com a sua firmeza habitual, Hannah tinha-me convencido a não levar as gravações e os blocos-notas comigo a casa de Brinkley. E como estava igualmente determinada em acompanhar-me até à porta e esperar na rua até eu sair, chegámos a um compromisso: ela ficaria sentada com os artigos roubados num café da esquina e eu telefonar-lhe-ia no momento que julgasse adequado para ela vir deixá-los diante da porta principal da casa e voltar depois para o café a fim de esperar por mim.

Eram cinco horas da tarde de segunda-feira quando emergimos da pensão do Sr. Hakim e, com a devida circunspecção, apanhámos um autocarro para a estação de metro de Finchley Road. Às seis, examinávamos o elegante terraço curvo de Knightsbridge do passeio em frente e já passavam vinte minutos quando instalei Hannah a uma mesa junto à janela do café. Durante o percurso de autocarro, ela tinha, em contraste com a minha disposição, que era cada vez mais animada, perdido um pouco de confiança.

- Daqui a umas horas, os nossos problemas terão acabado - tranquilizei-a, massajando-lhe as costas para a relaxar, mas a sua única reacção foi dizer que rezaria por mim.

Ao aproximar-me da casa, tive a escolha de descer a uma cave onde se lia ENTREGAS ou subir os degraus para uma entrada com colunas e um cordão para puxar uma sineta à moda antiga. Escolhi a segunda. A porta foi aberta por uma mulher latina rechonchuda de farda preta completa com gola e touca brancas.

- Quero falar com Lord Brinkley, por favor - disse, adoptando o tom imperioso dos meus clientes mais distintos. - Escritório.

- E Lady Kitty? - perguntei, segurando a porta com uma mão e extraíndo com a outra um cartão de visita de Brian Sinclair. Por debaixo do meu, aliás, tinha escrito BRUNO SALVADOR e, no verso, INTÉRPRETE DO SINDICATO.

- Não está - disse a criada em voz de comando, e, fiel às suas intenções, conseguiu desta vez fechar-me a porta na cara. Mas, segundos depois, a própria Lady Kitty tornou a abri-la.

Sem idade como as senhoras da alta sociedade costumam aparentar, vestia uma saia curta com um cinto *Gucci* e tinha cabelo liso louro-cinza. Por entre as múltiplas pulseiras da mais fina qualidade à volta do pulso, reconheci um relógio *Cartier* com duas tonalidades de ouro. As suas pernas estavam envoltas de meias de seda brancas e os pés calçados com sapatos italianos de impecável elegância. Os seus olhos azuis pareciam permanentemente espantados como se tivesse tido uma visão horrível.

- Deseja falar com o Brinkley - informou-me, o seu olhar passando nervosamente do cartão ao meu rosto como se estivesse a desenhar o meu retrato.

- Fiz um importante trabalho para ele no fim-de-semana - expliquei, interrompendo-me sem saber até que ponto ela era de confiança.

- *Este* fim-de-semana?

- Preciso de falar com ele. Trata-se de um assunto pessoal.

- Não podia ter telefonado? - inquiriu, de olhos ainda mais *espantados*.

- Receio bem que não - respondi, recorrendo novamente à lei dos segredos oficiais. - Não teria sido prudente... *seguro* - expliquei com ambiguidade. - Não é uma conversa para se ter ao telefone. Não somos autorizados.

- *Nós*?

- As pessoas que têm estado a trabalhar com Lord Brinkley.

Subimos a uma comprida sala de estar com altas paredes vermelhas, espelhos dourados e o cheiro a *pot-pourri* e mel da tia Imelda.

- Vou deixá-lo aqui - anunciou, indicando-me uma sala mais pequena que era uma réplica da primeira. - Ele deve estar a chegar a casa. Quer tomar alguma coisa? Está *bem* assim. Então leia o jornal ou uma coisa qualquer.

Deixado sozinho, fiz um discreto reconhecimento óptico do que se encontrava à minha volta. Uma secretária antiga fechada à chave. Fotografias dos filhos em Eton e de líderes da África Central. Um resplandecente general Mobutu fardado: *Pour Jacques, mon fidèle ami, 1980*. A porta abriu-se e Lady Kitty avançou para um aparador de onde tirou um *shaker* de prata gelado para fazer *cocktails* e um copo.

- Aquela vulgar secretária dele - queixou-se, imitando um sotaque proletário. - «O Jack está numa reunião, *Kitty*.» *Deus meu*, detesto-os. De que é que vale ser par do Reino se toda a gente o trata por Jack? E não se pode dizer-lhes isso senão levam-nos a tribunal. - Sentou-se cuidadosamente no braço de um sofá e cruzou as pernas. - Disse-lhe que era uma crise. E é?

- Não se apanharmos a tempo - retorqui em tom consolador.

- Oh, havemos de a apanhar. O Brinkley é terrivelmente bom nisso. Apanha qualquer coisa em qualquer altura. Quem é o Maxie?

Há momentos na vida de um agente secreto a meio tempo em que só as mentiras directas resultam.

- Nunca ouvi falar de nenhum Maxie.

- Claro que ouviu ou não teria feito esse ar palerma. Bem, aposto a minha camisa nele, quer o conheça ou não. - Pôs-se a puxar pensativamente o peito da blusa de alta costura. - É casado, Bruno?

Mentir novamente ou manter-me tão perto da verdade quanto a segurança o permitia?

- Sou, sim. Com Hannah, não Penelope.

- E têm uma data de bebés adoráveis?

- Receio que ainda não. - À parte Noah.

- Mas hão-de ter. Com o tempo e tentando dia e noite. E a sua mulher *trabalha*?

- Certamente que sim.

- A valer?

- Muito.

- Coitada. Acompanhou-o durante o fim-de-semana em que você esteve a fazer diabruras com Brinkley?

- Não foi realmente esse género de fim-de-semana - respondi, afastando imagens de Hannah nua sentada ao meu lado na sala da caldeira.

- Philip estava lá?

- Philip?

- Sim, Philip. Não se arme em esperto.

- Não conheço nenhum Philip.

- Claro que conhece. É o vosso *Mr. Big*. Brinkley vai comer-lhe à mão.

O que é precisamente o problema de Brinkley, pensei, grato por ter as minhas expectativas confirmadas.

- E Philip *nunca* dá recados pelo telefone. Nenhum de vocês o faz. «Diga só que Philip telefonou», como se houvesse um único Philip no mundo inteiro. *Agora* diga-me lá que não o conhece.

- Já disse que não.

- Conhece e está a corar, o que é muito gentil. Ele provavelmente atirou-se a si. Brinkley chama-lhe a Rainha Africana. É intérprete de que línguas?

- Lamento, mas não posso dizer.

O olhar dela tinha-se pousado na sacola que eu tinha colocado no chão ao meu lado.

- O que é que leva aí? Brinkley diz que temos de revistar toda a gente que entra cá em casa. Tem uma bateria de televisões em circuito fechado por cima da porta da frente e traz as mulheres dele pelas traseiras para não se apanhar a si mesmo a fazer a sesta.

- Apenas o meu gravador – digo-lhe e tiro-o para lho mostrar.

- Para quê?

- Para o caso de não terem um.

- *Estamos aqui, querido!*

Ouviu o marido chegar antes de mim. Pondo-se de pé num pulo, voltou a guardar o copo e o *shaker* no aparador, fechou-o, esguichou qualquer coisa para dentro da boca com um pulverizador que tirou do bolso da blusa e, como uma menina de colégio culpada, alcançou a porta que dava para a sala de estar em duas passadas.

- O nome dele é *Bruno* – declamou alegremente aos passos que se aproximavam. – Conhece Maxie e Philip, mas pretende que não, é casado com uma mulher muito trabalhadora e quer ter bebés, mas ainda não, e trouxe um gravador para o caso de nós não termos um.

*

O meu momento da verdade estava à mão de semear. Lady Kitty tinha desaparecido e o marido estava à minha frente vestido num elegante fato às riscas azul-escuro com casaco traçado e cintado à moda dos anos trinta. A menos de cem metros de distância, Hannah aguardava a minha convocação. Tinha marcado o número do seu telemóvel no meu e dentro de uns minutos, se tudo corresse conforme o nosso plano, apresentaria a

Jack Brinkley as provas que, ao contrário do que quer que ele pudesse supor, estavam prestes a destruir todo o bom trabalho que ele tinha feito ao longo dos anos em África. Olhou primeiro para mim e, depois, prudentemente à volta da sala e, a seguir, de novo para mim.

– Isto é seu? – Segurava o meu cartão de visita por uma ponta como se este estivesse molhado.

– É, sim, *sir*.

– É o Sr. Quem em pessoa?

– Sinclair, *sir*. Mas apenas oficialmente. Sinclair foi o pseudónimo que me atribuíram no fim-de-semana. É possível que me reconheça pelo meu nome verdadeiro, Bruno Salvador. Trocámos correspondência.

Tinha decidido não mencionar os seus postais de Natal porque não eram personalizados, mas sabia que ele se lembraria da carta de apoio que lhe enviara e assim aconteceu, pois ergueu a cabeça e, sendo um homem alto, fez o que os juízes costumam fazer do alto da tribuna: olhou-me por cima dos seus óculos de aros grossos para ver o que tinha diante dele.

– Bem, então, vamo-nos desembaraçar primeiro dessa coisa, está bem, Salvador? – sugeriu. – Tirou-me o gravador da mão e, depois de se certificar de que não havia nenhuma *cassette* lá dentro, tornou a entregá-lo, o que me lembro de ter sido o mais próximo que estivemos de dar um aperto de mão.

Abriu a secretária e sentou-se de viés para ela. Examina a carta que me tinha escrito com o PS a dizer que esperava vir a conhecer-me um dia e – como, nessa altura, era membro do Parlamento – que pena eu não viver na sua circunscrição eleitoral, com dois pontos de exclamação, o que sempre me fez sorrir. Pela forma jovial como a leu, podia tratar-se de uma carta dirigida a ele mesmo que tinha muito gosto em receber. Quando terminou, não parou de sorrir e pousou-a à sua frente na secretária, dando a entender que talvez pudesse necessitar dela mais tarde.

– Então qual é exactamente o problema, Salvador?

– Bem, para dizer a verdade e se me perdoa, o problema é seu, *sir*. Fui apenas o intérprete.

– Oh, a sério? A interpretar o quê?

– Bem, toda a gente, *sir*. O Maxie, obviamente. Ele não fala nenhuma língua. Bem, fala inglês. E o Philip não fala suaíli muito bem. Assim, fui apanhado em fogo cruzado, por assim dizer. A fazer malabarices todo o

tempo. Acima e abaixo da linha de água.

Sorri desaprovadamente para comigo mesmo porque esperava que, por esta altura, ele já ouvira falar das minhas proezas em seu nome, as quais, juntadas umas às outras, eram consideráveis, quer eu tivesse, ou não, acabado no lado errado da cerca, o que era o que queria explicar-lhe como parte da minha reabilitação a seus olhos.

– *Linha de água?* Que linha de água?

– Era a expressão do Maxie, *sir*. Não minha. Para quando eu estava na sala da caldeira à escuta das conversas dos delegados enquanto descansavam. O Maxie tinha um homem chamado *Spider*. – Fiz uma pausa para o caso de o nome lhe dizer alguma coisa, mas, aparentemente, não disse. – *Spider* era um profissional da escuta. Tinha uma data de equipamento antiquado que ele montava ao último minuto. Uma espécie de conjunto DIY. Mas creio que também não está a par disso.

– A par de *quê*, exactamente?

Recomecei tudo outra vez. Não havia razão para não o fazer. Ainda era pior do que receava. Philip não lhe tinha contado uma fracção da história.

– Toda a ilha estava sob escuta, *sir*. Até o miradouro na colina estava sob escuta. Sempre que o Philip achava que tínhamos chegado a um momento crítico das negociações, pedia um intervalo e eu descia à sala da caldeira para escutar e passar o essencial a Sam no andar de cima a fim de que o Philip e o Maxie soubessem antecipadamente como proceder na sessão seguinte. E pedissem conselhos ao Sindicato e aos amigos do Philip através do telefone via satélite quando fosse necessário. Era por isso que nos concentrávamos em Haj. Quer dizer, o Philip concentrava-se. Com a ajuda do Tabizi, suponho eu. Eu era um instrumento involuntário.

– E quem é esse *Haj*, se posso perguntar?

Era chocante, mas verdade. Exactamente como eu tinha previsto, Lord Brinkley não fazia ideia do que tinha sido perpetrado sob a sua égide – nem sequer do seu papel como o único homem que podia dizer sim.

– O Haj era um dos delegados, *sir* – respondi, adoptando uma abordagem mais branda. – Havia três. Dois chefes das milícias... senhores da guerra, se preferir... e o Haj. Foi ele que lhe sacou mais três milhões de dólares – lembrei-lhe com um sorriso triste que ele pareceu partilhar: e assim deveria ser dado o moral ultraje que tão claramente tinha exprimido pelo telefone via satélite.

– E os outros chefes quem eram? – perguntou, ainda admirado.

– Franco, o homem dos mai mai, e Dieudonné, que é um munyamulenge. O Haj não tem uma milícia, mas pode arranjar uma sempre que quiser e, além disso, tem um entreposto de minerais em Bukavu, um negócio de cerveja e uma série de hotéis e cabarés. O pai dele, o Luc, é um manda-chuva em Goma. Mas o senhor sabe isso, não sabe?

Acenava a cabeça e sorria de uma maneira que me disse que estávamos a conectar. Em qualquer situação normal, calculei, ele estaria agora a premir um botão na secretária para chamar o azarento executivo responsável por aquela trifulhice, mas como ele não dava sinais de fazer isso, e, pelo contrário, cruzara as mãos por baixo do queixo como quem se prepara para ouvir uma longa história, decidi contar a história desde o princípio, como tinha feito com Hannah, embora de forma muito mais condensada e com muito menos preocupação pela sensibilidade da minha distinta audiência, talvez até *demasiado* pouca, como comecei a recear quando nos aproximámos do devastador momento em que Haj era torturado.

– Então, na sua opinião, onde é que tudo isto nos leva? – perguntou ele com o mesmo sorriso confiante. – Qual é a sua decisão final, Salvador? Vamos falar directamente com o primeiro-ministro? O Presidente dos Estados Unidos? A União Africana? Ou com todos eles ao mesmo tempo?

Permiti-me um riso de consolação.

– Oh, não creio que seja necessário, *sir*. Não penso, francamente, que seja necessário ir tão longe.

– Fico aliviado.

– Penso que basta mandar parar tudo isso imediatamente e certificarmos que tal acontece. Temos doze dias até eles entrarem em acção e, por isso, há muito tempo. Ponha cobro ao plano de guerra, demita o Mwangaza até encontrar apoiantes eticamente correctos... como o senhor, por exemplo, *sir*... e rasgue o contrato...

– Ah! Existe um *contrato*?

– Existe, sim! E realmente suspeito, se me permite dizê-lo, *sir*. Redigido por Monsieur Jasper Albin, de Besançon... o qual o senhor usou no passado e que, presumivelmente, a sua gente resolveu usar de novo... traduzido em suaíli por este seu humilde servidor.

Por esta altura, eu já estava a ficar um bocado entusiasmado. Suponho que a ideia de Hannah e eu podermos a qualquer momento voltar a emergir

da sombra e levar uma vida normal subia-me à cabeça.

– Tem, por acaso, uma cópia desse contrato?

– Não, mas viu-o, obviamente. E decorei certas passagens, o que, comigo... bem, é quase automático, para ser franco. – E o que é que o leva a supor que é suspeito?

– É falso. Já vi muitos contratos. E este é puramente hipotético. Pretende ser acerca de agricultura, mas, na realidade, é sobre abastecimento de armas e material para começar uma pequena guerra. Mas quem é que ouviu alguma vez falar de uma pequena guerra no Congo? É como estar um pouco grávida... – arrisquei temerariamente, citando Haj, e fui encorajado por um sorriso sabido por parte do meu anfitrião. – E os lucros provenientes das minas... Refiro-me ao chamado Quinhão do Povo... é uma grande trapaça. Uma fraude, francamente. Não há lá nada para o povo. Nenhum Quinhão para o Povo e nenhuns lucros para ninguém a não ser o Sindicato, o Mwangaza e os seus acólitos.

– Terrível – murmurou Lord Brinkley, abanando a cabeça em comiseração.

– Não me interprete mal, *sir*. O Mwangaza é um homem notável em muitos aspectos. Mas é velho. Bem, velho para este trabalho. Já faz figura de boneco e comprometeu-se tanto que não vejo como se possa libertar. Lamento imenso, mas é verdade, *sir*.

– É o costume nesse género de esquemas.

Citámos depois alguns exemplos de líderes africanos que, ao princípio, tinham dado sinais de grandeza para, uns anos mais tarde, se tornarem execráveis, embora eu pessoalmente duvidasse que Mobutu, cujo retrato figurava na secretária atrás dele, alguma vez se tivesse qualificado para ser admitido nessa liga. No entanto, devo dizer que me passou pela cabeça a ideia de que, se Lord Brinkley achasse por bem recompensar-me pela minha oportuna intervenção e, já agora, me mantivesse à mão, um emprego na sua organização podia ser a solução para ambos, pois, Deus meu, bem precisavam de alguém que lhes arrumasse a casa!

A pergunta que me fez a seguir deixou-me, por conseguinte, perplexo.

– E tem a certeza que me viu naquela noite?

– Em que noite, *sir*?

– Na noite em que diz que foi. Sexta-feira, certo? Perdi um pouco o fio à meada. Viu-me sexta-feira à noite em Berkeley Square, no interior de uma

casa.

- Sim.

- Lembra-se de como eu estava vestido?

- Roupa casual elegante. Calças castanho-acinzentadas, casaco de camurça, *mocassins*.

- Lembra-se de alguma coisa acerca da casa... à parte o número, em que não reparou ou se esqueceu?

- Sim. Lembro-me de tudo.

- Descreva-a, está bem? Nas suas próprias palavras. Comecei, mas sentia a cabeça a rodar e tinha dificuldade em designar, a pedido, os pormenores importantes.

- Tinha uma grande sala e uma escadaria que se dividia em duas...

- *Se dividia?*

- ... e águias por cima das portas...

- *Águias vivas?*

- À parte o senhor, havia toda a espécie de pessoas lá. Não pretenda, por favor, que não estava lá, *sir*. Falei consigo. Agradei-lhe a sua posição em África.

- Consegue identificar alguém?

Identifiquei-os, embora sem a minha habitual ousadia. Estava a ferver e, quando começo a ferver, é difícil conter-me. Designei o tipo que hostilizava companhias a quem davam a alcunha de almirante Nelson por ter uma pala num olho. O famoso apresentador de TV do mundo *pop*, também. E o jovem aristocrata que é dono de uma boa parte de West End. O antigo ministro das Finanças africano exilado. O bilionário indiano que fez fortuna no negócio de roupas. O proprietário de supermercados que tinha adquirido recentemente um dos nossos grandes jornais diários «por passatempo». Estava a fraquejar, mas continuei a tentar.

- O homem a quem chamou Marcel, *sir*! - gritei. - O africano que queria ao seu lado quando convocasse a sua conferência...

- A Rainha também lá estava?

- Está a falar do Philip? O homem a quem o senhor chama a Rainha Africana? Não, não estava! Mas o Maxie encontrava-se lá. O Philip só apareceu na ilha.

Não terá sido minha intenção elevar a voz, mas tinha-o feito, e a reacção de Lord Brinkley foi baixar a sua em contraponto.

– Continua a falar de *Philip* e *Maxie* como se fossem meus amigalhões – queixou-se. – Nunca os conheci nem ouvi falar deles. Não sei de quem é que você está a falar.

– Então por que é que não pergunta ao raio da sua mulher? Deitei tudo a perder. Não se pode descrever a ira cega a não ser que a pessoa com quem se está a falar viva pessoalmente essa experiência. Há sintomas físicos. Picadas nos lábios, tonturas, astigmatismo temporário, náuseas e a incapacidade de distinguir cores próximas. Além de que, devo acrescentar, há uma dúvida quanto ao que acabámos de dizer em oposição ao que nos vem à boca, mas não expelimos.

– Kitty! – berrou, abrindo a porta. – Tenho uma coisa a perguntar ao raio da minha mulher! Importas-te de vir aqui um minuto?

*

Como uma sentinela, Lady Kitty manteve-se de pé sem se mexer. Os seus olhos azuis, isentos de brilho, fitavam os do marido.

– Kitty, minha querida. Duas rapidinhas. Vou dizer uns nomes e quero que respondas logo, intuitivamente, sem pensares. *Maxie*?

– Nunca ouvi falar dele. Nem em mil anos. O último Max que conheci morreu há séculos. As únicas que se chamavam Maxie eram os mercadores.

– *Philip*. O nosso amigo aqui presente diz que eu lhe chamo Rainha Africana, o que, para falar com franqueza, acho insultante para ambos.

Ela franziu a testa e arriscou levar um dedo aos lábios.

– Desculpa. Também não me lembro de nenhum Philip. Há uma Philippa Perry-Onslaught, mas é uma rapariga ou, pelo menos, é o que ela diz.

– E já agora, enquanto estás aqui, minha querida. A noite de sexta-feira passada... a que horas é que disse que foi?

– A esta hora, respondi.

– Há setenta e duas horas, portanto, se quisermos ser precisos... Sexta-feira, lembra-te, quando costumamos ir para o campo, mas esquece isso por um instante. Não estou a tentar meter-te ideias na cabeça... *Onde é que estivemos?* – Consultou ostensivamente o relógio. – Sete e dez da tarde. Pensa bem, por favor.

– A caminho de Marlborough, claro está.

- Com que finalidade?

- Para passarmos o fim-de-semana. O que é que achas?

- E, se fosses necessária, estarias pronta a jurá-lo diante de um tribunal? Porque temos aqui um jovem... muito dotado, muito encantador e bem intencionado... que está a fazer confusões graves... algumas muito *perigosas* para todos nós.

- É evidente que sim, meu querido. Não sejas parvo.

- E como é que fomos para Marlborough, querida? Que meio de transporte é que usámos?

- O carro, evidentemente. Que brincadeira é esta, Brinkley?

- Foi o Henry quem nos conduziu?

- Não, guiaste tu. O Henry estava de folga.

- Lembras-te a que horas partimos?

- Oh, querido, sabes muito bem. Tinha tudo embalado e pronto por volta das três, mas tu almoçaste tarde como de costume e partimos à pior hora de ponta do mundo. Só chegámos a Hall às nove e o jantar estava intragável.

- Quem é que passou o fim-de-semana connosco?

- O Gus e a Tara, claro está. Comida à borla, como de costume. Já é altura de nos convidarem para jantar no Wilton's. Estão sempre a dizer que sim, mas a verdade é que nunca o fazem - explicou, virando-se para mim como se eu entendesse.

Até então eu tinha estado a acalmar, mas deparar de caras com o seu olhar inexpressivo foi suficiente para me pôr novamente em efervescência.

- Estava *lá!* - explodi, voltando-me depois para a mulher. - Apertei o raio da mão do seu marido. E o Maxie também lá estava! Julga que se safa no Kivu, mas não vai conseguir. Não é nenhum conspirador, é um soldado. Estiveram na ilha a planear uma guerra por procuração de modo que o Sindicato pudesse extrair o *coltan* e vendê-lo a curto prazo, e torturaram o Haj! Com um agulhão eléctrico que o *Spider* lhes fez. Posso prová-lo.

Tinha-o dito e não podia desdizer-me, mas, pelo menos, tive a inspiração de me deter.

- Provar como? - inquiriu Brinkley.

- Com as notas que tirei.

- Que notas?

Recuei ao lembrar-me do que tinha dito Hannah.

- Assim que regressei dessa ilha, redigi umas notas - menti. - Tenho uma excelente memória. Enquanto tenho as palavras frescas na cabeça, posso assentar tudo, tintim por tintim, e foi o que fiz.

- Onde?

- Ao chegar a casa. Imediatamente.

- E onde é que fica a sua casa? - O seu olhar pousou-se na carta diante dele em cima da secretária: *Caro Bruno*. - Mora em Battersea. Quer dizer, então, que se sentou e escreveu tudo o que se lembrava, palavra a palavra. Que maravilha...

- Exactamente tudo.

- A começar por onde?

- Pelo meu encontro com o Sr. Anderson.

- Até onde?

- Berkeley Square. A estação em Battersea Park. O aeroporto de Luton. A ilha. O regresso.

- Então trata-se da *sua* narrativa do que *você* viu e ouviu na *sua* ilha recordada na tranquilidade da *sua* casa em Battersea, várias horas mais tarde.

- Sim.

- Tenho a certeza de que é muito inteligente, mas receio que isso não seja o que chamam propriamente provas. Dá-se o caso de eu ser advogado. Tem essas notas consigo.

- Não.

- Provavelmente, deixou-as em casa.

- Provavelmente, deixei.

- Provavelmente. Mas claro que pode pôr-lhes as mãos em cima se decidir fazer chantagem comigo ou vender a sua ridícula histórias aos jornais. - Suspirou, como um homem bom que chegou a uma triste conclusão. - Bem, então é isso, não é? Lamento muito por si. É convincente e tenho a certeza de que acredita no que diz. Mas previno-o que seja discreto antes de repetir essas alegações fora destas quatro paredes. Nem toda a gente se mostrará tão leniente como nós. Ou você é um criminoso experiente ou, então, necessita de tratamento médico. Se calhar, ambas as coisas.

- Ele é casado, querido - atalhou obsequiosamente Lady Kitty dos bastidores.

- Contou isto à sua mulher?

Creio que respondi que não.

- Pergunta-lhe por que é que trouxe um gravador.

- Por que é que fez tal coisa?

- Trago sempre um comigo. Há pessoas que andam com computadores. Sou intérprete e, por isso, trago um gravador.

- Sem *cassettes* - lembrou-nos Lady Kitty.

- Guardo-as em separado - expliquei.

Houve um momento em que pensei que Brinkley pudesse querer obrigar-me a despejar os bolsos na mesa e, nesse caso, eu não teria sido responsável pelas minhas acções, mas julgo agora que ele não teve coragem. Ao passar por debaixo da bateria de televisões em circuito fechado, teria com mais prazer voltado à direita em vez de à esquerda ou, já agora, ter-me atirado para debaixo de um veículo que viesse convenientemente a passar do que confessar o grau de loucura, raiva e humilhação em que me encontrava à minha adorada Hannah, mas, felizmente, os meus pés foram mais sensatos do que eu. Ia a entrar no café, mas ela tinha-me visto e veio encontrar-se comigo à porta. Mesmo à distância, a minha expressão deve ter-lhe dito tudo o que ela precisava de saber. Voltei a guardar as *cassettes* e os blocos-notas e Hannah agarrou-me por um braço com ambas as mãos e conduziu-me ao longo do passeio como se estivesse a afastar um ferido da cena do acidente.

*

Num supermercado algures, comprámos lasanha e uma *tarte* de peixe congelada para cozinhar no microondas de Hannah, mais salada, fruta, pão, queijo, leite, seis conservas de sardinha, chá e duas garrafas de *Rioja*. Fizemos sinal a um táxi e consegui lembrar-me da morada da pensão do Sr. Hakim e até dar o número da porta ao motorista vinte casas antes do nosso destino. Não estava preocupado comigo, mas com Hannah. Num deslocado gesto de galanteria, até cheguei a sugerir-lhe que ela dormisse na sua residência.

- Boa ideia, Salvo. Arranjo um belo médico jovem e deixo-te salvars o Kivu sozinho.

Mas, quando nos sentámos para comer juntos a nossa primeira refeição

cozinhada em casa, ela tinha recuperado a sua vivacidade.

- Sabes uma coisa?

- Duvido.

- Esse teu Lord Brinkley... Penso que ele pertence a uma tribo bastante bera – disse, abanando a cabeça e rindo-se até eu não ter outro remédio se não fazer o mesmo.

*

Eram quatro e um quarto pelo relógio da tia Imelda quando ela me acordou para me dizer que o meu telemóvel estava a tocar na mesa com tampo de vidro junto da janela de sacada. Tendo-o ligado para o meu encontro com Lord Brinkley, esquecera-me de o desligar ao chegarmos a casa. Quando atendi, já tinha posto o gravador a funcionar.

Penelope: O raio do meu apartamento, Salvo. O apartamento que *tu* desertaste, não eu. E tens a ousadia, a lata... Sabes o que vou fazer? Vou fazer queixa de ti. Os meus armários. A secretária do papá... a porra da *tua* secretária... a que ele te deu... a fechadura rebentada... os teus papéis espalhados no chão... (*respiração*) a minha roupa, meu perverso de merda, espalhada por todo o quarto... (*respiração*) OK. O Fergus já vem a caminho. Portanto, tem cuidado. Não é serralheiro, mas vai certificar-se de que *nunca mais* entras nesta casa com a *minha* chave. E, depois de fazer isso, vai descobrir onde estás. Se fosse a ti, desaparecia do mapa. O Fergus conhece pessoas, Salvo, e nem todas são lá muito simpáticas. Se julgas, nem que seja por um minuto...

Deitámo-nos na cama a pensar em retrocesso. Tinha saído de casa de Brinkley às sete e vinte. Às sete e vinte e meio segundo, ou por volta disso, ele telefonara a Philip ou a quem quer fosse. Às sete e meia, Philip, ou alguém, tinha descoberto que Penelope andava a fazer a ronda dos *cocktails* da noite. Tinham descoberto, caso ainda não o soubessem, que havia blocos-notas em branco no saco do lixo de *Spider* e gravações em branco nos seus arquivos. Que sítio melhor onde os procurar do que a casa conjugal?

*

- Salvo?

Uma hora meio a dormirar tinha passado sem nenhum de nós falar.

- Por que é que um homem que foi torturado canta uma canção infantil?
Os meus doentes não cantam quando sentem dores.

- Talvez estivesse satisfeito por ter desabafado - responde Salvo, o bom católico.

Incapaz de dormir, vou para a casa de banho em bicos dos pés com o transístor e ouço através dos auscultadores o noticiário da BBC. Carros armadilhados com bombas no Iraque. Insurgentes matam dezenas de pessoas. Mas ainda nada acerca de um intérprete de primeira e agente secreto britânico a meio tempo em fuga.

— **A** tarde inteira para encontrar *um homem*? – protesto a armar em marido ciumento para atrasar a partida dela. – O que é que vais fazer com ele quando o encontrares?

– Estás a ser novamente ridículo, Salvo. O Baptiste não é uma pessoa que se possa simplesmente visitar. Os ruandeses são muito manhosos. Ele tem de esconder o seu rasto até mesmo daqueles que o apoiam. Agora, deixa-me ir embora, por favor. Tenho de estar na igreja dentro de quarenta minutos.

A igreja é a Missão Pentecostal Bethany, que fica lá para o fundo de North London.

– Com quem é que te vais encontrar lá?

– Sabes muito bem. Com a minha amiga Grace e as senhoras da instituição de beneficência que nos paga o autocarro e arranja alojamento para os nossos miúdos da catequese. Agora, deixa-me ir, por favor.

Está vestida com um bonito gorro, saia azul comprida e bolero de seda selvagem. Conheço a história deste seu conjunto sem ela me dizer nada. Num dia especial, como o Natal ou o seu aniversário, depois de ter pago a renda e enviado à tia a mesada mensal para Noah, ela ofereceu-se um vestido novo. Já o lavou e passou a ferro cem vezes e, agora, o vestido estás nas últimas.

– E o belo reverendo? – pergunto com ar severo.

– Tem cinquenta e cinco anos e é casado com uma senhora que nunca o perde de vista.

Extraio um último beijo, peço-lhe desculpa e extraio outro. Segundos depois ela sai da pensão, descendo o passeio com a saia a balançar, enquanto eu a espreito da janela. Passámos toda a noite anterior em conselhos de amor e de guerra. Os outros casais, creio eu, não experimentam ao longo da vida as tensões a que a nossa relação tem sido sujeita no decorrer de quatro dias breves. As minhas súplicas para ela fugir

enquanto havia tempo e desembaraçar-se de mim pela sua própria salvação, pela de Noah e da sua carreira, etcetera, caíram em orelhas moucas. O destino dela era permanecer ao meu lado. Fora predestinado. Por Deus, por uma vidente em Entebe e por Noah.

– Por *Noah*? – repeti, rindo-me.

– Disse-lhe que tinha conhecido o novo pai dele e ele está muito contente.

Às vezes, sou demasiado inglês para ela, demasiado indirecto e contido. Às vezes, ela é inalcançável, uma africana exilada, perdida nas suas recordações. A minha estratégia preferida após o assalto em Norfolk Mansions era mudar de esconderijo imediatamente, fugir e recomeçar de novo numa parte nova da cidade. Hannah não concordava, argumentando que, se o alarme fosse dado, uma mudança brusca chamaria a atenção sobre nós. Era melhor ficar no mesmo lugar e portarmo-nos com naturalidade, disse. Submeti-me à sua opinião e desfrutámos um tranquilo pequeno-almoço com os outros hóspedes em vez de nos escondermos como fugitivos no quarto. Ao terminarmos, ela mandou-me para o quarto, insistindo que precisava de ter uma conversa em privado com o Sr. Hakim, homem narcisista e reluzente susceptível aos encantos femininos.

– O que é que lhe disseste? – perguntei-lhe quando ela voltou a rir.

– A verdade, Salvo. Nada senão a verdade. Mas não toda. Exigi uma confissão completa. Em inglês.

– Conte-lhe que éramos amantes fugidos e que os nossos desalmados pais nos perseguem, espalhando mentiras acerca de nós. Ternos de contar com a sua ajuda ou procurar outra pensão.

– E o que é que ele respondeu?

– Podemos ficar, pelo menos, mais um mês. Há-de proteger-nos com a sua própria vida.

– Achas que sim?

– Por mais cinquenta libras por semana do teu dinheiro de Judas, será tão corajoso como um leão. A seguir, apareceu a mulher e disse-me que nos protegeria de graça. Se alguém a tivesse protegido quando era nova – disse ela –, nunca se teria casado com o Sr. Hakim. – Ambos acharam isso muito divertido.

Tínhamos falado do delicado problema de comunicação, o qual eu sabia pela Sala de Conversa ser o ponto mais fraco dos operadores clandestinos.

A pensão do Sr. Hakim não tinha telefone público. O único telefone estava na cozinha. O meu telemóvel era uma ratoeira, expliquei a Hannah, falando com o conhecimento de alguém a par do assunto. Com a tecnologia de hoje, um telemóvel podia revelar o meu paradeiro no planeta em poucos segundos. Já comprovei isso, Hannah, havias de ter ouvido o que ouvi nos meus cursos de um dia. Entusiasmado-me com o tópico, fiz uma digressão através da arte de inserir um míssil letal no raio de rádio de um telemóvel para decapitar o utente.

- Bem, mas o *meu* telemóvel não te fará explodir - retorquiu ela, tirando uma versão com as cores do arco-íris da bolsa.

De um só golpe, o nosso contacto secreto foi estabelecido. Guardaria o telemóvel dela e ela pediria emprestado o de Grace. Se precisasse de chamar Hannah na igreja, poderia fazê-lo através de Grace.

- E *depois* da igreja? - insisti. - Quando andares à caça do Baptiste, como é que entro em contacto contigo?

Pela sua expressão fechada, percebi que tinha mais uma vez infringido a divisão cultural. Hannah podia não ser versada nas artes da Sala de Conversa, mas o que é que Salvo sabia da comunidade congolesa de Londres ou onde as suas personalidades se escondiam?

- O Baptiste voltou dos Estados Unidos há uma semana. Tem uma nova morada e, possivelmente, também outro nome. Vou falar, primeiro, com o Louis.

Louis era o adjunto oficioso de Baptiste e chefe da agência europeia do Caminho do Meio, explicou ela. E também amigo íntimo de Salomé, amiga da irmã de Baptiste, Rose, em Bruxelas. Mas, actualmente, Louis andava escondido e, assim, tudo dependia de Rose ter voltado do casamento do sobrinho em Kinshasa. Caso contrário, talvez fosse possível falar para Bien-Aimé, amante de Rose, mas não se a mulher de Bien-Aimé estivesse na cidade.

Aceitei a derrota.

*

Estou sozinho, abandonado até à noite. Segundo os estritos regulamentos que impus a mim mesmo depois do assalto em Norfolk Mansions, falar no meu telemóvel requer uma caminhada de um quilómetro e meio ao longo

de uma estrada alinhada de árvores da pensão do Sr. Hakim até uma gare de autocarros vazia. Afasto-me lentamente, espalhando a distância. A única mensagem que recebo é de Barney, o extravagante assistente do Sr. Anderson e o Don Juan do grupo da Sala de Conversa. Do seu ninho de águia no alto da plataforma, Barney vê todos os cubículos de áudio e pela blusa abaixo de todas as fêmeas elegíveis. A sua chamada é de rotina. A surpresa seria se ele não a tivesse feito, mas fez. Ouvia-a duas vezes.

Olá, Salvo. Onde raio é que se meteu? Tentei Battersea e tive de aturar a Penelope. Temos a dose do costume para si. Nada mortal, mas telefone-nos assim que receber este recado para sabermos quando quer passar por *cá*. *Ciao*.

Com a sua mensagem aparentemente inocente, Barney levantou as minhas mais profundas suspeitas. É sempre desconfiado, mas, esta manhã, está tão desconfiado que não confio em nada do que ele diz. *Assim que receber este recado*. Porquê com tanta brevidade, se estamos a falar da dose do costume? Ou tem ele ordens, como desconfio, para me atrair à Sala de Conversa onde Philip e os seus homens de mão estarão à minha espera para me dar o tratamento que deram a Haj?

Caminho novamente, mas de modo mais alerta. O desejo de recuperar o reconhecimento pelos meus feitos e, daí, o respeito de Hannah depois da catástrofe com Brinkley é intenso. Da humilhação surge um inesperado raio de inspiração.

Não me aconselhou a própria Hannah a ir falar com Anderson em vez de Sua Senhoria. É o que farei! Mas nas minhas condições, não nas de Anderson nem de Barney. Eu, e não eles, escolherei a hora, o lugar e a arma. E, quando tudo estiver preparado, e só então, hei-de contar o meu plano a Hannah!

Primeiro, as coisas práticas. Compro o *Guardian* num mini-mercado para arranjar trocos e caminho até uma cabina telefónica isolada me fazer sinal. É construída de vidro duro, o que permite a quem telefona vigiar os arredores, e aceita moedas. Coloco a sacola a meus pés. Clareio a garganta, remexo os ombros para os relaxar e devolvo a chamada a Barney como requerido.

- Sal! Recebeu a minha mensagem? Estupendo! Que tal o turno desta tarde e, depois, vamos beber uma cerveja?

Barney nunca na vida me propôs uma cerveja, nem antes nem depois do trabalho, mas não digo nada. Estou tão descontraído quanto ele.

- Para dizer a verdade, hoje é um pouco difícil, Barney. Tenho de servir de intérprete num assunto legal importante. É chato, mas pagam uma pipa de massa. Podia fazer qualquer coisa amanhã, se lhe der jeito. De preferência ao fim da tarde, género das quatro às oito.

Estou a apalpar terreno, é isso que o meu plano exige. Barney está a apalpar terreno e eu também. A diferença é que ele não sabe que eu estou. Deste vez, demora um pouco a responder. Talvez esteja alguém ao seu lado.

- Ouça, por que não agora, pela sua rica saúde? - pergunta, abandonando a abordagem doce que, no melhor dos casos, não é o seu estilo. - Adie o seu encontro com esses tipos. Um par de horas não lhes fará nenhuma diferença. Pagamos-lhe o direito de prioridade, não pagamos? Onde é que você está?

Ele sabe muito bem onde estou. Está indicado no ecrã em frente dele e, portanto, por que é que ele pergunta? Está a ganhar tempo enquanto ouve mais conselhos?

- Numa cabina telefónica - queixo-me jovialmente. - O meu telemóvel não funciona.

Esperamos de novo. Isto é Barney em câmara lenta.

- Então apanhe um táxi. Inclua a corrida nas despesas gerais. O patrão quer apertá-lo contra o peito. Proclama que você salvou a nação no fim-de-semana, mas não explica como.

O meu coração dá um salto mortal duplo. Barney revela o seu jogo! Mas mantenho-me calmo. Não me mostro impulsivo. O Sr. Anderson ficaria orgulhoso de mim.

- O mais cedo que posso ir aí é amanhã à tarde, Barney - digo calmamente. - O patrão poderá apertar-me contra o peito nessa altura.

Desta vez, a reacção é imediata.

- Enlouqueceu? É quarta-feira, pá. A noite sagrada!

O meu coração executa mais umas cabriolas, mas não permito que nenhuma entoação triunfalista se manifeste na minha voz.

- Então fica para quinta-feira ou nada, Barnes. É o melhor que posso

fazer por si a não ser que me diga que é extremamente urgente, o que já me disse que não era. Desculpe, mas tem de ser assim.

Desligo. Desculpas para nada. Amanhã é a noite sagrada e conta a lenda que, em vinte anos, o Sr. Anderson nunca faltou a uma noite sagrada. Philip e a sua gente podem estar a bater-lhe à porta, blocos-notas vitais escaparam às chamas, desapareceram gravações. Mas a noite de quarta-feira é a noite sagrada e o Sr. Anderson canta em voz de barítono na sociedade coral de Sevenoaks.

Estou indeciso. Reprimindo a vontade de telefonar imediatamente a Hannah através do telemóvel de Grace e dar-lhe a conhecer o meu golpe de génio, ligo para as informações e, numa questão de segundos, passam-me a crítica de arte do *Sevenoaks Argus*. Tenho um tio, explico habilmente. É o barítono principal da sociedade coral local. Amanhã é o aniversário dele. Podia ela ter a amabilidade de me dizer a que horas a sociedade coral de Sevenoaks vai reunir-se na noite de quarta-feira?

Ah, bem. Pode e não pode. Tenho eu alguma ideia se o meu tio é autorizado ou não autorizado?

Confesso que não tenho nenhuma.

A minha resposta agrada-lhe. Em Sevenoaks, explica-me, é raro termos *duas* sociedades corais. O festival de música, *Sing Fest*, terá lugar dentro de apenas três semanas no Albert Hall. Ambas as sociedades irão competir e ambas têm a possibilidade de ganhar um prémio.

Talvez ela possa explicar-me a diferença entre uma e outra, sugiro.

Pode, mas não devo citá-la. *Autorizado* significa associado a uma igreja respeitável, *preferivelmente* uma igreja anglicana, mas não é obrigatório. O que quer dizer maestros e professores *experientes*, mas não profissionais, porque não temos dinheiro. Utilizam *apenas* o talento local e não se convidam *nenhuns* cantores do exterior.

E não autorizado?

Não autorizado, mas não devo igualmente citá-la, significa que não é associado com uma igreja ou, pelo menos, com nenhuma que conheçamos, e significa *novo* dinheiro, quer dizer, comprar, pedir emprestado ou roubar quem quer que seja sem olhar a custos nem onde residem, e, *praticamente*, tratar um grupo coral como se fosse uma equipa de futebol. Tinha ela sido suficientemente clara?

Tinha, de facto. O Sr. Anderson nunca fizera nada não autorizado na

vida.

Depois de regressar à pensão do Sr. Hakim aos ziguezagues, no estilo que Maxie nomearia saltos tácticos, não perdi tempo e telefonei a Hannah com a firme intenção de pô-la a par da minha proeza. A chamada foi atendida por Grace, que tinha novidades inquietantes.

– A Hannah anda realmente deprimida, Salvo. Os tipos das obras de beneficência têm tantos problemas que uma pessoa se pergunta onde é que vão buscar a caridade.

Quando Hannah veio ao telefone, mal reconheci a sua voz. Falou em inglês.

– Se estivéssemos apenas um pouco menos negros, Salvo. Se tivéssemos uma desculpa branca no sangue. Não tu, tu és OK. Mas nós somos *chocantes*. Somos negros-negros. Não há maneira de nos contornar. – A sua voz foi-se abaixo, mas, depois, voltou a animar-se. – Tínhamos três miúdos que iam morar com uma certa Sra. Lemon. Não conheciam a amável Sra. Lemon, mas gostavam dela, OK?

– OK.

– Duas noites em casa dela à beira-mar constitui, para eles, um sonho.

– Claro.

Outra pausa enquanto ela se recompõe.

– A Sra. Lemon é cristã e, por isso, não ia cobrar nada. Amelia, uma das minhas meninas da catequese, pintou um sol a brilhar sobre o mar e o sol era um limão a sorrir, OK?

– OK.

– Bem, e agora a Sra. Lemon não se sente muito bem. – A sua voz quase gritou de raiva ao imitar a voz da Sra. Lemon. – «É por causa do meu coração, querida. Não posso ficar perturbada. Só que eu não sabia, está a perceber? Pensámos que as crianças eram simplesmente pobres.»

Grace recupera o telemóvel e a voz dela é tão amarga como a de Hannah.

– Há um café a meio da estrada para Bognor. Autocarros bem-vindos. A Hannah e eu fizemos uma combinação com esse café. Trinta pedaços de frango, refeições gratuitas para nós e o motorista. Um refrigerante por pessoa. Cem libras. Achas razoável?

– Muito razoável, Grace. Parece-me realmente muito razoável.

– Há quinze anos que o motorista leva grupos para esse café, miúdos das

escolas, todo o tipo de garotos. Excepto que são brancos. Quando o dono percebeu que os nossos eram negros, lembrou-se que tinha normas diferentes. «É por causa dos reformados», disse-nos. «Vêm para estar tranquilos, estão a ver? É por isso que não aceitamos miúdos, a não ser que sejam brancos.»

– Sabes uma coisa, Salvo? A Hannah vem aí e, desta vez, pronta para o combate.

– O que é que eu sei, meu amor?

– O Congo deveria, se calhar, invadir Bognor.

Rio-me, ela ri-se. Conto-lhe agora o meu brilhante plano, correndo o risco de lhe causar mais ansiedade, ou será melhor falar-lhe disso mais tarde? Não digas nada, digo a mim mesmo. Por causa de Baptiste, ela já tem suficientes coisas com que se preocupar.

O meu brilhante plano precisa de ser trabalhado.

Durante cinco horas, e ingerindo apenas uma porção de lasanha fria, trabalho no meu computador portátil. Assistido por passagens seleccionadas das gravações e dos blocos-notas que traduzo, quando necessário, em inglês, mais várias frases textuais de Philip ao telefone via satélite, exponho de forma acusatória a intriga que, segundo o Sr. Anderson me tinha assegurado, era para o bem da nação. Rejeitando o habitual *Caro Sr. Anderson*, começo o meu ataque com: *Sabendo, como sei, que é um homem honrado e íntegro*. E também sabendo que ele é um leitor lento e meticoloso, limito-me a enviar-lhe vinte páginas cuidadosamente compiladas que incluem, como apêndice, a entrada ilegal em Norfolk Mansions. Em floreado final, dou à minha obra o título *J'Accuse!*, a corajosa defesa do coronel Dreyfus feita por Émile Zola, uma saga de tenacidade moral adorada pelo irmão Michael. Faço uma disquete e desço apressadamente ao território da Sra. Hakim, uma fanática de informática. Com as gravações e blocos-notas roubados repostos no esconderijo atrás do nosso frágil guarda-vestidos e a disquete discretamente destruída e guardada no caixote do lixo da cozinha por motivos de segurança, vejo o noticiário das seis horas e tenho o prazer de constatar que ainda não há nenhuma inquietante notícia de uma *zebra* louca em fuga.

Não fiquei impressionado com as disposições operacionais tomadas para o nosso encontro com Baptiste, mas também não esperava ficar. Como ele recusava revelar a sua morada actual, ele e Hannah tinham combinado, sem me participar, que ela me levaria ao café Rico's em Fleet Street às dez e meia da noite. A partir daí, um camarada de armas sem nome conduzir-nos-ia a um ponto de encontro sem nome. A minha principal preocupação eram as gravações e os blocos-notas. Levá-los comigo ou deixá-los no seu esconderijo? Não encarava a possibilidade de, logo à primeira vez, os entregar a Baptiste, mas, por lealdade para com Hannah, sabia que devia levá-los comigo.

Dado os seus dissabores matinais e os seus esforços à tarde, esperava encontrá-la maldispota, mas, para meu alívio, tal não aconteceu. A razão imediata do seu contentamento era Noah, com quem tivera uma longa conversa há apenas uma hora. Como de costume, tinha falado primeiro com a tia para o caso de haver más notícias, mas a tia limitara-se a dizer «Deixa-o ser ele a contar, Hannah», e tinha passado o telefone ao garoto.

– Imagina que está em terceiro lugar na aula, Salvo – explicou-me ela, toda satisfeita. – Falámos em inglês e ele fez realmente progressos. Fiquei espantada. E, ontem, a sua equipa de futebol ganhou o torneio dos sub-10 em Kampala e ele meteu um golo.

Estava a partilhar a sua euforia quando um BMW violeta com música *rap* a sair por todas as janelas parou na rua com um guinchar de pneus. O motorista tinha óculos escuros e uma barbicha pontiaguda como Dieudonné, e o corpulento africano sentado ao seu lado lembrou-me Franco. Entrámos e o motorista carregou no acelerador. Ziguezagueámos errática e velozmente em direcção a sul sem respeitar lá muito a luz dos semáforos nem as pistas reservadas aos autocarros. Atravessámos aos solavancos um terreno industrial esburacado de descarga de pneus e tivemos de dar uma guinada para evitar um trio de rapazes empilhados numa cadeira de rodas com os braços esticados como acrobatas, que surgiram de repente pela frente. Parámos e o motorista gritou «Agora» e, depois, o BMW deu meia volta e afastou-se com um rugido, deixando-nos num beco calçadado que cheirava muito mal. Por cima de chaminés vitorianas, gigantescas gruas olhavam-nos do céu nocturno cor de laranja como girafas. Dois africanos aproximaram-se a passo lento de nós. O mais alto usava uma sobrecasaca de seda e muitas jóias de ouro.

– É este o gajo sem nome? – perguntou a Hannah em suaíli congolês.

Fala só em inglês, Salvo, tinha-me ela prevenido. *Quem fala a nossa língua torna-se demasiado interessante*. Em contrapartida, fizera-a prometer que, no decorrer da entrevista, nos portássemos como conhecidos e não amantes. Era responsável pelo seu envolvimento nisto e estava decidido a mantê-la à distância.

– O que é que está dentro da sacola? – perguntou o mais baixo também em suaíli.

– É para ser entregue pessoalmente ao Baptiste – replicou Hannah.

O mais alto avançou para mim e com dedos esguios verificou o peso da sacola que eu trazia ao ombro, mas não a abriu. Com o colega atrás, seguimo-lo subindo a escada de pedra de uma casa e fomos acolhidos por mais música *rap*. Num café iluminado a néon, africanos de idade, todos de chapéu, assistiam ao espectáculo de uma banda congoleza a tocar com toda a gana numa televisão de plasma de tamanho industrial. Os homens bebiam cerveja e as mulheres, sumo. Em mesas separadas, rapazes encapuçados falavam com as cabeças encostadas. Subimos outra escada e entrámos numa sala com as paredes forradas a papel, sofás de chita e tapetes de *nylon* a imitar peles de leopardo. A fotografia de uma família africana na sua melhor roupa de domingo estava pendurada numa das paredes. A mãe e o pai ao meio, e os seus sete filhos aos lados por ordem descendente de alturas. Sentámo-nos, Hannah no sofá e eu numa cadeira em frente. O homem alto colocou-se à porta, batendo com o pé ao ritmo da música que vinha do café.

– Querem um refrigerante ou qualquer outra coisa? Cocaína ou uma coisa assim?

Abanei a cabeça.

– E ela?

Um carro parava de mansinho lá fora. Ouvimos o duplo clique da porta de um carro caro a abrir e a fechar, e, depois, passos a subir as escadas. Baptiste era um Haj sem graça. Era elegante, esguio e de feições encovadas. Estava vestido à designer com óculos de sol *Ray-Ban*, casaco de camurça, colar de ouro e botas texanas bordadas com chapéus à cowboy. Havia um ar de irreabilidade à volta dele, como se não só a roupa como o corpo tivessem sido recentemente adquiridos. Tinha um *Rolex* de ouro no pulso direito. Ao vê-lo, Hannah levantou-se alegremente de um

pulo e gritou o nome dele. Sem lhe responder, ele despiu o casaco, lançou-o para cima de uma cadeira e murmurou «Desaparece» ao nosso guia, que se esgueirou pelas escadas abaixo. Baptiste posicionou-se de pélvis para a frente e pés afastados, estendendo as mãos num convite a Hannah para lhe dar um beijo. O que, após um momento de espanto, ela fez e, a seguir, riu-se.

– O que raio é que a América te fez, Baptiste? – protestou em inglês, como tínhamos combinado. – Estás tão... – procurou a palavra – tão repentinamente *rico*!

Ainda sem dizer palavra, ele beijou-a, com modos de proprietário que considere excessivos, na face esquerda, na direita e, depois, novamente na esquerda, enquanto me media da cabeça aos pés.

*

Hannah voltara a sentar-se no sofá e eu diante dela com a sacola ao lado. Baptiste, mais descontraído do que algum de nós, tinha-se deixado cair numa poltrona de brocado com as pernas esticadas para Hannah, como se propusesse envolvê-la entre elas.

– Então qual é a dor de cabeça? – perguntou com os polegares enfiados no cinto *Gucci*, estilo Blair-Bush.

Procedi com cautela, consciente de que o meu primeiro dever era prepará-lo para o choque que estava prestes a infligir-lhe. Tão amavelmente quanto podia – e, em retrospectiva, admito, com uma ponta da verbosidade à Anderson preveni-o de que era provável que o que eu tinha para lhe dizer pudesse transtornar certas lealdades e expectativas dele em relação a uma carismática e respeitada figura política da cena congoleza.

– Está a falar do Mwangaza?

– Receio que sim – concordei tristemente.

Não era do meu agrado trazer-lhe más notícias, disse, mas tinha feito uma promessa a uma pessoa minha conhecida cujo nome preferia calar e, agora, via-me obrigado a cumpri-la. O indivíduo em questão era uma personagem fictícia que, após muita discussão, Hannah e eu tínhamos concordado usar. Devo acrescentar que existem poucas coisas que me desagradem mais do que falar para óculos escuros. Em casos extremos,

sou conhecido por pedir a clientes que os tirem porque inibem a minha capacidade de comunicação. Mas, por Hannah, resignei-me a suportá-los.

– Essa pessoa é um homem? Uma mulher? Que porra de pessoa é? – perguntou.

– Lamento, mas não estou preparado para divulgar quem é – retorqui, grato por a oportunidade de deixar a minha marca no que iria seguir-se. – Vamos supor que é um *ele* para simplificar – acrescentei, como se fosse uma ideia conciliadora que me tivesse ocorrido. – Esse meu *amigo*, o qual, na minha opinião, é totalmente digno de confiança e honrado, está envolvido numa missão do governo altamente confidencial.

– A *porra* do governo britânico? – com tom desdenhoso em *britânico* que ia de par com os *Ray-Bans* e o sotaque americano que podia ter-me levado aos arames se ele não fosse um estimado amigo de Hannah.

– Os *deveres* do meu amigo – prossegui. – Dão-lhe acesso regular a sinais e outras formas de comunicação entre países africanos e as entidades europeias com quem têm contactos.

– Que porra de entidades? Está a falar de governos ou quê?

– Não necessariamente governos, Baptiste. Nem todas as entidades são países. Existem muitas que são mais poderosas e menos responsáveis do que nações. E também mais ricas.

Lancei um olhar a Hannah a pedir encorajamento, mas ela tinha os olhos fechados como se estivesse a rezar.

– E o que esse amigo me disse... em toda a confidencialidade e após muitas hesitações – continuei, decidido a ir direito ao ponto de interesse –, é que houve recentemente um encontro secreto numa ilha do mar do Norte... – fiz uma pausa para isto lhe entrar bem na cabeça – entre o Mwangaza... lamento ter de lhe dizer isto... e os chefes de certas milícias do Congo Oriental... – observava a parte inferior do seu rosto à procura de indícios de apreensão, mas o máximo que notei foi que os seus lábios se tinham imperceptivelmente cerrado – e outros representantes de um Sindicato anónimo de investidores internacionais. Nessa mesma conferência, foi acordado que organizariam conjuntamente, com a assistência de mercenários europeus e africanos, um golpe militar contra o Kivu. – Esperei novamente por qualquer reacção, mas debalde. – Um golpe dissimulado. Negável. Utilizando as milícias locais com as quais entraram em negociações. Unidades dos mai mai formam uma dessas

milícias e dos banyamulenge a outra.

O instinto tinha-me feito manter Haj e Luc fora da equação. Lancei outro olhar a Baptiste para ver como ele estava a aceitar aquilo. Que eu notasse, os seus *Ray-Bans* estavam fitos nos seios de Hannah.

– A finalidade *ostensiva* da operação – insisti em voz mais alta – é criar um Kivu democrático e unido. No entanto, o *verdadeiro* objectivo é um pouco diferente. Roubar o Congo Oriental de todos os minerais em que o Sindicato consiga pôr as mãos em cima, incluindo as grandes reservas de *coltan*, e, consequentemente, proporcionar lucros de milhões aos investidores e nada para o povo do Kivu.

Nenhum movimento da sua cabeça nem mudança de direcção dos *Rays-Bans*.

– O povo será roubado. Despojado, como de costume – protestei, sentindo agora que só estava a falar para mim mesmo. – É uma história antiga. Vigarice com outro nome. – Tinha guardado um trunfo até ao último minuto. – E Kinshasa é cúmplice. Kinshasa fará de conta que não vê desde que receba uma percentagem, o que, neste caso, é o Quinhão do Povo. Todo. Uma criança começou a chorar no andar de cima e, depois, alguém a acalmou. Hannah lançou-me um sorriso distante, mas era para a criança, não para mim. A expressão opaca de Baptiste não se tinha alterado e a sua impassibilidade estava, por esta altura, a ter um efeito retardatário nas minhas capacidades de narrador.

– Quando é que toda essa merda supostamente aconteceu?

– Está a referir-se à conversa com o meu amigo?

– O encontro na porra da ilha, homem. Quando é que foi?

– Já lhe disse, recentemente.

– Não sei o que *recente* significa. Recente *como*? Recente *quando*?

– Por volta da semana passada – retorqui –, porque, quando na dúvida, o melhor é mantermo-nos próximo da verdade.

– O seu tipo sem nome assistiu à reunião? Sentou-se na porra da ilha com eles e ouviu-os combinarem a operação? – Examinou os documentos. Os relatórios, como lhe disse.

– Examinou esses papéis e pensou, que grande merda, e veio ter consigo.

– Exactamente.

– Porquê?

- Tem uma consciência. Reconheceu a escala da vigarice. Interessa-se pelo Congo e não aprova o facto de as pessoas começarem guerras para seu próprio proveito. Não é uma boa razão?

Pelo vistos, não era.

- Porquê *você*, homem? Ele é algum liberal branco e você é o que mais se aproxima de um preto que ele consegue arranjar?

- Veio ter comigo porque se preocupa. É tudo que você precisa de saber. É um velho amigo e não direi como. Sabe que eu tive ligações com o Congo e que o meu coração está no lugar certo.

- Vá-se foder, homem. Está a chatear-me!

Levantando-se de pé num salto, pôs-se a andar de um lado para o outro, as botas texanas a derrapar na espessa carpete dourada. Após umas passadas, parou diante de Hannah.

- Talvez eu acredite neste idiota - disse-lhe, inclinando a cabeça de caveira na minha direcção. - Talvez julgue apenas que sim. Talvez tenhas feito bem em trazê-lo cá. Por acaso, ele não é meio ruandês? Penso que é. Penso que isso possa explicar o seu comportamento.

- *Baptiste* - murmurou Hannah, mas ele ignorou-a.

- OK, não respondas. Vamos aos factos. Aqui estão os factos. O teu amigo aqui anda a foder contigo, certo? O amigo do teu amigo sabe que ele te fode e, assim, vem ter com o teu amigo. E conta uma história ao teu amigo, a qual o teu amigo por sua vez te conta porque anda a foder contigo. Ficas indignada com essa história e, assim, trazes-me o teu amigo que anda a foder contigo para ele ma repetir, e foi isso que o amigo do teu amigo calculou que acontecesse. Chamamos a isso *desinformação*. Os ruandeses são muito bons em *desinformação*. Têm gente que só faz isso. Permite-me que te explique como funciona. OK?

Ainda de pé em frente de Hannah, vira os seus olhos pretos para mim e, depois, torna a virar-se para Hannah.

- É assim. Um grande homem... um homem *realmente* notável... Refiro-me ao meu Mwangaza... oferece uma mensagem de esperança ao meu país. Paz, prosperidade, união. Mas este homem notável não é amigo dos ruandeses. Sabe que a sua visão não pode ser realizada enquanto os ruandeses utilizam a nossa terra para combater o raio das suas guerras, colonizar a nossa economia e o nosso povo e enviar assassinos para nos destruir. Por conseguinte, ele odeia os cabrões. E eles odeiam-no. E

odeiam-me a *mim*. Sabes quantas vezes esse filhos da mãe tentaram limpar-me o sebo? Bem, agora estão a tentar dar cabo do Mwangaza. Como? Plantando mentiras no campo dele. Qual é a mentira? Acabaste de a ouvir. Foi dita pelo amigo com quem fodes: *o Mwangaza vendeu-se aos brancos. O Mwangaza hipotecou os nossos direitos aos ricos de Kinshasa!*

Deixando Hannah, ele coloca-se diante de mim. A sua voz elevou-se uma escala por causa da música *rap* que atravessa o soalho.

– Sabe por acaso como um insignificante fósforo no Kivu pode incendiar toda a porra da região? Sabe isso, não sabe? Devo ter acenado com a cabeça que sim.

– Bem, você é a porra do fósforo, homem, mesmo que não queira sê-lo, mesmo que todos os seus pensamentos estejam no lugar certo. E essa sua pessoa sem nome que ama tanto o Congo e quer protegê-lo do invasor branco é o raio de uma barata ruandesa. E não julgue que é o único, porque andam a contar-nos a mesma história de vinte direcções diferentes, todas a dizer que o Mwangaza é o pior Anticristo de todos os tempos. Joga golfe? O nobre jogo de golfe? É o raio de um jogador de golfe, *sir*?

Abanei a cabeça.

– Não golfe – murmura Hannah por mim.

– Disse que essa grande reunião teve lugar por volta da semana passada. Não é verdade?

Acenei que sim.

– Sabe onde é que o Mwangaza esteve na semana passada? Todos os dias sem excepção, de manhã e de tarde? Verifique os seus talões de golfe. Em Marbella, no Sul de Espanha, a tirar férias antes de regressar ao Congo e continuar a sua heróica campanha pela tomada pacífica do poder. Sabe onde é que eu estive, todo o raio destes últimos sete dias até ontem? Verifique os meus talões de golfe. Em Marbella, a jogar golfe com o Mwangaza e os dedicados associados. Por isso, talvez, apenas talvez, devesse ir dizer ao seu amigo para enfiar essa ilha no cu e as mentiras sujas dele também.

Durante todo o tempo que esteve a falar, o seu *Rolex* com uma pulseira de dezoito quilates e fases da lua tinha estado a piscar-me o olho. Quanto mais ele falava, maior e mais intrusivo se tornava.

– Querem que os conduza a algum lado? Querem um táxi? – perguntou

a Hannah em suaíli.

- Tudo bem - disse Hannah.

- O homem com quem andas a foder tem alguma coisa na sacola que me queira mostrar? Documentos difamatórios? Cocaína?

- Não.

- Avisa-me quando te cansares dele.

Segui-a através do café até à rua. Uma limusina Mercedes preta estava estacionada em dupla fila com um motorista ao volante. Uma rapariga negra de vestido curto e estola branca fitou-nos pelo espelho retrovisor como alguém em perigo.

Hannah não era uma mulher que normalmente chorasse. Vê-la sentada à beira da cama da Sra. Hakim na sua camisa de noite de menina da Missão à uma da manhã com o rosto enterrado nas mãos e as lágrimas a escorrerem-lhe por entre os dedos comoveu-me até às profundezas da compaixão, até este momento insondadas.

- Nada podemos fazer para nos salvar - assegurou-me por entre os soluços quando, depois de muita meiguice, a convenci a pôr-se direita. - Temos um sonho tão maravilhoso. Paz. União. Progresso. Mas somos congoleses e, sempre que sonhamos, voltamos ao princípio. E, por isso, o amanhã nunca chega.

Depois de fazer tudo o que podia para a consolar, fiz ovos mexidos, torradas e chá enquanto tagarelava com ela acerca do meu dia. Determinado a não complicar o seu pesar com propostas conflituosas, tive mais uma vez o cuidado de omitir certas chamadas telefónicas que tinha feito ou um certo documento confidencial intitulado *J'Accuse!*, que escondera atrás do guarda-vestidos. Dentro de doze breves horas, ela partiria para Bognor e era de longe melhor esperar que ela regressasse. Por essa ocasião, eu já teria posto o meu plano em acção e tudo ficaria resolvido. No entanto, quando lhe propus que dormíssemos, ela abanou distraidamente a cabeça e disse que precisava de ouvir a canção outra vez.

- A canção do Haj. Aquela que ele cantou depois de eles o torturarem.

- Agora?

- Agora.

Desejando satisfazer-lhe todos os caprichos que pudesse, tirei a relevante gravação do seu esconderijo.

- Tens aí o cartão de visita que ele te deu?

Fui buscar o cartão. Ela examinou a parte da frente e conseguiu sorrir ao ver os bichos. Virou-o e, de sobrolho carregado, pôs-se a ler o verso. Colocou os auscultadores, ligou o gravador e afundou-se num silêncio

inescrutável enquanto eu aguardei pacientemente que ela voltasse à superfície.

– Tinhas respeito pelo teu pai, Salvo? – perguntou depois de ouvir duas vezes a *cassette*.

– Claro que tinha. Imenso. E estou certo de que tu também.

– O Haj também respeita o pai. É congolês. Respeita o pai e obedece-lhe. Acreditas realmente que ele possa chegar ao pé do pai e dizer «O teu amigo de sempre e aliado político, o Mwangaza, é um mentiroso», sem provas para lhe mostrar?... E nem sequer marcas no corpo se os seus torcionários executaram bem o seu trabalho?

– Por favor, Hannah. Estás a morrer de cansaço e tiveste um dia horrível. Vem deitar-te. – Pousei a mão no seu ombro, mas ela retirou-a ternamente.

– Ele estava a cantar para ti, Salvo.

Concordei que também era essa a minha impressão.

– Então o que é que achas que ele estava a dizer-te?

– Que sobrevivera e que fôssemos todos para o Inferno.

– Então por que é que havia de te dar o seu *e-mail*? Foi escrito com uma mão trémula. Assentou-o *depois* de ter sido torturado, não antes. Porquê?

Fiz uma má piada acerca disso.

– Muito provavelmente para arranjar clientela para os seus cabarés.

– O Haj está a dizer-te para contactares com ele, Salvo. Necessita da tua ajuda. Está a pedir que o ajudes... Envia-me as gravações, a prova do que me fizeram. Quer que tu as forneças.

Era eu fraco ou meramente manhoso? A meu ver, Haj era um *play-boy*, não um cavaleiro de armadura. O pragmatismo francês e a boa vida tinham-no corrompido. A prova clara disso eram os trinta milhões de dólares que pedira. Deveria eu destruir as ilusões de Hannah? Ou fazer um pacto com ela que, segundo confiava, eu não teria de cumprir.

– Tens razão – disse-lhe. – Ele quer provas. Vamos enviar-lhe as gravações. É a única maneira.

– Como? – perguntou, em tom desconfiado.

É muito simples, assegurei-lhe. Tudo o que precisamos é de alguém que possua o equipamento necessário – um engenheiro de som, uma loja de música. Transformam a *cassette* num ficheiro de som e podemos depois enviá-lo por *e-mail* a Haj. Tarefa cumprida.

- Não, Salvo, *não* está - enrugou o rosto, debatendo-se para inverter o seu papel como, há pouco, eu tinha invertido o meu.

- Porquê?

- Cometerias um crime. O Haj é congolês e trata-se de documentos secretos britânicos. No fundo, és inglês. É melhor não o fazer.

Fui buscar um calendário. Ainda faltavam onde dias para a execução do golpe planeado por Maxie, assinalei, ajoelhando-me ao lado dela. Por isso não há grande pressa, pois não?

Provavelmente não, concordou. Mas quanto mais depressa avisássemos Haj, melhor.

Podíamos aguardar ainda uns dias, contra-ataquei astuciosamente. Até mesmo uma semana nada prejudicaria, acrescentei - lembrando-me secretamente do passo pesado a que o Sr. Anderson se movia para executar as suas maravilhas.

- Uma *semana*? Por que é que temos de esperar uma semana? - enrugando novamente a testa.

- Porque, por essa altura, talvez já não seja preciso enviar a gravação. Talvez se assustem, pois sabem que estamos a investigar o caso. Até podem acabar por desistir.

- E como é que vamos saber que desistiram?

Quanto a isto, não soube o que dizer e partilhámos um silêncio um pouco desconfortável enquanto ela descansava pensativamente a cabeça no meu ombro.

- O Noah faz anos dentro de quatro semanas - anunciou abruptamente.

- De facto, e combinámos encontrar uma prenda para ele juntos.

- O que ele deseja mais é ir visitar o primo a Goma. Mas eu não quero que ele vá para uma zona em guerra.

- Não irá. Aguarda apenas uns dias mais para o caso de acontecer qualquer coisa.

- Como quê, por exemplo?

- Não são todos uns monstros. Talvez prevaleça o bom senso - insisti, mas ela sentou-se e lançou-me o género de olhar de quem desconfia que o paciente está a mentir acerca dos seus sintomas.

- Cinco dias - supliquei. - No sexto, enviamos tudo para Haj, o que ainda lhe dará todo o tempo de que ele possa precisar.

Lembro-me de uma conversa que só mais tarde teve significado.

Estamos deitados nos braços um do outro, os nossos cuidados aparentemente esquecidos, quando, bruscamente, Hannah se põe a falar de Latzi, o louco namorado polaco de Grace.

– Sabes o que ele faz para ganhar a vida? Trabalha num centro de gravação no Soho para bandas de *rock*. Gravam durante toda a noite. Ele volta para casa de manhã completamente pedrado e fazem amor todo o dia.

– E depois?

– E, depois, posso ir ter com ele e arranjar um bom preço. É a minha vez de me sentar.

– Hannah, não quero que sejas cúmplice. Se alguém tem de enviar essas gravações a Haj, serei eu.

Ela nada diz e eu acato o seu silêncio como submissão. Acordamos tarde e começamos agitadamente a fazer as malas. A pedido de Hannah, desço a correr ao andar de baixo e peço ao Sr. Hakim para nos arranjar um dos seus minitáxis. Ao voltar, encontro-a junto do guarda-vestidos agarrada à minha sacola, a qual, pelos vistos, escorregou do seu esconderijo – mas não, graças aos céus, a minha preciosa cópia de *f Accuse!*

– Deixa-me ajudar-te – digo, usando a minha maior altura para repor a sacola onde estava.

– Oh, Salvo – diz ela, o que interpreto como gratidão. Ainda está meio vestida, o que é fatal.

*

O serviço de expresso sem paragens da estação de Victoria para Sevenoaks tinha autocarros suplementares para os passageiros de comboio que, desde os ataques à bomba em Londres, preferiam viajar pela estrada. Aproximei-me prudentemente da fila, consciente do barrete enfiado na cabeça e da minha pele escura. Tinha feito o percurso em parte a pé e a outra parte de autocarro, descendo no último minuto para despistar hipotéticos perseguidores. A contravigilância cobra o seu preço. Quando o segurança da gare de autocarros tinha feito sinal para parar, quase desejei que ele identificasse para acabar com aquilo tudo. Mas ele não encontrou nada de suspeito no envelope castanho que eu tinha dobrado no bolso interior do meu blusão de cabedal. De uma cabina telefónica em

Sevenoaks, telefonei para o telemóvel de Grace e ela respondeu a rir à gargalhada. Aparentemente, a viagem a Bognor tivera as suas peripécias.

- A Amelia vomitou que se fartou, Salvo. Por todo o autocarro e por cima do vestido e dos sapatos. Eu e a Hannah estamos aqui de esfregona na mão, *a racionalizar!*

- Salvo?

- Amo-te, Hannah.

- Também te amo, Salvo.

Tive a minha absolvição e já podia prosseguir o meu caminho.

*

A escola de St. Roderic para rapazes e raparigas fica na orla arborizada de Sevenoaks. No meio de luxuosas casas com carros novos estacionados nas entradas de cascalho limpas de ervas daninhas estava uma construção semelhante ao Santuário, com os mesmos torrões, ameias e sinistro relógio. O Memorial Hall de vidro e tijolo fora doado por pais gratos e antigos alunos. Uma flecha fluorescente indicava uma escadaria ladrilhada aos visitantes. Seguindo umas senhoras gordas, cheguei a uma galeria de madeira e sentei-me ao lado de um eclesiástico com perfeito cabelo branco como o de Philip. Por baixo de nós, formando três lados de um quadrado militar, encontravam-se os sessenta membros da sociedade coral de Sevenoaks (autorizada) e, empoeirado num púlpito, um homem de casaco de veludo e laço dirigia-se ao seu rebanho sobre o tópico do ultraje.

- Uma coisa é senti-lo e outra, *ouvi-lo*. Vamos pensar nisso durante um momento. Os agiotas instalaram-se na casa do Senhor e o que é que podia ser pior do que isso? Não admira sentirmo-nos ultrajados. Quem não ficaria? Portanto, quero ouvir muito ultraje. E tenham cuidado com os S's, em particular os tenores. Aqui vamos nós.

E lá fomos. E o Sr. Anderson em plena expressão do seu ultraje inchou o peito, abriu a boca e viu-me: mas tão completa e directamente que seria de julgar que eu era a única pessoa na sala, quanto mais na galeria. Em vez de cantar, a sua boca fechou-se. Todos à sua volta cantavam e o homem no púlpito agitava os seus bracinhos de veludo sem reparar que o Sr. Anderson, tendo saído da formação, se encontrava imponente-. mente ao lado dele, escarlate de vergonha. Mas o coro tinha notado e as vozes foram

baixando lentamente. Nunca saberei o que se passou entre o Sr. Anderson e o maestro, pois, por essa altura, já descera as escadas e tinha-me colocado diante das portas que conduziam à sala principal. Veio juntar-se a mim uma senhora de meia-idade com um cafetã e uma adolescente pesadona que, tirando o cabelo verde e os anéis na sobrancelha, era a imagem chapada do ilustre pai. Segundos mais tarde, o Sr. Anderson em carne e osso passou a custo pela porta entreaberta e, fingindo que não me via, dirigiu-se às suas mulheres em tom de comando.

– Mary, peço a ambas que voltem para casa e esperem pelo meu regresso. Ginette, não faças essa cara. Leva, por favor, o carro, Mary. Hei-de arranjar transporte.

Com os olhos pintados implorando para que testemunhasse a injúria que estava a ser-lhe feita, a rapariga Ginette deixou-se ser conduzida pela mãe e só então é que o Sr. Anderson se dignou prestar-me atenção.

– Interrompeu pessoalmente o meu ensaio, Salvo.

Tinha o meu discurso preparado. Invocava a minha estima por ele, o meu respeito pelos seus elevados princípios, e recordava as inúmeras vezes que ele me tinha dito que eu deveria trazer-lhe as minhas preocupações em vez de guardá-las no meu foro interior. Mas este não era o momento para desabafar.

– É acerca do golpe de Estado, *sir*. A minha missão no fim-de-semana. Não serve absolutamente nada os interesses nacionais. Tem a ver com a pilhagem do Congo.

Trabalhos artísticos dos estudantes estavam pendurados no corredor de azulejos verdes. As primeiras duas portas estavam fechadas à chave, mas a terceira estava aberta. Na outra extremidade da aula, havia duas secretárias em frente uma da outra com um exercício da disciplina que mais detestava, álgebra, no quadro preto atrás delas.

*

O Sr. Anderson ouviu-me.

Resumi a minha história, o que, sendo falador, é o que ele gosta. Manteve os cotovelos na secretária e as mãos por debaixo da formidável queixada, sem nunca tirar os olhos de cima de mim, nem sequer quando abordei o espinhoso labirinto moral, que era o território privado dele:

consciência individual contra causa suprema. A minha cópia de *J'Accuse* está diante dele. Põe os óculos e tira do bolso do casaco a lapiseira de prata.

– Foi você que deu este título, Salvador? Está a acusar-me, a mim?

– Não o senhor. Eles. Lord Brinkley, Philip, Tabizi, o Sindicato. As pessoas que estão a usar o Mwangaza para seu proveito pessoal e a desencadear uma guerra no Kivu.

– E está tudo aqui, não é? Escrito. Por si.

– Somente para os seus olhos, *sir*. Não há outras cópias. A ponta da lapiseira começou a fazer voos rasantes sobre o papel.

– Torturaram o Haj – acrescentei, necessitando tirar imediatamente esta parte do meu peito. – Utilizaram um agulhão para gado feito pelo *Spider*.

Sem interromper a leitura, o Sr. Anderson viu-se obrigado a corrigir-me.

– Tortura é uma palavra muito emotiva, Salvo. Sugiro que a empregue com cautela. A palavra, quero eu dizer.

A seguir, fiz um esforço para me acalmar enquanto ele lia e franzia a testa, lia e escrevia comentários marginais ou soltava uma exclamação desaprovadora por uma imprecisão na minha prosa. Uma vez, retrocedeu umas páginas atrás, comparando o que estava a ler com algo que lera atrás, e abanou a cabeça. E quando chegou ao final, voltou à primeira página, começando pelo título. A seguir, lambendo o polegar, examinou novamente o fim, como para se certificar de que não lhe tinha escapado nada ou sido injusto antes de dar a nota.

– E, se posso perguntar, o que é que tenciona fazer com este documento, Salvo?

– Já fiz. É para si, Sr. Anderson.

– E o que é que propõe que *eu* faça?

– Que o mostre às instâncias mais altas, *sir*. Ao ministro dos Negócios Estrangeiros, até mesmo ao número 10, se for necessário. Toda a gente sabe que o senhor é um homem com consciência. As fronteiras éticas são a sua especialidade. – E como ele não dissesse nada: – Tudo o que têm de fazer é parar. Não estamos a pedir que rolem cabeças nem a apontar com o dedo. Apenas que *parem*!

– *Nós?* – repetiu. – Quem é esse *nós* repentino?

– O senhor e eu, *sir* – repliquei, embora estivesse a pensar num «nós» diferente. – E todos aqueles entre nós que não realizaram que este projecto

estava podre de uma ponta à outra. Salvaremos vidas, Sr. Anderson. Centenas, talvez milhares. E crianças também. – Agora, era em Noah que estava a pensar.

O Sr. Anderson espalmou as palmas das mãos sobre *J'Accuse!* como se pensasse que eu poderia voltar a tirá-lo, o que era a última coisa que me passava pela cabeça. Respirou fundo, o que, para meu gosto, soou demasiado como um suspiro.

– Tem-se mostrado muito diligente, Salvo. Muito consciencioso, se assim posso dizer, e não teria esperado nada menos de si.

– Senti que lhe devia isso, Sr. Anderson.

– Tem uma excelente memória, como todos os que conhecem o seu trabalho sabem.

– Obrigado, Sr. Anderson.

– Há extensivas passagens textuais aqui. Também foram escritas de memória?

– Bem, não completamente.

– Importa-se então de me dizer que outras fontes usou para fazer esta... acusação?

– A matéria-prima, Sr. Anderson.

– E que matéria é essa?

– As gravações. Não todas. As mais importantes.

– Do quê, exactamente?

– Da intriga. O Quinhão do Povo. O Haj a ser torturado. O Haj a acusar Kinshasa. O Haj a fazer o seu negócio sujo. Philip a contar tudo a Londres pelo telefone via satélite.

– De quantas *cassettes* estamos nós a falar, Salvo? No total, por favor?

– Bem, não estão todas cheias. O *Spider* segue os regulamentos da Sala de Conversa. Uma intervenção por *cassette*, basicamente.

– Diga só quantas são, Salvo, por favor.

– Sete.

– Estamos igualmente a falar de provas documentais?

– Apenas os meus blocos-notas.

– E quantos dos seus blocos-notas existem?

– Quatro. Três cheios e um meio cheio. Na minha escrita cuneiforme babilónica – acrescentei, para partilharmos o humor.

– E diga-me, onde é que estão todos, Salvo? Neste preciso momento.

Agora!

Fingi não estar a percebê-lo.

– Os mercenários? O exército privado do Maxie? Suponho que ainda estão a descansar. A olear as armas ou o que quer que habitualmente façam. O ataque está marcado para daqui a dez dias e, assim, têm um bocado de tempo para matar.

Mas ele não se deixava distrair, o que eu devia ter adivinhado.

– Julgo que sabe do que é que eu estou a falar, Salvo. Essas *cassettes* e blocos-notas e o que quer que você obteve ilegalmente. O que é que lhes fez?

– Escondi-os.

– Onde?

– Em lugar seguro.

– É uma resposta palerma, Salvo, obrigado. Onde é esse lugar seguro no qual estão escondidos?

Os meus lábios tinham-se fechado e, assim, mantive-os fechados, não apertados em recusa, mas, à parte a corrente eléctrica que passava entre eles e lhes faziam cócegas, não estavam activados.

– Salvo.

– Sim, Sr. Anderson.

– Foi nomeado para essa missão por minha recomendação pessoal. Com o seu temperamento e currículo irregular, muita gente não o teria aceite. Não para um trabalho como o nosso, mas eu aceitei.

– Eu sei, Sr. Anderson, e estou-lhe agradecido. Foi por isso que vim ter consigo.

– Então onde é que esse material está? – Aguardou um momento e, depois, continuou como se não tivesse feito a pergunta. – Protegi-o, Salvo.

– Eu sei, Sr. Anderson.

– Tenho sido o seu escudo e protector desde o dia em que veio ter comigo. Havia gente na Sala de Conversa e fora dela que, independentemente das suas capacidades, não aprovava o facto de você trabalhar a meio tempo.

– Eu sei.

– Havia pessoas com o poder de veto que o achavam demasiado impressionável. Demasiado generoso para o seu próprio bem, diziam elas. Não era suficientemente manipulativo. A velha escola pensava que podia

tornar-se rebelde. E havia igualmente a questão das suas preferências pessoais, as quais não vou discutir.

– Agora, estão bem.

– Defendi-o contra tudo e contra todos. Fui o seu defensor e nunca vacilei. «O jovem Salvo é do melhor que há», disse-lhes. «Desde que não perca a cabeça, coisa que não há-de acontecer porque eu estarei de olho nele, não há melhor linguista no sector.»

– Dou-me conta disso, Sr. Anderson, e aprecio.

– Quer, um dia, vir a ser pai, não quer? Você mesmo é que mo disse.

– Sim.

– Os filhos nem sempre são um mar de rosas, longe disso. Mas, por mais que nos desiludam, gostamos deles. Apoiamo-los e é isso que estou a tentar fazer consigo. Já se lembra onde estão as gravações?

Temendo que, ao dizer qualquer coisa, podia acabar por dizer mais do que queria, belisquei por uns instantes o lábio inferior com o indicador e o polegar.

– Tem de lhes dizer para parar, Sr. Anderson – disse finalmente.

Aí, ele pegou na lapiseira de prata com as duas mãos e, depois de lhe testemunhar silenciosamente a maior das simpatias por uns tempos, voltou a colocá-la no bolso interior onde ela vivia. Mas a mão permaneceu metida no interior da lapela, à maneira do Napoleão de Maxie.

– É definitivo, não é? É a sua última palavra quanto a este assunto. Nem «obrigado», desculpas, *cassettes* ou blocos-notas. Apenas «diga-lhes para pararem».

– Só depois de lhes dizer para pararem é que entregarei as *cassettes* e os blocos-notas.

– E se não lhes disser isso? Se não tiver vontade, ou autoridade, para os deter?

– Entrego-os a outra pessoa.

– Oh! A quem?

Tinha o nome de Haj na ponta da língua, mas a prudência conteve-me.

– Ao membro do parlamento da minha circunscrição ou alguém assim – retorqui, o que provocou um desdenhoso silêncio da parte dele e nada mais.

– Na sua opinião e com toda a franqueza, Salvo, o que é que se vai ganhar precisamente *parando-os, como você diz?*

- Paz, Sr. Anderson. A paz de Deus.

A menção de Deus tocou-o manifestamente no nervo certo, pois uma expressão piedosa invadiu imediatamente as suas feições vulgares.

- E nunca lhe ocorreu que a vontade de Deus possa ser que esses recursos do mundo, os quais diminuem a olhos vistos enquanto estamos aqui a falar, vão parar às mãos de almas cristãs civilizadas com um modo de vida cultural melhor do que a maioria dos selvagens atrasados do planeta?

- Não sei ao certo quem são os selvagens, Sr. Anderson.

- Bem, eu sei - retorquiu, pondo-se de pé. Ao fazê-lo, a mão emergiu de dentro do casaco a segurar um telemóvel. Devia tê-lo desligado durante o ensaio, porque tinha o enorme polegar sobre o botão de cima enquanto esperava que voltasse a funcionar. O seu corpo maciço movia-se para a esquerda a fim de, assumi, se colocar entre mim e a porta. Assim, movi-me também para a esquerda, recuperando, ao passar, a cópia de *J'Accuse!*

- Estou prestes a fazer uma chamada muito importante, Salvo.

- Eu sei, Sr. Anderson, e não quero que a faça.

- Uma vez feita, terá repercussões que nem você nem eu poderemos controlar. Gostaria que, neste momento preciso, me desse, por favor, uma razão para não a fazer.

- Há milhões de razões, Sr. Anderson. Em todo o Kivu. Esse golpe militar constitui um acto criminoso.

- É um país de bandidos, Salvo... Um país incapaz de viver de modo ordenado... um país que se entrega livremente ao genocídio e ao canibalismo, e, pior ainda, *não* - dá outro passo -, na minha considerada opinião, merece o respeito da lei internacional - a minha fuga estava, agora, quase cortada -, pois é um *elemento criminoso* no seio da nossa sociedade... assim como *você*, Salvo, não tem o direito de ceder à sua ingenuidade e de prejudicar os melhores interesses do seu país de adopção. Deixe-se estar onde está, por favor. Não se aproxime mais. Pode ouvir o que tenho para lhe dizer do lugar onde está. Vou perguntar-lhe mais uma vez e, depois, acabou-se. *Onde é que se encontra o material de que você ilegalmente se apoderou?* Os pormenores podem ser tratados calmamente. Dentro de trinta segundos, vou fazer o meu telefonema e, ao mesmo tempo ou pouco antes, vou prendê-lo. Vou pôr a mão em cima do seu ombro, conforme requerido por lei, e dizer «Bruno Salvador, em nome da

autoridade que me é concedida como cidadão, considere-se preso.» Salvo, lembro-lhe que não estou bem. Tenho cinquenta e oito anos de idade e sofro de diabetes.

Tinha-lhe tirado o telefone da mão sem que ele oferecesse resistência. Estávamos em frente um do outro e eu era quinze centímetros mais alto do que ele, o que pareceu surpreendê-lo mais do que a mim. Através da porta fechada, a sociedade coral de Sevenoaks esforçava-se para se sentir mais ultrajada sem o benefício do seu barítono principal.

– Salvo, faço-lhe uma proposta justa. Se me der a sua palavra de honra que amanhã... logo pela manhã... iremos juntos buscar esse material ao lugar onde está escondido... convido-o a passar a noite aqui em minha casa, a jantar connosco em família, simples comida caseira, nada de especial... pode ficar no quarto da minha filha mais velha, que, presentemente, não vive connosco... e, em compensação pelos artigos devolvidos, comprometo-me a ir falar com certas pessoas para lhes assegurar... cuidado, Salvo, nada disso agora...

A mão que deveria estar a prender-me estava levantada em atitude de defesa. Tirei a bateria do seu telemóvel e voltei a metê-lo no bolso dele, e estendi lentamente a mão para a maçaneta da porta a fim de não o alarmar, fechando-lha a seguir na cara porque não achava bem que as pessoas vissem o meu antigo mentor diminuído.

*

Tenho pouca consciência dos meus actos e movimentos nas horas seguintes, e nem tive tempo. Sei que descii a ladeira da escola e que, depois, comecei a andar mais depressa, que esperei numa paragem de autocarro e que, como este demorasse a chegar, atravessei a rua e apanhei outro em sentido oposto, o que não é a maneira de proceder quando não se quer dar nas vistas; a seguir, voltei para trás aos ziguezagues, tanto para me livrar da lembrança do Sr. Anderson como dos meus reais ou imaginários perseguidores; e que, de Bromley, apanhei um comboio tardio para Victoria, daí um táxi até Marble Arch e um segundo para a pensão do Sr. Hakim, cortesia da generosidade de Maxie. E da estação de comboio de Bromley South, com vinte minutos de espera até o comboio chegar, telefonei a Grace de uma cabina.

- Queres ouvir uma história completamente *louca*, Salvo? A delicadeza exigiu que eu quisesse.

- Caí de cima de um burro! Estatelei-me de cu com toda a miudagem a ver e aos gritos! A Amelia ficou montada e eu caí. E esse burro, Salvo, levou a Amelia até à casa de gelados na praia e ela comprou-lhe um cometo de 99 *pence* e um chocolate. O burro comeu o gelado e o chocolate, e trouxe-a de volta! Não estou a contar-te tretas, Salvo! Nunca hás-de vê-las, mas estou cheia de nódoas negras no rabo, em ambas as metades, e o Latzi vai fartar-se de rir!

Lembrava-me vagamente de Latzi, o namorado polaco dela no negócio da música. Aquele que faria um bom preço a Hannah.

- Sabes outra coisa, Salvo?

A que ponto é que eu percebi que ela estava a enganar-me?

- Havia este espectáculo de fantoches, OK?

OK, concordei.

- E os miúdos pelam-se por isso. Nunca vi tantos miúdos felizes tão assustados em toda a minha vida.

Formidável. Os miúdos adoram ser assustados, comentei.

- E aquele café no caminho, Salvo... o sítio onde parámos depois de aquele outro sítio não nos aceitar porque éramos pretos?... Foram óptimos. Por isso, nada pode arreliar-nos.

- Onde é que ela está, Grace?

- Hannah? - como se só agora se lembrasse dela. - Oh! Foi ao cinema aqui na rua com os mais crescidos, Salvo. Disse para te dizer, se telefonasses, que vai telefonar logo que possa. Talvez amanhã de manhã por causa do tempo. Eu e a Hannah estamos alojadas em casas de famílias diferentes, estás a ver... E, agora, tenho de desligar porque estou à espera de uma chamada do Latzi.

Estava a ver.

- O Latzi fica furioso quando não consegue apanhar-me. A família onde está a Hannah tem telefone, mas é muito complicado. Está instalado na sala onde vêem televisão. Por isso, o melhor é não tentares telefonar-lhe para lá. Ela liga-te assim que puder. Estás a pensar em alguma coisa em particular, Salvo?

Diz-lhe que a amo.

- Já passaste essa informação a Hannah, Salvo, ou trata-se de uma

notícia de última hora?

Devia ter perguntado que filme tinha Hannah ido ver com os mais crescidos, pensei depois de desligar.

*

Não tinha realizado como o pequenino quarto no fundo da pensão se tornara tão rapidamente a minha casa, suplantando em poucos dias todos os anos passados em Norfolk Mansions. Entrei e cheirei, como se ela ainda lá estivesse, o corpo de Hannah, não o perfume, mas ela só. Saudei como a um velho camarada a cama desfeita com o seu ar batido de triunfo. Nenhum pormenor que ela deixara atrás escapou ao meu olhar culpado: o pente africano, as pulseiras abandonadas nos últimos minutos da sua partida tardia por um bracelete feito com um pêlo de elefante, as nossas chávenas de chá meio vazias, a fotografia de Noah sobre a frágil mesinha de cabeceira, posta lá para me fazer companhia durante a sua ausência, e o telefone com as cores do arco-íris que me fora confiado para receber as suas mensagens de amor e informar-me da hora em que calculava regressar. Por que é que não havia eu de andar com ele? Porque, no caso de ser preso, não queria ter nada que pudesse incriminá-la. Quando é que podia esperar que ela viesse reclamá-lo? Os pais das crianças tinham sido avisados para estar na igreja à hora do almoço, mas bastava que uma fedelha traquinas como Amelia se escondesse, prevenira-me Hannah, algum susto por causa de uma bomba ou um bloqueio na estrada, para ela só chegar à noite.

Ví o noticiário das dez e percorri a lista dos Criminosos Mais Procurados na Internet à espera de ver a minha fotografia a olhar para mim por cima de uma descrição politicamente correcta da minha etnicidade. Estava a terminar quando o telemóvel de Hannah chilreou o seu canto de pássaro. Grace tinha-lhe dado o meu recado. Encontrava-se numa cabina telefónica com poucos trocos. Desligámos e eu telefonei-lhe logo a seguir.

– De quem é que tens andado a fugir? – perguntei, tentando dar uma entoação jovial.

Ficou surpreendida: por que é que eu havia de pensar que ela tinha estado a fugir?

– O som da tua voz, disse eu. – Pareces estar sem fôlego.

Já estava a odiar esta chamada e desejei poder deter-me imediatamente e recomeçar depois de ter pensamentos mais coerentes na minha cabeça. Como é que podia dizer-lhe que o Sr. Anderson me tinha desapontado, tal como Lord Brinkley, mas de modo ainda mais moralizador? Que se portara exactamente como Brinkley, como ela tinha previsto?

- Como é que estão os miúdos? - perguntei.

- Bem.

- A Grace diz que estão a divertir-se à grande.

- É verdade. Estão muito felizes.

- E tu?

- Estou feliz porque te tenho na minha vida, Salvo. Porquê tão solene? Tão definitiva?

- Também estou feliz por te ter na minha. És tudo para mim. O que é que se passa, Hannah? Está alguém na cabina contigo? Pareces... irreal.

- Oh, Salvo!

E, de repente, como a um sinal, ela põe-se a falar apaixonadamente de amor, jurando nunca ter sabido que tal felicidade existia e que, em toda a sua vida, nunca faria nada, por muito insignificante ou bem-intencionado que fosse, para me magoar.

- Claro que não - gritei, tentando dominar o meu espanto.

- Nunca poderias magoar-me. Havemos sempre de nos proteger um ao outro, contra tudo e todos. Está combinado. E novamente:

- Oh, Salvo!

Ela tinha desligado. Fiquei a olhar durante muito tempo para o telemóvel com as cores do arco-íris na palma da minha mão. Nós, congoleses, adoramos cores. Por que nos tinha Deus dado ouro e diamantes, frutos e flores, se não para satisfazer o nosso amor pelas cores? Vagueei à volta do quarto; era Haj depois de ele ter sido torturado, a fitar-me ao espelho e a perguntar-me o que é que restava de mim que valesse a pena salvar. Sentei-me à beira da cama e encostei a cabeça às mãos. Um homem bom sabe quando se deve sacrificar, gostava o irmão Michael de dizer. Um homem mau sobrevive, mas perde a alma. Ainda havia tempo, um pouco. Tinha uma última jogada a fazer. E tinha de a fazer agora, enquanto Hannah ainda estava sã e salva em Bognor.

Eram dez da manhã seguinte. Calmo por saber que tinha tomado uma decisão irreversível, percorri ao meu quilómetro e meio obrigatório com zelo quase imprudente, o barrete enfiado na cabeça e a sacola ao ombro batendo alegremente na minha anca. Numa isolada rua lateral alinhada de carros encontrava-se uma cabina telefónica jovialmente vermelha. Disquei o número que conhecia de cor e salteado e atendeu Megan, a amiga de toda a gente.

– Olá, Salvador, meu querido, como é que estamos hoje?

Se apanhássemos uma gripe, Megan dizia-nos que toda a gente a tinha, querido. Se tivéssemos estado de férias, Megan dizia que esperava que tivesse corrido bem.

– Dizem que a festa dela foi encantadora. Onde é que ela comprou aquele vestido? O teu problema é que a mimas de mais. Ela está ao telefone neste momento, mas o que é que posso fazer por ti? Pôr-te em linha de espera? *Voice mail*? O que é que preferimos hoje?

– Para dizer a verdade, não é com a Penelope que desejo falar, Megan. É com o Fergus.

– Ah, é? *Bem*, então, estamos a subir no mundo!

Enquanto esperava que mo passassem, imagine-se a conversa que estava a ter lugar entre Thorne, o «Clarim», e a sua notória e leal assistente quanto à melhor táctica a adoptar para lidar com o telefonema de mais um marido irado. Deveria Fergus estar em reunião com o proprietário do jornal? A conferenciar numa chamada de longa distância? Ou deveria portar-se com a franqueza e temeridade que o caracterizava e afrontar a luta?

– Salvo, meu velho! Meu Deus, onde é que estás? Tens dado cabo de alguns bons apartamentos ultimamente?

– Tenho uma história para ti, Fergus.

– Ah, sim? Bem, não sei bem se quero ouvi-la, Salvo. Não se é para

prejudicar uma certa jovem senhora. As pessoas crescidas tomam as suas próprias decisões na vida. E alguns de nós temos de encarar a verdade e continuar a viver.

– Não tem a ver com a Penelope.

– Alegra-me ouvir isso.

– É uma história para o jornal. Escaldante.

– Salvo?

– Sim.

– Estás por acaso a gozar comigo?

– É sobre o Jack Brinkley. É a tua oportunidade de o apanhar com a boca na botija. A ele e ao Crispim Mellow e... – citei os nomes dos importantes e poderosos que tinha visto reunidos em Berkeley Square, mas, conforme esperava, ele só tinha ouvidos para Lord Brinkley, o qual tinha custado uma fortuna ao jornal e quase a carreira de Thorne.

– Apanhar esse filho da mãe, *como*, precisamente? Não que esteja a acreditar em ti, claro está.

– Não vou contar-te tudo isto ao telefone.

– Salvo.

– O quê?

– É dinheiro que queres?

– Não. Podem tê-lo de graça.

Tinha subestimado o tipo. Se lhe tivesse dito cem mil libras senão o negócio vai por água abaixo, ele ter-se-ia sentido mais à vontade.

– Trata-se de alguma manobra de sabotagem que, por acaso, estás a tentar fazer? A arrastar-nos para os tribunais a fim de ganhar mais um milhão? Porque se estás metido nisso, Salvo, acredita que...

– Levaste-nos uma noite a um clube. No Strand. Uma cave. Deve ter sido por volta da altura em que tu e Penelope começaram...

– E depois?

– Qual é a morada?

Deu-ma.

– Se fores encontrar-te lá comigo dentro de uma hora, sirvo-te os tomates do Brinkley numa bandeja – assegurei-lhe, utilizando a linguagem que ele entendia.

Embora perto do hotel Svoy, o clube Casbah era um local pouco recomendável, mas, a meio da manhã, estava sossegado. Um asiático de ar deprimido estava a limpar a sua entrada de masmorra com um aspirador do tempo da guerra dos bóeres. A escada de pedra lembrou-me a da sala da caldeira. No meio de colunas e almofadas bordadas, Fergus Thorne estava sentado na mesma alcova onde, há seis meses, no decorrer de um confortável jantar a três, Penelope tinha tirado o sapato e esfregara o pé com meias de seda na perna dele enquanto Fergus me dizia que excelente capital ela representava para o jornal.

Para meu alívio, esta manhã ele estava sozinho com um sumo de tomate junto do cotovelo a ler a edição da manhã do seu próprio jornal. Dois dos seus melhores repórteres encontravam-se a umas mesas mais longe: o ilustre Jellicoe, aliás, Jelly, que me tinha beliscado o rabo na festa de Penelope, e uma virago envelhecida chamada Sophie, que ousara rivalizar com Penelope e tinha pago o preço. Sem ser convidado, sentei-me ao lado de Thorne e pus a sacola entre os pés. Ele voltou o rosto às manchas para mim, franziu o sobrolho e continuou a ler o jornal. Tirei a cópia de *J'Accuse!* do casaco e pousei-o em cima da mesa. Fergus lançou um olhar de soslaio, agarrou no documento e desapareceu novamente por detrás do jornal. Enquanto lia, observei a sua expressão astuta escoar lentamente e ser substituída por uma de translúcida cobiça.

- Isto é uma total e absoluta treta, Salvo - murmurou, virando sofregamente as páginas. - Sabes isso, não sabes? Uma invenção do tipo mais flagrante. Quem é que escreveu isto?

- Eu.

- E toda esta gente em... onde é que é?

- Berkeley Square.

- Viste-os?

- Vi.

- Pessoalmente, com os teus próprios olhos? Agora, tem cautela.

- Sim.

- Tinhas estado a beber?

- Não.

- Drogas?

- Não consumo.

- Jelly! Sophie! Venham cá, por favor. Estou a falar com um homem que

pensa que pode trazer-nos os tomates do Jack Brinkley numa bandeja, mas não acredito numa só palavra que ele diz.

Estamos os quatro frente a frente. Quaisquer reservas que eu possa alimentar acerca da nossa grande imprensa britânica estão temporariamente suspensas enquanto Thorne dispõem as suas tropas.

– Jasper *Albin*?... esse Albin? É o mesmo filho da mãe *franciú* que mentiu aos juízes quando apelámos ao tribunal supremo!...

E Big Jack tem a lata de o envolver *nisto*?... É o que se chama arrogância pura!... Jelly, quero que abandones tudo o que estás a fazer, apanhes um avião para Besançon e encontres esse Albin. Se for preciso comprá-lo, compra-o.

Jelly escreve zelosamente no seu bloco-notas.

– Sophie. Mostra as mamãs às firmas de segurança. Quem é o *Maxie*? Coronel Maxie? Maxie, quem? Se for mercenário, é um ex das Forças Especiais. Ex até que ponto? Quem é que ele fode? Que escolas frequentou? Em que guerras sujas combateu?

E desencanta-me a casa em Berkeley Square. A quem pertence, quem paga o aquecimento e a electricidade, quem a alugou nessa noite, a quem e por quanto.

Sophie assenta isto tudo de língua habilmente de fora. O bloco-notas dela é idêntico ao que tenho na sacola a meus pés.

– E descubram-me essa ilha – ordena a ambos. – E quem é que pilotou um helicóptero de Battersea a Luton na sexta-feira passada. Verifiquem o tráfego aéreo não comercial que saiu de Luton e qualquer ilha no mar do Norte para alugar. Procurem uma que tenha miradouro e sigam a pista do cabaz de Fortnum & Mason... Quem o encomendou, pagou e mandou entregar.

Arranjem-me a factura. SALMÃO FUMADO PARA INVASORES DO CONGO... Adoro.

– Eu também – murmura Sophie.

– Poético – diz Jelly.

– E evitem os protagonistas. Se o Jack sabe que estamos a coscuvilhar a vida dele, pede logo uma injunção ao tribunal. A hipocrisia desse gajo! Num minuto está a pregar a favor da anulação da dívida das nações falidas e, no seguinte, a sacar aos pobres congoleses o dinheiro que lhes resta. É ultrajante. É formidável.

Embora o entusiasmo de Thorne me soe aos ouvidos como música, cabe-me lembrar-lhe a finalidade principal da história.

– Não estamos apenas atrás do Jack, Fergus.

– Não te preocupes, pá. Os seus amigalhões também cairão com ele. E, se eles o culparem, tanto melhor.

– Há uma guerra a impedir. O golpe militar tem de ser anulado.

Os olhos congestionados de Thorne, demasiado pequenos para o seu rosto, examinaram-me desdenhosamente com incredulidade.

– Estás a querer dizer, impedir a guerra e não publicar a história? **HOMEM NÃO CONSEGUE MORDER CÃO.** É isso que queres dizer?

– Quero dizer que todas as investigações que propões... encontrar o helicóptero, o cabaz, a ilha... vão demorar demasiado tempo e nós só temos mais nove dias. – Exaltei-me. – Ou contas a história como deve ser ou nada feito, Fergus. É esse o acordo. *Depois* do golpe militar é demasiado tarde. O Congo Oriental pode entrar em queda livre.

– Impossível. – Empurrou *f Accuse!* na minha direcção. – Precisamos de provas irrefutáveis. Legítimas de centímetro a centímetro até ao fim. O que estás a oferecer-me aqui é o raio de um resumo. Quero o Jack Brinkley com as cuecas à volta dos tornozelos apanhado em flagrante. Senão, vai pôr-me de joelhos diante dos juízes e pedir desculpa pela minha impertinência.

O momento que eu tinha estado à espera e, contudo, temia, estava em cima de mim.

– E se eu tivesse essa prova comigo? Categórica? Agora já aqui?

Inclinou-se para a frente com os punhos na mesa e eu também. Jelly e Sophie fizeram o mesmo. Falei em tom deliberado.

– Se tivesse a voz do Brinkley... bem nítida em gravação digital... a autorizar um suborno de um dos delegados congolese por três milhões de dólares... ao telefone por via satélite... em nome do Sindicato anónimo... chamarias a isso uma prova suficiente?

– Com quem é que ele está a falar?

– Com Philip. O consultor independente. O Philip tem de falar com o membro do Sindicato que tem poder para dizer sim ao pagamento de três milhões de dólares e esse membro é o Jack Brinkley. Podes seguir o diálogo do princípio ao fim, desde o momento em que esse delegado pede o dinheiro até quando o Brinkley autoriza o suborno.

- Vai-te foder, *pá!*

- É verdade.

- Tenho de ver essa gravação. Tenho de a ouvir. Tenho de mandá-la verificar pelo raio de um conselho de bispos.

- Hás-de-o fazer. Podes fazê-lo. Podemos ir ao teu escritório e escutá-la. Podes entrevistar-me e eu conto-te toda a história nas minhas próprias palavras. Podes fotografar-me e publicar a minha fotografia na primeira página junto à do Brinkley. Com uma condição. - Fechei os olhos e tornei a abri-los. Era eu realmente a falar? - Dás a tua palavra de honra, diante destas duas testemunhas, que publicas o artigo no domingo? Sim ou não?

Num silêncio que até hoje está comigo, puxei a sacola de entre os pés, mas, por segurança, mantive-a sobre os joelhos. Os blocos-notas estavam no compartimento maior e as sete gravações no mais pequeno. Apertando a sacola contra o estômago, abri o compartimento pequeno e aguardei a resposta dele.

- Aceito - resmungou.

- É, então, sim?

- Sim, raios te partam. Publicamos no domingo.

Virei-me para Jelly e Sophie, fitando cada um deles nos olhos.

- Ouviram o que ele disse. Compromete-se a publicar a história no domingo. Sim?

- Sim.

- Sim.

Meti a mão no interior e procurei entre as *cassettes* a número cinco, que continha o interrogatório de Haj, e a número seis, com a voz de Lord Brinkley a dizer sim aos três milhões de dólares. Ao observar as pontas dos dedos a ir para trás e para a frente, apercebi-me, sem nenhum particular sentimento de revelação, que, primeiro, havia apenas cinco *cassettes*, e não sete, e que as números cinco e seis não se encontravam lá. Abri o compartimento maior e tacteei os blocos-notas. Por formalidade, abri novamente o compartimento pequeno, o qual não é realmente um compartimento, mas uma bolsa para guardar bilhetes de viagem ou uma tablete de chocolate. Também não estavam ali, e por que é que haviam de estar? Estavam em Bognor.

Por esta altura, a minha cabeça estava tão ocupada a reconstruir eventos recentes que não me interessava lá muito a reacção da minha audiência, a

qual, lembro-me, variava entre o cepticismo – Thorne – e a preocupação efusiva – Jelly. Pedi desculpa – que palermice, devo tê-los deixado em casa, etc. Assentei o número do telemóvel de Sophie para quando os encontrasse e ignorei o olhar sarcástico de Thorne e as suas insinuações acerca de querer enganá-lo. Disse adeus, até mais tarde, mas creio que nenhum deles acreditou em mim, sobretudo eu. A seguir, fiz sinal a um táxi e, sem me dar ao trabalho de indicar uma direcção falsa ao motorista, fui directamente para a pensão do Sr. Hakim.

Culpava Hannah? Muito pelo contrário. Sentia um tal amor por ela que, antes mesmo de chegar à privacidade do nosso santuário, a sua coragem perante a adversidade – eu – maravilhava-me. Em frente do guarda-vestidos, constatei, cheio de orgulho e não indignação, que o cartão de visita de Haj com o seu *e-mail* garatujado atrás tinha tido o mesmo destino que as gravações. Ela tinha sabido desde o princípio que Brinkley era má rês. Não precisava que os cursos de um dia em segurança pessoal lhe dissessem que, com Salvo, estava a lidar com os resíduos de uma lealdade pouco judiciosa alojada como um vírus no meu sistema e que necessitava desenvolver-se com o tempo. Não queria que Noah passasse o aniversário numa zona de guerra e tinha seguido o seu caminho como eu seguira o meu. Tínhamo-nos ambos desviado do meu caminho, cada um em direcções separada, ela para o seu povo e eu para o meu. Nada fizera que requeresse o meu perdão. Em cima da lareira estava uma cópia do programa das crianças da catequese: meio-dia, piquenique e canto coral no albergue do YMCA... 14:30, espectáculo de *The Wind in the Willows*, pelo grupo de dança e teatro de Bognor... 17:30, noite das famílias. Cinco horas. Cinco horas antes de eu poder enviar-lhe uma mensagem de constante e total amor.

Liguei o noticiário. *Estão a ser criadas leis para perseguir em justiça os provocadores islâmicos. Tribunais especiais para julgar casos terroristas em segredo. Bombista egípcio suspeito preso no Paquistão por forças norte-americanas. Continua a caça ao homem de trinta e cinco anos de origem afro-caribe que a polícia deseja interrogar em relação – ouçam só isto! – ao assassinato de duas raparigas menores.*

Preparo um banho e estendo-me na banheira. Surpreendo-me a tentar lembrar-me da cantilena da escola da Missão trauteada por Haj. Por que é que um homem torturado canta?, tinha-me perguntado Hannah. Se os seus

pacientes não cantavam, então por que é que Haj cantava? Por que é que um adulto entoava um canto acerca da virtude de uma menina quando foi espancado?

Saio do banho. Agarrado ao transístor, ponho-me de viés à janela envolto na toalha. Através das cortinas de rede, observo uma carrinha verde não identificada estacionada perto da porta da frente do Sr. Hakim. *Chuvas torrenciais no Sul da Índia. Enxurradas. Receia-se que haja numerosos mortos. Agora, os resultados de críquete.*

Cinco horas. Faço a minha habitual caminhada de um quilómetro e meio, mas, ao contrário dos conselhos dados pelos instrutores dos cursos de um dia, utilizo a mesma cabina telefónica. Ponho uma libra e tenho outra pronta, mas o melhor que consigo é ouvir o atendedor de chamadas de Grace. Se eu fosse Latzi, telefonar-lhe-ia depois das 10 da noite, quando está deitada *sozinha!* Risos. Se eu fosse Salvo, deveria portar-me como seu convidado bem-vindo e deixar uma mensagem de amor a Hannah. Tento mostrar-me à altura do seu convite:

– Hannah, minha querida, amo-te. – Mas, por motivos de segurança, não acrescento, como podia ter feito: sei o que fizeste e tens razão.

Regresso ao acaso através de ruas laterais à pensão do Sr. Hakim. Bicicletas, as quais começaram a ser usadas depois das bombas, passam por mim como cavaleiros fantasmas. A carrinha verde não identificada ainda está estacionada diante da porta. Não tem licença de estacionamento. Ouço o noticiário das seis. O mundo permanece como era às duas horas.

Comida como distracção. No frigorífico do tamanho de um selo, encontro meia *pizza* com dois dias, uma salsicha com alho, pão de centeio integral, pepinos de conserva. Um acepipe para mim. Quando Hannah chegou pela primeira vez a Londres vinda do Uganda, partilhou o alojamento com uma enfermeira alemã e, conseqüentemente, assumiu que todos os ingleses comiam *knackwurst* e *sauerkraut*, e bebiam chá de hortelã. Daí uma embalagem prateada com a mesma coisa no frigorífico do Sr. Hakim. Como todas as enfermeiras, Hannah mete tudo no frigorífico, quer seja deteriorável ou não. O axioma dela é: se não se pode esterilizar, congela-se. Para começar, aquecer manteiga e barrar o pão com aquilo tudo. Comer lentamente. Engolir com cuidado.

O noticiário das sete idêntico ao das seis. Pode o mundo não ter feito realmente nada durante cinco horas inteiras? Sem me inquietar com

questões de segurança, ligo o computador e entro na Internet para percorrer as trivialidades do dia. *Bombistas suicidas mataram quarenta e feriram centenas em Bagdade – ou é ao contrário? O recém-nomeado embaixador dos Estados Unidos nas Nações Unidas depôs mais cinquenta objecções às reformas propostas. O presidente francês foi admitido no hospital – ou deram-lhe alta. A sua doença está sujeita à lei dos segredos oficiais da França – mas parece que tem simplesmente um problema numa vista. Informações não confirmadas provenientes da capital congoleza, Kinshasa, falam de combates espontâneos entre milícias rivais na região leste do país.*

O telemóvel arco-íris de Hannah toca. Atravesso o quarto de um salto, agarro no telefone e volto para junto do computador.

– Salvo?

– Hannah. Maravilhoso. Olá.

Fontes próximas do governo congolês em Kinshasa culpam «elemento» imperialista em Ruanda. Ruanda nega qualquer envolvimento.

– Estás bem, Salvo? Amo-te tanto – em francês, a língua do nosso amor.

– Excelente. Formidável. Anseio apenas o teu regresso. E tu?

– Amo-te tanto que é estúpido, Salvo. A Grace diz que nunca viu ninguém tão normal ficar tão doente por amor.

A área fronteira com Ruanda é descrita como estando tranquila e sem tráfego anormal.

Combato em três frentes ao mesmo tempo, o que Maxie não aprovaria. Tento ouvir, falar e decidir se lhe digo o que estou a ouvir, pois não sei se é a nossa guerra ou a de qualquer outra pessoa.

– Sabes uma coisa, Salvo?

– O quê, minha querida?

– Perdi um quilo e meio desde que te conheço.

Tenho de digerir isto, não tem nada a ver com a razão.

– A culpa é do exercício excessivo! – grito. – Culpa-me a mim!

– Salvo?

– O que é, meu amor?

– Fiz uma coisa má, Salvo. Uma coisa que tenho de te contar. *Um funcionário da embaixada britânica em Kinshasa comenta os boatos quanto à presença de mercenários sob comando britânico como sendo «absurdos e extravagantes».*

Claro que são! Têm de ser! Faltam nove dias para o golpe! Ou teria Brinkley disparado o tiro de partida logo que eu saí de casa dele?

- Escuta. Não fizeste nada de mal. Está tudo bem. A sério! O que quer que tenha sido! Nada importa! Estou a par de tudo. Diz-me quando é que voltas!

Gritos de crianças à distância.

- Tenho de voltar para o pé deles, Salvo.

- Eu compreendo! Vai! Amo-te!

Fim das palavras ternas. Fim da conversa telefónica.

Quatro técnicos da aviação suíça que foram apanhados entre dois fogos solicitaram a protecção do comandante das tropas das Nações Unidas em Bukavu.

Sentado na cadeira de vime com o transístor em cima da mesa ao meu lado, ponho-me a examinar o papel de parede da Sr.a Hakim enquanto ouço Gavin, o nosso correspondente na África Central, a resumir os acontecimentos:

Segundo o governo congolês em Kinshasa, um golpe militar apoiado por Ruanda foi abortado graças a uma operação de segurança brilhantemente executada pelos serviços de espionagem.

Kinshasa suspeita de cumplicidade por parte dos franceses e dos belgas, mas não exclui a participação de outras potências ocidentais não mencionadas.

Vinte e dois membros de um clube de futebol africano em visita foram detidos após a descoberta de armas ligeiras e metralhadoras pesadas no aeroporto de Bukavu.

Não há notícias de mortos ou feridos. O país de origem dos futebolistas não foi estabelecido.

A embaixada suíça em Kinshasa, interrogada sobre os quatro técnicos suíços, declina fazer quaisquer comentários nesta fase. Inquéritos referentes à sua identificação foram transmitidos a Berna.

Obrigado, Gavin. Fim do noticiário. Fim das últimas dúvidas que restavam.

A sala de visitas da Sr.a Hakim é um majestoso lugar com poltronas confortáveis e o quadro a óleo de um paraíso à beira de lago com *houris* a dançar nas margens. Dentro de uma hora tornar-se-á o antro de vendedores asiáticos a fumar cigarros atrás de cigarros e a ver vídeos de Hollywood

numa televisão do tamanho de um Cadillac, mas, por enquanto, possui o silêncio adocicado de uma agência funerária e estou a ver o noticiário das dez. A estatura de homens acorrentados modifica-se. Benny mirrou. Anton está volumoso. E, desde aquele momento no avião em que distribuía pratos com um barrete de cozinheiro improvisado, *Spider* cresceu uns vinte centímetros. Mas a estrela do espectáculo não é o comandante paquistanês da ONU de capacete azul nem o coronel do exército congolês com um pingalim na mão, mas o nosso chefe Maxie de calças ruças sem cinto e uma camisa empapada de suor sem uma manga.

As calças são tudo o que resta do fato caqui visto pela última vez quando me entregava um envelope branco contendo os honorários de sete mil dólares que, na galanteria do seu coração, tinha extorquido do Sindicato. O seu rosto, privado dos óculos para aumentar de Bogey, já não possui o carisma que me tinha enfeitiçado, mas, sob outros aspectos, faz justiça ao seu papel, tendo adquirido uma expressão de corajosa resistência que, por muitos dias que passe no pelourinho, recusa a derrota. As mãos à prova de bala estão algemadas e cruzadas uma sobre a outra como as patas de um cão. Tem uma bota calçada e um pé descalço para combinar com o ombro nu. Mas não é a bota que falta que tolhe a sua marcha, são as correntes demasiado curtas para um homem da sua altura, e, pelo que se vê, demasiado apertadas. Olha directamente para mim e, a julgar pelo movimento da sua queixada injuriosa, está a dizer para eu me ir foder, mas, depois, dou-me conta de que ele está a dizer isso à pessoa que o filma e não a mim pessoalmente.

Nos calcanhares desnivelados de Maxie apareceram Anton e Benny acorrentados um ao outro e ao seu chefe. Anton apresenta umas escoriações no lado esquerdo do rosto que eu suspeito terem sido causadas por impertinência. O motivo pelo qual Benny parece mais pequeno é que as corrente os puxam para baixo. O seu rabo de cavalo grisalho foi cortado por uma catanada de alguém, o que dá a impressão de estar a ser conduzido à guilhotina. Depois de Benny vem *Spider*, improvisador de aguilhões de gado e meu colega a roubar sons, acorrentado, mas direito. Deixaram-no guardar o boné, o que lhe confere uma certa ousadia. Sendo o acrobata que é, não tem os mesmos problemas que os seus companheiros, obrigados a dar passos curtos. Os quatro juntos parecem incompetentes dançarinos de conga, sacudindo-se para a frente e para trás a um ritmo que

não conseguem seguir.

Depois dos brancos vêm os jogadores de futebol, uns vinte alinhados numa fila indistinta de miseráveis sombras negras: *veteranos, dissidentes, melhores combatentes do mundo*. Mas, quando procuro nervosamente um Dieudonné ou um Franco, no caso de eles terem sido capturados no meio do combate, sinto-me aliviado por não ver a envergadura do velho guerreiro aleijado nem o espectro do esgazeado líder dos banyamulenge por entre os prisioneiros. Não procurei Haj porque, de certo modo, sabia que ele não estaria lá. Um mexerico saboreado pelos comentadores é que, ao ser preso, Maxie – conhecido até agora apenas pelo «alegado chefe» – tinha arranjado maneira de engolir o *chip* do seu telemóvel.

Voltei para o nosso quarto e continuei a estudar o papel de parede da Sra. Hakim. Na rádio, um subsecretário dos Negócios Estrangeiros está a ser entrevistado:

– As nossas mãos estão limpas, obrigada, Andrew – informa o seu inquisidor na susceptível linguagem de New Labour nos seus momentos de maior transparência. – Garanto-lhe que o governo de sua majestade nada tem a ver com isto. De acordo, um ou outro dos homens envolvidos é britânico, mas poupe-me! Julgava, francamente, que teriam um pouco mais de respeito por nós. Tudo indica que isto foi uma incompetente manobra privada que falhou. Não serve de nada estar sempre a perguntar «De quem é a responsabilidade?», porque não tenho conhecimento. O que sei é que se trata de um trabalho de amadores e, independentemente do que possam pensar a nosso respeito, nós não somos amadores. E também acredito na liberdade de expressão, Andrew. Boa-noite!

Entretanto, Maxie já tem um nome. Uma das suas ex-mulheres viu-me na televisão. Um homem simpático, filho de um clérigo, que simplesmente se recusava a crescer. Treinado em Sanmdhurst, tinha dirigido uma escola de alpinismo na Patagónia e trabalhado para os Emirados Árabes, diz ela espevitadamente. Julga-se que o cérebro da operação seja um académico congolês que se intitula o «Iluminado», mas desconhece-se o seu paradeiro. A Interpol iniciou um inquérito. No que se refere a Lord Brinkley e ao seu anónimo Sindicato apoiado a nível multinacional, bem como os seus desígnios acerca dos recursos naturais do Congo Oriental, nada se sabe. E o mesmo acontece em relação aos vigaristas libaneses e aos consultores independentes e amigos.

Presumivelmente, estavam todos a jogar golfe.

Estendo-me na cama a ouvir o relógio da Sr.a Hakim a badalar as meias horas e quartos de hora. Penso em Maxie acorrentado a um pelourinho. Desponta a madrugada, o sol nasce e eu ainda estou deitado, sem correntes. Sem saber bem como, são sete horas, a seguir oito e os quartos de hora continuam a soar. O telefone arco-íris chilreia.

– Salvo?

Sim, Grace.

Por que é que ela não fala? Está a passar o telefone a Hannah? Então por que é que Hannah não o agarra? Há sons indistintos ao fundo. Uma voz feminina autoritária chama o nome de um homem. Quem diabo é *Cyril Ainley*? Nunca ouvi falar de um Cyril nem de um Ainley. Onde é que estão? No hospital? Algures numa sala de espera? Estou apenas a falar de segundos. Fracções de segundos, enquanto capto todos os ruídos ao alcance dos meus ouvidos.

– És tu, Salvo?

Sim, Grace. É Salvo. A sua voz é abafada. Está a telefonar de qualquer sítio onde os telefonemas sejam proibidos? Consigo ouvir outras pessoas a telefonar. A sua boca está contra o bocal e distorce o som. Tem a mão em concha à volta dela. De repente, as suas palavras jorram: um monólogo ofegante e demente que ela não consegue deter mesmo que quisesse. Nem eu.

– Apanharam-na Salvo, só Deus sabe quem eles são, estou na esquadra a dar conhecimento do caso mas não posso falar muito tempo, levaram-na quando ela estava mesmo ao meu lado à saída da igreja onde fomos acompanhar os miúdos e a Amelia fingiu ter uma birra e a mamã dela a dizer que nós a mimávamos e a Hannah e eu descíamos a colina realmente irritadas por tamanha ingratidão quando este carro pára ao lado de nós e dois tipos um negro e o outro branco tipos com aspecto vulgar Salvo e uma motorista branca a olhar em frente sem nunca virar a cabeça enquanto o negro diz olá Hannah e põe o braço à volta da cintura dela como um velho amigo e a mete no carro e partiram e agora esta simpática agente está a perguntar-me que género de carro e a mostrar-me fotografias de carros horas a fio e a Hannah não teve tempo para me dizer uma palavra e agora a polícia diz que talvez ela quisesse ir com esses homens talvez fosse um gajo com quem ela já andava ou quisesse ganhar umas coroas

com ambos como se a Hannah fizesse uma coisa dessas e a senhora agente simpática está a dizer bem talvez a Hannah fosse assim e você também Grace é um crime fazer perder tempo à polícia e você Grace devia saber isso aí eu perdi a cabeça e disse-lhe por que é que não põem o raio de um aviso para a procurar e que nunca tomam os negros a sério e, agora, ela está a falar com toda a gente menos comigo.

– Grace!

Repeti Grace, Grace, três, quatro vezes. E, a seguir, questionei-a como se questiona uma criança, tentando acalmá-la em vez de a assustar ainda mais. O que é que aconteceu? Não estou a falar de agora, mas em Bognor, enquanto estavam juntas. Na primeira noite em que lá chegaram, a noite em que me disseste que ela tinha ido ao cinema com os miúdos mais crescidos. Nessa noite.

– Ela queria fazer-te uma surpresa, Salvo.

Que género de surpresa?

– Mandou gravar qualquer coisa para ti, um ficheiro de som, disse ela, uma música que adorava e queria oferecer-te. Era segredo.

– Então onde é que ela foi fazer isso, Grace?

– Num lugar que o Latzi lhe indicou, numa rua sem tráfego atrás de uma colina. Telefonámos para o estúdio do Latzi. Estes fanáticos da música têm amigos em toda a parte, Salvo. O Latzi conhecia um gajo que conhecia outro em Bognor e a Hannah foi vê-lo enquanto eu guardei segredo e é tudo. Credo, Salvo, o que é se passa?

Desligo. Claro, Grace. Obrigado. E depois de fazer um ficheiro de som das *cassettes* cinco e seis, ela meteu-as num computador, o amigo de Latzi tinha certamente um, e enviou-as para o *e-mail* de Haj para sua edificação, para o ajudar a convencer o pai que ele respeita tanto, mas aconteceu que ela não tinha de se dar a esse trabalho, pois, por essa altura, a operação ia por água abaixo, e os ouvintes e os espectadores e todas as outras pessoas que eu outrora pensava que eram minha amigas juntavam-se à volta dela para o golpe final.

*

O irmão Michael costumava dizer que temos de descobrir o pecador em nós mesmos para apanhar um pecador e, no espaço de uns instantes, foi o

que eu fiz. Dirigi-me para o guarda-vestidos onde o blusão de cabedal estava pendurado. Tirei o meu telemóvel, o que proibira a mim mesmo de usar excepto para enviar recados, e liguei-o. E sim, conforme esperava, tinha uma nova mensagem. Mas, desta vez, não era de Penelope, de Barney ou de Hannah. Era de Philip. E Philip falava, não na sua voz sedutora e simpática, mas na versão icebergue com que eu contava:

Tenho um número de telefone para onde deve chamar-me, Salvo. De noite ou de dia. E também tenho uma proposta a fazer-lhe. Quanto mais depressa telefonar, mais confortável toda a gente se sentirá.

Telefonei e fui atendido por Sam. Como nos velhos tempos, ela chamou-me Brian. *Tem um lápis, Brian, meu querido? E um bloco-notas? É evidente que sim, abençoado seja. A morada é a seguinte...*

Estou pronto a confessar que as minhas acções nos dez minutos que se seguiram não foram totalmente racionais, alternando entre as maníacas e as administrativas. Não me lembro de sentimentos violentos de raiva ou ira, embora, mais tarde, houvesse provas que tais sentimentos e emoções relacionadas tinham entrado em ebulição abaixo da linha de água. O meu primeiro pensamento – um dos muitos primeiros pensamentos – foi para os meus anfitriões, os Hakim, com quem Hannah e eu tínhamos uma calorosa relação pessoal, que incluíam os seus dois filhos, um rapazinho levado da breca, Rashid, que era a menina dos olhos de Hannah, e a mais reservada Dianma, que passava a maior parte do tempo escondida atrás da cozinha à espera que eu passasse. Por conseguinte, separei uma parte apreciável da minha fortuna mal ganha e entreguei-a à estupefacta Sr.a Hakim.

O meu primeiro pensamento seguinte, baseado na suposição de que não voltaria a pôr o pé na pensão tão cedo, se jamais, foi certificar-me de que tínhamos deixado tudo tão bem arrumado quanto possível nas presentes circunstâncias. Sendo de temperamento obsessivamente ordenado – sob a orientação de Paula, Penelope denominava-o *anal* –, tirei os lençóis e as fronhas, sacudi as almofadas, substituí as toalhas da casa de banho e coloquei a trouxa de roupa suja a um canto do quarto.

Uma das preocupações particulares foi como me vestir. Tendo em mente o destino recentemente enfrentado por Maxie e os seus homens, os quais seriam obviamente obrigados a usar a mesma roupa durante muitos anos. Decidi-me, assim, por um par de resistentes *jeans* de veludo, o meu fiel blusão de cabedal ao qual ainda restavam uns bons quilómetros, ténis, o barrete e tantas camisas, meias e cuecas quantas podia enfiar na mochila. Acrescentei depois os objectos pessoais a que mais dava valor, incluindo a fotografia emoldurada de Noah.

Por fim, tirei a fatídica sacola do seu esconderijo atrás do guarda-

vestidos e, verificando novamente o seu conteúdo e reconfirmando a ausência das duas *cassettes* – porque, às vezes, no decorrer das últimas quarenta e oito horas, a realidade e a fantasia tinham adquirido a mania de mudar de lugar nas minhas costas –, fechei a porta do nosso efêmero canto do Paraíso, balbuciei as minhas despedidas aos perplexos Hakims e entrei no minitáxi que me aguardava para me transportar à morada em Regency Park, como Sam me ordenara.

A reconstrução do que se segue é tão fiel quanto a minha memória permite, dadas as desvantagens sob as quais a minha visão e outras faculdades funcionavam na altura. Ao chegar a uma elegante casa em Albany Crescent, NW1 – uns dois milhões de libras não a teriam comprado –, deparei com dois jovens em fato de treino a lançarem uma bola um ao outro no jardim da frente. Ambos pararam e olharam para mim. Sem me deixar desencorajar pelo seu interesse, paguei ao taxista – tendo o cuidado de lhe dar uma generosa gorjeta – e avancei para o portão. Nesse momento, um dos rapazes perguntou-me com modos desenvolto se podia ser-me útil.

– Bem, talvez possa – respondi-lhe, com igual desenvoltura. – Dá-se o caso de vir ver o Philip por motivos de ordem pessoal.

– Então veio ao sítio certo, amigo – retorquiu ele, e, com elaborada cortesia, pegou na minha mochila enquanto o outro me ajudava com a sacola que eu trazia a tiracolo, deixando-me sem nada na mão. O primeiro rapaz seguiu então o caminho de cascalho até à porta principal e abriu-a para eu entrar enquanto o segundo vinha atrás de nós a assobiar. A frivolidade da nossa troca de palavras é explicável. Eram os mesmos rapazes louros que, vestidos de *blazers* impecavelmente abotoados, estavam sentados à secretária da casa em Berkeley Square e sabiam que eu era submisso. Eu era o homem dócil que lhes fora entregue por Bridget e, como me tinham mandado, deixara a minha mala à sua guarda. Tinham-me sentado onde me tinham dito para sentar e, depois, fora levado por Maxie. Na psicologia do seu ofício, consideravam-me um cão desdentado, o que deu, julgo eu agora, o elemento de surpresa de que eu necessitava.

Ao entrarmos na sala de visita, o rapaz que eu seguia ia um metro e tal à minha frente e estava atravancado com a minha mochila. Sendo o género de tipo seguro de si, era ligeiro de pés, sem base de sustentação, e bastou um empurrão para o mandar de pantanas. O rapaz atrás de mim estava,

nesse instante, a fechar a porta. Em Berkeley Square, tinha notado uma relutância grosseira na sua atitude, a qual era agora evidente. Talvez julgasse que, aliviando-me da sacola, tinha ganho o primeiro prêmio. Um pontapé certo no baixo-ventre pôs fim à sua complacência.

O acesso a Philip estava agora desobstruído. Atravessei a sala de um salto e deitei-lhe imediatamente as mãos ao pescoço, lutando com a gordura das suas queixadas. Não sei que maiores intenções eu tinha em mente e também as desconhecia na altura. Lembro-me dos tijolos cor de papas de aveia da lareira atrás dele e de pensar que podia esmagar a sua bela cabeça branca contra eles. Ele estava vestido com um fato cinzento, camisa branca de algodão e uma elegante gravata de seda vermelha, que eu tentei, sem sucesso, utilizar como garrote.

Poderia tê-lo estrangulado? Não havia dúvida que estava transtornado pela loucura e, como o meu querido defunto pai teria dito, tinha a energia para o fazer, mas um dos jovens desligou-a com o que quer que usou: uma matraca ou coisa semelhante que nunca cheguei a ver. Três meses mais tarde, ainda tenho, por entre outras contusões, um galo no lado esquerdo atrás da cabeça. Quando recuperei os sentidos, Philip encontrava-se são e salvo diante da mesma lareira de tijolo ao lado de uma venerável senhora de cabelo grisalho vestida de *tweed* e calçada com sapatos confortáveis, que, mesmo antes de dizer «Brian, meu querido», não podia ter sido mais ninguém a não ser Sam. Era igual às senhoras que se vêem a arbitrar jogos de ténis no alto de plintos em Wimbledon e que aconselham os jogadores dois metros abaixo delas para se portarem bem.

Foram essas as minhas primeiras impressões ao acordar. Ao princípio, espantou-me a ausência dos dois rapazes louros, mas, depois, ao virar a cabeça o mais que podia, localizei-os através da porta aberta sentados a ver televisão com o som desligado. Era um torneio de críquete e os australianos estavam a perder. Voltando a cabeça para o outro lado, vi, com espanto, o anjo que regista as boas e más acções, pois foi assim que interpretei a sua presença. Estava instalado numa secretária junto de uma janela de sacada, a qual brevemente confundi com a janela do nosso quarto na pensão do Sr. Hakim. O sol iluminava-o, tornando-o divino, apesar de ser careca e usar óculos. A secretária era a mesa de campanha do tio Henry, com pernas que se podiam dobrar antes de nos apressarmos para a batalha seguinte. A exemplo de Philip, estava vestido com um fato, mas

lustroso como o de um motorista, e estava debruçado sobre a secretária com um manga de alpaca à Charles Dickens com medo de ser apanhado a mandriar.

– Este senhor é Arthur do ministério dos Negócios Estrangeiro, Brian, meu querido – apresentou-mo Sam ao reparar na minha curiosidade. – O Arthur concordou muito amavelmente em esclarecer isto tudo para nós a nível oficial, não foi, Arthur?

Arthur achou por bem não responder.

– O Arthur tem *poderes executivos* – elaborou Philip. – A Sam e eu não temos. Somos simplesmente consultores.

– E, no caso de você pensar o contrário, a Hannah está bem entregue – continuou Sam em tom cordial. – Assim que chegar a casa, contactará consigo.

A *casa*? Que casa? A do Sr. Hakim? A residência das enfermeiras? Norfolk Mansions? Casa como conceito criava-me compreensivamente confusão.

– Receamos que a Hannah tenha excedido os termos do seu visto – explicou Sam. – É por isso que o Arthur está aqui. Para confirmar tudo, não é, Arthur? A Hannah veio para Inglaterra a fim de trabalhar como *nurse* e passar nos seus exames, que Deus a abençoe. E ser útil ao seu país quando regressar. Não veio para cá para se envolver em agitação política. Isso nunca figurou na descrição das suas tarefas, pois não, Arthur?

– De modo algum – confirmou Arthur, falando em tom nasal do seu ninho de águias junto à janela. – Era «apenas enfermeira». Se quiser provocar reboliço, que o faça no país dela.

– A Hannah participou em manifestações, Salvo – explicou Sam em tom comiserador. – Mais do que uma vez, receio bem.

– Onde? – perguntei através da neblina que rodopiava na minha cabeça.

– Contra o Iraque, com o qual nada tinha a ver.

– Infracção directa – observou Arthur. – *E* Darfur, com o qual também não tinha a ver.

– Além da viagem a Birmingham, a qual foi *totalmente* política – acrescentou Sam. – E, agora, *isto*.

– Isto? – perguntei, em voz alta ou silenciosamente. Não tenho bem a certeza.

– Material restrito – declarou Arthur com satisfação. – Aquisição, posse

e entrega a uma potência estrangeira. Está muito comprometida. Além de que o destinatário desse material estava envolvido com milícias não governamentais, o que torna isso puro terrorismo.

Recuperava lentamente as minhas capacidades.

– Estava a tentar deter uma guerra ilegal – gritei para minha surpresa. – Ambos estávamos!

Philip, sempre diplomata, interveio para desanuviar a situação.

– Isso não tem certamente nenhuma relação – protestou gentilmente. – Londres não pode ser um refúgio para activistas estrangeiros e muito menos quando se encontram aqui com um visto de enfermeira. A Hannah aceitou plenamente isso sem tomar em conta as precisões legais, não foi, Sam?

– Explicámos-lhe uma vez o problema e ela mostrou-se muito cooperativa – concordou Sam. – Claro que ficou triste, mas não solicitou nenhum advogado. Não foi irritante, nem teimosa, e assinou o documento de desistência sem reclamar. Sabia que era melhor para ela. E para si, querido Brian. E para o filho dela, claro está, a sua alegria e orgulho. *Noah*. Escolhem nomes tão doces, não escolhem?

– Exijo falar com ela – disse, ou, se calhar, berrei.

– Sim, bem... Tenho muita pena, mas, agora, não é possível. Ela está num centro de detenção e você está onde está. Dentro de poucas horas ela vai partir voluntariamente para Kampala, onde se reunirá ao Noah. O que é que poderia ser melhor do que isso?

Coube a Philip assinalar o ponto moral:

– Ela aceitou isso tranquilamente, Salvo – disse ele, olhando para mim. – Esperamos que você se porte do mesmo modo. – Falava com a sua voz macia como manteiga, mas com uma pitada de tempero oficial. – Foi chamado à atenção do ministério do Interior... pelo Arthur aqui presente, que tem sido extraordinariamente útil nas suas investigações, obrigado, Arthur... que o homem que se chama a si mesmo Bruno Salvado não é, nem nunca foi, um cidadão britânico, leal ou outra coisa qualquer. Resumindo, esse indivíduo não existe.

Permitiu dois segundos de silêncio em memória dos mortos.

– A sua cidadania britânica, com todos os seus direitos e privilégios, foi obtida através de subterfúgios. A sua certidão de nascimento foi uma mentira. Você não foi uma criança encontrada e o seu pai nunca foi um

marinheiro de passagem com um bebê de quem tinha de se livrar... pois não? – prosseguiu ele, apelando para o meu bom senso. – Por conseguinte, podemos apenas assumir que o cônsul britânico em Kampala na data do seu nascimento sucumbiu às lisonjas da Santa Sé. O facto de você não ter tecnicamente idade para participar nesse logro não é, receio, uma desculpa perante a lei. Não tenho razão, Arthur?

– Que lei? – replicou em tom vivo da janela. – Não há nenhuma. Para o caso dele, não.

– A verdade nua e crua, Salvo, é que, como sabe perfeitamente, ou *deveria* saber, tem sido um imigrante ilegal desde que, aos dez anos de idade, os seus pés tocaram na doca de Southampton e que, ao longo de todo esse tempo, não pediu asilo. Continuou a viver simplesmente como se fosse um de nós.

E aqui, por direito da minha fúria que ia e vinha de seu próprio acordo, eu deveria ter saltado da poltrona para me atirar novamente ao seu pescoço ou a outra parte da sua flexível e ultra-razoável anatomia. Mas, quando se está enfaixado como o raio de um macaco, para usar a expressão de Haj, com as mãos e os tornozelos ligados com fita adesiva e todo amarrado a uma cadeira de cozinha, as oportunidades para linguagem corporal são reduzidas, como Philip era o primeiro a apreciar, de outro modo porque estaria a arriscar um sorriso altaneiro e a assegurar-me que há sempre uma luz no fundo do túnel mais escuro?

– O principal é que, conforme fomos informado por fonte fidedigna, o governo congolês... em princípio, dando obviamente tempo aos trâmites administrativos – sorriso indulgente –, uma palavra à pessoa certa por parte do nosso embaixador em Kinshasa e uma certidão de nascimento mais representativa da realidade histórica – outro sorriso ainda mais indulgente –, terá muito prazer em acolhê-lo como um dos seus cidadãos. Acolhê-lo de volta, deveria eu antes dizer, pois, tecnicamente, sempre foi cidadão congolês. No caso, claro está, de isso para si fazer sentido. Estamos a falar aqui da sua vida, não da nossa. Mas faz certamente admirável sentido para nós, não faz, Arthur?

– Quanto a nós, que ele vá para onde quiser – confirma Arthur. – Desde que não seja para aqui.

Com os seus modo maternais, Sam concorda do fundo do coração tanto com Philip quanto com Arthur.

- Para a Hannah, também faz perfeitamente sentido, Salvo. Por que é que havíamos de monopolizar todas as melhores enfermeiras deles? Estão desesperados. E francamente, Salvo, quando se pensa nisso, o que é que a Inglaterra sem a Hannah tem para lhe oferecer? Não está a pensar voltar para a Penelope, espero?

Tomando o assunto como resolvido, Philip abre a minha sacola e coloca um por um os blocos-notas e *cassettes* em cima da mesa.

- *Formidável!* - exclama como um prestidigitador satisfeito. - Com os dois da Hannah, perfaz sete. A não ser, claro está, que tenha feito cópias. Nesse caso, não haveria salvação possível para si. Fez cópias?

Sinto-me repentinamente tão sonolento que não oiço a minha resposta e, por conseguinte, ele faz-me repetir, sem dúvida para que os microfones gravem o que eu digo.

- Não seria seguro - declaro outra vez, tentando voltar a adormecer.

- E assumo que esta seja a única cópia que possui de *J'Accuse!*? A que deu a ler ao Thome? - prossegue no tom de voz de alguém a concluir os pormenores finais.

Devo ter acenado a cabeça.

- Excelente. Então o que nos resta fazer é destruir o seu disco duro - diz com alívio e fazendo sinal aos rapazes louros que me desamarram, mas me deixam caído no chão enquanto recupero a circulação.

- Que tal está o Maxie? - inquiri, esperando fazer corar um pouco a sua face sem rugas.

- Coitado do Maxie! - suspira Philip, como se lhe lembrassem um velho amigo. - Tão bem quanto se pode esperar nesse género de situações, disseram-me. Mas, oh!, mostra-se tão teimoso. Foi parvoíce dele ter-se antecipado.

- Quer antes dizer, parvoíce do Brinkley - sugiro, mas ele não reconhece aquele nome.

Dá um trabalhão porem-me novamente de pé. Depois da pancada na cabeça, estou mais pesado e só um dos rapazes não chega. Assim que conseguem, Arthur vem colocar-se diante de mim, puxando oficiosamente as abas do casaco. Mete a mão no bolso do peito e tira um envelope castanho marcado AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE e põe-no na minha mão mole.

- Aceitou esta notificação na presença de testemunhas - anuncia para

uma maior assistência. – Por favor, leia-a. *Agora*.

Quando consigo finalmente focar as letras impressas, a notificação diz que sou indesejável. Arthur passa-me uma das canetas *Parker* de Haj. Faço uns malabarismos com ela e, por fim, lá garatujo uma versão esfarrapada da minha assinatura. Ninguém me dá um aperto de mão. Somos demasiado britânicos para isso, ou, antes, fomos. Saio para o jardim entre os dois rapazes e estes acompanham-me até ao portão. Está um dia de calor abafado. Com o medo das bombas e metade da cidade de férias, quase não se vê viva alma. Uma carrinha verde-escuro sem identificação nem janelas está estacionada em frente da casa. É idêntica à carrinha parada à porta da pensão de Hakim, talvez até seja a mesma. Quatro homens em fatos de ganga saltam da viatura e encaminham-se para nós. O chefe tem um boné da polícia.

– Este gajo causa sarilhos? – pergunta.

– Já não – diz um dos rapazes louros.

Um intérprete, Noah, até um de primeira classe, quando nada mais tem para interpretar senão ele mesmo, é um homem à deriva. E é por isso que escrevi tudo isto sem saber ao certo a quem estava a escrever, mas, agora, sei que era a ti. Ainda faltam uns largos anos para tu vires decifrar o que o Sr. Anderson chamava a minha escrita cuneiforme babilónica e, quando isso acontecer, gostaria de estar ao teu lado para te mostrar como funciona, o que, desde que saibas o teu suaíli, não constituirá nenhum problema.

Cautela, meu queridíssimo filho adoptivo, com tudo na tua vida marcado ESPECIAL. Trata-se de uma palavra com muitos significados, nenhum deles bom. Um dia, hei-de ler-te *O Conde de Monte-Cristo*, um dos livros favoritos da minha falecida tia Imelda. É acerca do prisioneiro mais *especial* de todos. Actualmente, há uma data de Monte-Cristos em Inglaterra e eu sou um deles.

Uma carrinha *especial* não tem janelas, mas tem acessórios especiais no chão, aos quais, para sua segurança e conforto, os detidos especiais são amarrados. Caso se lembrem de perturbar a ordem pública com gritos e protestos, também é gratuitamente fornecida uma mordação de cabedal especial.

Os prisioneiros especiais têm números em vez de nomes. O meu é Dois Seis.

A hospitalidade especial é proporcionada por um conjunto de barracões prefabricados construídos para os canadianos, os nossos galantes aliados em 1940, e rodeado por arame farpado suficiente para conter todo o exército nazi, o que está bem para muitos britânicos que ainda julgam que estão a combater na Segunda Guerra Mundial, mas menos bem para os encarcerados de Camp Mary.

O facto de terem baptizado o nosso campo com o nome da mãe de Cristo é oficialmente desconhecido. Há quem diga que o primeiro comandante

canadiano deste campo era um católico devoto, mas o Sr. J. P. Warner, antigo membro da Brigada Real da Polícia Militar e actualmente funcionário da Hospitalidade Especial, conta uma história diferente. Segundo ele, Mary era uma senhora da cidade local de Hastings que, nos tempos sombrios da guerra, quando a Grã-Bretanha estava só, favorecia um pelotão inteiro de presos canadianos entre as horas da última parada e o toque de recolher.

As minhas primeiras querelas com o Sr. Warner de modo algum sugeriam a calorosa relação que viria a desenvolver-se entre nós, mas, a partir do dia em que ele começou a beneficiar da munificência de Maxie, o elo foi criado. Como o avô serviu nas Forças de Defesa do Sudão e o pai pertenceu à ilustre polícia colonial do Quênia durante os motins, ele não tem nada contra a gente escura, assegura-me.

Os presos especiais desfrutam direitos especiais:

- o direito de não se aventurarem para lá dos limites do nosso recinto;
- o direito de não se juntarem aos outros detidos na ida à cidade de madrugada, de não vender rosas sem cheiro aos motoristas nos semáforos e de não limpar os pára-brisas dos seus BMWs em troca de insultos;
- o direito de se manterem em silêncio a todas as horas, de não fazerem nem receberem telefonemas, não enviarem cartas e de receberem apenas encomendas previamente aprovadas pelas autoridades e que, por conseguinte, me eram entregues depois como um favor pessoal pelo Sr. J. P. Warner, cujas responsabilidades, garante-me ele, são assombrosas.

- Não estou a ouvi-lo, Dois Seis - gosta ele de me prevenir, agitando o dedo diante da minha cara. - Estou a fazer companhia ao ar - acrescenta, aceitando outro copo do meu *Rioja*. - Não a carne e ossos. - No entanto, o Sr. Warner é um ouvinte matreiro que nadou em todos os oceanos da vida. Administrou prisões militares em postos avançados longínquos - e, há muito tempo, por delitos que recusa revelar, foi pago na mesma moeda. - As conspirações, Dois Seis, não são um problema. Toda a gente conspira e ninguém faz nada. Mas, se cometemos um erro, que Deus nos ajude.

Dá um certo conforto saber que somos únicos.

*

Relembrando o passado, era inevitável que a minha detenção em Camp Mary devesse começar mal. Percebo isso agora. Só o facto de chegar à recepção carimbado como ESPECIAL da cabeça aos pés era suficiente para irritar toda a gente. Ter PV acrescentado ao meu nome – PV significa hoje em dia POTENCIALMENTE VIOLENTO –, apanha-se o que se merece, como aprendi quando, por espírito de solidariedade, participei numa manifestação de somalis no telhado do antigo presbitério que serve como quartel-general de Camp Mary. A nossa mensagem ao mundo era de paz. Havia mulheres e miúdos da catequese em roupa vistosa. Os lençóis que estendíamos à luz dos holofotes do campo estavam escritos com palavras conciliatórias: NÃO NOS ENVIE PARA O NOSSO PAÍS PARA SERMOS TORTURADOS, SR. BLAIR! PREFERIMOS SER TORURADOS AQUI! Em certo sentido muito importante, eu discordava, contudo, dos meus companheiros. Enquanto eles suplicavam de joelhos para ficar, eu estava em pulgas para ser deportado. Mas, na prisão, o espírito de equipa é tudo, como descobri à minha custa quando um contingente de polícias sem nome e capacetes de motociclista enfiados na cabeça, nos dispersou com a ajuda de tacos de basebol.

No entanto, Noah, tudo na vida, até mesmo uns ossos quebrados, tem a sua recompensa. Quando estava algemado aos quatro cantos da cama naquela enfermaria a pensar que havia pouco na vida que merecesse ser vivido, entrou o Sr. J. P. Warner com a primeira das quinze cartas semanais que recebi da tua amada mãe. A troco de partir sem criar sarilhos, ela tinha, com bravura típica, conseguido obter uma morada dos seus captores para onde me escrever. Muito do que ela escreveu ainda não é para os teus jovens olhos e ouvidos. Embora casta, a tua mãe é uma mulher apaixonada que fala livremente dos seus desejos. Mas num noite fresca, quando fores muito velho e tiveres amado como eu amei, espero que faças uma fogueira e te sentes a ler como, a cada página que ela me escreveu, a tua mãe fez escorrer lágrimas de alegria e riso pelas minhas faces, desanuviando os sentimentos de pena por mim mesmo ou desespero.

Os progressos que ela está a fazer na vida mais do que compensam a minha imobilidade. Já não é a enfermeira diplomada, mas a irmã Hannah num centro de ensino de enfermagem novinho em folha do melhor

hospital de Kampala! E ainda tem tempo para continuar os seus estudos em simples intervenções cirúrgicas! A conselho de Grace, diz-me ela, comprou uma aliança temporária para afastar os lobos até eu poder equipá-la com a versão permanente. E, quando um jovem médico se atirou a ela na sala de operações, pregou-lhe um tal sermão que ele lhe pediu desculpa três dias a fio, mas, a seguir, convidou-a para passar o fim-de-semana e ela teve de o descompor outra vez.

A minha única ansiedade é que ela possa não saber que lhe perdoei por ela ter tirado as *cassettes* cinco e seis da sacola e tê-las transmitido sem o meu conhecimento a Haj. Se ela ao menos pudesse compreender que nunca houve nada para perdoar! E se não puder, será que, como boa menina da Missão, não me virará as costas em favor de um homem que não tem nada a censurar-lhe? Tais são os engenhosos terrores que os amantes encarcerados se infligem a eles mesmos ao longo das horas sem fim da noite.

E houve uma carta, Noah, que, por falta de coragem moral, ao princípio não abri. O envelope era espesso e castanho-oleoso, indicação segura de que a presença do mundo supersecreto da Grã-Bretanha estava prestes a fazer-se sentir. Por motivos de segurança, tinha um selo normal em vez do logo impresso «Ao Serviço de Sua Majestade». O meu nome, número e morada do campo, precisos em todos os pormenores, estavam redigidos numa letra tão familiar como a minha. Ficou pousado no parapeito da janela a fitar-me durante três dias. Por fim, animado por uma noite passada com J. P. Warner e uma garrafa de *Rioja* comprada com a fortuna desonestamente adquirida de Maxie, agarrei numa faca de plástico mole concebida para eu não me magoar e cortei-lhe o gasganete. Li a carta primeiro, uma simples folha de papel A4, sem marca de água, com Londres como morada e a data.

Caro Salvo,

Não conheço oficialmente o autor do que junto lhe envio nem li o seu conteúdo, o qual está escrito em francês. Barney assegura-me que é de natureza pessoal e não é obsceno. Como sabe, não acredito na intrusão em domínios privados, a não ser que os interesses da Nossa Nação estejam em

jogo. Espero sinceramente que, um dia, se lembre da nossa colaboração a uma luz mais favorável, pois é essencial que o Homem seja sempre protegido de si mesmo.

*Sinceramente seu,
R. (Bob) Anderson*

É evidente que, por essa altura, os meus olhos já tinham reparado no segundo envelope a que a carta do Sr. Anderson tão tentadoramente se referia. Era volumoso e dirigido em letras impressas electronicamente a *Monsieur l'interprète* Brian Sinclair para a caixa postal em Brixton. O nome do remetente, gravado em azul-celeste, era Comptoir Joyeux de Bukavu: jogo de palavras, deduzi rapidamente, no nome completo de Haj, Honoré Amour-Joyeuse. O conteúdo não era uma carta com uma resma de apontamentos redigidos ao acaso ao longo de dias e noites. Quando fechei os olhos e cheirei aquelas folhas de papel, juro que senti o perfume de uma mulher, e J. P. Warner disse a mesma coisa. O texto era em francês, escrito à mão no meticuloso estilo académico que, até mesmo em circunstâncias apressadas, ele não abandonava, a par do seu vocabulário escatológico.

Caro Zebra,

As gravações não eram necessárias. Lixaste-me e eu lixei-os.

Quem é que raio é Hannah?

Por que é que me fala de uma data de merdas médicas e me aconselha a consultar um urologista para que este examine o meu cu?

E por que é que me diz para afrontar o meu venerável pai Luc e aqui está a prova para me ajudar a fazê-lo?

Não preciso de nenhuma porra de provas. Assim que cheguei a casa disse ao Luc que, se ele não quisesse acabar morto e falido, a primeira coisa a fazer era desligar-se do Mwangaza.

A segunda coisa que devia fazer era prevenir os mai mai e os banyamulenge de que estavam a fazer figura de camelos.

A terceira, era ir confessar a alma ao comandante do posto da ONU mais perto, e a quarta, passar umas longas férias no Alasca.

Hannah diz que está metido na merda até ao pescoço em Inglaterra, o que, conhecendo-o, não me surpreende nada. Ele pede a Deus para que, um dia, você possa vir para ao Congo. Bem, se conseguir, talvez me porte como todos os melhores vigaristas e faça uma doação à universidade de Bukavu, actualmente uma zona de guerra, para instituir um cargo de professor. E tanto se me dá que você ensine línguas ou como beber cerveja.

Mas despache-se, porque, senão, nem todos os anjinhos de Deus às portas do céu hão-de conseguir proteger a virtude de Hannah das garras do perverso tio Haj quando ela regressar ao Kivu.

Em Bukavu está tudo na mesma. Chove nove meses ao ano e quando falham os esgotos, Independence Square transforma-se no Lago da Independência. A maior parte das semanas, podemos oferecer motins, demonstrações e tiroteios, embora o horário seja imprevisível. Há uns dois meses, a nossa equipa de futebol perdeu um grande jogo e, por conseguinte, a multidão linchou o árbitro e a polícia matou os únicos seis gajos que não estavam a fazer absolutamente nada. No entanto, nada disto impede os evangelistas brancos americanos com lindas cabeleiras de nos dizerem para amar George Bush e não fodermos mais porque Deus não gosta.

Há aqui um velho padre belga que, há uns anos atrás, apanhou um tiro no cu. Costuma passar uma vez por outra num dos meus cabarés para tomar um copo à borla e falar acerca dos velhos tempos. Quando menciona o seu pai, sorri, e quando lhe pergunto porquê, sorri ainda mais. O meu parecer é que o seu pai fodeu pela Missão inteira.

A minha casa no bairro de Muhumba e um palácio na margem do lago que pertenceu a um filho da mãe belga na época colonial, mas ele deve ter sido bom tipo porque construiu um jardim do Paraíso até à beira da água, com todas as flores de que se ouviu falar e algumas que ninguém conhece. Árvores de cera, centáureas azuis, aloés, buganvílias, hibiscos, jacarandás, agapantos e ararutas, mas as minhas orquídeas não crescem. Temos aranhas do tamanho de ratos e pássaros com penas macias e caudas compridas, no caso de se ter esquecido. Os nossos pássaros tecedores possuem uma grande técnica para atrair fêmeas. Os machos tecem um ninho e, depois, convencem a fêmea a entrar. E, se ela gosta do que vê, fodem. Diga isso aos seus evangelistas.

A minha intenção era dizer que este jardim tem uma cabana. Construí-a para a minha santificada ama, que entrou lá dentro e morreu. Foi a única mulher que amei e nunca fodi. Tem telhado de zinco, uma varanda e é presentemente habitada por milhões de borboletas e mosquitos. Se conseguir chegar a Bukavu, pode ficar com ela. O queijo de Goma ainda é OK, há cortes de electricidade diários que duram três horas, mas ninguém apaga a luz nos barcos de pesca à noite. Os nossos governantes são umas bestas que não conseguem pensar para além do nível de crianças de cinco anos. Há pouco tempo, os nossos amos do Banco Mundial conduziram um inquérito sobre o estilo de vida no Congo. Pergunta: Se o Estado fosse uma pessoa, o que é que lhe faria? Resposta: Matá-lo-íamos. Temos consciência negra, mas qualquer vendedor ambulante da cidade vende um produto para clarear a pele que é garantido provocar cancro. Os jovens congolezes falam da Europa como se fosse a Terra Prometida. Por isso, tenha cautela: se vier para cá, vai parecer uma zebra rejeitada. As eleições não resolvem nada, mas são nossas. Temos uma constituição. Temos crianças com poliomielite e peste que estão três milhões de dólares mal ganhos mais ricas. Um dia, até, se calhar, teremos futuro.

Haj

Também aqui estamos no litoral, Noah. O meu coração nasce todas as manhãs com o sol de Outono. E afunda-se todos os fins de tarde. Mas se trago a cadeira para junto da janela e a lua está a brilhar, avisto um bocadinho de mar a um quilómetro e meio do arame farpado. E é aí onde a Inglaterra deles acaba que a minha África começa.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos sinceros a Stephen Carter, meu investigador infatigável; a Brigid e a Bob Edwards, por aconselhamento jornalístico e espiritual; a Sonja e a John Eustace, por resolução de questões médicas e de enfermagem. Estou também profundamente grato a Jason Stearns, do Grupo Internacional de Crise, pela sua experiência única e orientação no decorrer da minha breve visita ao Congo Oriental; a Al Venter, cronista veterano e famoso de guerras mercenárias; e a Michela Wrong, autora do esplêndido *In the Footsteps of Mr. Kurtz* e *I Didn't Do It For You*, por tão generosamente me ter proporcionado o seu saber e criatividade editorial. A convenção manda que eu assegure que as opiniões expressas neste romance são, assim como os seus erros, da minha responsabilidade exclusiva. Como Salvo diria, é realmente o caso. E é igualmente verdade que sem a minha mulher, Jane, ainda estaria a patinhar na página dezasseis e a perguntar-me como é que dois anos tinham passado sem eu dar por nada.

John le Carré
Cornwall, 2006

